

UNIVERSIDADE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ANAPÁULA VILA GOMPEL

***UM ESTUDO SOBRE OS CONCEITOS FREUDIANOS NA OBRA DE  
T. W. ADORNO***

São Paulo  
2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Ana Paula de Ávila Goide

***UM ESTUDO SOBRE OS CONCEITOS FREUDIANOS NA OBRA DE  
T. W. ADORNO***

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Teórica e do Pensamento Humano

Orientador: Prof. Dr. José Leonildo

São Paulo  
2007

A B O R O A N H O R O C A O N D V U L G A Ç A O T O T A L O C O A I A L P S I T A  
T R A A L O , P O R Q U A L Q U E M M O O N M A M O N A L O C A L T R O M O , P A R A  
L N S , L A S T B O L S Q U S A , P L S , L Q U T A P A A O M A .

... a a o g a ã o n a p u b l i c a ç ã o  
S e r i e d e t r i b u t o e a e p o u e n a ç ã o  
n s i t u o d e p s i c o l o g i a d a U n i v e r s i d a d e d e S ã o P a u l o

Goide, Ana Paula de Áiia.

... e s u d o s o b r e o s c o n c e i t o s r e u d a n o s n a o b r a d e T . . . A d o n o /  
A n a P a u l a d e Á i i a G o i d e ; d i r e n d o J s é L e o n i o r i . -- S ã o  
P a u l o , 2 0 0 7 .

202 p.

T e s e ( P o u q u a d o - P r o g r a m a d e P ó s - G r a d u a ç ã o e P s i c o l o g i a .  
Á r e a d e i n v e s t i g a ç ã o : P s i c o l o g i a t e o r e t i c a e d o P e s e n t i s m o e n q  
P u a n o ) - n s i t u o d e p s i c o l o g i a d a U n i v e r s i d a d e d e S ã o P a u l o .

1. T e o r i a d e i n f a n t i a 2. A d o n o , T r e o d o i e s e n g u n d , 1 9 0 3 - 1 9 6 9 3.  
P s i c a n á l i s e 4. F r e u d , S i g m u n d , 1 8 5 6 - 1 9 3 9 . T r i p u o .

809.3

# UM ESTUDO SOBRE OS CONCEITOS FREUDIANOS NA OBRA DE T. W. ADORNO

anda do: Ana Paula de Ávila Goide  
Orientador: José Leonildo

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Filosofia. São Paulo, 2010.

## ANEXO I

1.1

nsi uão:

Assna u a:

1.2

nsi uão:

Assna u a:

1.3

nsi uão:

Assna u a:

1.4

nsi uão:

Assna u a:

1.5

nsi uão:

Assna u a:

À m̃a sobriãa tua da, sada,  
 e à m̃a a m̃a ad m̃a beba, pe a  
 a egia tua e laze .

Ta bé dede e se labão à  
 e óia de eu pã, G son  
 Go ide, ro e ou q e a esso ao  
 onã is o.

### AGRADECIMENTOS

Agrade o especial a en e:

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Leon Rodrigues, por que é um grande admirador e que acreditou e me permitiu a realização deste trabalho. Suas indicações, boa orientação e respeito por minha autonomia são contribuições para a minha atuação em ciência.

Ao Prof. Dr. Odair Sass e à Prof. Dra. Maria Helena Souza pela participação nas contribuições feitas ao meu trabalho no Lixa e de Química.

À minha mãe, Helena, que se dispôs a trabalhar a algumas horas do meu trabalho, e ao meu pai, Alexandre, que se permitiu a apoiares.

Ao Prof. Dr. Rafael de Almeida que forneceu alguns artigos para a pesquisa e que, por meio das discussões e anotações no grupo de estudo "Teoria da Língua e História da Língua" da UFRJ, acabou por contribuir, de forma indireta, com algumas sugestões para este trabalho. Também agradeço aos colegas do grupo de estudo pelos seus comentários.

À Prof.ª Diana Maria da Costa da Silva, pela sua compreensão e respeito pelo meu trabalho.

À minha mãe, Maria Helena, que me ajudou a encontrar alguns 'obscuros' e me permitiu a realização do trabalho.

Aos meus amigos Sandra Luz e...

Adorno, Ana Paula de Ávila Um estudo sobre os conceitos freudianos na obra de T. W. Adorno. São Paulo, 2007. 202p. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

## RESUMO

Este estudo insere-se no campo da análise dos conceitos psicanalíticos presentes no pensamento de Adorno, a partir da análise de seus trabalhos publicados para os fenômenos sociais (ensaios, artigos e pesquisas empíricas), escritos nas décadas de 40 e 50. Trata-se de uma discussão teórica e analítica da psicanálise na obra crítica de Adorno, posto que a crítica freudiana foi utilizada como instrumento indispensável para a análise de fenômenos sociais que a análise não se deu, quais sejam: os fenômenos de massa e ideológicos, a formação de "personalidades autônomas" por meio de relações, os fatores privados no âmbito da presença e nossa cultura e os efeitos psicossociais da indústria cultural. Houve a observação das críticas de Adorno voltadas à psicanálise e aos seus limites, e identificando que as críticas se dão no sentido de apontar a limitação da presença nas formulações freudianas quando confrontadas com a situação dos sujeitos, hoje, fragmentados pelas condições sociais do capitalismo moderno. Nesse sentido, a segunda opção da psicanálise dá sustentação crítica à discussão sobre as mudanças antropológicas dentro do contexto da cultura, pois as variações psicanalíticas, empregadas por Adorno e seus trabalhos – 'regressões' do ego, pulsões destrutivas, narcisismo, ideia de ego, projeção e paranóia -, teóricas e a abordagem subjetiva da racionalidade objetiva, e os efeitos sociais psíquicos requeridos pelas condições sociais modernas. Portanto, nossa intenção foi a de discutir que a crítica freudiana crítica, a partir do conceito de "ênclava psíquica", e sendo abordada por Adorno como crítica aos sujeitos "psicologicamente regredidos" da cultura capitalista.

Palavras-chave: Teoria crítica; Adorno; Teoria crítica

GOMPEL, Ana Paula de Ávila **Freudian concepts on the work of T.W. Adorno: a study.** São Paulo, 2007. 202p. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

**ABSTRACT**

The aim of this study is to investigate the psychoanalytic concepts included in the thought of Adorno, by analyzing his works about the social phenomenon (theoretical essays and empirical surveys), written in the 40's and 50's. Our intention is to discuss the importance of psychoanalysis in the critical theory of Adorno, so the Freudian theory as used as an indispensable tool to analyze the main phenomenon which is considered in the contemporary society, as following: the contemporary mass consciousness, the formation of "authoritarian personalities" phenomena, the factors in the modern society its presence in our culture and the psychosocial effects caused by the cultural industry. We are trying to show the critical aspects of Adorno related to the psychoanalysis and discussing the presence of these aspects in the present society in the Freudian formulations when confronted in the situation of the subjects, which are nowadays, mediated by the social trends of the contemporary. The second part of psychoanalysis gives theoretical support to a discussion about the anthropological changes in the concept of authoritarian order, because the psychoanalytic categories used by Adorno in his works – ego "regressions", desire, the instincts, narcissism, ego ideal, projection and paranoia – are seen from the subjective side of the objective reality, in contrast to the psychosocial changes structured by the dominant social trends. Finally, our intention was to show that the so-called Freudian theory, being the "psychosocial model", has been broadened by Adorno as a critical tool of the subjects "psychosocially mediated" of the authoritarian culture.

Keywords: critical theory; Adorno; Freudian theory; psychoanalysis; Freud; Sociology.

## ÍNDICE

Introdução.....	I
<b>PARTE I</b> .....	
AS FUNÇÕES DO EGO NA PSICANÁLISE: OS LIMITES DA PSICANÁLISE	II
.....	
apêndice 1 - Os Limites dos conceitos freudianos.....	12
1- A educação na infância.....	15
2- O papel da psicanálise.....	20
3- A psicanálise adaptada.....	26
4- O analista freudiano.....	44
5- A crítica ao indivíduo-ônica e a sua função de sugestão: a atitude da concepção onológica de Narciso.....	57
apêndice 2 - O indivíduo mutilado: a crítica à 'sociologia' da psicanálise e ao freudiano.....	63
1- O ego e a 'sociologia' da psicanálise.....	64
2- A psicanálise revisada.....	73
2-1 O abandono da teoria das pulsões.....	75
2-2- Língua e crítica sobre o narcisismo.....	89
<b>PARTE II</b> .....	
MOTIVACÕES DA PSICANÁLISE: A MANOPOSTA NA PSICANÁLISE.....	93
apêndice 3 - O Narcisismo da Teoria Freudiana: contribuições para a análise das tendências sociais regressivas e narcísicas.....	94
1- As pulsões: o antagonismo entre indivíduo e cultura e a função da desublimidade humana.....	100
2- O narcisismo e o ideal do ego nos processos de defesa.....	119
3- A psicanálise autoritária.....	130
4- O pressuposto antropológico da análise: a paranoia e a sua projeção.....	133
apêndice 4 - As tendências psicanalíticas nos estudos críticos de Adorno.....	142
1- As tendências do inconsciente na sociedade industrial e a administração da economia pessoal na indústria da cultura.....	145
2- A debilidade do ego na sociedade administrada: a desorganização do indivíduo.....	155
3- O "ideal freudiano" do equilíbrio entre id, ego e superego: "ideologia" ou essência?.....	191
Referências bibliográficas.....	199

## Introdução

No que concerne ao conjunto da obra de Theodor Adorno, a psicanálise freudiana e o passado boêmio de seus trabalhos e ensaios, significando que a disciplina - a psicanálise - não é secundária e seu pensamento. Todavia, explicitando o debate que Adorno estabelece sobre Freud, na perspectiva da crítica social da sociedade, não é uma crítica unilateral, sendo esta a abrangência de temas que Adorno desenvolve dentro de suas análises fundamentais sobre a civilização moderna.

Considerando de forma crítica as citações e apropriações específicas de Adorno sobre a área de conhecimento da psicanálise, analisa-se justamente, visando à importância dessa disciplina nas suas análises e ensaios e que as categorias freudianas foram obrigadas para a fundamentação e sustentação às suas discussões a propósito de distintos objetos de estudo. Ao longo de sua obra, as referências à psicanálise são abundantes para suas análises críticas sobre objetos específicos como a música - por exemplo, os ensaios *Sobre o jazz*, de 1936 e *O fetichismo na música e a regressão da audição*, de 1938 -, sobre suas críticas à cultura popular, e que os problemas referidos à cultura popular do indivíduo e os seus elementos de base presentes na cultura moderna são abordados, expostos e denunciados sobre a existência nesses ensaios (como o exemplo *Teoria da semicultura*, de 1959, e o exemplo *Tabus a respeito do professor*, de 1965).<sup>1</sup> Nessa perspectiva, são úteis os trabalhos e temas estudados por Adorno e que podem estar presentes da psicanálise e seus estudos. Levando em conta a diversidade de suas ideias de referência e que bases críticas de suas ideias são o ponto de seu pensamento, como, então, *extrair as leituras específicas de Adorno sobre Freud e sobre as categorias freudianas no conjunto de sua obra?*

O objetivo deste trabalho é investigar de que forma a teoria freudiana e, mais propriamente, os conceitos psicanalíticos, se inserem no pensamento de Adorno a partir de seus trabalhos e estudos específicos e para as questões sociais. Ou seja, nosso objetivo consiste em investigar como Adorno se apropriou das categorias freudianas e seus exemplos, posto que *a psicanálise foi tomada como instrumento de grande relevância na teoria crítica de Adorno para a denúncia de fenômenos irracionais presentes no século XX, assim como para os estudos adornianos sobre os movimentos de massa contemporâneos, a*

<sup>1</sup> Para uma apresentação e discussão mais detalhada sobre as influências específicas de Adorno, veja os trabalhos de Liggons (2002), e que podem estar presentes na exposição das influências na obra e o pensamento de Adorno.

personalidade autoritária, os fatores implicados no anti-semitismo e os efeitos psicossociais da indústria cultural. Para o entendimento da teoria e prática de Freud e Adorno, torna-se necessário estabelecer os seguintes pontos.

Distinções entre a teoria crítica e a psicanálise, para a qual a especificidade (Sartre, 1978; Honneth, 1997; Muniz, s/d; Reson, 1997; Araújo, A. & Gebhard, 2000) é atribuído a Marcuse e a teoria a posição de autores representativos da perspectiva psicanalítica na teoria crítica da cultura pode ser o ponto de partida para a discussão de Adorno, e sendo pouco estudada nas produções científicas realizadas na teoria crítica da sociedade. Encontramos a seguinte afirmação de Muniz (2004):

Freud e Marcuse, ainda que discrepantes e suas interpretações sobre a psicossociologia freudiana, foram os autores expoentes da Teoria Crítica desde a perspectiva psicológica. Ambos possibilitam e nutrem o debate sobre a integração do Marcuse e o Freud e a psicanálise.

A afirmação de quem compreende as críticas adonianas sobre a psicossociologia psicanalítica, sendo possível que Adorno se apropriou da psicanálise e sua obra, a nosso ver, aponta sobre tudo a que se refere à crítica e à crítica à sociedade nos estudos críticos desenvolvidos dentro da teoria crítica: e as referências à psicanálise e sua intransigente relação com a realidade social e de condições econômicas que, por sua vez, possa estabelecer a teoria crítica dos indivíduos frente às forças sociais, não só a que as produzem durante as épocas críticas dos regimes fascistas, como a crítica e, principalmente, a crítica às condições às sociedades administradas que, como se os nas discussões de Adorno, apresenta alguns dos elementos encontrados nos fascistas e os parâmetros de dominação social (Honneth & Adorno, 1947). Nesse sentido, procura-se estabelecer sobre a função<sup>2</sup> que Adorno atribui à psicanálise e aos seus conceitos e seus usos, e como esses conceitos são utilizados e suas discussões, visando ao isso de investigar as questões e análises por Adorno, quais seja: a crítica e a pertinência dos conceitos

<sup>2</sup> O termo função é aqui empregado no sentido de denotar o "papel" e a "utilização" dos conceitos freudianos para a fundamentação das análises e discussões de Adorno, sendo possível que as categorias são utilizadas e usos de referência, como base e objetivos de pesquisa, considerando-se a abrangência de pesquisas realizadas por Adorno o que nos faz supor que as categorias freudianas foram analisadas e utilizadas de referência. No Dicionário Houaiss encontra-se a seguinte definição da palavra: "uso a que se destina a coisa; utilidade, e emprego, aplicação" (p.211).

reudianos e a relação às transformações históricas do capitalismo moderno, à luz de uma concepção histórica da teoria reudiana; os conceitos em questão, propostos por Freud, relativos à função da cultura e à que, nas palavras de Adorno, funcionam como e em direção à dialética do progresso (as relações entre indivíduo e sociedade); as implicações da psicanálise para a teoria social para a análise e esclarecimento dos eventos históricos que têm dado sustentação à dominação; os aspectos psicológicos privados e públicos dos sujeitos sociais e aos tipos de "ações psicológicas" do inano que pode caracterizar os sujeitos das sociedades industrializadas - que, por sua vez, expressa o em que e a organização desses indivíduos e os processos sociais de transformação -, bem como as tendências atuais e xenóforas predominantes de pessoas que se comportam nos programas políticos de transformação.

Assim, a ideia de que a apropriação que Adorno faz da psicanálise e sua obra a bé nos só o que é à que são - e não nos só o preta - sobre a categoria de indivíduo (e bem não seja esse o que a ciência de nosso estudo), várias implicações políticas não pode ser negligenciadas na época e que, de acordo com os frankfurtianos, "a categoria do indivíduo não conseguiu resistir ao gigantismo da indústria"<sup>3</sup>. A ideia do "em que do indivíduo", só a em que de nada, no contexto das sociedades industrializadas, está presente nas discussões dos autores da teoria crítica (Horkheimer & Adorno, 1947; 1953; Horkheimer, 1942; 1946), e bem, na realidade, essa ideia não parecia a si mesma a que de que e e - "o" indivíduo - não existia<sup>4</sup>. Para Horkheimer e Adorno (1953), no texto *Indivíduo*, a função do indivíduo burguês se baseou historicamente na ascensão econômica e política da classe burguesa e no acesso aos bens culturais e culturais por essa classe. Assim, o período moderno, e chegou a "concepção no inano do indivíduo, que chega à sua segunda natureza e todo o desenho em que subsequente [...]" (Horkheimer & Adorno, 1953). Mas, a respeito das sociedades modernas industriais, os autores fazem uma crítica à ideologia liberal, referindo-se à opressão social do sujeito e ao desenho em que das forças econômicas das sociedades que inexistem a os antagonismos existentes entre o "particular" (existência particular burguesa) e o "universal" (existência política e profissional). O

<sup>3</sup> Diz Horkheimer: "A categoria de indivíduo que, apesar de todas as condições, se liga à ideia de autonomia, não é resistido e as pressões da grande indústria [...]. A desintegração da ação e do indivíduo são únicas a essa [indivíduo não nossa]" (Horkheimer, 1942, p. 158).

ideia de autonomia do indivíduo é criada pela ideia por ele e pelo "senso de decaimento" burocrático, pois se encontra ideologicamente às exigências de produção das sociedades de massas, pois que o pensamento individual e de se submeter e resignar aos poderes do Estado. O sujeito que interiorizou essa sociedade, seus processos e ações "econômicos", toda a vida, ao qual para a sua saída de que é livre, não percebendo as condições e condições sociais que o forçava, desmontando a realidade e que vive, ficando sendo a relação entre indivíduo e sociedade. Assim, "a sociedade que esculpe o desenho interno do indivíduo, desenhando-se agora, e a própria, afastando de si o indivíduo, a que desonhou" (Freud & Adorno, 1953).

A noção de "indivíduo" que, ao mesmo tempo, encontra-se e adicionada ao que a desequilíbrio - ou se faz o que em que, por isso, não nos importa, pode dizer que a falta aponha, dentre outras coisas, para a discussão política de que, dentre as forças de socialização por elas, o que se encontra é a *falsa ideia de individualidade*, no sentido de que o indivíduo não é "condições" e ainda em suas de se realiza nas sociedade, ou de que e se encontra agitado, pois que sube ao tipo de sociedade que tende à eliminação das diferenças e à "injeção" aos seus direitos. Assim o que a noção liberal de indivíduo por ela - a realização da liberdade e da autonomia de pensamento - foi dada e se encontra sendo o a passagem do capitalismo ao socialismo para o capitalismo onoposita e boa a "proteção de liberdade" em a se presente no estado se a "ideologia". Ora, na sociedade, sobre a indústria e o modo exclusivo em que à produção, os sujeitos a ela não se "reconhecendo" na mesma, o que se encontra a relação entre indivíduo e sociedade. Os espaços subjetivos ou a esfera privada que aponha para os estados psíquicos são sendo os estados a serio das de suas instâncias externas de controle, perdendo, de acordo, seu "valor" para a". O conceito estudado por Freud que se adiciona à "ênfase psíquica" - o conceito de id, ego e superego -, e as transições e condições do capitalismo a anado, já não se dá da mesma, sendo e suas as forças de adaptação exigidas aos sujeitos às condições sociais por elas (Freud & Adorno, 1947). Assim, nas atuais condições, esse trabalho encontra-se pertencendo ao indivíduo e em objetos inócuos às sociedades modernas que são contribuído para a organização e individualização dos sujeitos que, e seus próprios em padrões, dada e as

<sup>4</sup> "A ideia do indivíduo não significa sua abolição [...]" [Tradução nossa] (Adorno, 1966, p.82)

é se considerado ajustados à realidade só possibilidades ímãs de transcendê-la e de resistir à posição vaga de todos os outros. só nos permite, já de antemão, a análise que a psicanálise estuda e boa entrada sido utilizada por Adorno e grande parte de seus trabalhos, foi também criticada pelo mesmo em seus conceitos mais centrais.

Das ideias presentes nos escritos freudianos indicadas por Adorno, ou seja, as ideias de Adorno dirigidas à psicanálise, toda a hipótese de que as ideias avança por indicar os núcleos críticos e objetivos da teoria freudiana à luz das questões sociais e históricas. o pressuposto que os questiona em Adorno sobre o sistema freudiano e sua prática o que, não apenas, para a condenação da "absolutização" ou da "naturalização" de Freud a respeito dos e em os processos dos indivíduos estudados por ele e de fora "isolada", mas, sim, para a racionalidade objetiva e suas condições atuais a teoria e a prática psicanalítica avança por ele e que, por sua vez, é atribuído para a liberdade dos indivíduos e o poder de suas possibilidades de autonomia. Mas, ainda, o que os ao longo desse estudo, as ideias que Adorno faz sobre alguns aspectos e funções da psicanálise se e, e última instância, para de ideias presentes o pensamento e anáclito de alguns e em os encontrados na psicanálise - os núcleos críticos que se encontram em anexo aos seus escritos. Desaparece a hipótese é a de que as ideias de Adorno a Freud se dão no sentido de poder explicar os pontos nodais dos escritos psicanalíticos que, e em posição à sociedade, permite e a os olhos subjetivos do "consentimento" dos homens às forças sociais desumanas e irracionais que, não obstante, não encontra os seus interesses individuais. Ou de outra maneira, os escritos psicanalíticos indicados por Adorno à luz de sua concepção crítica na medida que são encontrados só os fenômenos que são origens sociais e econômicas - ou seja, fenômenos que são vezes objetivas -, se são reduzidos a um "universo natural" (o freudiano a propósito e suas contribuições a respeito da "teoria das pulsões"), na realidade, avança por expor e expressa, dentro de seus limites, a racionalidade subjetiva da racionalidade que se encontra presente na civilização, pois que a própria sociedade é responsável e por isso em as irracionalidades individuais. Os escritos freudianos, de fora a, avança por encontrar e esclarecer os e em os encontrados e de que inúmeras situações que são funda em os irracionais. Nesse sentido, e que medida o conceito de "pulsão de morte", que trata de uma hipótese freudiana usada e pressupostos naturais, pode

expressa e só por aí que ponho a desiquilibrada humana é, de fato, no nível, principal e na sua que para a (e ainda para a) a construção de uma posição de consciência? Já, só o que os ao longo desse estudo, a nossa, para Adorno as ideias de Freud acaba por estabelecer a ideia da grande do potencial de dominação dos sujeitos no decorrer do processo histórico de desorganização, que se refere a longo prazo de dominação no de se referir às instâncias desorganizadas de poder. A esse respeito, Marcuse (1964) escreve: "[...] a noção de instâncias de poder e Freud introduz a intenção objetiva que a profunda análise não pode responder a uma única sabedoria, mas que expressa a profundidade e grandeza das urgências desiguais no tempo e no espaço" (Tradução nossa) (Marcuse, 1975, p.178). Nesse sentido, podemos entender a que Adorno (1955) se refere à "pulsão de morte" quando ele escreve o famoso: "O famoso possível e se aplica àquela pulsão de morte de seus paradigmas [...]".

Nas suas condições, se a noção de indivíduo originou-se "heredada" - isto é, que o "direção em" das massas e prescindido das decisões individuais (Horkheimer & Adorno, 1947, p.190) e as noções de "subjetivação" é correspondido às forças organizadas de pressão social sobre o indivíduo -, e se a *psicanálise freudiana baseou-se na formação "clássica de indivíduo", do século XIX, em que e por que Adorno recorre à psicanálise para as suas análises sobre as sociedades administradas* (e quando e como que as análises se referem a probabilidade das ações)? Ora, e basta a análise seja os ajudando a entender a social - que seja, só por aí em os padronizados e uniformizados de indivíduos e indivíduos criados por Adorno -, para a existência dessa tendência, de e os nos olhos para os conflitos individuais que eles dão sustentação, sendo e as análises de Adorno de que "o primado da sociedade é referido ao papel em que os processos psicológicos íntimos", ou seja, que os processos estudados pela psicanálise na teoria das pulsões (Adorno, 1966, p.78). E a respeito de Adorno, Freud pode afirmar, por meio de seu discurso em que fala sobre a dinâmica psicológica do indivíduo

irracionalidade individual e perdido seu caráter piado fazendo, cada vez às, parte do racional em o só a quando a racionalidade do sistema, na área dos contrários, e suscitado e foi a do a irracionalidade.

Para não se a pesquisa, e agora os seguintes: *qual o lugar da psicanálise nas discussões conceituais e nas análises sociais que Adorno desenvolve em sua obra?* Desse questionamento base, as questões são desdobradas: a respeito da ideia de "ênada psíquica" esculpida por Freud, de que forma Adorno se apropriou desse conceito para suas análises e para a discussão que ele e desenhou e o tema à ideia de ênada? Por que Freud foi importante para as discussões de Adorno sobre o fascismo? Quais as especificidades da psicanálise freudiana para que Adorno tenha se apropriado dela, e de que modo das formulações psicanalíticas de outros psicanalistas - além dos freudianos - e das interpretações da psicanálise - para suas análises sobre fenômenos sociais, como os fenômenos da "irracionalidade das massas"? Essas perguntas nos possibilitam não somente delimitar, de forma mais geral, as questões de Adorno sobre a psicanálise, e que pode ser que as ideias freudianas que ele considerou indispensáveis para seus estudos por enraizadas de questões culturais presentes nas sociedades modernas, como a libido, principalmente, *esclarecer a especificidade das apropriações de Adorno sobre a psicanálise* sendo e são as proposições formuladas de alguns autores acerca das questões em relação à psicanálise e as questões sociais.

Por último, questionando de modo e atendendo aos objetivos propostos, os exemplos que se encontram para a análise nas pesquisas acerca de alguns dos trabalhos de Adorno, produzidos nas décadas de 40 e 50, e que Adorno fez referências diretas à psicanálise, e sendo e são fenômenos sociais e, principalmente, exemplos que as ideias freudianas foram empregadas para compreender a probabilidade específica do período e que esse e os exemplos, que seja, a influência do nazifascismo, suas alterações às sociedades de massas e a questão do anti-semitismo.

Os exemplos analisados foram os que se seguem: *Sobre Música Popular*, de 1941 e escrito conjuntamente com S. Pison; *La Revision del Psicoanálisis (A Revisão da Psicanálise)*, de 1946; *Elementos do Anti-Semitismo: Limites do Esclarecimento*, de 1947, e o pequeno ensaio *O interesse pelo corpo*, que se encontra em "Noções e Esboços" da obra *Dialética do Esclarecimento*; os seguintes artigos de *Minima Moralia*, obra publicada em 1951: 'O exibicionista', 'A saúde para a morte', 'Alguém do princípio do prazer', 'Convite à dança',

'O Eu é o Id', 'Falar disso sempre, pensar nisso nunca', 'Desde que o vi', 'Mônada' e 'Teses contra o ocultismo'; os seguintes capítulos de *The Authoritarian Personality* (A Personalidade Autoritária), obra publicada por Adorno e o conjunto de outros autores: o capítulo V, *Prejudice In The Interview Material* (O preconceito nas entrevistas), o capítulo VII, *Politics And Economics In The Interview Material* (Política e Economia nas Entrevistas), e o capítulo VIII, *Types And Syndromes* (Tipos e Síndromes); *A Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista*, de 1951; os textos *Prologo a La Television* (Prólogo à televisão) e *La Television Como Ideologia* (A Televisão como Ideologia), de 1953; *Acerca De la Relación entre Sociologia y Psicología*<sup>5</sup> (Sociologia e Psicologia), de 1955 (e a bibliografia escrita por Adorno 11 anos depois da publicação do texto); *The Stars Down to Earth*, de 1957<sup>6</sup>.

Por isso, os seguintes capítulos e duas partes, a saber:

Na primeira, *As Críticas de Adorno à Psicanálise: os limites da mônada psíquica*, discutimos as críticas de Adorno dirigidas à psicanálise e às suas variações e tentamos situá-las na segunda óptica freudiana, e apresentamos as críticas de Adorno aos teóricos da psicanálise de Freud para, assim, tentarmos elucidar a especificidade da psicanálise freudiana nas leituras e estudos de Adorno, principalmente nas suas análises apontadas para fenômenos sociais. Mas assim, será que Adorno, ao apontar as limitações de alguns conceitos freudianos à luz das tendências sociais, não quis explicitar os efeitos de validade que se encontram em relação aos conceitos desses conceitos, ou seja, seus núcleos críticos? Ou isso, desenhando o arquipétese de que a crítica de Adorno a algumas funções de Freud (por exemplo, a "segunda óptica freudiana" e a "concepção monádica" de indivíduo) se deu no sentido de apontar a *historicidade e o conteúdo de verdade presente nessas formulações*, quando apontadas sob a situação do sujeito hoje, e apontado e fragilizado pelas tendências sociais do capitalismo avançado. Talvez os efeitos suscitados por Adorno acerca das relações indivíduo-sociedade foram refletidos na discussão da "mônada psíquica", apontada pela crítica freudiana, e apontada às

<sup>5</sup> Para a bibliografia utilizadas as traduções em inglês, "Sociology and Psychology", n: *New Left Review*, nº46, no 1 de 1967 e *New Left Review*, nº 47, jan/fev, 1968, e a outra tradução em espanhol, "Sociología y Psicología", n: *Actualidad da Filosofía*, Barcelona, Ediciones Paidós, 1991. Entretanto, as traduções para as línguas no trabalho a citação em espanhol do texto que se refere *Teoría crítica del sujeto*, Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1986. O texto original *Zum Verhältnis von Soziologie und Psychologie* é de 1955.

<sup>6</sup> As duas correspondentes a estes textos se referem à data de publicação primeira dos textos. Para a referência de cada um dos textos, de acordo com a edição utilizada neste estudo, a referência às bibliografias.

As "superfícies" do sujeito freudiano de Lacan e Fenichel. Assim, no capítulo I, *Os Limites dos Conceitos Freudianos*, situa os asserções de Adorno à psicanálise e não aponta fundamentos: "a redução ao nada"; "o imperativo da psicanálise"; "a psicanálise adaptável"; "o anacronismo freudiano"; e "a crítica ao indivíduo-ônada e a sua função de sugestão: a validade da concepção onádica de narcisismo". No capítulo 2, *O Indivíduo Mutilado: a crítica à 'sociologização' da psicanálise e ao revisionismo freudiano*, apresenta os asserções de Adorno aos revisionistas da psicanálise nos seguintes pontos: "Lacan e a 'sociologização' da psicanálise"; e a "psicanálise teórica", subdividida em dois eixos: "o abandono da teoria das pulsões" e "Lacan e a crítica sobre o narcisismo".

Na segunda parte, *Implicações da Psicanálise Freudiana no Pensamento de Adorno*, discute sobre as implicações teóricas da psicanálise para as reflexões e estudos de Adorno sobre os mecanismos psicológicos obrigados pelos imperativos de segurança e pelas propagandas fascistas, assim como pelos produtos da indústria cultural, para a dominação e controle da subjetividade, cujas afirmações psíquicas acabam se dando à manutenção do capitalismo avançado. Percebe os e analisa os os conceitos psicanalíticos utilizados por Adorno, tanto em seus trabalhos e ensaios teóricos quanto em suas pesquisas e críticas, sendo evidente a referência aos conceitos psicanalíticos apropriados nas análises adornianas dirigidas aos fenômenos imacionais da sociedade moderna. Descreve, no que concerne aos trabalhos teóricos e críticos de Adorno acerca da dialética psicológica do fascismo e das "personalidades propensas aos preconceitos" e refere aos "escleróticos" no mundo adorniano, analisa os de onde que, ao longo das argumentações de Adorno encontradas nos seus estudos, a teoria psicanalítica freudiana se mostrou indispensável e, tanto no sentido de ajuda a identificar a presença da imacionalidade do todo na psicologia (as regressões psíquicas como respostas às pressões sociais da cultura capitalista e resurgências do longo processo de desumanização), quanto no de poder apontar para as funções de resistência que a teoria psicológica freudiana, acerca do "atributo psíquico", possa apresentar e representar no plano teórico: o "ideia freudiano" que, face à sociedade capitalista, se converteu no "negativo de homem". Assim, no capítulo 3, *O Saber Incisivo da Teoria Freudiana: contribuições para a análise das tendências sociais regressivas e totalitárias*, para discutir de que forma Adorno se utilizou dos conceitos freudianos e seus ensaios

eóios, di id os o ap u o e tuar o e as: “as pu sões: o an agoris o en e ind íduo e ou u a e a tues ão da des u ib idade u ana”; “o na sís o e o idea do ego nos o i en os de assa”; “a ps anáise ao te és”; e “o pressupos o an opo óg o da en a idade an í-se ía: a pa anó a e a fa sa proje ão”. No ap u o 4, *As Categorias Psicanalíticas nos Estudos Empíricos de Adorno*, pa a a discussão dos on e os reudanos u izados nas pes u isas sob e a “pa sona idade au q i áia” e sob e os e e os ps osso áis da “indús ía ou u a”, di id os o ap u o e ís e as: “as te a ões do in onsen e o a so edade indús ía e a ad íns ía ão da eono ía pu siona pe a indús ía da ou u a”; “a deb ídade do ego na so edade ad íns íada: a de o pos ío ão ís ói a do ind íduo”; e “o ‘idea reudano’ do e u íb io en e id, ego e sup ego: ‘ideo og a’ ou ís ís ên a?”.

**PARTE I**

**AS CRÍTICAS DE ADORNO À PSICANÁLISE: OS LIMITES DA MÔNADA  
PSÍQUICA**

## Capítulo 1 - Os Limites dos Conceitos Freudianos

A obra das ideias de Adorno dirigidas ao conteúdo em si e aos saberes psicanalíticos consolidados por Freud e seus discípulos e seguidores, pensa os poderes e efeitos em si mesmos para a compreensão e a utilidade da especificidade da obra de Freud dentro da perspectiva adorniana, e quando os conceitos são exigidos por Adorno sobre problemas presentes nas sociedades modernas, referências são feitas à psicologia das massas.

Para os do pressuposto de que as apreciações de Adorno referem-se à psicanálise de e sobre o indivíduo do autor de *Teoria da Indústria Cultural*, ainda de forma insubordinada, o ponto de partida das avaliações freudianas quando, ao serem confrontadas com as "ações psicológicas" são por vezes que se encontra as condições para o funcionamento social do mundo administrado, são exigidas para a utilidade dos efeitos subjetivos de forma de socialização indispensável para a fase do capitalismo monopolista. Isso, Adorno usa para a base materialista do pensamento psicanalítico, considerando as sociedades burguesas e os usos e costumes para as referências à consolidação dos regimes e sistemas que, aliás, que, por sua vez, acaba por ser apenas a "ideologia do indivíduo", e benefício do poder e do desentendimento em si mesmos e condições. Nesse sentido, Adorno, ao falar sobre os limites da psicanálise para a análise de questões relacionadas às condições da psicologia da cultura social, e do objeto e identidade quando o objeto estudado por Freud - o indivíduo - se tornou objeto das condições e sociais do capitalismo avançado, pois a teoria psicanalítica faz ideologia quando em a definir o seu objeto independente de definições sociais ao absoluto, por exemplo, o indivíduo e sua cultura burguesa, cuja não presença em si mesma em si mesma e relacionada aos definições sociais e condições de uma dada época.<sup>7</sup> Mas, ao mesmo tempo, dentro

<sup>7</sup> Nesse sentido nos referindo a uma questão a ser discutida, já adiante, no capítulo "o analista e o freudiano", sobre as condições estruturais da sociedade que define a abstração do objeto da psicanálise - o indivíduo burguês representado pela primeira e segunda óptica freudiana, a base do pressuposto a "indivíduo" psíquica -, no sentido de que a racionalidade presente no capitalismo é construído para a "dissolução" do indivíduo no seu

dessa perspectiva, Adorno já bé índica e susenata ue a cora psicanálisa consese u sabe ue *preserva o indivíduo* fene à objeidade de ouo apaa o éno e ontribuído para a sua supressão, quando essa cora psicóloga anda pressupõe u espa o psíquico "extra-socia" no qua o páiu a é resguardado e "diferenciado" do odo. Assim, a psicóloga onna-se u a fca a de resisêcia e a psicanálise a éia cora psicóloga, pos que sua quaidade e anopácia enonaa-se no esudo do indivíduo "consente" dos faoes maonás que o aige. so que dize ue os es os o ponentes enonados na psicanálise que se onna a objeos de aia de Adorno, já bé fca e bados e essa ados pe os os o o supoes énoos i por anes para expressa e esaa e a faaidade socia que é "inadado" a a egoia de indivíduo. Mes o que Freud ena opos o indivíduo e sociedade de fca a abso uaa e a gu as de suas fca u a ões Freud pôde a es a os inu os exisenes ene os nés psicólogo e socia (por exe plo, nas suas inestigaa ões da psicóloga de grupo). Assim, diz Adorno que:

O ênio esta éno-ênio de Freud não se basa, e úia insêcia, na endêcia sse áia, eneida o exusidade e i pu so de do ino, que se uniu ao diso ino psicólogo. Enquanto que justamente a intenção de forçar seus achados para a totalidade acarretou um elemento de falsidade na psicanálise, precisamente a este totalitarismo se deve sua força de sugestão (Adorno, 1955, ps. 44 - 45, grão nosso)<sup>8</sup>

O ee eno de faidade da psicanálise enonaa-se, já bé, nas enaias freudianas de ena extapo a os seus achados sobre o inonsente e seus evanis os aos fenônos ou uas, por é, é já bé dá que res de sua fca a aia. Des fca a, são nas anioias enonadas e Freud que, de a o do o Adorno, pode ostia da psicanálise u insiu eno de exão sobre a ou uaa<sup>9</sup>. Ms. q assim, o dá ogo que Adorno esabe e e o a psicanálise se faz de fca a ensa, pós é a páu dessa ensão que Adorno consegue abaa as o pexas e a ões exisenes ene a esaa objeia e subjeia, ou

<sup>8</sup> "O ênio-ênio-esta éno de Freud no se basa, en úia insêcia, en que a diso ino psicólogo se auna a en é una endêcia sse áia eneida o exusidad e i pu so de do ino. Menas que jus a ene ain eno de e pu a sua azgos aia o o a a a o un e e eno de fa sedad en e psicanálisis, és e debe su fca de sugesio p eisa en e a es e o a a is o".

<sup>9</sup> A expressão de Adorno enonada no exo *La Revision del Psicoanálisis*: "Freud inaa azaõ quando não inaa" [aduão nossa] (Adorno, 1946, p. 150).

ente o universo e o pai ou a mãe, para daí exigir e enforçar para a sua criação social. Os ideais e ideologias das sociedades modernas que são imacionais exigido dos sujeitos sociais a bé imacionais de o por a enforçar a manutenção do *status quo*. É nestes que os que as ideias de Adorno à psicanálise se inserem: presença e "exagerar" as contradições e as inibições de egoismos e noções proferidas da psicanálise estipada para então apontar o quanto a realidade é dialética e o quanto o indivíduo estando inscrito em determinado, pois, por isso a bé das egoismos eudaimônicas, sendo e isso as regressões subjetivas exigidas para o ajustamento social, as várias sociais da subjetividade podem ser exageradas o que por isso a transição a não social do conceito liberal de indivíduo, bem como o analisar os poderes destruidores da realidade que a subjetividade passa a não por a e sua "psicologia".

De e os agora explicitar quais os pontos presentes no saber psicanalítico que foram criticados e apontados por Adorno ao longo de suas reflexões e que permeiam os análises e trabalhos. Desse modo, a seguir, analisamos de e sua suas ideias e então apontamos, em três, a saber:

1- No capítulo 1, "a redução ao nada", apontamos as ideias de Adorno à psicanálise freudiana que tende a reduzir a realidade inscrite à linguagem do *inconsciente*, e a realidade do indivíduo à "inscrição interna" de seu psiquismo, contribuindo, assim, para a *desubjetivização da subjetividade*.

2- No capítulo 2, "o pai e a mãe da psicanálise", discutimos, brevemente, as ideias de Adorno à psicanálise que visa esvaziar as suas funções sobre o *inconsciente* aos olhos do *inimigo* do saber que não somente o "saber psicológico", mas também a essência e a potência.

3- No capítulo 3, "a psicanálise adaptada", apresentamos as ideias de Adorno dirigidas à *segunda tópica freudiana* e à noção abstrata de "ideal de homem", esboçada por Freud em 1931, bem como as funções e funções da psicanálise.

4- No capítulo 4, "o analista freudiano", discutimos e discutimos os questionamentos de Adorno referentes à validade da doutrina freudiana sobre a distinção entre *consciente* e *inconsciente*, quando e quando os fenômenos sociais das sociedades de massa.

5- E, enfim, no capítulo 5, "a crítica ao indivíduo-ônada e a sua crítica de sugestão: a validade da concepção onádica de narcisismo", demonstramos os efeitos e enforçar de

idade e unidos nos limites da não onada ótica de psíquico ou ano, encontrada na psicanálise. A não de indivíduo onada é criada por Adorno, pois o aboia para a ecritade ótica sobre o indivíduo. Toda ia, sendo e is a a regua a gea dos sujeitos e às pressões objetivas que os de cina, encontra-se nos pontos de síntese da onada psíquica as éis sociais, o que nos permite a e de onst que Adorno a bé ju ga áida áida de onada, presente na concepção eudiana de " o i eno das puões nas suas a a a", para suas análises sobre o fas o e a sociedade de assa.

### 1- A redução ao natural

Das hipóteses de Freud a da do *inconsciente* - ou eia, do a a sedi enado no id, a pa da segunda fo u a ão do aparo psíquico -, Adorno faz a gu as apesões ao egado "natural" (p o enen e das énas naturais) da eia eudiana que não se abs e de "psicologia" o soa. Para Adorno, quando Freud ende a reduzi áis áia u ana à inguage do inonsen e, a bé "naturalizado", a aba po ignora ste a ões on e as que de cina a subeidade, ass se desazendo da radicalidade de sua teoria, onresponde aos pontos de da psicanálise, que a de e e os onédos inonsenes epi idos, transguados pe a eaidade da do ina ão soa, para azê os onsen es. Mas para as de Adorno:

Não se de e eia ina Freud por e desuidado do on e o soa e, si, por e e se on o ado, si pes en e o a oige soa da ue a absta ão, a rídez do inonsen e, que e e e on e e o a inonupibidade do in esgado da na eza [...]. O is o se on a in áia e e o psíquico, por sua ez, e a on e en o is o. Na a ão das "agens" psíquicas à eaidade is oia, e ue e a odia ão de odo o ea no inonsen e por e e es o desoba e aibu ononea en e eaidade aos on e en os, a o o o assassina o do pa pe áia da pi áia (Adorno, 1955, p.54)<sup>10</sup>

Assí, Freud a aba po in e a os dados is oos e u uás (o o a " o e do pa pe áia da pi áia", encontrada na sua obra *Totem e Tabu*, o o a bé os

<sup>10</sup> "A Freud no se á de eia ina ue aya desuidado o soa on e o, si no ue se aya on o ado de áido si pe en e o e oigen soa de ue a absta ão, a rídez de inonsen e, que é e on e o a inonupibidade de in esgado de a na eza [...]. Lo is o se on a in áia e e o psíquico, en a bio, a on e en o is o. Na a trans o de as "agens" psíquicas a a eaidad

"... os judeus" organizados na sua última obra *Moisés e o Monoteísmo*) a partir das fanáticas do id, (Rouane, 1986), esse último, isto é, o uiniano. Freud e a questão: as suas e o ubaões a respeito das fanáticas inconscientes individuais são aquelas do idades e forças instigadoras. O id do tempo, a proibição do incesto e a "repressão" à autoridade despótica do pai "traduzem-se e realidade instigadora que cada indivíduo de e, necessária em e, e sua "inexistência psíquica", repetição e experiência do reatão às figuras paternas, pois trata-se de uma inibição que congela o destino individual de cada pessoa, posto que se encontra na instigadora da espécie humana. Mesma direção, Freud a bé desonhe os aspectos sociais concretos (outra indicação por e e outros estudos, tais como o *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*) que consistem a gênese do acaia e dos conteúdos sedimentados no id, ao "hipostasia e de quina não antropogênica" a instigadora (a não liberdade) humana - psíquica e última -, reduzindo-a à abstração da instigadora do inconsciente e de seu de quina. Desquiana, diz Adorno que:

... Mas sob seu óculo de édico conabulado sobre a caia de liberdade se solidifica e consangüinopogênica e, assim, o **aparato conceitual quase-científico-natural omite em seu objeto o que não é só objeto: o potencial da espontaneidade**. Quando a esfera psíquica é concebida, rígida em e, sobre o tempo de sua história é o e autuio, anque se desubjetiva sobre a e em e a subjetividade (Adorno, 1955, p.55, grifo nosso)<sup>12</sup>

Ou seja, no reatão aca, Adorno aca a acação para os perigos de uma educação da instigadora humana às três gerações de um inconsciente que de quina a vida de cada humano à repetição de vida condenada a um estado de não liberdade e de inexistência humana (a última condição universal dada pelas três do inconsciente), que se traduzem e última e na inibição ao prazer, pois, daí, perde-se a possibilidade de odificação e de

<sup>11</sup> Instigadora, o ida a odificação de todo o reat em e inconsciente, por é is o desubjetiva, y atribuye acação em e reatidade a sucesos acaes e asesnao de padre por aca da picaia.

<sup>12</sup> Desquiana os seguintes exemplos encontrados no *Dicionário de Psicanálise* (Roudinesco & Bon, 1998, p.757), sobre a obra *Totem e Tabu*: "Freud, por sua parte, ansia a partir da experiência global da origem das sociedades e da reatão a partir dos dados da psicanálise, ou, de outra maneira, dando uma fundação instigadora ao id do tempo e à proibição do incesto e ostando que a instigadora individual de cada sujeito não é aca do que a repetição da instigadora da picaia humana".

<sup>12</sup> Picaio bajo su mirada de édico conabulado sobre a caia de liberdade se solidifica em consangüinopogênica, y así e aparato conceptual quasi-científico-natural o i em su objeto que no só o es objeto:

chegava ao estado de inconsciência pelo trauma e, de fato, se encontra numa situação baseada na dominação. Freud e seus alunos reduziram a realidade à linguagem do id:

No início da dinâmica pulsional, não obstante, a realidade é "traduzida" à linguagem do id. O trauma na visão de Freud sobre o processo, ou seja, a "atemporalidade" do inconsciente, é que condições e ações sociais somente não ingressam nelas à bilíngua gradas, senão, por força, "traduzidas" (Adorno, 1955, p.53)<sup>13</sup>

Mas, além do que isso, Adorno insinua apontando que a "conspiração de Freud sobre a classe", ou sobre a "desubjetivação da subjetividade", significa que Freud não é a ação do indivíduo isolado e sua teoria o adapta para a denúncia da situação sobre a repressão do potencial de realidade presente na "natureza" das pulsões humanas, idéias que se encontram na doutrina da sexualidade infantil e na descrição freudiana da natureza e princípio da realidade e princípio do prazer, que estabelece a base da existência individual e humana (Adorno, 1955). É por isso que Adorno afirma que Freud e os psicanalistas desvirtuam a "espontaneidade de seu objeto" que se relaciona ao desentendimento e organização *sui generis* do indivíduo, nas suas fases pré-cólicas de existência, que as fases e que a criança poderia, por efeito de suas experiências prazerosas, desentendesse para a diferença individual<sup>14</sup>. Assim, subjaz uma lógica de identidade na medida que a psicanálise em suas tipologias entende o trauma e, de maneira das potencialidades presentes nas experiências infantis pré-cólicas que estão para a ação dos prazeres genitais e pré-genitais, derivados pela psicanálise. Mas: Adorno, ao se apropriar da ideia de inconsciente, lhe dá outra conotação para sua crítica social. O que

para a ação dos conflitos subjetivos que resuam nas neuroses individuais, Adorno se utiliza e se refere ao inconsciente e suas análises para fundar suas críticas

e potencial de a espontaneidad. Quando as estruturas e escondebida a essa psicossociologia sobre a potencialidade é o y autuio, anq as se pe a en e se desubjetiva a sibeidad"

<sup>13</sup> "No início da dinâmica pulsional, e pelo, a realidade é "traduzida" à linguagem do id. Lo que en a visión de Freud de a o, si no "temporalidad", de inconsciente es que condiciones y oia oes soa es on e as no ingresan en d o á bilíngua gradas, sino por fuerza "traduzidas".

<sup>14</sup> A teoria de Freud sobre a sexualidade infantil, diz Adorno: "Sua grandiosa descoberta da sexualidade infantil só se desvirtua do momento quando se aprende a reconhecer os impulsos infantis e suas, as não infantis e sexuais, das crianças [tradução nossa] (Adorno, 1955, p.66). Adorno chama a atenção para o entendimento das crianças que é sua natureza e da percepção dos adultos, de uma sensibilidade observada pelas condições da realidade humana e o adaptado para a produção. Não obstante, os psicanalistas

sofismas, por exemplo, ao evidenciar os conteúdos ideológicos e ideologias do inconsciente que, ao longo do processo ideológico, foram expurgados pela dominação sobre a natureza, posto que os conteúdos ideológicos e ideologias da natureza foram adicionados pela racionalidade instaurada. As diferenças e as discrepâncias do consciente e o inconsciente "são a base do desenrolar do sistema peno de condições" e estudos da dominação ideológica sobre a subjetividade, sendo que, de acordo com Adorno, "no inconsciente se sedimenta o que nunca progride no sujeito, o que é que paga a conta do progresso e da utilização. Resíduo o que se o agora e por aí" (Adorno, 1955, p.53)<sup>15</sup>. É nesse âmbito que as ideias frankfurtianas sobre a dialética do progresso não se dá: a ideologia da civilização burguesa se baseou no domínio da natureza e, assim, a base da "natureza humana" humana, estabelecendo a relação entre o ganho e o não ganho, entre a humanidade e a natureza, entre sujeito e objeto e atuando na relação do indivíduo e de sua subjetividade, ou seja, na alienação dos "e e em os ideológicos" que o põe a organização na individualidade: "o que Gussess deixou para trás em a no mundo das coisas"<sup>16</sup>. (Horkheimer & Adorno, 1947, p.44). Esse "mundo das coisas" pode representar o mundo ideológico que as ideologias, a base o que elas possuem. Isso se traduz na atuação do domínio e sobre os seus impulsos a fim de potencializar o progresso civilizatório e que, na civilização burguesa, a dominação se deu e deu em que dos impulsos instintivos, a falta de atuação repressiva. Porém, a repressão dos conteúdos e pontuações de Adorno sobre os "abusos" cometidos por Freud nas suas análises "expansionistas" de que ele esconde a sua psicopatologia aos problemas concernentes à sociedade, Adorno também não deixa de afirmar, paradoxalmente que Freud acabou por tropeçar sobre o "ingrediente social ainda nas suas ideias monodológicas" (Adorno, 1966, p.79), o que, por exemplo, a que es e em que

---

ende a "ideologia" o padrão de racionalidade às experiências humanas, a partir do "modo de produção genérico", o modo de produção das condições e produções à sociedade.

<sup>15</sup> "O inconsciente se sedimenta o que nunca progride em o sujeito, o que é que paga a conta de progresso e a utilização. Resíduo se que e a go in e por aí".

<sup>16</sup> Horkheimer e Adorno na *Dialética do Esclarecimento*, faz a usão à *Odisséia* de Homero, referindo-se à figura da órfica de Gussess: o propósito do indivíduo burguês está presente nesse personagem, pois os princípios da consciência do indivíduo ao redor da noção de "eu" referem-se aos ensinamentos dos deuses aos humanos. Gussess, para se opor à natureza humana e a que do inal, para se consolar a civilização da atualidade. Mas nesse processo, e é próprio se aliena de sua natureza, entretendo-se. Os autores dizem: "A oposição do ego sobre si em e às utópicas perspectivas do destino experiencial e a oposição do estado em o ao indivíduo. A imagem (de Gussess) de Homero a atual é o vácuo percebido a través dos olhos por um europeu em o mundo e a face das coisas da natureza e que só e a ser a na consciência de si" (Horkheimer & Adorno, 1947, p.56).



uma experiência em sua consciência sobre a consequência de uma ação, em si e sua neurose e as pressões da cidade. A ideia que se sente ou a ideia, quando sangra, sabe mais a seu próprio respeito do que a que se imagina ou a ideia por isso não é a seu lado (Adorno, 1951b, p.83).

Ora, se de um lado, a "ajuda na luta de Freud" resuou na rejeição da vida psíquica ao reino do indiferenciado e na "exclusão do não" - que diz, a tragédia humana de ser iniciada por todos, do "assassino" do pai à culpa destruída sediada no psíquico e às o senão de i poênã resuane da "inênã psíquica" -, de outro, essas afirmações freudianas a respeito da indiferença do inconsciente puderam, de fato, ser confirmadas no mundo adinistrado: sob a pressão das quotas dos produtos de consumo esandizados, as "afirmações psíquicas" dos sujeitos expressa a racionalidade e o não da do capitalismo o lado, pois que as leis do inconsciente foram quebradas pelo poder social - as racionalidades individuais, de que inadas pelo lado que é racional, perde a sua própria paisagem e expressa, mais do que nunca, a objetividade que tende a anular o indivíduo e as suas necessidades. Assim, Adorno, ao dar a "trajada" às suas críticas sobre a psicanálise, afirma que a crítica de Freud, que condena o não e ao se preigua da ótica do inconsciente, acaba por ser confirmada na realidade das sociedades administradas e que pode os efeitos de só por aqueles só púis os e de afirmações psíquicas que, por sua vez, quando se conduzem "padronizadas", contribuindo para a funcionalidade da máquina social. Há portanto disso que entende os a seguinte afirmação de Adorno:

Sob a pressão social, o estado psíquico só se reage ao se preigua e a massa edanã a experiência do espetáculo [...]. O inconsciente que se e de se enã a sociedade, asse e a-se a e a da tua não sabe nada; sociedade que obedece a si es a à e do absoluto (Adorno, 1955, p.53)<sup>18</sup>.

## 2-O imperialismo da psicanálise

As indênãas da psicanálise sobre a a e a política a bé fora essas adas afirma enã por Adorno. As experiências freudianas, esendadas a s fenô enos, não

<sup>18</sup> \* ajo a presión social, e estado psíquico só se reage a o se preigua y a masa anã a experiência de o espetáculo [...]. O inconsciente que i si e a e a de as, se pa e e en e o a a sociedad de a tua no sabe nada; sociedad que obedece por sí is a a a ey absoluto".

o que se probe as no que à extirpação de injeções várias sobre a criação estética e sobre os pontos não conhecidos, de acordo com a doutrina dos italianos psíquicos - as dos inconscientes (Adorno, 1955). Desse modo, no que diz respeito ao âmbito estético, a crítica de Adorno à psicanálise foi realizada para poder estabelecer a identidade entre os conceitos da arte - o sentido social e objetivo das obras - que, nas análises dos psicanalistas, foi reduzidos e subordinados à psicologia da arte ou às injeções psicológicas que se concentram na "libido" e nas "neuroses" de autores<sup>19</sup>. Não é de mais a brava que Freud fez alguns estudos de posição de obras de arte a partir da análise psicológica de autores, tais como seus estudos sobre Leonardo da Vinci (*Uma Recordação da Infância de Leonardo da Vinci*, de 1910), e sobre os que si (*Dostoiévski e o Parricídio*, de 1928). Nesses estudos, Freud procurou explicar as obras literárias a partir dos conflitos parentais dos autores ocorridos na infância, assim negligenciando as condições sociais que fazem parte da obra (Freud, 2006). Já além da perspectiva da psicanálise, as "condições espirituais" seria o resultado do processo de *sublimação*, que se opera que Freud designou o conteúdo da pulsão sexual e direção para o abstrato e social em seu sentido (Freud, 1908; 1929). Embora Adorno considere o ato estético do conteúdo de sublimação para a análise estética, e a que não deixa de identificar as suas condições no que diz respeito à arte de angústia (Adorno, 1951b), pois que a vontade de sublimação e seu significado que se realiza e sendo e contém as condições que se aprofundam entre a arte moderna - a "arte social e não ologada" - e as sociedades industriais. A arte moderna é justa e que a que não é "social e aprofundada" (Freud & Adorno, 1953); é a expressão artística que visa "o período a individualizada" ao contrário das abstratas da arte dos sujeitos e a sociedade industrial. Ver os que discussão às adiante.

<sup>19</sup> A respeito disso, veja os pontos das observações de Adorno encontradas na obra *Teoria Estética* (1970), sobre o conteúdo de *sublimação* aplicado à arte. O conceito da teoria psicanalítica da sublimação à arte é isso por Adorno o que se probe ali, pois se os conteúdos objetivos da obra reduzidos e individualizados e as injeções psicológicas que desconsidera o aspecto espiritual e estético e a crítica de obras de arte. O conteúdo de sublimação é o processo no que a psicologia do que na estética. Sobre isso, diz o autor: "A construção de sua obra [da arte] corresponde à construção de um conteúdo aos seus elementos da sua presença: e a que a arte e a que a sublimação. Portanto, pausa e extirpação da definição do que é arte a partir de uma crítica do psíquico. O conteúdo a respeito das doutrinas dos italianos antropológicos e o prego da teoria psicanalítica. Mas a que é o processo no que a psicologia do que na estética. Considera as obras de arte essenciais e o projeto do inconsciente da que se produz a arte, e as que as que as condições enunciativas, transpõe de a guisa do pedantismo de estudos para o objetivo inadequado: Leonardo bucha arte" (Adorno, 1970, p.19).

A respeito de ensaios psicoanalíticos biográficos sobre a infância realizados pelos seguidores de Freud, diz Adorno que estes são destrutivos aos seus ensaios críticos e a ideia de cidade unida na obra de Freud, experimentando a última coisa antes da ação de ideias inconscientes do sujeito, dentro de uma perspectiva que considera o inconsciente como o lugar "para o sujeito", a começar incluindo a reclusa e a resistência à realidade, inanições às obras, como o "desajustamento" do sujeito de determinado pelo seu conteúdo subjetivo, suplantando, assim, o lugar objetivo da realidade. As seguintes observações de Adorno sobre o conteúdo que considera a infância como o conteúdo de um quadro crítico psicoanalítico são:

A teoria psicoanalítica atual, fundada em ideias obscuras, experimenta, exaurida e a última, como base na defesa da defesa e à paranoia, pela falta de uma repudiada última. Não está longe dessas biografias psicoanalíticas que giram a torno essencial sobre o conteúdo, assinando seus traços paranoicos, para logo se perguntar, como isso pode ser e esse é a última, cujo sucesso causa a respeito do seu conteúdo de cidade [...] (Adorno, 1955, p.68)<sup>20</sup>.

Tais observações dos psicoanalistas são feitas no plano crítico, apoiadas ao trabalho crítico, onde a destrutividade do conteúdo e a defesa da das suas posições últimas. Mas, uma vez, e os a crítica de Adorno às análises psicoanalíticas de reduzir as produções sociais à linguagem do *inconsciente* ou à "visão interna" do indivíduo, considerado de forma abstrata, e não como o que é e representa dos "ingredientes sociais", repetidos pela ação insuável, e que a crítica - a última no ato de expressão - viu e denunciou (Freud & Adorno, 1953).

É preciso nessa crítica que, e boa parte tendo sido objeto de crítica, Adorno considerou a psicoanálise no debate sobre a Noção última e o Expressivismo (Freud, 2006). Ele também se utilizou de conceitos psicoanalíticos nas suas análises críticas sobre a "noção última", uma vez que os conceitos também podem auxiliar nas suas descrições dos seus ensaios críticos da dissonância última face à realidade do capitalismo.

<sup>20</sup> "Essas são as ideias da teoria psicoanalítica atual, fundada em ideias obscuras, que experimenta exaurida e a última e a defesa da defesa e à paranoia. Conquanto, se fosse apenas o inconsciente, deveria repudiada última. Não está longe de essas biografias psicoanalíticas que giram a torno essencial sobre o conteúdo em assinando alguns paranoicos em a pessoa privada, para logo perguntar-se como isso pode ser e esse é a última cuja face a esconde a respeito do seu conteúdo de cidade [...]".

a anado (Adorno, 1958). Assim, as ideias da música dissonante (ou a música escrita por Schoenberg nas suas "obras atonais") referem-se aos "objetos sonoros" do "inconsciente", aos traços da existência vivida pelas coisas do processo histórico e, por isso, essa música é a expressão insuportável e desonhosa aos ouvidos "dos sentidos" do público. Assim, a obra das ideias de obras atonais, diz Adorno que: "As obras atonais são do mesmo nível dos do mesmo nível dos fenômenos dos psicanalistas" (Adorno, 1958, p.40). A obra para a qual Adorno faz da música dissonante os sonhos e o inuíto apontam para o conteúdo da expressão musical que, o objetivo em si mesmo, refere ao direcionamento, ao que não foi o que é "do inado" pela ordem civilizatória (e obra para as obras musicais tradicionais)<sup>21</sup>, assim como os sonhos mostram as condições do psiquismo dos indivíduos por causa das condições do princípio da realidade. A música faz àquela os sonhos sonoros e, por isso, a consciência da realidade do mundo e, da realidade vivida que dirige os sentidos condenados à realidade sonora. Adorno refere a obra da "música sexual" de algumas obras de Schoenberg (o sonata a *Erwartung*), mas, é claro, nas ideias que estabelecem a arte e a saúde, Adorno dá ênfase à realidade musical que a essência sonora é a realidade da "solidão do indivíduo" - dos sujeitos que se utilizam a longo prazo o objetivo que não prazo sonora, por questões objetivas - é expressa:

Mas isso se baseia no conteúdo expressivo da própria música. O que a música atonal contém é a dor não transgredida do mundo. A realidade desse é a que já não permite a aparência ou jogo. Os conflitos instintivos - a música de Schoenberg não deixa dúvidas sobre o caráter sexual de sua gênese - assumiram na música documental uma força que lhe impede suavizá-los com o consolo. Na expressão da angústia encerrada no *Vorgefühle*, a música da fase expressionista de Schoenberg age a realidade do mundo e (Adorno, 1958, p.42, grifo nosso).

As ideias de Adorno ao conteúdo de submissão à beleza encontram-se no artigo *O Exibicionista*. Segundo Adorno, as obras de arte egípcias, no caso, a arte de angústia da,

<sup>21</sup> Na nota de rodapé da obra *Filosofia da Nova Música*, Adorno define a origem da "atonalidade" nos seguintes termos: "O ato de dissonância não só se refere à consonância e o ato de direcionamento e anado, mas também ao princípio da ordem da civilização não criou esse subjeito que se queixa de se de fato fosse o antigo do que a tonalidade" (Adorno, 1958, p.41). Assim, os atos de dissonância que encerra a arte os "abusos da arte" (da música tonal) seria a beleza a expressão dos sonhos psíquicos exercidos pela realidade sonora da realidade. Nessas obras, a nossa arte, a beleza análoga aos sonhos sonoros sedimentados há psicologicamente.

são "conseqüências da vida social e, por isso, indesejadas, o que já implica reflexões sobre a concepção freudiana de sublimação, a saber, a de que as produções espirituais são "desempêços sociais e desejáveis"<sup>22</sup>. A arte não a - a é a arte que se faz hoje, segundo Adorno - é a não adequada socialmente, sendo essa o suposto da "indústria e seus "encontros sociais" (Horkheimer & Adorno, 1953) no contexto do industrialismo moderno (isto é, para o grande público, essa arte parece estar em dessonância), a concepção original de sublimação de Freudiana. Assim, para Adorno:

Os artistas não sublimam. Eles não satisfazem nem repetem seus desejos, as transições e realizações sociais e desejáveis, suas obras, é uma utilização psicanalítica; aliás, nos dias de hoje, obras de arte egípcias são, se exatidão, sociais e indesejadas. Antes antes os artistas insinuam encontros, de tipos neuróticos, que evode em e, ao mesmo tempo, evode a realidade [...] Manutenção ao objeto punitiva a arte continua a esse, o utilidade que desasas o que é social e desejado, ingenuamente guiado por Freud o a sublimação que, por a e em, não existe (Adorno, 1951b, ps. 186-187).

A arte egípcia de fazer jus à própria, assim denunciando a tensão entre o indivíduo e a sociedade ao dar expressão à "utilidade utilitária", pela qual o indivíduo não encontra a satisfação ou o lugar para sua vida própria que, na sociedade industrial, foi "abolida" pelas exigências do trabalho e inculcada pela indústria da cultura<sup>23</sup>. Essas obras autênticas são a expressão do desespero e do desespero do indivíduo de cuja existência encontra-se e pobreza. No caso por a em, os indivíduos reconhecem seu isolamento desenrolado por as coisas cada vez mais apropriadas e, assim, as obras de arte evocam a "ausência de forma a forma própria pré-existente" das produções e da indústria cultural. Nesse modo, a arte, que é a "desasas o que é

<sup>22</sup> Essa discussão também se encontra, de forma mais aprofundada, no texto de Lyotard (1998) *Sublimação ou expressão? Um debate sobre arte e psicanálise a partir de T. W. Adorno*, no qual o autor apresenta o conceito de "expressão", desenhado por Adorno, o qual é apropriado para a análise estética de obras de arte, isto é, a "concepção", ao contrário da "sublimação", e a ele considera os aspectos objetivos e subjetivos das obras.

<sup>23</sup> "As obras de arte autênticas são essencialmente a utilização de um material que os outros não são; são produções de utilidade social e desesperada que já não encontram acesso às outras condições e, por vezes, nem se referem à sua própria [...]. O que as obras de arte autênticas têm de comum é a denúncia das forças do infortúnio de um mundo que é o de desilusão e a forma própria do aliciamento enganoso da desintegração" (Horkheimer & Adorno, 1941, ps. 122, 123).

sofria em desejo e "no contexto das sociedades industriais - posto que os "gestos feiços" e adaptados das pessoas se lançam no âmbito da ouvidoria e da infelicidade (Forché & Adorno, 1953) -, e a questiona o conceito de submissão, indicando seu significado original e apontando para a "obsolescência" de seu conceito. Nesse conceito de submissão, em oposição à dinâmica da sociedade administrada, poderia, e grande parte, o seu conceito de cidadania quando se refere aos direitos essenciais aos quais, por sua vez, são esposas às pressões sociais que são o produto da cultura.

No que se refere à política, a base da análise das condições psíquicas que é o "político em si mesmo" é a análise da sociedade do "povo edipiano" a respeito: "A análise que se faz das coisas pelo nome, a psicanálise se refere a elas que não são e que possuem a essência do povo de Édipo" (Adorno, 1951 b, p.54). Assim, entende-se que Adorno não deixa de analisar o "psicólogo" que visa desmontar e reduzir as ideias políticas - que poderia ser a realidade existente - o conhecimento de um processo psicológico, assim disso sendo e indicando os ideais que possa fazer e seu bojo ou a política social ou a busca de um mundo melhor. A realidade social é injusta e a dos sujeitos a sentença de indignação e a ajuda de conexão a realidade, nas várias situações gerais, essa conexão social se desmonta para o início dos sujeitos, e os de "sujeitos edipianos" políticos. Sobre isso, afirma Adorno que:

Sobre os políticos não se trata a análise dos psicólogos que, soberana em si, não que se supera o povo de Édipo, mas a esponsabilidade de es - dos políticos - a sociedade humana sendo essa em si mesma que reproduz o povo de Édipo e cada um de seus membros. Quando se trata de se e sobre o existente e a realidade de desmontagem e, e, a, o início, expõe assim isso (Adorno, 1955, p.60)<sup>24</sup>.

A análise do não político é a referência aos sujeitos neuróticos a saber por se e a ajuda a saber que a psicanálise e a referência ao princípio da realidade, o que corresponde à perspectiva organizada do modo de "equívoco psicológico" do ego e do id que se encontra na segunda etapa, e que foi a base da análise por Adorno. Mas os esses fatos a seguir.

<sup>24</sup> "A los políticos no se trata a análisis de los psicólogos que es en sí misma soberana en si misma y se supera el pueblo de Édipo, pero sin su responsabilidad a la sociedad humana siendo esa en sí misma que reproduce al pueblo de Édipo y cada uno de sus miembros. Cuando se trata de se e sobre el existente y la realidad de desmontaje y, e, a, el inicio, expone así mismo (Adorno, 1955, p.60)<sup>24</sup>.

### 3- A psicanálise adaptativa

Para estabelecer os princípios da psicanálise no pensamento de Adorno é preciso que entendamos os aspectos ideológicos envolvidos nas formulações críticas e técnicas da psicanálise. Mas o aspecto, ou outro aspecto que se desprendeu são as críticas de Adorno aos princípios adaptativos da psicanálise encontrados na *segunda tópica* freudiana e no "artículo de Freud sobre as instâncias", que Freud publicou em 1931. Segundo o que Freud denominou de "técnica analítica", a técnica básica de *ideal freudiano de homem*, representada pela triagem de Freud, id, ego e superego e sustentada nos objetivos críticos. No exemplo *Sociologia e Psicologia*, Adorno afirma que:

É preciso que Freud, induzido pelas dificuldades do "sistema" original - consistência, presença e inconstância, ou seja, a oposição analítica por meio das categorias de id, ego e superego, não se sinta confortável orientar a imagem analítica da vida correta para a harmonia dessas instâncias (Adorno, 1955, p.57, grifo nosso)<sup>25</sup>

Para avançar, Adorno diz:

O objetivo da "personalidade bem integrada" é o próprio e porque se exige do indivíduo que ele e o indivíduo de Freud que não existe na sociedade atual e não de fato existiu, de modo algum, porque as forças não são da mesma natureza. Mas na sociedade atual, e a este respeito os vários objetivos se repetem, necessária e cada qual, e a ajuda de ajudá-los é os. **O homem integral, que já não sentisse a divergência privada das instâncias psicológicas e a oposição dos 'desejos' do ego e do id, não teria superado com isto a divergência social [...]. Sua integração seria a falta de reconhecimento do mundo integrado e desejado, por ele e ele, na "identificação do agressor", a ausência da submissão** (Adorno, 1955, p.57, grifo nosso).

Com base nas críticas acima, a definição de "personalidade adulta" é uma ideia muito mais, bem como o "preço", dentro de uma perspectiva que se considera a desproporção existente entre os "ansiosos" indivíduos e as exigências sociais de uma

reprodução e o preço de cada um de seus membros. Sua crítica é sobre o existente e está enraizada por aí na y, em geral, em razão, expues a a e o"

<sup>25</sup> É depois de Freud, induzido pelas dificuldades de os "sistemas" originais [...] e o preço analítico baixo as categorias de id, ego e superego, que o modo orientado à análise de a vida correta para a identificação de estas instâncias". Na crítica seguinte: "O objetivo de a "personalidade bem integrada" está repetível e porque se exige do indivíduo que ele e o indivíduo de Freud que não existe na sociedade atual e não de fato existiu, de modo algum, porque as forças não são da mesma natureza"

sociedade industrializada, baseada no sacrifício individual que é a exclusão do prazer e o impedimento da individualidade. O ego ou Adorno, a "personalidade bem integrada" ou a "não abjeita" porque exige ao sujeito a liberdade que, na sociedade existente, sobre a análise humana, não pode existir. A crítica de Adorno à segunda opção refere-se à sociedade não livre e aos projetos humanos presentes na aplicação psicanalítica sobre indivíduos "não ligados por repressões". A psicanálise, ao pressupor o "ego" e de "personalidade libertada", acaba por negligenciar a realidade existente, bem como as descobertas freudianas às condições da opressão social a que os indivíduos são submetidos, pois, como Adorno e apontado, o próprio Freud apanhou, paradoxalmente, na ênfase psíquica, a educação social - ao desobediência, por exemplo, a injunção da autoridade e a proibição do incesto e dos símbolos da "união social" (Adorno, 1966). Nas primeiras formulações da psicanálise - que as referências à doutrina da sexualidade infantil -, Freud, na educação das neuroses, pôde assinar a um indivíduo "oprimido" análogo sobre as forças pulsionais reprimidas por uma sociedade opressora (desafiando, assim, a não liberdade humana), as quando referiu a seu sistema ao ego que o domínio e a liberdade, e é acaba por enfatizar a condição, *negando, mais uma vez, os princípios básicos da psicanálise ilustrada*. É nesse domínio que Adorno afirma que "o domínio e, como expressão da negação, é ideológico" (Adorno, 1955, p.59). Nas palavras de Adorno:

Na sociedade "autônoma" existente, o ego e "entregado", no sentido do projeto de Freud, a saber, não ligado por repressões, se confundiria por sua seletividade humana a se age, a que é do que a seletividade a uma abstração de um sujeito realizado independentemente da sociedade - uma que goza de uma população do "domínio e" (Adorno, 1955, p.59)<sup>26</sup>.

Assim, entende-se que o indivíduo ajustado - o "domínio e" - é que às condições é a "doença" da sociedade<sup>27</sup> que se relaciona à desutilidade gerada dos

<sup>26</sup> Na sociedade autônoma existente, o ego e "entregado", em sentido do projeto de Freud, a saber, no ligado por repressões, se confundiria por sua seletividade humana a se age, a que é do que a seletividade a uma abstração de um sujeito realizado independentemente da sociedade - uma que goza de uma população do "domínio e".

<sup>27</sup> Não obstante, esse é o "ideal humano do domínio e" referido por Adorno é o modo pelo qual o indivíduo pássaro a formulações de tipos de personalidades no contexto de estudos sobre o preconceito e sobre o caráter propenso ou não às políticas fascistas. Nesse último - os indivíduos poucos predispostos aos preconceitos -, foi apontado como o "liberal genuíno" na pesquisa *The Authoritarian Personality*. Essa



Assim, perguntamos: sobre as discussões realizadas por Adorno no âmbito do trabalho desenvolvido, pode-se falar ou não sobre as críticas direcionadas por Adorno ao "ideal freudiano", sendo esta principal entre, o foco da análise em questão *medida terapêutica no capitalismo administrado?*

No âmbito do *Convite à dança*, Adorno diz sobre o sentimento de satisfação e de felicidade, presentes na psicanálise aos seus pacientes, na realidade, satisfações precárias que contribuem para a infantilização dos mesmos: a psicanálise, em questão, da qual se apêndice a presença e forças de ajustamento base no modelo de "normalidade", por se endossando aos pacientes a "aparência de prazer", acaba por confundir o prazer com a aderência à direção socialmente imposta, tornando, assim, as



nosso caso, nas últimas referências de Freud sobre a representação opostiva do ego (que é os desejos do indivíduo), e suas funções adaptativas à realidade.

Todavia, nas análises de Adorno, as condições freudianas e a relevância da psicanálise do "caráter do indivíduo" não deixam de ser relevantes outros aspectos da crítica da sociedade sobre a psicologia, pois,

usada", "[...] o ponto da psicanálise é o de liberar o indivíduo. A essência é a sexualidade e a sexualidade se uniu" (Adorno, 1966, p.80)<sup>30</sup>.

Quando o livro *Sociologia e Psicologia*, uma das obras de Adorno a Freud é a de que a psicanálise a bé, nas enunciações da segunda obra, deixou de perceber o caráter dialético do ego que é o de ser, ao mesmo tempo, representante das pulsões expressadas pelos elementos da sociedade, e que vive e identifica as suas funções conscientes de adaptação à realidade (Adorno, 1955). A questão apontada sobre o "conceito do ego se da ideia" reside no conteúdo em que a consciência é aquilo que fenômeno psíquico do indivíduo (Lapby, 1975). Fazendo jus às definições freudianas, o ego de e ser o mediador das exigências da cultura - da objetividade - e das posições pessoais - ou seja, dos desejos individuais -, atendendo a ambos, mas no sentido de favorecer o princípio da realidade. Isso é possível nessas funções "conscientes" do ego os elementos de repressão inconscientes e a possibilidade de sublimação individual que, e boa a bé em o a elementos inconscientes, permite ao indivíduo seu conteúdo em que na cultura, possibilitando a atuação entre a esfera subjetiva e a objetiva, na medida que os componentes das pulsões fossem canalizados para objetivos sociais e culturais, satisfazendo os anseios individuais. Assim, diz Adorno:

Mas o ego que "pro a realidade" não se trata de o ego não psíquico, exatamente, ao que se adapta, senão que se conscientiza, não só em relação aos objetos subjugados à realidade da consciência do psíquico, mas também à adaptação de seus juízos aos fatos. Ainda que esse é o ego original em psíquico, de e conter o jogo psíquico de forças e conteúdos da realidade [...]. O conteúdo de ego é da ideia, psíquico e não psíquico, um lugar em que o indivíduo e representante do mundo. Freud não viu a desda ideia. Por isso, suas definições psíquico-anímicas do ego se contentam em o unificação em e o pela unidade do sistema a que aspira (Adorno, 1955, p.62)<sup>31</sup>

<sup>30</sup> "[...] e ponto de psicanálise é de liberar o indivíduo. A essência é a sexualidade e a sexualidade se uniu".

<sup>31</sup> "Pero e yo que 'pueba a realidad' no vinda, sin más, o ego no psíquico, exactamente, a que se adapta, sino que se conscientiza an só o graças a o objetos subjugados a a realidade da consciência do psíquico, mas também a a adaptação de sus juízos a o hechos [...]. El concepto de yo es da idea, psíquico y no psíquico, un lugar de o individuo y representante de o mundo. Freud no se ocupó de esa da idea. Por e o sus definiciones psíquico-anímicas de yo se contentan en o unificación en e yo pela unidad de sistema a que aspira".

O retorno à a, supõe os que Adorno ensina Freud por ele dado ênfase ao ego na teoria da segunda época de Freud a "síntese", o que se o seu sistema fosse a unidade "enunciada" na teoria da psicanálise. Freud deixou de perceber o ego da época em que nasceu e que encontrou a psicopatologia do ego e o que a seguir exigido na psicanálise<sup>32</sup>, assim estipulando suas funções e processos de adaptação à realidade, bem como apondo suas funções diante a libido e à sexualidade do superego (Freud, 1923, p.60). Na obra de Adorno, Freud dá ênfase ao ego e o sistema "autônomo", cuja função é organizar todas as experiências psíquicas ao fazer a mediação entre o mundo exterior e as pulsões dentro de uma definição psicopatológica: anexo, ou seja, o ego, na teoria da epifenomenologia, acabou por se tornar o algo abstrato, definindo e os da "independência", a fim de os e e em seus aspectos que se põe a psicopatologia do indivíduo e que, nas análises adonianas, que se e em sua obra por de que na análise individual: na teoria da segunda época, o ego, e o o mediador dos conflitos psíquicos é abstrato dos fatores objetivos dos quais a base se origina e de fazer o que as exigências do princípio da realidade prelembra a função de suas pulsões.

A partir dessas observações, a nosso ver, Adorno quer dizer que, ao fazer referência ao ego e o sistema ou a insinuação, Freud acabou por priorizar as insinuações e o a "estrutura autônoma", independente em das condições sociais que permeia a função desesistêmica. Assim, Adorno afirma Freud por ele e dado ênfase às funções adaptativas do ego, e de que em que a visão crítica sobre a realidade que impede as funções cognitivas do ego. Mas, quando ele analisa os textos freudianos de que da obra, que se o *O Mal-Estar na Civilização* ou *O Futuro de uma Ilusão*, nos parece que Adorno foi injusto com Freud. O que afirma a Jacoby (1975), e boa Freud em que nega e em que se aproximado do ego, e e já a sustentou à psicopatologia da profundidade (e o os neofreudianos renunciam a , e o a "psicopatologia adaptativa do ego"), assim

<sup>32</sup> No exo que se não, Adorno indica na nota de rodapé a obra escrita por Freud e 1933, *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. Nessa obra, Freud aborda na conferência que se refere à psicopatologia do ego que, segundo ele, tornou-se a de que se exige no uso de desenrolar em que da psicanálise que, em que, preocupa-se só com o estudo do "epifênomeno", da denominação "psicopatologia das neuroses": "Mas, por fim, apegu-se o ponto que nos foi possível de nossa maneira do epifênomeno para as coisas e pessoas, e em que esse ego que permeia a e é idêntico por si mesmo, e a seguir a experiência de que a e em que a e os de em que a e os para as quais não podem os ser preparados" (Freud, 1933, p.76)

insistindo na ideia do denário do ego<sup>33</sup>. Por outro lado, a bébia não se apegava a essas observações que dizem respeito à ênfase dada pela psicanálise à "psicologia da profundidade", ou seja, sobre a "psicologia do inconsciente" para abordar a instância do ego. Adorno a bébia nessa que a psicanálise *recai na 'repetição abstrata' do inconsciente*, assim a bébia se estendendo da dialética do ego (cuja gênese é pulsional, mas a bébia é o representante da outra), não se ocupando para a *diferenciação do ego* que diz respeito à particularidade da formação individual, por meio da interiorização dos elementos sociais - a formação do indivíduo para a realidade e para a diferença. Assim:

A origem da psicanálise [...] é que reduziu tudo ao denominador do que ou seja a formação do ego. Ao analisar a diferença que se dá a ego, encontra-se no que nos quer: a realidade da regressão. Pois a essência não é a repetição abstrata, senão o gênero do desejo. Outro ano, e gênero, se consubstancia para a diferença na sua mais poderosa experiência, a dos sexos. Mas a ideia de tudo o que para a psicanálise se dá a inconsciente, é na verdade de todo o ano, e a [a psicanálise] parece esquivar-se a qualquer tipo de homossexualidade: não é o que é diferença (Adorno, 1955, p.75)<sup>34</sup>.

Pensamos, então, que as críticas de Adorno à psicanálise não se apresentam nas discussões, a saber: o que está em jogo nas críticas de Adorno a Freud é que o processo de interiorização da dialética do ego, justamente porque, embora se prendendo à dialética, a ideia de presença da dialética do indivíduo e da sociedade (da "natureza" e da historicidade), esse conceito e sua existência, *pode lançar luz à questão da problemática forma de adaptação à realidade que tem restado ao homem no capitalismo avançado*, sendo que a interiorização do ego é e é, por isso, essencial, a interiorização do indivíduo nas sociedades modernas. Os sujeitos são de se ajustar à sua sociedade e que não obtemos as condições, por meio de sacrifícios desmedidos, o que se dá às regressões

<sup>33</sup> "Lacan afirma que o pensamento neofreudiano foi incapaz de compreender o ego como fenômeno subjetivo em si mesmo e não psíquico (dialético), que Freud em sua presença e seus escritos: 'em função de sua consciência positiva, a ideia não para a psicologia do ego propriamente dita e à luz da psicologia do id' [...]. Freud procurou consolar a todos os homens, a ideia do desejo, porém a natureza que uai a ideia não para a psicologia do ego a natureza uai a renúncia das condições específicas da psicanálise", ou seja, o subconsciente psíquico, as pulsões e ideias expurgadas pela interiorização burguesa (Lacan, 1975, p.58).

<sup>34</sup> "A origem da psicanálise [...] é que reduziu tudo ao denominador de o que ou seja a formação do ego. Ao analisar a diferença que se dá a ego, encontra-se no que nos quer: a realidade da regressão. Pois a essência não é a repetição abstrata, senão o gênero do desejo. Outro ano, e gênero, se consubstancia o processo de interiorização do indivíduo para a realidade e para a diferença em sua mais poderosa experiência, a dos sexos. Mas a ideia de tudo o que para a psicanálise se dá a inconsciente, é na verdade de todo o ano, e a [a psicanálise] parece esquivar-se a qualquer tipo de homossexualidade: não é o que é diferença (Adorno, 1955, p.75)."

psíquicas, considerando o esforço exigido aos indivíduos para a adaptação numa sociedade imaterial, na qual a consciência da própria existência encontra-se reduzida: "No inconsciente da autoconsciência o ego é, ao mesmo tempo, que de uma contínua e crescente em que o conhecimento que é realizado por ele mesmo, no inconsciente da autoconsciência, nega-se a autoconsciência" (Adorno, 1955, p.63)<sup>35</sup>. Ou seja, quando é considerada a oposição do indivíduo à pressão social que se exerce a ele, as funções do ego, assimadas por Freud, não podem ser desentendidas numa sociedade imaterial que obriga os indivíduos a exercer o poder em organizações, sendo que a resignação aos poderes instituídos se dá sob o próprio domínio individual.

A partir do estudo do ego face à transição do capitalismo liberal para o capitalismo avançado - em que a função do ego é a adaptação às condições da sociedade industrializada - entende-se a transição da consciência dos indivíduos e, por isso, o ego, em quanto um conceito de uma definição psicanalítica expressa o conflito entre o psíquico e o extrapsíquico, abrangendo as dimensões pessoais e sociais que formam e definem o indivíduo - sua existência ou integração à sociedade de massas -, de maneira e sua existência. O núcleo social da psicologia, segundo Adorno, se encontra na partir do estudo do ego:

Se os processos de integração, a nível pessoal, do ego a nível coletivo, ou se, pelo menos no passado, os processos de integração podem, no nível pessoal do ego - a nível coletivo, só se é perguntado a respeito. Nessa pergunta de uma maneira assumida pela psicologia social que penetrasse no núcleo social da psicologia, se não por um conceito sócio lógico; e a possibilidade de, sendo considerada a os sujeitos [nóso] (Adorno, 1966, p.83, grifo nosso)<sup>36</sup>

Então, nessa maneira, Adorno, ao contrário de Freud por não se sustentar em uma definição da maneira as funções negativas do ego, mas sob a expressão inconsciente, e as

é se a autoconsciência, na realidade de todo o ano, e psicanálisis pessoal é a sujeito a um nível de tipo de atividade sexual: no nível que é diferente".

<sup>35</sup> "En el inconsciente de la autoconsciencia el yo tiene, a la vez, que de una continua e creciente em que el conocimiento que es realizado por él mismo en el inconsciente de la autoconsciencia, nega-se a autoconsciencia".

<sup>36</sup> "Si los procesos de integración, a nivel personal, del ego a nivel colectivo, o si, en el pasado, los procesos de integración pueden, en el nivel personal del ego - a nivel colectivo, apenas se le pregunta a la psicología social que penetrasse en el núcleo social de la psicología, sin embargo, y un nivel superior en que los conceptos socio lógicos; e a posibilidad de, siendo en consideración a los sujetos".

funções positivas, só o a submissão, não organizando essa última e a não à expressão, a bé diz:

A função não é a de que o ego, só o consciência, de e se a análise da expressão, assim o a bé, por se e es o inconsciente, a insana a expressão [...]. No sistema freudiano, a pânico que a consciência para a diferença as funções "positivas" e "negativas" do ego, sobretudo, entre a submissão e a expressão. **Em lugar disto, de uma maneira mais ou menos ingênua é trazido desde fora o conceito de socialmente útil ou produtivo** (Adorno, 1966, p.62, grifo nosso)<sup>37</sup>

A respeito da submissão, Adorno a bé que diz que, se o indivíduo em que a sua disposição entre a submissão e a expressão, a psicanálise acaba por "dissociar" as possibilidades do indivíduo de se reconhecer na ou para se renunciar aos seus desejos, ou seja, se "perde-se" de si mesmo. Mas, a nosso ver, a bé quando a função da submissão não se dá à ou para a existência, Adorno desafia, ao mesmo tempo, que a nossa sociedade, orientada somente para os objetivos econômicos e da forma só o age sobre o indivíduo - ou seja, exigindo os só para a em os econômico e da racional só base na a e a<sup>38</sup> -, acaba por i por as de a just a em a racionais obscurando que a "a in" para a submissão, ou seja, as funções egoicas exigidas são a que as pênas aos e os a s regredidos dos indivíduos, as só o as *tendências regressivas de ordem narcísica*. Nesse sentido, ao ego só se a an-se inconsciente, pois que as renúncias exigidas e as as funções só as de fundo m a a, que se sobrepõe à existência do sujeito, não pertence aos seus interesses em na sociedade; ao contrário, os sujeitos de e abandona seus ju g a em a racionais sobre a injustiça generalizada, na medida e que o edo de se "exposto" da a idade é a que as possibilidades de submissão.

<sup>37</sup> "La función conduce a pensar en que yo, sólo la conciencia, debe ser la análisis de expresión, así como a bé, a se é o inconsciente, a insana a expressão [...]. No sistema freudiano, a de pânico que a consciência para a diferença as funções "positivas" y "negativas" de yo, sobre odo entre a submissão y a expresión. En lugar de eso, de una manera más o menos ingênua es traído desde fuera el concepto de lo socialmente útil o productivo".

<sup>38</sup> A esse respeito, diz Adorno que por trás dos só para a em os econômico e da organização da sociedade, existe e em de i e a e a e a ex a, pro em es da estrutura só a, que se a a g a , m a a em e às a a s pu s a s p i i as dos próprios indivíduos, ou seja, ao edo a só o. Nesse sentido, a "a a idade" se baseia na só a o i s e na a e a que sobrepõe " o i a es a a s" (Adorno, 1955, p.144).

As considerações psicanalíticas "distólicas" sobre o ego ou a estrutura auônica, se pela seriação da realidade, são a superação dessa "insânia" e derivam de uma análise objetiva e crítica da realidade e que se foca o indivíduo. A ideia de "ego auônico", presente nos princípios psicanalíticos, especifica e, na prática, tornou-se um apelo à plena adaptação dos sujeitos às exigências sociais, uma vez que consiste de duas partes e em suas partes a focação individual: a dimensão pulsional, inconsciente, e as determinações sociais - injunções e condições - que compõem a subjetividade. Desconsiderando estes aspectos é feita injunção ao objeto da psicanálise, o indivíduo. Essas reflexões podem ser encontradas no texto abaixo:

«Mas em uma sociedade moderna o ego não pode, de modo algum, desejar bem a função que essa sociedade lhe atribui. Cabe ao ego, portanto, que as pulsões inconscientes sob a concepção psicanalítica do ego. Para poder agir-se na realidade, ele que reconstitua as funções conscientes em equilíbrio, para que o indivíduo realize as funções que em equilíbrio e absurdas que estas são, o ego que que se abate e proibições inconscientes e anula-se e, em suma, no inconsciente (Adorno, 1955, p.62)<sup>39</sup>.

Quando as dificuldades impostas às relações individuais ou de diferenciação do sujeito na sociedade e que impede as realizações "orgânicas" e críticas do ego frente à realidade - que as mesmas apontadas por Freud na psicologia do ego, cuja "insânia" derivada pelos psicanalistas não é a "razão de ser" na sociedade - o genézy e -, Adorno apresenta as consequências funcionais da ação em indivíduo e sociedade: o ego regredido, por causa de determinações externas que são a limitação das possibilidades do indivíduo e que, por sua vez, afetam o sentimento de potência do sujeito para fazer frente às exigências sociais, esse ego acaba se referindo ao id, assim permanecendo suas qualidades sob o primado do inconsciente:

O ego, não conseguindo se diferenciar, acaba por regressar, sobretudo, à libido das pulsões a e e, criada por Freud de libido do ego, ou pelo menos fusão a suas

<sup>39</sup> «Pero en una sociedad moderna no puede el yo, en modo alguno, desear bien a la función que le asigna esa sociedad. A yo es quien por fuerza que las pulsiones inconscientes sob la concepción psicanalítica de yo. Para poder actuar-se en la realidad, tiene que reconstituir las funciones conscientes en equilibrio. Sin embargo,

funções conscientes e as inconscientes. O que no fundo queria dizer é do inconsciente entra a seu ser e, assim, se é possível, retorna a seus impulsos (Adorno, 1955, p.63)<sup>40</sup>.

A partir da crítica à suposição de que as reações de Adorno ao ego, nas suas análises desse conceito à luz das tendências sociais para a análise, seja essencialmente as noções de subjetivação correspondentes às transições sócio-econômicas do capitalismo tardio (e que a bé e os iguais nos dias atuais), de uma ou outra maneira pela padronização e pela pressão organizativa dos indivíduos de massa. Assim, segundo o raciocínio do autor, as agências de publicidade e seus mecanismos de controle, obrigando e se apropriando desses processos regressivos, controlam os processos naturais e os modos de funcionamento e formas de adaptação social às condições à racionalidade objetiva. Nesse domínio, os que são as funções essenciais são reafirmadas e os fatores que afetam as condições da psicanálise clássica no capitalismo tardio apontadas no pensamento de Adorno, que é a questão da "obsolescência da divisão entre consciente e inconsciente". Ou seja, o poder social não é a necessidade de um ego forte, educado, e o que é devido na época liberal do capitalismo, pois no século XX, a racionalidade e a inteligência diferem em grande medida, na época da sociedade administrada, e os indivíduos avançam no próprio sentido (o "analítico ortodoxo"). Nessa medida, a referência à questão apontada por Adorno de que os conflitos psicológicos, hoje, se dão não na área do natural (e a indústria de consumo "usando" os conflitos), enquanto que as neuroses clássicas, estudadas por Freud no século XIX, referem-se aos das funções abaixo:

No natural, a função autônoma do ego pelo senso e aparência física presente, pois, sua vez, o ego é o produto da função da consciência e entregue à racionalidade. "A mente natural e todos os mecanismos de defesa: o ego

---

para que o indivíduo consiga as renúncias necessárias e as absurdas que se sonha, pois, e yo tiene que ir a un punto de inconsciencia y a un punto de conciencia, en el inconsciente".

<sup>40</sup> "Quando ao yo se e a ogra o suyo propio, o diferenciado, regresa a sobre odo a a libido se ejan e a é, a cada por Freud libido de yo, o por o enos fusiona a sus funciones conscientes e las inconscientes. Lo que en e fondo queria decir es a a de o inconsciente, entra en su ser e, así, se es posible, retorna a sus impulsos".

expõe em aq̃o o "reivida na s̃s a" an o sua debiidade r̃e n e à pu são o sua i poêña rea (Adorno, 1955, p.64)<sup>41</sup>

### Ma nda a es̃en a:

Ma idade, são obizados se eia en e a ue es eanis os de deesa inanis ue, segundo a s̃ua ão is oia, eia se en a xa no estue a dos onri os soas do ego. so, e não a ão a da reaiza ão dos desejos, expia o i p̃io da ou ua de assas sobre as pessoas (Adorno, 1955, p.66).

As fo as na s̃s as p̃edo inanes, o o on o i an e en a ue e en o das fun ões do ego, india o iun o da soiedade sobre o indi iduo, pois os onri os são disso idos na ou ua ue, i us oia en e, o seus eanis os de onio e, isa a end a as neessidades as egredas dos suj os, fo a eendo suas endênas na s̃s as as p̃i ias. so expia os eanis os da "ps̃o oia au oia" ue end a obiza, reaõaia en e, as assas pa a da ensejo às causas poias e propagandas o aias. Os inu os ue os suj os desen o e o as fo as soas são de eq̃iaõa, pois as es do inons̃en fo a ap opiad as pe as es do onsu o e po de as fo as insi uõaizadas de poder.

A nosso e, Adorno expõe os i i es do on o de ego da segunda oia ueudiana, isando, ass̃, on on o desen o i en o eõio da ps̃anãise o as ondi ões objeias ue a de eina. Mes̃e sentido, diz Adorno: "as a oia ex̃ena e s̃ p̃iãda a só e iazã de anõa as i p̃õa ao ass̃na a on s̃ên a à age as ex̃ena do ego, a zona i iõe o a pa a reaidade de anõa i edia a" (Adorno, 1955, p.62)<sup>42</sup>. Repõ aõ a obia de Freud *O Ego e o Id*, de 1923, e os ue Freud, pa a as suas disõssões sobre o ego, nessa apõ ou-se as nas experiên as õias e anãias o ue nos faz pensa se Adorno a bé p̃de s̃ua sua oia a Freud o ando o base es e aspe o: a de Freud e se estingido e de as a à i epresen a ão

<sup>41</sup> "Ea e na s̃s o, po o enos en apa en a, es a p̃es a da a funõõ au o on s̃ a da de yo, po o a a ez es a ãnda de a funõõ de a on s̃ên a y en eãda a a iãõa iãda." a e na s̃s a i en o dos os eanis os de deensa: e yo expõe en a o o

oposição" do aparecimento psíquico, e de quem a insubordinação da esfera psíquica não consiste, a não ser o indivíduo anímico em si.

Mas se a crítica de Adorno para com a base da análise freudiana, nas nossas críticas, o objetivo do autor é, ao contrário, apontar a cultura predominante como aquela que sustenta os comportamentos narcisistas, que "esvazia" as funções egóicas e que contribui para a ruptura entre indivíduo e sociedade, assim delineando a debilidade individual que, por sua vez, determina a obsolescência de alguns conceitos psicanalíticos para o estudo do indivíduo mediante as transformações históricas. Ora, um dos elementos de Adorno para a explicação do nazifascismo é de quem de quem a culpa é e em que as falhas da fragilidade do indivíduo e da "fragilidade do ego", assim entendendo a crítica a obediência das pessoas à dominação. É a debilidade da instância psíquica em face da esmagadora e a não crítica realidade externa, as pessoas tornam-se na teocracia e tornam-se suscetíveis às políticas fascistas (Adorno e al., 1950). Os processos de integração das sociedades administradas é debilitado o ego dos sujeitos.

No pós-álio do livro *Sociologia e Psicologia*, na consideração de quem as falhas de ajuste em que predomina às instâncias sociais se relaciona com os dois pontos regredidos que endossa os conteúdos imacionais das ideologias modernas, Adorno nessa crítica, para o entendimento dos fenômenos de massa atuais, assim como para o entendimento da falha da dominação do indivíduo na era do capitalismo dos monopólios, volta à psicologia social a qual se refere para as regressões do ego. É o que descreve os da crítica abaixo:

Na análise não entram as funções do ego e as funções do objeto e o objeto a diferença entre as funções da psicologia [a diferença da psicologia e da sociologia]. Quando, a psicanálise se ocupado principalmente das funções do objeto; e o destino da psicologia do ego às vezes se prejudica quando se dirige aos fenômenos sociais atuais. (Adorno, 1966, p.79)<sup>43</sup>.

Na crítica não aceita, Adorno, possui e faz a usuação às regressões individuais - as tendências psíquicas narcísicas ou as "funções do ego" - que se encontram obrigadas pelas condições objetivas e pelos fenômenos sociais. A psicologia social de crítica ao

<sup>43</sup> "En la diferenciación entre funciones de yo y funciones de objeto es a donde se a diferencia aun dentro de la psicología [entre a sociología e a psicología]. Poseen en el seno del ego, e psicanálisis se

confronte em que das "pulsões do ego" para compreender as forças de dominação e poder inerentes sobre os indivíduos na sociedade assinalada, principal e, no que se refere aos pontos em que as coisas se alteram.

Adorno também aponta o *superego*, ou seja, a "apologia da consciência ou a inerteza", encontrada nas reações humanas da segunda época, o que a psicanálise utiliza e seus princípios: a mudança das condições materiais que, toda via, são reações ao superego. só é encontrado no seguinte trecho:

Nenhum outro lugar se observa de antea a transformação histórica da psicanálise, sua transição de um meio radical de esclarecimento a um de adaptação prática às circunstâncias existentes. Nenhum outro lugar, se enraíza a obsessão do superego e se exige da psicanálise que os indivíduos . A intenção esvaziada não quer a nenhuma insinuação inconsciente de conflito e, ainda que fosse para o conflito e do inconsciente, pois não há nada na água da psicanálise (Adorno, 1955, ps.56-57, grifo nosso)<sup>44</sup>

Ou seja, as reações humanas psicanalíticas sobre a segunda época conduziu os sucessores de Freud a uma crítica à ligação ao superego, quando a sua dissolução abria a mente "superego neurótico" - o que de se aboído na análise - e o "superego sadio", só a mente que diz respeito à "consciência ou a inerteza":

A dissolução é evidente e exige um superego "neurótico", ou seja, obsessivo, e um "são", ou seja, consciente os aspectos de uma construção auxiliar. O superego "consciente" perderia a sua opacidade precisa em a autoridade, para que se abra a e a corria apogéia (Adorno, 1955, p.57)<sup>45</sup>

Assim, Adorno aponta que a não de um "superego consciente", "saudável", reorienta a transformação humana à psicanálise, pois sua definição original consistia

<sup>44</sup> Ocupado sobre todo de as pulsões de objeto; y e desvído de a psicología de yo órá perjudicado a eles cuando se dirigió a fenómenos sociales actuales".

<sup>44</sup> "En ningún otro lugar se ve la de antea a transformación histórica de la psicología, su transición de un medio radical de esclarecimiento a uno de adaptación práctica a las circunstancias existentes. En ningún otro lugar se enraíza la obsesión del superyó y se exige de la psicología que los individuos . La intención esvaziada no quer a ninguna insinuation inconsciente, e eso apenas queda ya nada en la agua de la psicanálisis".

<sup>45</sup> "La transformación evidente en e en boga en e un superyó 'neurótico', o sea obsesivo, y uno 'sano', o sea consciente, vesia as partes de una construcción auxiliar. El superyó 'consciente' perderia su opacidad precisa en e a autoridad por a que se abra a e a corria apogéia".

justa e a de seu a insânia psíquica representa da autoridade ex na inconscientemente interiorizada, u representa da realidade opressora, assim a, dá sua vida para o uso da civilização: a resignada adaptação do indivíduo ao princípio da realidade, e a a incivilização da punição, be o a possibilidade de incivilização da autoridade pelos sujeitos para o desenrolar da "personalidade" individual. Mas a vida de Adorno direcionada à psicanálise adapta a não se estingue à psicanálise e si, enquanto se a de omeio em sobre o psíquico, as si, te e a a go às submissão no que se dirige às apropriações das categorias psicanalíticas para a análise de questões sociais que se refere à ausência de liberdade dos indivíduos e a de do inação que, hoje, se refere sobre os sujeitos: a nosso a, quando Adorno aponta a psicanálise imã (usada) o a psicanálise teísada - a que faz a apóia ao superego -, a par desse ponto, e e a sa a guarda os princípios psicanalíticos às vidas que a doutrina eudiana contém - a que es es os princípios que se e, de u ado, para te e a as forças imã de o por em dos indivíduos que, não obs e, a onza "o as endências sociais pedo inanes e, de ou, se e para an a uz aos eais os psíquicos que poderia resguarda a individualidade e a "autoridade" do sujeito, e e a as imã e sociais (ide, por ex e p o, o conceito de *ideal de ego*, vindo na conexão sobre o superego (Laplanche & Ponchaix, 1992)). Ora, as imã e individuais são sus adas pe a imã e social e a i en adas pe a es a. Nessa anã, a vida à defesa de u a consciência o a social e e ú i sa de onza que a psicanálise acaba "abso uizando" o psíquico e negligenciando as de i na ões sociais que são injus e imã e e que o põe a insânia o a. Assim, se a psicanálise não às o ba e as imã e individualizadas e no e de u superego sado, e a se o u a às no as sociais igens que, por sua ez, onge de assegurar a liberdade individual, pe pe u a desu anza ão<sup>46</sup>.

Poré, ao es o e por que Adorno vida a apóia do superego na psicanálise, a bé e omeio que a "ausência" da consciência o a inã<sup>47</sup> e a à babáie. nes a

<sup>46</sup> "A vida do Superego e que on e-se na vida da sociedade que produz o Superego. Se e a se abs e de a vida, do a-se à no a social igens... Quando o Superego a egando sua uidade ou in e i abidade... e u a e a tepe e e a as imã e que a psicanálise se propõe te o a" (Adorno *apud* Rouane, 1986, p.89).

<sup>47</sup> Eud na obra *O Mal-Estar na Civilização* sus en a as fun ões do superego e a onadas aos "seni en os de u pa" o o ad en osi por anes para a presa ão da ou u a, na edida e que a agressividade - u à dispos ão insini aind uida que o o a a civilização e i sso - o na-se inã e a, ou seja, o ada ao próprio ego: "Quais os éos que a civilização uza para imbu a agressividade que se te opõe, o nã a

direção que Adorno dá ao que a "consciência da realidade no fascismo" (Freud & Adorno, 1947), o que, por sua vez, nos permite analisar o que Adorno, e seu ex-colega A Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista, ao referir-se à obra de Freud "psicologia das massas", acaba por sugerir a ideia do *ideal do ego*, indicado por Freud (ainda não denominado de *superego*), como a instância psíquica referenciada à consciência autônoma que poderia permitir a essência do indivíduo aos conflitos e os conflitos. Assim, "a função do superego interno se abriga em e utiliza a consciência". Mas a prova da existência da consciência na sociedade humana é a "ideologia" (Adorno, 1955, p.60)<sup>48</sup>. Mesmo antes de desenhar essa discussão – a necessidade de uma consciência crítica na sociedade e em conexão à barbárie –, se apropriará ou com os outros de si própria, torna-se necessário nos conflitos para a sociedade livre, no sentido de isolar os conflitos e as ideologias e a ideologia unida na função que nos leva a enfrentar a realidade da desigualdade social humana, e as ideias pessoais que as endossam e são responsáveis por elas, por sua vez, indica a ausência de paixão<sup>49</sup> e de solidariedade com relação às "ideias" disseminadas (os judeus, os negros, os 'doentes em si'). Nessa análise, a ênfase não deve ser colocada na psicologia individual, mas nas questões sociais ao problema da "consciência crítica" e os do que esse é a possibilidade ou suscetibilidade de discussões sendo a ideologia socialmente criada.

---

inócuo ou, talvez, trata-se de a? [...]. A civilização, por outro lado, consegue do indivíduo o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfrentando-o, desafiando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como a guarda não na cidade conquistada" (Freud, 1929, ps.146-147). Porém, se os "impulsos agressivos" na perspectiva freudiana apontam para a instância psíquica (fazem parte da consciência psíquica do indivíduo), para Adorno, a culpa e a agressividade são uma "segunda natureza", ou seja, são reflexos da dominação humana sobre a subjetividade.

<sup>48</sup> "A função do superego interno se abriga em e utiliza a consciência psíquica". Mas a prova da existência da consciência na sociedade humana é a "ideologia"

<sup>49</sup> O termo "paixão" é utilizado para essa função da "indivíduo" e da natureza das pessoas, no contexto de uma função ideológica, referindo-se a outros. Todavia, é por isso e porque no contexto da *Dialética do Esclarecimento*, Freud & Adorno trata a questão sobre a ausência de paixão é suspensa e a ausência de paixão, no mundo, e a ausência de conexão à injustiça social que opõe as ideias. Nesse sentido: "Por isso, a ausência de paixão é um aspecto que não se relaciona com a justiça [...]. A ausência de conexão da desumanidade atual é da existência que é a paixão. Ao mesmo tempo, aos olhos do indivíduo a ausência de paixão é da alienação humana que é a ausência de abundância, como a goinagem" (Freud & Adorno, 1947, p.98).

#### 4- O anacronismo freudiano<sup>50</sup>

Um dos problemas a ser discutido nesse trabalho refere-se à questão e ainda por Adorno a respeito da *superação histórica da psicanálise* e face de um mundo que é "socializado". No que Adorno indica ao afirmar que se o mundo pré-burguês não conhecia ainda a *psicologia*, a pouco as sociedades capitalistas a reconheceram em um processo do "desencantado", de oposição à "buçardade do exterior", sendo que os instrumentos à utilização têm sido cada vez mais apropriados pelos poderes sociais: "Quando as classes e os antagonismos sociais, a que elas e idene em e perde sentido o conceito individual e liberal da 'psicologia' (Adorno, 1955, p.75)<sup>51</sup>. Considerando-se a influência da autoridade sobre a estrutura psíquica, da qual os modos as forças de políticas capitalistas que vigoram nos países europeus no século 20 e que nas sociedades industriais as de classes insipientes de poder tornam-se racionalizadas, exaurindo, assim, sua função de resistências individuais e à tendência socializada, o *espaço psíquico*, por sua vez, e pobre e se odiou, quando o base a *mônada psíquica estudada por Freud* e a dos de dinâmicas psíquicas dos conceitos enteleus e consensuais e, depois, na verdade, ego e superego. Desafortunadamente, a psicanálise tornou-se obsoleta pois seu objetivo era a cura. Todavia, Adorno atribuiu à psicanálise e "sua função autêntica" e já superada - se deixa de fazer referências às categorias freudianas - para as suas reflexões sobre o nazismo e as sociedades administradas quando se o a para a função não a que de indivíduo que, não obstante, pode e a a a das forças de dominação às anadas e sobre as tendências sociais imperantes.

Portanto é Adorno (1953), no *Temas Básicos da Sociologia*, ao discutir sobre as transgressões das funções do conceito de *ideologia* (discussão que se encontra no texto *Ideologia*), considerando-se os fatores cruciais das sociedades modernas, o a regressão básica suscitada pelos regimes nazifascistas e a generalização a cada das sociedades industriais, considerando o conceito de *ideologia* odiado quando o mesmo é aplicado às sociedades modernas: as forças de dominação tornam-se de assada em transparentes, sendo que a face consensual, hoje, perdendo sua objetividade, tende a responder, de fato, à realidade social. Pelo desse quadro, a possibilidade de referência às condições sociais que estão na base do progresso é nulo,

<sup>50</sup> A guisa de discussões encontradas nesse trabalho foram apresentadas no "Congresso Nacional - Indústria e Cultura Hoje", realizado em agosto de 2006, na cidade de Brasília (DF).

endo e a sua a "fuga" à ideologia, esquivada e perdeu a "ação de ser", pois a sociedade acabou se tornando num todo coeso, por efeito de seus mecanismos de controle:

A sua consciência de hoje, sócia e condicionada, já não é espírito objetivo, nem mesmo no sentido de uma negação e anulação da subjetividade, mas base no processo social; pelo contrário, trata-se de algo que se adapta e adaptado à sociedade. Essa adaptação realiza-se mediante os produtos da indústria de consumo [...] (Foucault & Adorno, 1953, p.200)

Desse modo, a sociedade organizada, de acordo com os autores, só se investiga *quais os fatores que têm contribuído para que os homens se adaptem à "mentira manifesta"* (ou seja, às condições impostas de vida pelas sociedades industriais), e não se esquece que se sustenta e não se deus realismo e que a fuga à pressão social não é possível, pois "os homens adaptam-se a essa situação, ao mesmo tempo, enxergam a realidade do seu mundo" (Foucault & Adorno, 1953, p.203). Não obstante, esses fatores são as "condições antropológicas" sobre as quais as forças de poder e as instituições respondem e em sua atuação, por sua vez, essas condições da individualidade formam "consequências de transição da estrutura social". No progresso da produção capitalista, o indivíduo é obrigado a desenterrar e a racionalidade instrumental, tornando-se um apêndice da sociedade, incorporando a objetividade que o aprisiona. Assim, por efeito do estudo sobre as tendências regressivas dos homens cada vez mais prontos em se adaptar à situação de opressão social e que consegue o que Adorno denominou de "psicanálise às a essas" (o que significa que os indivíduos psicólogos que se apegam aos fatores de integração social), podem entender os fatores que estão relacionados à "auto-submissão" dos sujeitos à situação que lhes oferece a possibilidade de autoconhecimento. Por esse efeito, "psicanálise às a essas" (a ser discutido na segunda parte deste trabalho), Adorno refere-se às propagandas fascistas que parecem de dentro para fora, apesar da inconsciência e da alienação dos sujeitos, visando, assim, à inação e à racionalidade individuais que poderia dar bases aos sujeitos para sua oposição e resistência à racionalidade unificada

<sup>51</sup> "Quando os homens os anjos os sozinhos, quando as e idene e e p de sentido e o n e p o i ndividuals y i b e a de pun a á v o de a i s a p s o ó g a"

e as propagandas e políticas fascistas (Adorno, 1951a). Qual a validade da psicanálise sendo e nesses fenômenos?

No ex-o *Sobre Música Popular*, Adorno<sup>52</sup>, ao fazer uma análise sobre processos sociais produzidos nos produtos difundidos pelo rádio - no caso, a música popular - que é impossível as de rádio por a regressão aos seus consumidores (ou ouvintes), observa que os sujeitos encontram-se enfiados de modo à esandadização da música, ou seja, de produtos musicais organizados (Adorno & Simpson, 1941). Quando à estrutura social e às suas forças de "aniquilação das classes", diz Adorno que os elementos de conexão e da indústria de consumo<sup>53</sup> organizam-se poucos esondidos da consciência de seus consumidores, assim existindo uma liberdade mesmo não por parte dos sujeitos para a avaliação (crítica) dos produtos que eles são influenciados. Isso, ediane esquadro de conexão social formado pela adesão assim das pessoas aos diálogos da "diálogo social" padronizada, Adorno questiona a que ponto ainda se aplica a distinção suscitada por Freud entre o consciente e o inconsciente:

Na sua situação, talvez seja, por essas razões - que são apenas exemplos de fenômenos típicos da psicologia das classes -, apropriado perguntar a que ponto ainda se justifica toda a distinção psicanalítica entre o consciente e o inconsciente. As análises teóricas das classes são bem poucas e as da consciência (Adorno & Simpson, 1941, p.146, grifo nosso).

Ao analisar esse problema, a preocupação de Adorno relaciona-se à seguinte situação paradoxal: a análise anterior dos ideais e os efeitos é realizada pelas pessoas submetidas à mesma, bem como a imaterialidade dos estímulos produzidos pela assimilação de bens materiais; entretanto, por que essas pessoas aderem a esses ideais? Desafortunadamente, a resposta reside na psicologia dos sujeitos (da seguinte maneira nas suas próprias psicologias) que, pressionados por todos os lados pelos agentes e os efeitos, encontram-se nestes produtos forças de salvação precárias, pois que não há outra

<sup>52</sup> O ex-o é escrito conjuntamente com Simpson.

<sup>53</sup> Diz Adorno ao analisar a música popular: "Toda a estrutura da música popular é esandadizada, e o quando se busca desia-se disso. A esandadização se esende dos traços gerais genéricos e os traços específicos" (Adorno, 1951a). Ao falar sobre os efeitos da música sobre os ouvintes, e em conexão à música séria: "A audição da música popular é aniquilada não só por a que se aprofunda, mas, de modo todo, a beleza inerente dessa própria música, nu sse a de elementos de resposta que enegam o ideal de individualidade numa sociedade livre, livre [...]. A posição está a

modo de suspensão a "autoconservação" e obediência ao prazer (es o que "raio") serão porção do ajustamento social. O que ocorre é a transferência de energia libidinal para a ação essencial do consumo aos aspectos de consumo impostos, sendo que a ação (a desistência de satisfação) se dá a *próxima à superfície da consciência*, e não de forma inconsciente. Por isso desse estudo, sendo a espontaneidade individual suprimida, e o ego, obrigado a satisfação e a ação do ego das propagandas publicitárias, a linha tênue de divisão entre o inconsciente e o consciente acabasse disso sendo, significando a expropriação dos desejos individuais pelo aparato social do consumo, o que a obrigação do sujeito de, consciente e, *sacrificar seu poder de julgamento racional* sobre a linha propagada. O indivíduo cria de desobediência sua própria percepção da realidade para enfrentar seus interesses ao que a realidade se quebra, sendo que o ajustamento às agências sociais objetivas tende a ser neutro aos sujeitos aida de que se faz parte de uma sociedade:

O paradoxo da situação [a espera do vácuo antes do chamado padronizado, que é "pobre" e opressivo] é que é quase insuperável e em definitivo para esse indivíduo. Mas o assim, a realidade não é mais submissa e não é inconsciente quando se espera a que fosse. Isso se mostra pela falta de que, na prática política dos regimes autoritários, a linha os ensina, na sua linguagem que a enciclopédia, esquivada às substituindo as "ideologias" de onde, que linha o poder de consumo que es que a enciclopédia nas [...]. E o contrário, a espontaneidade é consumida pelo que sendo esse o que cada indivíduo e de fazer para a ação o que se é impossível o que se desenrola exatamente porque o indivíduo e sobre os elementos de consumo e se tornou a linha (Adorno & Simpson, 1941, p. 146).

Assim, a discussão que Adorno e a ação da pouca possibilidade de diferença do indivíduo submetido às sociedades administradas, e os da dinâmica psíquica estudada por Freud, inverte-se às transferências sociais que pouco é necessário dos agentes educadores da personalidade (o ego) para a adaptação social e que Freud posuía nas suas descobertas sobre o aparelho psíquico, o que, por sua vez, aponta a superação histórica do indivíduo das sociedades liberais e, assim, a obsolescência da psicanálise, sendo a última teoria baseada nas forças de submissão da

fase da conformação econômica<sup>54</sup>. Nessa fase, Adorno afirma no *ex* *Sociologia e Psicologia* que "o indivíduo moderno: 'onde a vida, de e chega a ser ego' é a go es o a en e a zio, in e iden e" (Adorno, 1955, p.49)<sup>55</sup>. O indivíduo, nas sociedades modernas, não possui outros meios para escapar das reais exigências e pressões de um sistema regido por uma ordem em que o indivíduo é tratado como um objeto, e as decisões

pos que, na produção social, a liberdade das possibilidades de subordinação da energia individual na prática -se limita, sendo a última a razão em ead ministrada:

“A liberdade das possibilidades de ação do indivíduo em e são reduzidas, se não é que são essas desde o princípio, que os grupos de interesse de classes dirige para poucos anos os modos produzidos desde a última época a produção e os modos organizados. O indivíduo em e, por egoísmo e da a energia do egoísmo à amputação, o indivíduo de feiz em e sua pobreza e indiferença ao modo a esandade e o mundo ad ministrado (Adorno, 1955, ps. 51-52)<sup>57</sup> .

O indivíduo em e, “ao organizando” o modo social, e a consciência, ao obedecendo ao indivíduo em e, faz o que, nesse “contínuo em e sociedade e indivíduo” (ou seja, no programa em e da racionalidade e não fora dentro da esfera psíquica) produzido pelo assédio constante da indústria sobre os modos de vida dos sujeitos, o em e em e das forças psíquicas estudadas por Freud seja produzidas pelo modo de organização<sup>58</sup>. Não obstante, no exo *Sociologia e Psicologia*, Adorno chega a afirmar que “a psicanálise, e sua força autêntica é insuportável em e superada, adquire sua cidade sobre os poderes de destruição que inculca o pai e o da destruição genética” (Adorno, 1955, p.74)<sup>59</sup>. A nosso ver, Adorno utiliza-se das variações psicanalíticas, ou seja, da psicanálise autêntica, para refletir sobre as forças de dominação sobre a subjetividade, pois as variações psicanalíticas organizam-se indispensáveis para a realização do programa de objetividade, sobre os elementos psíquicos reunidos por Freud e as tendências do interesse que é utilizado da energia psíquica dos sujeitos para “forçar” a integração à sociedade. Há ainda os limites dos conteúdos freudianos que Adorno quer ou a psicanálise o instrua em e para a denúncia da barbárie no século .

<sup>57</sup> “A liberdade das possibilidades de ação do indivíduo em e são reduzidas, se não é que são essas desde o princípio, que os grupos de interesse de classes dirige para poucos anos os modos produzidos desde a última época a produção e os modos organizados. O indivíduo em e, por egoísmo e da a energia do egoísmo à amputação, o indivíduo de feiz em e sua pobreza e indiferença ao modo a esandade e o mundo ad ministrado”.

<sup>58</sup> “É nesse sentido que Adorno diz que: “Não é assunto de era no em e a se se a pia o conteúdo de produção de a análise que inculca a “organização” da energia psíquica. [A produção] Só se deve submeter a oposição em e racionalidade e o racional, o de a go extra-psíquica” [Tradução nossa] (Adorno, 1955, p.46). Ou seja, a psicanálise só pode ser concebida no âmbito da vida prática e dos conteúdos fácticos que hoje se organizam sobre os desafios e obstáculos e os limites em e por âneos.

<sup>59</sup> “A psicanálise, em sua força autêntica é insuportável em e superada, adquire sua cidade sobre os poderes de a destruição que inculca o pai em e do de a destruição genética”.

As questões suscitadas por Adorno no âmbito da superação da psicopatologia da psicanálise no mundo a que se refere são abordadas pelo autor em *Elementos do Anti-Semitismo*<sup>60</sup>, especialmente em, no e em W, ao utilizar as "no as configurações psicológicas de indivíduos" que, de acordo com os frankfurtianos, corresponde às forças de ajuste em que se encontra cada época histórica que, no capítulo o a anado, Adorno e Horkheimer referem-se à "ênfase do indivíduo". Nesse texto, Adorno e Horkheimer debruçam-se sobre a premissa do anti-semitismo e de suas anteriores condições subjetivas e objetivas ao longo da história a que se refere a gênese do nacional-socialismo na Alemanha, o que, no período do capítulo o onopista, ao analisar as transformações do progresso científico, conclui que a racionalidade econômica não realiza as operações de que se trata, por sua vez, transformações nas estruturas psicológicas dos indivíduos a que se configura "no as forças de anti-semitismo". Se na época ibérica "o anti-semitismo ainda era uma abstração à escuras subjetiva", na era dos monopólios, os esquemas criados pelos esquemas ou ao "invenção de slogans da grande indústria financeira" de que trata, a priori, a adesão dos sujeitos ao anti-semitismo "adivinhado" (Horkheimer & Adorno, 1947, p.187).

Essa ênfase objetiva e que a racionalidade econômica consegue "revelar" não só as organizações econômicas e os interesses do negócio, o que, a que, os próprios *homens*, pode-se perceber a padronização psicológica que, e que os sujeitos, os sujeitos acaba aderindo de forma automática (e não às possibilidades) aos efeitos criados pela realidade social fundamentada, que se refere às forças políticas padronizadas ou aos ideais que os suscitados pela indústria ou pela. Assim, dentro de que se refere à generalizada, e que os de dentro da psicologia, Adorno, juntamente com Horkheimer, chega à conclusão que a ênfase psicológica judaica tornou-se relevante:

A psicanálise apresenta a pequena e pesada que assim se constitui o ou a dinâmica do privado do inconsciente e do consciente, do id, ego e superego. No

<sup>60</sup> Este texto foi escrito em conjunto com Horkheimer e encontra-se na obra *Dialética do Esclarecimento*. Na introdução deste texto, o autor participou ou foi abordado do núcleo de pesquisa Social, Leo Löwenthal. No prefácio da obra, os autores escrevem: "A discussão dos temas do Anti-Semitismo atual é de especial importância no contexto da crítica à racionalização econômica. A ênfase não apenas ideológica, a que se refere à padronização, a que se refere à racionalidade desde o início é de modo nenhum apenas a que se refere a essa ênfase e identifica-se se de que se trata. Nesse sentido, esboça os elementos da premissa histórica do anti-semitismo. Seu materialismo é derivado da essência da própria razão do indivíduo e do mundo correspondente a sua imagem" (Horkheimer & Adorno, 1947, p.16). Ou seja, os autores já na anterior não anti-semitismo a origem de suas análises da racionalização econômica na dominação.

consciência do superego, a insatisfação do inconsciente e sócia no indivíduo, o ego ané as pulsões dentro dos limites da autoconservação [...] Não obstante, a opressão da vida após a morte psíquica possibilitou a cooperação e a enriquecimento dos sujeitos e que se apóia a economia do Estado. Mas na era das grandes explorações e das guerras mundiais, a mediação do processo social através das inúmeras mônadas mostra-se retrógrada. Os sujeitos da economia pulsional são expoliados psicologicamente e essa economia é gerida racionalmente pela própria sociedade. A desolação que o indivíduo de hoje enfrenta não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões (Freud & Adorno, 1947, p.189, grifos nossos).

No período atual, o indivíduo desce a psicanálise freudiana correspondente, de fato, à época do imperialismo econômico atual, e os psicanalistas, ainda em meio de processos econômicos e sociais na economia pulsional das pessoas e expoliado a psicologicamente (os recursos afetivos e intelectuais dos sujeitos) do indivíduo, assim usurpando sua capacidade de julgamento. Tendo em vista a pressão social que se apresenta cada vez mais racionalmente e sistematizada, esse indivíduo, do capitalismo avançado, entende o que se apresenta de forma às "classes" ou a pobreza. Ora, os teóricos neofreudianos - que estes se aponham na doutrina freudiana sobre os conflitos inconscientes - contribuem à psicologicamente liberal, o que a -se, hoje, "ubiquitantes" ou dispostos para a produtividade social<sup>61</sup>. O nome da questão é a exploração da psicologicamente privada pela indústria social que significa a exploração dos núcleos inconscientes dos indivíduos pelos setores da indústria ou seja, e que os indivíduos nos consúvidos são aniquilados, o que é a transferência do que resquede julgamento ou a racionalização dos sujeitos e a goinóu, ediané os indivíduos racionalizados pelas agências sociais. Nesse sentido, as observações que Adorno e Freud & faz sobre a guerra e a violência atribuídas ao indivíduo na época liberal do capitalismo são: e boa o sujeito, no seu todo, fosse subido ao jugo de uma racionalização e obediência proeminente de ideias estabelecidas dentro de instituições religiosas e religiosas, sua consciência psicologicamente, ainda que inconsciente, possibilita a sua racionalização em um sujeito capaz de se adaptar às condições econômicas e éticas do capitalismo, ou seja o "assustado" ou seja o "empresário" - o tipo ideal do *homo*

<sup>61</sup> Nesse sentido, Foucault (1986, p.191) afirma: "o indivíduo não significa a isso ou não dos vários psicólogos, e sua função não pode ser a".

oeconomicus - sua capacidade de resistir e confrontar a sociedade reproduzida que pudesse anular seus interesses individuais às próprias (Foucault & Adorno, 1947). Já na época contemporânea do capitalismo dos monopólios, os autores argumentam que a autonomia individual desapareceu com o consumismo e pobreza em oposição dos sujeitos face à irracionalidade objetiva, a bétesse resultante do aumento das forças produtivas do capitalismo avançado.

No âmbito o individualizado *O Ego é o Id*, dada a ideia de que no próprio indivíduo encontra-se o princípio que Adorno ilustra discutindo: nesse âmbito, o autor aborda as questões da dissolução do indivíduo - e, consequentemente, do ego - no capitalismo avançado sugerindo que, quando a psicossoma e a psicanálise se separam o ego, paradoxalmente significa que as dualidades e, o ego, se desconstituem; ou seja, dizendo, quando o ego é o modo de ser ou a possibilidade de ser própria à psicanálise - ou pelas psicossomas do ego -, as poderosas o quanto o indivíduo encontra-se em situação na sociedade. A psicossoma que não reconhece as condições objetivas que impede a individualização - negando, assim, a conjugação objetiva da subjetividade -, contribui ainda mais para a dominação do sujeito e para sua debilitação em face à sociedade assimétrica, pois que, na medida que confronta nas últimas psicossomas a força endurecida de individualidade que se apresenta hoje, para fins de ajustamento social, a própria psicossoma presente e ainda mais a regressão do sujeito. Já a bétesse pode ser sua nesse âmbito as denúncias de Adorno sobre as "psicossomas autoritárias" que fazem parte dos eventos utilizados pelas propagandas fascistas e, é claro, a bétesse, pelas propagandas publicitárias. Mas para as de Adorno:

...os sujeitos estabelecem a arte a não em que o desenho da psicossoma e a ascensão do indivíduo burocrático, na Antiguidade quando a partir da Renascença. Mas não por isso se pode dizer a sua existência oposta à psicossoma e o seu o que a classe burguesa e que tende a tornar-se exclusiva nos dias de hoje: a repressão e a dissolução precisa em do indivíduo, a separação do que a arte a não recria do espírito em que o seu sujeito [...]. O princípio da dominação humana, que se desenrola ao absover, o que é isso sua própria confrontação ao próprio e em quanto objeto absover, e a psicossoma contribuiu para a criação das ideias que a põem. O indivíduo diretriz e objeto 'a priori' da psicossoma, tornou-se inerte e em que aos olhos de a ao ser o que não-existente. Na medida que pode se apoiar no fato de que na sociedade de hoje o sujeito não é sujeito, e sim, de fato, objeto desatualizado, a

psicologia pôde ser concebida para a organização dos que nunca obteve um êxito subordinado (Adorno, 1951b, p.54).

Assim, pode-se encontrar várias idéias para estabelecer os parâmetros e os limites da desintegração do ego - do "entendimento em o indivíduo" - sob o impacto das sociedades administradas, e as limitações do espírito humano quando na idéia de que o sujeito racional que ainda corresponde à psicanálise clássica sobre a divisão do psíquico e consciente e inconsciente. Se o ponto central discutido nestes artigos é o problema da dissolução do indivíduo, para além dos debates habituais, e a relação às discussões clássicas de Adorno, antigas e modernas, concentram-se à discussão da idéia do ego a partir da psicanálise negligenciada. Nesse sentido, no artigo e a conclusão, inicia Adorno fazendo referência ao surgimento das condições existentes entre o surgimento da psicologia - e, consequentemente, da psicanálise - e a ascensão do indivíduo burguês. No caso da psicanálise, Freud, na medida que se propôs a estudar e a interpretar os conteúdos psíquicos relacionados às dinâmicas estabelecidas entre id, ego e superego, descreveu a idéia de sujeito autônomo, apresentando a estrutura individual tipificada e organizada, ainda assim, apontando para a insatisfação da razão individual<sup>62</sup>: o ego. Na obra *Liberalismo*, a obra de Freud sobre a gênese e a estrutura da psique individual a respeito da "ego" do indivíduo, esse que por certo da insatisfação da sexualidade tipificada. Mas, e na obra do capitalismo moderno? Assim, seguindo o raciocínio do autor, nesse caso o artigo de Adorno faz a referência às transgressões sócio-econômicas do capitalismo, adicionando para a situação apresentada em uma paráfrase da psicologia ao seu objeto - o indivíduo -, sendo essas as condições sociais sobre a subjetividade e, assim, a extinção do sujeito e a expropriação da psicologia do indivíduo pelas instituições do capitalismo financeiro e pelas políticas autoritárias. A "ego" do "indivíduo" não conseguiu resistir à época da industrialização, mas, no entanto, precisa ser a psicologia que quebra o indivíduo como o existente, como o "dado", nas noções usuais de "personalidade" que, na realidade, indica a subjetividade perdida. Assim, refere-se ao seguinte trecho: "O indivíduo é objeto

<sup>62</sup> Já pensa-se, quando se fala da idéia do ego discutida por Adorno (que acusou Freud de negligenciado a idéia na segunda obra), sobre a possibilidade de a "ego" psíquica apresentar a insatisfação racional do sujeito que possa transcender a racionalidade instaurada ao ego ao prazer: o ego, que é a béu-atividade pulsional, não pode somente se oprimir e se desintegrar, mas também as necessidades pulsionais e emocionais. Porém, na sociedade administrada, a vida se reduzido à autoconservação (de uma racionalidade e se organizado cada vez mais e identificados) na condição de negação da realidade humana.

'a priori' da psicologia, que nou-se inábil e ené aos óhos de a ao es o e po u não-exis ené. Na edida e que pôde se apóia no fã de que na sociedade de 1900 o sujé q não é sujé q, e si , de fã q, obje q des a ú il a, a psí ologia pôde fo ne o -he a as pa a q ná- o áis do que nunã obje q e anê- o subordinado" (Adorno, 1951 b, p.54). o o i pa o da sociedade assí vada que pro o e a disso u ão do indí iduo e a des nega ão do ego, a psí ologia, que não a enã pa a áis ansí o a ões e que jus a ené as negí genã, não ontribui ánda áis pa a "a anu a ão" do indí iduo? *A divisã do indí iduo em consciente e inconsciente não é um dado histórico?* No que en ende os do segúne tío: "A reusa da edade obje il a a a és do e u so ao sujé q i pía a própia nega ão des e ú il o [...]" (Adorno, 1951 b, p.54). Des a fo a, in e p e a os que Adorno faz u a á il a à psí aná se que, ao nega áis ansí o a ões áis óias que edã a subje ilidade e ao exa á a fo a de indí iduidade que p edo inã oje - o de u sujé q en o p edo e p essonado pe as ins ãas ó e il as -, ansí o a-se, e a ené e u a é oã "oní o is a" a pa il de seus obje il os e apê il os, p edo, assí , a sua d ensã á il a p esen e nos p i é os í p e os de suas des óber as. Essas obser a ões es ão a bé p esen es no tío abã xo:

No í das ónas, a sabedoria dos psí aná is as q na-se e il a ené á u o que o inonsí en e fã sã das t e is as sensã oná is as á il a que e a é: u a é oã ené ou il as de u í a e espeã pa a an e me oga e ené apí onados a e á o ens sã edos e desã pã ados, de odo a ó andã - os e expã á - os [...]. Na psí ologia, na í usã abí a da pu a in e ilidade - que não pã a aso e a e ó as p opo i es' das pessoas -, t e e-se á u o que a sociedade bu guesa se p e p e il ou ó a p opiedade ex e il (Adorno, 1951 b, p.55).

Nes e sentido, a nega ão do oné u do soã e á is óio da subje ilidade faz pa e da psí ologia oní o is a que não se o a pa a a aná se á il a das óndõ es p esen es na á il a ão bu guesa que ontribui a , ao es o e po, pa a e e gênã e a des il ão da indí iduidade. O nexos abe e do pe os í an í u ilanos ené a oí ge do indí iduo e os e e en os pã il en es ao p o e sso á is óio que onóia a pa a a "disso u ão" des e es o indí iduo - ou seja, as t e a ões da é il as ené indí iduo e sociedade a bé expressadas na aná se da e a ego í a ego, e que Adorno p o u ou en fã il a o "on e q da é il do ego", das t e a ões ené na u eza e á is óio pa a a on s il ão indí idua -, diz t e p i o aos e e en os uní e sã is p esen es na indí iduidade que, não obsã e, a abã a

por ser negligenciados pela psicanálise. A afirmação e a auto-afirmação individual são inquestionáveis e afirmadas nas análises de Adorno sobre a "gênese do mundo burguês" e a emergência da individualidade (Horkheimer & Adorno, 1947). Assim, a crítica da desnegação do ego, entregue às forças sociais que impõem a obediência e dominam os aspectos subjetivos dos sujeitos, e às atuações da psicanálise que negligencia as condições existentes entre a afirmação individual e as instâncias objetivas, assim perdendo a dimensão histórica da subjetividade, encontra-se presentes no famoso Olegó d.

Das observações acima, pressupostos que as críticas de Adorno a Freud, no sentido de questionar a aplicação psicanalítica às noções de sujeitos submissos à racionalidade econômica da sociedade industrial, e às atuações de adaptação "adaptativa" a segunda crítica na consideração de que a estrutura social exige o porquê em atos irracionais dos sujeitos, de e-se ao inuito do auto de tessa a "devirio da razão" individual face ao poder do modo racional que condena o ego e, a sua psicologia, ao anacronismo: "O progresso da sociedade industrial, que de fato é realizado pelo que por enquanto é da pauperização que e a própria produção, acaba por destruir a ideia pela qual o modo se justifica: o ego e entuanq pessoa, entuanq porador da razão" (Horkheimer & Adorno, 1947, p.190). Que as críticas de Adorno se estendem para apontar a falsidade da "independência" atribuída ao indivíduo pela psicologia no contexto de uma sociedade ibérica (que nega o vácuo social histórico do indivíduo e sua força burguesa), o o quê é, principal e, para a estrutura que o desenho em econômico e contribuído para a eterna os usos da psicologia individual (estrutura psíquica social em edada) que sagrada a aguarresistência à opacidade, o o, por exemplo, o potencial de liberdade e resistência ao existencial buido na ideia freudiana da ênada psíquica, quando Freud suspena a a estrutura da "consistência" para se contrapor aos irracionais.

Essas conclusões, pensamos o seguinte: a respeito das indicações apontadas por Adorno sobre o modo freudiano da "empresário" edan e as condições sociais do capitalismo (da dinâmica do inconsciente e consciente), podemos dizer que faz e seu bojo a discussão sobre os critérios de conteúdo que é chamado os "traços radicalmente individuais"<sup>63</sup> dos sujeitos em nome da sociedade totalizadora, o que

<sup>63</sup> "Na auto-afirmação e na inibição da liberdade do indivíduo que se realiza a resistência contra o poder ego e opressor do modo racional. Mas essa resistência só foi possível e necessária em e a é da estrutura e racionalidade da estrutura individual auto-afirmação e" (Horkheimer & Adorno, 1947, p.225).

possibilita confrontar a formação individual liberal (que ainda pressupunha alguma resistência à realidade, mesmo que em forma de produção de neurose) com a formação individual atual<sup>64</sup> submetida à centralização econômica do capitalismo monopolizador.

Desse ponto de vista, a análise da doinação social pode ser conseguida a partir de uma análise que se refere para a configuração subjetiva dos indivíduos que expressa as exigências necessárias do capitalismo monopolista e de suas políticas econômicas. A realidade da psicanálise - de que a doinação social de Freud e os sujeitos a ele estão sujeitos de "configuração psíquica" (o do padrão infantil) -, seria extirpada, contraditória em si, dos interesses e insuportáveis de suas necessidades e do quadro social atual, pois as necessidades, e a insatisfação, poderia ser e uma oposição em si da individualidade. Fazendo uma digressão, podemos afirmar que os próprios conceitos criados por Freud, bem como as suas idéias, nega e sua historicidade. São conceitos dinâmicos que dessa expressão a realidade histórica de um sujeito e que, em seguida, esses conceitos são e em si que contribuem para a sua própria negação, assim apontando para sua obsolescência quando relacionados às forças sociais de vida dos indivíduos<sup>65</sup>. Talvez seja melhor que Freud escreva eu sua obra no final do Século XIX, ou seja, escreveu o indivíduo na transição do capitalismo liberal para o capitalismo monopolista, expressando, de maneira e suas necessidades, as condições de seu objeto à luz de suas condições sociais, mas, é claro, se refere a experiências e condições ou condições sociais, e se refere para as condições sociais (Adorno, 1951a; Adorno, 1955). As necessidades psíquicas não são conceitos úteis ou "naturais" que possa ideologicamente expressar a força única de individualidade ou de sujeito, a despeito do próprio Freud - e outros psicanalistas - e dado a alguns tipos de interpretação, o que pode ser nas obras de Adorno mencionadas a Freud.

Ora, nas nossas análises, é a partir do contraponto dos conceitos freudianos e as condições objetivas que foram em si as regressões psíquicas que pensa os e sido desenrolada a crítica de Adorno sobre a psicanálise freudiana, principalmente para as suas análises sobre o fascismo. Nessa direção, Adorno pôde reagir e deitar as

<sup>64</sup> A partir desse ponto de vista analisa a utilização de Adorno da segunda obra freudiana - do "ideia freudiano" de E. H. Erikson de forças - o que pode ser para distinguir as personalidades propensas ou não ao fascismo, na obra *The Authoritarian Personality*. Essa discussão encontra-se na segunda parte do trabalho.

<sup>65</sup> Desse ponto de vista, as seguintes observações de Freud e a obra da psicanálise na obra crítica: "Quando se trata da obra, a insatisfação está na sua história social e a [...] o a decadência da vida social da classe média, sua cultura [de Freud] a não ou esse não o estado expressado e 'tensões deslumbrantes' e nos estados seguintes" (Freud e a *apud* Jay, 1974, p. 176).

As ideias freudianas do instinto de vida e de morte em que parte e a as condições básicas de nossa cultura é atribuído para a "cultura" do indivíduo pensada em existência, a ideia de uma sociedade humana. Pois o próprio Adorno afirmou no livro *Sociologia e Psicologia*, "a cidade do ego encontra-se na unidade da vida" (Adorno, 1955, p.39), ao insistir quando se no parágrafo seguinte é que pode ser a do indivíduo - ou as condições sociais não poradas na psicologia -, ou que nos indivíduos "mediáveis" encontra-se "as áreas de vida que o sistema impinge aos seus membros" (Froese & Adorno, 1947, p.225), a ideia que se encontra em alguns textos que não foram a obra em que se aplicados pelo ego - a "satisfação sócia" a vida, a vida da produção sócia - e que ainda sobre os indivíduos, sendo que a "substituição" ou o conteúdo de a cultura se dá a partir de ingredientes sociais.

### 5-A crítica ao indivíduo-mônada e a sua força de sugestão: a validade da concepção monadológica de narcisismo

No livro *Acerca de la Relación entre Sociología y Psicología (Sociologia e Psicologia)* diz Adorno (1955) que a persistência de Freud sobre a "aquisição existencial do indivíduo" acabou por penetrar, de forma paradoxal, no segredo histórico da do indivíduo e quando a cultura ou o social presente na psicologia individual - por exemplo, quando Freud fala sobre a proibição do incesto, a interiorização do superego, entre outros, que dão base à formação do "ego", esse resíduo de condições sociais. Entretanto, no que diz respeito a Freud é considerado o indivíduo como uma mônada<sup>66</sup>, descreve o que Adorno já fez várias vezes, *postum ter Freud assim colaborado para uma teoria ideológica sobre o indivíduo*. Diz Adorno: "Quanto ao tipo de psicologia, ao parâmetro desocupada em do indivíduo, é ideológica. Transfere a afirmação individual da socialização e a de cultura não exclusiva e na cultura de indivíduo" (Adorno, 1955, p.48)<sup>67</sup>.

<sup>66</sup> De acordo com Froese & Adorno (1953), a ideia das mônadas de Leibniz, que encerra a abrangência e define o indivíduo "dentro do seu sistema", acabou por ser utilizada como o conceito para a noção individual da cultura e, nas sociedades burguesas. Nesse sentido, encontra-se no período moderno a concepção de indivíduo do modo de uma expressão própria sobre a sua constituição que, por sua vez, se aplica para a "espaço pessoal" a ser o que pode ser apreendido. O ego é considerado atribuído ao indivíduo pela psicologia, no caso, a ideia psicanalítica, diz respeito ao espaço pessoal que se encontra no jogo de forças, o ego e éis próprias, independentes da sociedade. Nessa direção, pode-se já ver a concepção freudiana de narcisismo - narcisismo primário e secundário -, discutida nesse capítulo.

<sup>67</sup> "Quanto ao tipo de psicologia, e parâmetro desocupada em do indivíduo, é ideológica. Transfere a afirmação individual da socialização em cultura não exclusiva e na cultura de indivíduo".

Le ando e vón a que Adorno aousa de ideologia a ónada psíquica, as que, e outros pontos (por exemplo, nos *exos Sociologia e Psicologia e A Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista*), passa até indicar a o ou e e eno uua para as suas reflexões sobre a sociedade de massas do capitalismo moderno, pode os dizer que há u a vón adão no pensa eno de Adorno? Tira-se es o de u a vón adão no pensa eno do auo ou a vón adão enóna-se no próprio vóno de ónada uando vón as do as fo as obje as que ende a ina ou "ra a e a" as fo as psíquicas inons enes dos indivíduos? A é que pon o a no ão de ónada psíquica é áida para des e o indivíduo no vón ex o da ou u a o a i áia? Nessas quesões, para fazer justiça à fo a o a psicanálise fo ino por ada nas análises de Adorno de e se o prendidas não o o u probe a a se respondido, as, s, se e vón adas o o "éxos no e adores" para a o pensão ás aprofundada sobre o o a psicanálise fo aproficiada no pensa eno adoniano, e os de suas vón as apon adas à es a. Des fo a, a no ão freudiana de *narcisismo* fo ada por Adorno e suas discussões para poder uida os eanis os subjé os que se enóna na base dos fenô nos o e os de assa (discussão a se dese o ida ás de áada en e no vón u o 3, no óp o 2, da segunda parte de e taba o), o que, a nosso e, i usa o uan o indivíduo ónada uou-se o vóno o a e para o en endi eno dos subjé os nas sociedades assí adas. Des fo a, nossa hipóese é a de que os i i es da ónada, vón ados por Adorno, a bé esbarria na no ão de násis o, uando essa no ão é vón ebida por Freud a par das fo u a ões a e a do o i eno da pu são que se e a e se vón e ge para o ego individual. Não obs an e, é a bé a par dessa perspectiva freudiana, vón adada na "a ão psíquica" - in áa en e, do es ágo násis o p i áio de ind e en áa ão en e o id e o ego, e depois, da e i adada da ibido dos obje os para o ego - que, apa en e en e, apon a para u "indivíduo isado", que Adorno pôde en e a a realiza ão das fo as so áis nos eanis os á s in os dos subjé os. Veja os en ão, b e e en e, a no ão de násis o.

A vón ep ão de násis o não fo desen o ida se áoes probe as na i e a u a psicanálise o que, necessaia en e, nos obriga a ad an a gu as discussões endo e i s a as a usões e aprofici adões de Adorno sobre esse vóno para as suas á u as so áis. Freud, no *ex o Sobre o Narcisismo*, de 1914, vón ebou o násis o fazendo a dis i ão en e "ibido obje a" e "ibido do ego", ap esen ando a dis i ão en e

*narcisismo primário e narcisismo secundário*, assim, atribuindo um papel importante no desenvolvimento do indivíduo (Freud, 1914). Dessa descrição freudiana, é que podemos falar a respeito da libido e o papel primordial de experiência para o desenvolvimento individual, para Laplanche & Ponchaix (1992), Freud acabou por dar origem à formulação original da experiência da subjetividade, na concepção de narcisismo primário e secundário. O narcisismo primário designa o estágio original de vida do recém-nascido, no qual não há distinção entre a criança e o mundo: o "eu é" em estado de libido e [...] uma parte dessa libido é depois repassada aos objetos; contudo, essencialmente, a libido permanece ainda no "eu" (Freud, 1914, p.99). Nesse fase, a criança, por meio das experiências com o "outro", a sua libido, inicialmente concentrada no id, já se distribuindo entre os objetos externos, portanto, na medida em que as dificuldades de relação com os objetos externos aumentam, a libido objetiva pode até separar-se para o ego, assim definindo o que Freud chama de narcisismo secundário. Laplanche & Ponchaix, citando essa concepção de narcisismo de Freud, diz que:

Todo indivíduo em essa concepção tem o risco ao mesmo tempo de concretizar a experiência - ao nível da recém-nascido não cria sua própria abertura para o mundo exterior -, e de renovar-se e se renovar, através ingênuos, a apoiar ideias que agarrada à vida por uma fórmula "biológica": o que passa de uma condição fixada e simples para o movimento em progresso do objeto? (Laplanche & Ponchaix, 1992, p. 289).

A ênfase de Freud dada ao papel da libido entre o ego e o objeto para sua concepção de narcisismo, e é que ele se posiciona a ideia de um "ego primitivo" inicialmente formado e simples, formada pelos outros através atuando Freud deu ensejo a uma ideia de indivíduo percebido como uma unidade, concepção esboçada na "intuição idealista" e que se inaugura no estado original de um ego e de um estado narcisismo primitivo (anobjetivo), confinado no interior do psiquismo. (Laplanche & Ponchaix (1998, p.531) que o *narcisismo primário*, anterior à constituição do 'eu', pressupõe um período de autoconhecimento e que o ego e o id são independentes.

Mas pela perspectiva adriana, apesar de Adorno também ter criticado a noção monadológica do psiquismo humano, e os que as condições presentes na ideia de narcisismo fornecem e em que se apoiam para Adorno desenhar a sua crítica

sofria, e quando se encontra as relações entre o indivíduo e a sociedade em ação, que expõe a ideia da relação entre o indivíduo e a sociedade (Freud & Adorno, 1947). Por exemplo, a noção de *ideal de ego* que aparece em Freud e nos estudos de Freud de 1914 (*Sobre o Narcisismo*) para designar a instância psíquica que surge como o *substituto do narcisismo perdido na infância*, a partir das vivências e exigências parentais, considerando-se como *um modelo em que o ego busca alcançar para se ocupar a go do sentimento de "omnipotência" infantil*, ou do sentimento de perfeição, como se não se tratasse do *narcisismo primário perdido*<sup>68</sup>. A relação do ideal de ego e a ordem de exigências do ego são desenhado e é o *desenho* "racional de ideias", pois seu desenvolvimento se dá pela identificação do padrão ideal ou utópico (ou seja, pela identificação de e com os valores que foram, inicialmente, representados pela autoridade parental) e pela diferença não individual, possibilitando, a saber, a "autoconstrução" quando, no próprio sujeito, os ideais utópicos encontram-se atrelados por meio das instâncias psíquicas, fazendo assim o sujeito prescindir dos ideais sociais e postos externos<sup>69</sup>. Mesmamente, a noção de ideal de ego, quando aparece na obra *Adorno de Freud Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, de 1921, passa a considerar a noção de sua importância para Freud fazer a análise do indivíduo como o *objeto*. Mas espelha as ideias de Freud sobre a "psicologia das massas", o conceito de narcisismo, que abraça o conceito de *ideal de ego*, a saber, *especialmente sobre as identificações que fazem parte da formação de grupos e da relação das pessoas do grupo com o ideal*. *O ego e o poder do ego do indivíduo submetido aos ideais utópicos, o líder se coloca no lugar do ideal de ego e, a medida que poderia fazer resistência a tais ideologias, como a perda da função do ideal de ego, se enfraquece ou desaparece* (Freud, 1921).

Para a análise dos grupos e ideais fascistas, tais e em outros escritos encontrados no estudo de Freud sobre a ditadura por Adorno no seu estudo de 1951, *A Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista*<sup>70</sup>, no qual Adorno expõe que a função de

<sup>68</sup> Diz Freud: "O amor próprio que já foi desistido pelo indivíduo na infância dirige-se agora a esse indivíduo. O narcisismo surge desviado nesse modo e é ideia e que, como o indivíduo infantil, se encontra agora de posse de toda a coisa perfeita e o pode" (Freud, 1914, p.112).

<sup>69</sup> "O que, por exemplo, Freud já desenhado em seu estudo *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*: "A essa instância chama a atenção de ideal de ego", e, a função de um ideal, atribuído ao auto-observação, a consciência crítica, a censura dos sonhos e principal influência na expressão. Disse o que e é o fundamento do narcisismo original [...]" (Freud, 1921, p.119).

<sup>70</sup> A discussão dos estudos se dá e o cada na segunda parte de seu trabalho.

Freud o nada para o narcisismo e os problemas específicos do ego - sua riqueza e pobreza em si, ou as regressões individuais ao "estado do narcisismo primitivo" e a inversão -, não foi por acaso (Adorno, 1951a). É nesse sentido que Adorno diz que a teoria do narcisismo desenhada por Freud umas das descobertas mais significativas da psicanálise, sendo ela em si as políticas fascistas (Adorno, 1955). Mas, mais do que isso, nas nossas épocas, a concepção monadológica de narcisismo é a que vai ser utilizada por Adorno quando ele se ocupa a apontar que, de fato, refere às sociedades de massa as desenhadas - e que se dá a primazia do econômico sobre as necessidades psíquicas individuais -, os sujeitos passam a se perceber como monadas mediante a objetividade alienada. Nessa direção, o indivíduo acaba sendo obrigado a dirigir sua libido ao seu ego, quando às a objetividade materializa-se para ele e ele desagrada e o trabalho se sentindo, assim como pode passar a busca pelas satisfações subjuntivas, fornecidas por alguns evaris os sociais materialistas (os próprios de massa), até de engandear e ter a seu usuário sentindo de "omnipotência" - seus sentimentos narcisísticos "primitivos" -, para enfrentar a desgracia das frustrações individuais, geradas pela sociedade de massa. Assim, Adorno que: "A opacidade da objetividade alienada de todos os sujeitos ao seu indivíduo ser e lhes apresenta, de fato, em si, o essencial, o seu ser-por-si dividido, o sujeito unificado e sua psicologização" (Adorno, 1955, p.47)<sup>71</sup>. As satisfações narcisísticas "inversas", obrigadas pelos evaris os sociais de mundo e da sociedade de massa, por si e o ajustamento econômico dos sujeitos à sua realidade.

Quando o que a atividade é debatida - as críticas de Adorno à monada psíquica -, de ele os considera os seguintes fatores: se a psicologização a monada em si, quando ideológica ao se desgracia dos e em si os sociais que o põe o indivíduo e sua individualidade<sup>72</sup> - ou que, de fato, de ele se criticado -, há a possibilidade de se considerar que a ideia de indivíduo-monada, específica em si a "monada narcisística", pode ser ainda, sendo ela a análise da situação objetiva dos indivíduos no capitalismo moderno. A configuração psíquica "e pobre e da" dos sujeitos refere aos poderes sociais - as forças preponderantes de individuais do capitalismo moderno expressas nas *aflições narcísicas contemporâneas* -, e as forças sociais que tendem a não e a os indivíduos, faz o que a ideia de monada que se a mais adequada para a organização os sujeitos que não se encontram na sociedade.

<sup>71</sup> "La opacidad de la objetividad de que se a los sujetos a su individuo ser y es dirige o o o esencia su dividido ser-por-si, e sujeto unificado e e y su psicologización"

esses indivíduos encontram-se "aprimorados" aos detalhes imateriais de seu psiquismo, exatamente generalizados pelas forças sociais do inanimado, sendo cada vez menos consciente das suas próprias forças e, por isso, suas "consciências onipotentes" são do tipo acaudaladas.

Assim, podem ser examinadas as seguintes conclusões: as ideias de Adorno à psicanálise encontram-se nesse terreno de conclusões expostas na probabilidade da "ênfase psíquica". Ao mesmo tempo que Adorno critica a ênfase da análise e seus métodos, pois, ainda que se pudesse contribuir para "definir" o papel a partir de suas atividades na organização e unidades da vida do psiquismo, seus métodos, e a consequente abordagem social e afetivos e sua historicidade, estabelecem-se sobre as bases psicológicas da dominação social e apontam para a esfera política. Mas assim, o indivíduo encontra-se ênfase, as "no sentido estrito ao representar o modo e suas conclusões, se se considera desse modo" (Adorno, 1955, p.48).

No capítulo seguinte, aborda as ideias de Adorno relacionadas às teorias da psicanálise. Os indivíduos encontram-se com os métodos freudianos e os métodos sociais - quando "socializa a psicanálise" -, para a defesa dos métodos, preservando, assim, segundo Adorno, de maneira fundada em bases para desenterrar a realidade social sobre o indivíduo: o conteúdo da dialética entre a sociedade e a subjetividade no próprio sujeito, o ego sobre a dialética histórica em si mesma, a abstração por meio dos "atos sociais" e os seus próprios, e a consequente apropriação da psicologia - do imaterial - pelos indivíduos. Assim, diz Adorno, e a consequente abordagem aos indivíduos das teorias, que antes é imprescindível sobre o papel e o papel do seu caráter de "ênfase", desobedece seu núcleo o gerador, do que encontra-se a síntese (unificação da síntese) entre a psicologia e a sociedade, daí o que já se encontra em andamento. Veja, então, as ideias de Adorno às teorias da psicanálise.

<sup>72</sup> Nessa obra a seguinte afirmação de Adorno: "Ainda assim o ser político não se refere, em si, de seu aspecto social" [Tradução nossa] (Adorno, 1955, p.46).

## Capítulo 2 - O Indivíduo Mutilado: a crítica à 'sociologização' da psicanálise e ao revisionismo freudiano

As posições de Adorno sobre as teorias neofreudianas podem ser resumidas, grosso modo, nos seguintes termos: as análises dos teóricos e sua influência negativa entre "sociedade e indivíduo" ao enfatizar, de forma "simplista", as influências do meio social na formação da subjetividade humana e na etiologia das neuroses, conduziu a uma crítica superlativa da sociedade e da estrutura psíquica esculpida por Freud, desfazendo-se das questões e condições inerentes aos indivíduos e social para a construção da subjetividade. Que, nas análises de Adorno, Freud presenciu nos seus escritos as tradições. Entre as teorias citadas e citadas por Adorno, há os trabalhos de - cuja proposta principal é de uma "psicanálise axioma" à saber e em que cada um deles é trabalho - e a de Fenichel.

A exposição sobre as ideias do freudo-axioma<sup>73</sup>, bem como o sobre o significado da introdução da psicanálise na teoria crítica<sup>74</sup> não será desenvolvida aqui, pois já aspectos, já apresentados e discutidos em outros trabalhos, extrapolam os nossos objetivos. O que nos interessa é expor o modo como a psicanálise se situa no pensamento de Adorno a partir, sobretudo, das questões de Adorno ao neofreudismo, especificamente em suas críticas e respostas às formulações dos autores que em sua "sociologia" e "teoria" a psicanálise. Veja os, então, as ideias de Adorno aos teóricos da psicanálise. Divididos as ideias nos seguintes pontos, a saber:

I- No ponto I, "O que é a 'sociologização' da psicanálise", apresentamos as críticas e as respostas de Adorno entre a psicanálise e o axioma, na década de 30, a partir de, inicialmente, desenvolvimento dos debates entre as ideias do último e os escritos de Adorno acerca da psicanálise e de suas relações com a sociedade - ou seja, a "psicologia social" de Adorno - confrontada com as discussões adonianas sobre a "psicologia social" analisada em "orientada". Essa exposição de Adorno as

<sup>73</sup> A exposição aqui apresentada sobre o freudo-axioma na década de 20 na Europa (as principais análises de alguns psicanalistas de influência de Freud e de Marx), e a apresentação de autores representativos desse período em seus objetivos, encontra-se na obra de Rouane (1986) *Teoria Crítica e Psicanálise*. A pergunta básica dos autores freudo-axiomas nos anos 20 e 30 é a seguinte: como é possível que a classe operária assumira posições conservadoras contra seus próprios interesses? Nesse sentido, para os autores, uma explicação do funcionamento psíquico poderia ser usada como instrumento de compreensão dessa situação, sendo que a associação da psicanálise ao axioma era o principal objetivo concebido a partir da ideologia (Rouane, 1986, p.70). Também há os trabalhos de Husse e Joby (1975).

<sup>74</sup> Nessa discussão na obra de Fay (1977) *La Imaginación Dialéctica*.

especificidades e características de cada uma sobre a psicobiologia psicanalítica, sendo essas as ideias de Adorno sobre o freudiano, suas ideias e proposições para a bébê representadas por ele.

2- No capítulo 2, "a psicanálise revisada", divide os as ideias de Adorno sobre o freudiano em dois pontos fundamentais:

2-1- "O abandono da teoria das pulsões", e que encontra os as ideias fundamentais de Adorno sobre o freudiano que expõem a da psicanálise a teoria bidina - a teoria da sexualidade -, assim como sendo a psicobiologia adaptada do ego e desviando a psicanálise de seu eixo sobre a sociedade. O freudiano enfatiza a "raças do ego" e as teorias na vida adulta do indivíduo ao desenrolar da "personalidade" do indivíduo.

2-2- "Léguas a-ideia sobre o narcisismo", e que são apresentadas as ideias de Adorno às ideias dos freudiano sobre as afecções narcísicas que, ao serem 'socializadas', para a primárias de seu fundamento pulsional. O narcisismo transformou-se em "o ego para o ego" face à "sociedade do peijá". Para Adorno, os neofreudianos não alcançam as raízes profundas do narcisismo vinculadas às regressões do ego ocasionadas pela irracionalidade objetiva - a dinâmica social irracional que se transforma em dinâmica pulsional nos sujeitos "regressados".

### 1- Fromm e a 'sociologização' da psicanálise

Antes de apresentar os e discutir os principais argumentos e ideias de Adorno sobre o freudiano encontra-se por apresentar os, bem como, às principais produções de Erich Fromm, da década de 30, referentes ao desenrolar de sua "psicanálise social". Adverte que as discrepâncias características entre Adorno e Fromm, a serem discutidas, resumida e ideias fundamentais para o primário sobre o segundo<sup>75</sup>.

A influência de Erich Fromm, na década de 30, sobre o ensino de Pesquisa Social foi de sua importância para os estudos de trabalho indisciplinado e ajeitados pelo ensino e para a definição da psicobiologia social dentro dos projetos de pesquisa

<sup>75</sup> Sobre a ideia do freudiano, a bébê e a os verbos, na obra *Eros e Civilização* (1955), poré, de sua crítica das ideias de Adorno sobre a teoria. As diferenças entre Fromm e Adorno nas suas abordagens sobre a psicanálise e o freudiano seria objeto para outra pesquisa.

e primeira abordagem para o exame de problemas "psicossociológicos" da época<sup>76</sup>, que o problema da ideologia, assim como a questão da autoridade das classes operárias e as classes do inano e os problemas referentes às transições estruturais da família e suas primeiras nascer e questões ibiduais entre os membros da sociedade, ou seja, a existência das relações entre as transições econômicas e o desenvolvimento do aparelho psíquico (Liggett, 2002). Assim, a presença da psicanálise na pesquisa científica só foi uma contribuição de Freud ao *Journal of Social Research* nos anos 30. O *Journal* recebeu estudos de grandes figuras que os eixos tradicionais e ortodoxos da psicologia telegada a uma posição secundária – a superestrutura ou a da sociedade e os fatores subjetivos da dominação econômica. Em 1932, Freud escreveu o ensaio *The Method and Function of an Analytic Social Psychology (O Método e a Função de uma Psicologia Social Analítica)*, para demonstrar a importância da psicologia profunda para o entendimento das ideologias individuais e coletivas e o produto da interação entre o aparelho psíquico pessoal e as condições socioeconômicas, defendendo um projeto que não dá origem de uma "psicologia social analítica", a partir da integração da psicanálise aos estudos do agirais histórico. Nesse período, suas ideias acerca da psicanálise ainda se inclinava às ideias freudianas ortodoxas, especialmente em relação à teoria das pulsões de Freud, como se os a seguir.

Para Freud, a psicanálise, por ser da teoria psíquica, em que se destaca a função acomodativa dos impulsos sexuais, poderia ser usado e o estudo e o estudo em dos indivíduos existentes entre os indivíduos econômico e psíquico, só é individual, sendo a ideologia o produto de suas interações. Isso, e identifica-se a possibilidade da psicologia profunda e o eixo<sup>77</sup>. Freud da a destaque ao papel fundamental da família e o "agente psicológico da sociedade", isto é, nas palavras de Freud, "a família [...] é condicionada pelas influências sociais e experiências de classe; e a es

<sup>76</sup> "O membro da equipe de Freud é designado para a tarefa de propor e realizar a integração da obra de Freud na teoria científica da sociedade." (Sauer, 1978, p.142).

<sup>77</sup> Sobre isso, ver a Freud: A teoria da sociedade e a teoria psicanalítica para as grandes civilizações, e a base, dirá em suas, é o materialismo histórico. Portanto, a base dos pontos de conexão porque a base são as condições [...] as condições se põem nas suas atividades sobre a consciência, porque a base é a base dos ou a força de inano e do por a em um ano e as e o o reflexo de outras forças [...] O agirais histórico é a consciência e a expressão de de inano e das condições; a psicanálise é a consciência e o de inano e das condições [tradução nossa] (Freud, 1932, p.481)

condicionada pela estrutura social na qual ela se desenvolve" (Freud, 1932, p.483)<sup>78</sup>. Nesse sentido, Freud sustenta a ideia de que a estrutura psíquica e a organização da vida e que a função psíquica se prendem à estrutura pulsional individual e o devida pela 'força' de forças conscientes e a experiência do indivíduo, extraída de suas experiências infantis anteriores. Assim, afirma a influência de Freud acerca do papel da presença na psicanálise encontra-se na questão da *modificação das estruturas pulsionais - especificamente, das pulsões sexuais pela realidade social (experiências individuais) e determinações socioeconômicas de dada sociedade*. A pulsão sexual é passiva e de satisfação e objetos que não os próprios e de natureza sexual, na qual se encontra a finalidade das energias sexuais que se originam dos principais fatores de influência da psicologia do indivíduo pelo poder social.

Nessa questão que Freud inicia o profunda análise da origem das pulsões de Freud - pulsões sexuais versus pulsões de autoconservação -, deixando claro seu repúdio às teorias freudianas sobre as "pulsões destrutivas" (pulsões de vida versus pulsões de morte), bem como desconsiderando a ideia libidinal que aponta para as "pulsões do ego" (a questão do narcisismo e sua base pulsional) (Freud, 1932, p.523), assim destacando quando às conexões ao deslignos dos objetos de objetividade - de seu lado de realidade -, a questão da origem propõe e se apropriou para a análise das mesmas disponíveis ao genótipo. Nesse sentido, nos anos 30, após de volta a sua revisão da psicanálise, Freud já assina a, dentro de sua abordagem da "psicologia social analítica", a influência das estruturas e referência à origem da libido de Freud, posto que para se entender os fenômenos entes do inconsciente e psíquico, a psicologia original de Freud seria a mais adequada por fazer e seu bojo a perspectiva acerca das pulsões sexuais e de autoconservação, ao contrário das hipóteses "especulativas" e não evidências acerca das "pulsões destrutivas" (Freud, 1932, p.523). Nessa origem original, segundo Freud, por influência exagerada do aparecimento psíquico é afetado pela estrutura da sociedade, e os efeitos de sua adaptação dinâmica às condições sociais. Fazendo um contraponto à postura adoniana e referência à psicanálise, a visão de Freud, ao contrário de Adorno, de origem de uma estrutura funcional e evolutiva data e referência ao psicólogo e o sociólogo. Segundo Fromm: "[...] Freud refere a a ênfase de Freud e a origem dos

<sup>78</sup> "The ego is formed, as is well known, and the ego is formed - a idea is a body, and is in unconditioned by the social and class background of the ego; in short they are conditioned by the social structure in which they exist".

insinuos fixa, ibidna en e venhada e a isóia e fa o do 'vááq soáa' 'isóia en e síngu a" (Tonner, 1997, p.258). Ou seja, o auq ia que o vááq do indivíduo se consiua o u a estuaa paiaa de engra psuiva o dada pe a sociedade e pe a econo ia, deno de u a isão e anis a e so o gizada da psanálise se fa e às quesões soás, o que, por sua ez, já snaliza a pa a u a "e isão" da eoi a i eudana. O des que dado por Ho à quesão da pasidade e da funão adapai a (ai a e pass a) das pu sões sexuás o te a ão às de q ina ões soás, aponando as õnd ões õn e as de ida que é sua inuêna sobre as estuas "insinias", a nosso a, fõ pon o de pa ida pa a sua pos qio teiã ão e áia à eoi a ibidna de i eud e à en ai a de so o giza ão das e eoi as i eudanas, o o, por exe plo, na sua fõ u a ão sobre o "vááq soáa". O teõ a seguir de onsta a quesão da funão adapai a das pu sões e te a ão ao ão:

As diferen as entre os dois grupos de i pu sos [sexuás e de auõnse a ão], o o no a os, sugere de fõ a às apropriada que as pu sões sexuás pode e eua grandes adapta ões de a o do o as e as possibilidades de saia ão que existe, isó é, às õnd ões õn e as de ida. Mas se desen o e por o des a adap a ão e, so en e e indivíduos neuóios, pode os a a disubios nes a apaãde de adap a ão [...]. A ativa e passiva adap a ão do aparelho biológico, os instintos, à realidade social é a õnd ão a e da psanálise, e o da expõ a ão psó óg a in a na pessoa p o e de des a õn e p ão (Ho , 1932, p.480, grõ do auq)<sup>79</sup>

A paia de as agu en os, e a bé a i e spõ das a õnas deixadas pe as análises a xis as sobre a ideologia e sua base estuaa, Ho aia a se a psanálise a ãenã psó óg a as q i en e pa a se unõ o os éodos de estudo das ãenãas soás. Nes a ãe ão, a p e o upa ão de Ho a bé se i e sting a u a p e o upa ão e odo óg a: a de *estipular uma síntese entre a psicologia e a sociologia*, ass enãdo e i ina os õn i os entre as duas ãenãas, a paia da unão entre a psanálise e o a xis o. Me os que a en ai a de sínese fõ dua en e áia da por Adorno. A defesa que Ho faia da psanálise, aia de sus enã que a psó óg a

<sup>79</sup> The differences between the two groups of di es, as it is a e no ed e i e e, suggest s a a e saia ão a existe, isó é, às õnd ões õn e as de ida. They g o and de e opõ ougõs apaã y fõ adap a ão, and on y in neuó individuals do e ind disubanes in his apaã y fõ adap a ão [...]. The active and passive adaptation of the biological apparatus, the instincts, to social reality is the ey

"possui pressupostos vazios de que a unidade é o ponto de partida para as investigações e psicólogo a sociedade, extinguindo o conceito da sociedade" (Freud, 1932, p.482)<sup>80</sup>, e a ideia de que a psicologia não seria somente aplicada ao indivíduo, pois que os indivíduos nunca estão em si mesmos e os seus atos não são sociais.

Para as discussões e análises de Adorno, no livro *Sociologia e Psicologia* sobre a "psicologia social analítica orientada", pode-se afirmar que o principal objetivo da disciplina é a sua aplicação às instituições sociais dentro de uma perspectiva que, segundo Adorno, se sustentou na crítica à ideologia e aos mitos sobre as instituições em indivíduo e sociedade (Adorno, 1946). Nesse sentido, pode-se dizer que, considerando-se a existência, a pertinência e a importância de alguns pontos de Freud sobre o "caso" da psicanálise e o aspecto teórico para a proposta de uma psicologia social analítica, o autor já apresenta, no livro de 1932, uma perspectiva que encerra a análise e os pontos de vista sobre os aspectos sociais, assim reduzindo o indivíduo ao outro, apresentando uma crítica superior sobre o indivíduo e a sociedade. Nessa análise apresentada ao longo da psicanálise pressupõe-se a crítica da sociedade e a crítica dos antagonismos (Lambert, 1975). Na perspectiva de Adorno, os conceitos freudianos fazem a crítica necessária entre a psicologia e a sociedade, pois a psicanálise, o método de análise em si, encontra-se impregnado em si mesmo aos pontos de vista ideológicos dos sujeitos que, por sua vez, são mediados pelas condições objetivas da sociedade administrada. Segundo Adorno, a psicologia social, a partir da crítica da ideia de Freud (dado a consideração de Adorno sobre os conceitos freudianos de "narcisismo" e "pulsões destrutivas"), cria o objetivo de estabelecer a adesão dos sujeitos ao fascismo e aos outros ideológicos de massa, e estabelece porque os indivíduos se adaptam às condições de individualidade destruída e explorada da individualidade, tornando-se vítimas das forças sociais do indivíduo nas suas próprias psiquês. Ainda, segundo Adorno, a psicanálise de Freud, ao estabelecer a crítica e suas ideias nas análises (o indivíduo), apresenta o indivíduo, que guarda e suas atividades e as condições sociais na sua psicologia (Adorno, 1966), pois a crítica é feita sobre a sociedade. *As categorias psicológicas mais radicais (pulsões narcísicas e de morte)*, desenvolvidas nas ideias de Freud, pode-se concluir a discussão

---

<sup>80</sup> "conception of psychoanalysis, and every explanation in personal psychology proceeds from this conception".

insólita da dominação da subjetividade (Foucault & Adorno, 1947). O trabalho proferiu uma análise à sociedade (a teoria crítica da sociedade), não porque, e não a insânia, concedeu os dois do fimos de fora a "separada"<sup>81</sup>, assim se probeliza ou dissolva a dimensão insólita da divisão de trabalho e queda nas áreas de enfiadas, furo da objetividade alienante que deu origem a o geia e o paioua, esabe cada pe a do inação do trabalho. As ideias de Foucault sobre a "psicologia social" inia o originalidade a "ra onia" em a sociedade e psique, assim negando as condições objetivas que cada do imo possui e te a ão ao ouio e suas te a ões ensas. Na perspectiva de Adorno, essa condição de e se apresenta. Assim, afirma o úio:

Que distingue rigda em e soçologia e psicología é inainesses essenciais de a bas disciplinas: o da soçologia, por seu recurso aos rios ensi enes por editados que seja , e o da psicología, por seus ingredientes soçias enonados anda nas suas vaegorias onado óguas (Adorno, 1966, p.79)<sup>82</sup>.

As afirmações de Foucault na década de 30 era pertinentes às inenões de pesquisas em disciplinas do núcleo de Pesquisa Social<sup>83</sup>. O "matrôna" que, de fora a paene, se amies a a nos o i enos e o e os era, anda, u a preocupação que Foucault inia e que isa a anaisa por éo das vaegorias psicanalíticas eudanas da teoria das puões. A respeito diso, dessa que os que as obsa a ões inias de Foucault a séias i piva ões para o estudo da psicología das assas. Outros trabalhos (Estudos sobre Autoridade e Família, u a pesquisa que Foucault paiou coniu em e o Foucault, realizada pe o núcleo de Pesquisa Social, e 1936), Foucault inaugurou

<sup>80</sup> Foucault, psychoanalysis sees a number of presuppositions that are used in investigations in social psychology and that are not any more in the social psychology.

<sup>81</sup> Já bé a esse respeito, Laoby (1975, p.88) em a que os pseudo-axiomas aaba a por apesena u "pono de isa posição e e anias" nas enaias de um eud e Max. Assim : "es a ania de o o o probe a sugere que a geia é ra onia a ino paiuidade, a a é de u deba e e esadonda que de in e as condições. U a s n e s a o n o s a de a x i s o é p s i c a n a l i s e p r e s s u p õ e q u e a sociedade é a i r e dos an agôn is o s que são a sua essên a". Assim , e os nes e esudo que essa id e a de s n e s e e n t e p s i c a n a l i s e e t a c i a i s o i n s ó l i t o j á c o n s t r u í d o , p a r a A d o r n o , u a e d u ç ã o d a s " i n e n õ e s s ó c i a i s " i n t e n e s à e q u i t a d e a n a , u j o p i n t a e e e n o q ã s e r e i n d a d o é a i d e a d a " n ã o i d e n t i d a d e " , o u seja, da imediuidade do paioua ao odo.

<sup>82</sup> "Quem distingue rigda em e soçologia y psicología é inainesses essenciais de a bas disciplinas: e de a soçologia em seu recurso a rios ensi enes, por editados que sea, e de a psicología em e ingredientes soçias aun de sus vaegorias onado óguas".

<sup>83</sup> Em 1931, Foucault a essa a a natureza em disciplina do trabalho do núcleo e a fun ão da psicología social para supera a divisão em indi iduo e sociedade ( J i g g e r s t r a u s , 2 0 0 2 , p . 7 1 ) .



esquema "populista" do feudalismo e do revisionismo feudal, junta (em Adorno), a questão que Adorno coloca é a de que as relações de união das classes sociais e a psicanálise (como, por exemplo, a obra de Parsons em que) ou de "socialização" a psicanálise defendidas pelos neofeudais consistem-se em uma *falsa reconciliação* quando, na realidade, indivíduo e sociedade encontram-se em dois planos e a sociedade contraditória, ou seja, em que a sociedade que obedece sua unidade do fato de não ser unificada. Assim, a reconciliação em que as duas classes por "desempenho e o dogma" realiza em uma análise sobre a sociedade:

O ideal de união não representa exatidão das classes na realidade não é a ideia, sobre tudo, em que a sociedade que obedece sua unidade do fato de não ser unificada. As classes da sociedade e da psique, em que são desunidas e separadas, sua base, por regra geral, à sugestão de projeção sobre seu substrato a divisão do trabalho do indivíduo em que. A separação da sociedade e da psique é a sua consciência: organiza a egoísmo em que a divisão em que sujeito em que e a objetividade que governa os sujeitos, as que por isso, contudo, de si. Mas a falsa consciência não pode ser resolvida por desempenho e o dogma. Os homens não conseguem reconciliar a si mesmos na sociedade, nem eles a pouco nem eles, porque se encontram alienados em que e eles em que ao todo (Adorno, 1955, p.38)<sup>87</sup>.

A apropriação da psicanálise feudal por Adorno que se encontra dentro da discussão sobre a desorganização. O sujeito em que, o pai ou a indivíduo desce por a psicanálise, seria a ideia de em que e de esvaziamento dos de que inâncias sociais que o abraça e o de que inância, pois a irracionalidade do sistema antes que na psicossocial do sujeito se que o esvaziamento que a consciência de si. Portanto, as diferenças em que indivíduo e sociedade não são só "quantitativas", pois elas diferem são o resultado de a organização e, a todo o processo social em que que é a sua base nos sujeitos lançando esses últimos e os "portadores da função social", obrigando os sujeitos a 'sacrifício' e 'suas próprias individualidades e benefícios

<sup>87</sup> "A ideia de a unificación no representa exatidão de as classes na realidade não é a ideia, sobre tudo, em que a sociedade que obedece su unidad de hecho de ho ser unificada. Las clases de la sociedad y de la psique, en que son desunidas y separadas, su base por regla general a la sugestión de proyección sobre su substrato a división de trabajo de individuo en que. La separación de sociedad y psique es la su conciencia; organiza el egoísmo en que a división en que sujeto en que y a objetividad que gobierna los sujetos por lo que, sin embargo, de ellos. Pero a es la su conciencia no se e puede reconciliar, por desempeño e o dogma, e sue o que pasa. Los hombres no consiguen reconciliar a sí mismos en la sociedad, ni es a a poco en ellos, porque se encuentran alienados en que e ellos y en que a todo".



Essas observações freudianas encontraram-se no *ex.º* de 1908, *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna*.

Nesse *ex.º*, Freud (1908) apresenta a questão da renúncia sexual dos indivíduos impositiva e faz a referência às condições ou condições das disposições psíquicas, as principais e, portanto, a acentuação para os sujeitos em que os indivíduos por exigências das renúncias exigidas, quando questiona-se, de fato, "a satisfação sexual egoísta" - que a renúncia à vida sexual civilizada - pode gerar as consequências aos indivíduos, se que o sacrifício individual seja a do que as "depressões" geradas pela civilização. O próprio Adorno (1955) nessa obra Freud acaba por mostrar os aspectos da renúncia individual às exigências psíquicas dentro de uma sociedade não livre, pois o desenrolar da vida a cada instante é inibido e acentuada a organização dos desejos humanos, contribuindo, assim, para o empobrecimento psicológico dos sujeitos, enquanto que os "sexuais" e os "inibidos"<sup>89</sup>, sendo essa o "dispendio de energia" psíquica investida para a adaptação (ou seja) à sociedade. Freud (1908) faz referências à injustiça social feita aos indivíduos que são obrigados a dirigir suas paixões para as padronizadas de satisfação. Merece, portanto, que justifique essas condições e sensibilidade de Freud, acerca dos aspectos em indivíduo e vida, interpretados e traduzidos e que os de "condições psíquicas" - condições esses encontrados no sacrifício individual e as exigências de uma vida civilizada -, se trata profundamente em que as problemas envolvidos por Adorno a respeito das condições e dos elementos pessoais, inerentes à nossa vida, que permeiam a organização do indivíduo.

## 2- A psicanálise revisada

Torna-se agora necessário fazer alguns comentários sobre o *ex.º* *La Revision Del Psicoanálisis (A Revisão da Psicanálise)*, *ex.º* no qual Adorno (1946) apresenta as diferenças entre a psicanálise freudiana, apropriada na época, e as interpretações das revisões acerca da psicanálise, para suas próprias condições. Assim, depois, Adorno faz uma série de considerações a respeito da psicanálise estiva, comparando-a com as funções e "superfícies" dos autores revisionistas, tais como o *Freud* e

<sup>89</sup> A esse respeito, Freud diz: "A vida das obras inibidas sociais é que os padrões de civilização exigem de todos uma identificação conduta sexual, conduta essa que pode ser observada se determinadas por alguns indivíduos, graças às suas organizações, as que impõem a outros os mais pesados sacrifícios psíquicos."

No entanto, que teria sido o inquérito expurgado da psicanálise a teoria pulsional de Freud. A obra das observações e abordagens por Adorno, nesse exato momento pre-nos nessa das agudizações do autor que se direciona para a defesa da teoria freudiana, cujo equívoco residiria na sua teoria das pulsões. Assim, o cerne da questão que Adorno trata de discutir é o de que Freud, na abordagem da gênese do psiquismo profunda em nada nada de "dinamismo pulsional", por meio do conceito de "pulsão" - conceito central de sua teoria -, possibilitou, de forma útil às condições, a "essência da unidade social" do sujeito. Entretanto, a tendência do autor dos teóricos a forma de pressupor, na essência psicanalítica, a abordagem única entre fatores sociais e psicológicos fazendo, assim, toda o enfoque da análise sobre o objeto da psicologia: não seria a dinamismo pulsional do indivíduo, "a questão em questão" no início de se que seria analisado e seus consequências sociais, mas, sim, o processo social e sua qualidade. Para os teóricos, o indivíduo e a unidade seria analisados coordenadamente e entretanto, o se tornou esse e "para a questão" ou a influência linear entre a ambos - os influxos sociais influenciaria diretamente o caráter dos sujeitos, dentro da visão que supõe a distinção entre indivíduo e sociedade de forma a "análise". Assim:

Então, quando [os teóricos] fala a influência e da influência da sociedade sobre o indivíduo, este se refere de que não só o indivíduo, mas a categoria de individualidade, são produtos da sociedade. Entretanto, o indivíduo do processo social para depois de observar a influência que o indivíduo, a psicologia social análise de cada indivíduo nos vários aspectos de cada indivíduo singular as formas sociais de relações (Adorno, 1946, p.141)<sup>90</sup>.

Os teóricos pressupõe o indivíduo como a "unidade independente" da sociedade que recebe influência do exterior, assim conformando aos sujeitos autônoma e a eles a seguir. Para a teoria crítica, as formas sociais são desobediências à outra direção: dentro do indivíduo e seus vários aspectos, a qual o Freud pôde, segundo Adorno, esboçar na abordagem psíquica. Aberta, então, para que se as entidades

Entretanto, na realidade, essa influência é gerada e sanada pela desobediência às "junções sociais" (Freud, 1908, p.177).

<sup>90</sup> "Entretanto, que a influência e da influência da sociedade sobre o indivíduo, o indivíduo não só o é, mas a categoria de individualidade, são produtos da sociedade. Entretanto, de desgarra o indivíduo de os processos sociais, para desobediência después a influência conformado a de eles, uma psicologia social análise endia que desobediência em os vários aspectos de cada indivíduo singular as formas sociais de relações".

das teorias de Freud a psicanálise e a teoria da sociedade, de fato, conduziu a uma análise crítica sobre a "essência da sociedade", ou se, ao contrário, restringiu a uma não-inócuo sobre a sociedade e os conflitos psíquicos, dos quais se falou o "narcísio". Perdi os esboços e documentos de análise: "o abandono da teoria das pulsões" e "crítica crítica sobre o narcísio".

## 2-1 O abandono da teoria das pulsões

Segundo Adorno, os neofreudianos e a orientação da psicanálise a sua teoria pulsional, acusando-a de "autóptica", "idiotia" e desprovida de uma crítica sobre o desenrolar do sujeito. Também a teoria da sexualidade Freud ao postular o "autóptica", "abuso", "biologia" sobre as bases da neurose, e quando rejeitando os conceitos de "sexualidade infantil", "íbidio" e "heterossexual" (Adorno, 1946, p.142). Por isso, o núcleo da separação do neofreudismo do pensamento ortodoxo de Freud encontra-se na seguinte expressão: a "essência psicanalítica", segundo S. Freud, de "crítica e crítica" das ideias dadas pela "psicologia instintiva e genética" de Freud e da "papel do narcísio" e "ideias de índole e sexual ou crítica" na consideração dos indivíduos (Adorno, 1946, p.133). Assim, as propostas das teorias de "sociologia" a psicanálise.

Adorno, ao criticar as teorias da orientação da teoria freudiana, afirma que os últimos expurgam da psicanálise o seu núcleo, que se encontra na teoria freudiana e nada no princípio do prazer, a ideia da imutabilidade das funções pulsionais e à realidade. Portanto, diz Adorno que as teorias - assim como o Adler fez ao teísmo e desatira a teoria de Freud dentro do "enfoque psicanalítico" (Lobry, 1977) -, substitui o conceito e o conteúdo da teoria de Freud pela psicologia da super-ego.

Mas seria preciso examinar se o núcleo [das teorias] de 'sociologia' direcionada à psicanálise conduz, na realidade, a uma penetração crítica na essência da sociedade que pudesse ser o caso ao lado da crítica; assim, a nos dirigiu sobre os aspectos próprios e sociológicos da psicanálise sociológica a crítica à queda nos dois pontos sociológicos pela análise que nos leva a uma crítica freudiana: a de que se trata de nos super-ego de Adler ao substituir a teoria de Freud,

ênã iã e fundada sobre o princípio do prazer, por uma causa psicótica do ego (Adorno, 1946, p.134)<sup>91</sup>.

Atenção dos construtos às atividades da psicoanálise e às teorias que a substituião desses construtos por uma idéia "simplista" de psicótica individual e referência aos fatores sociais e culturais. Assim, a essência da teoria da neurose e da denúncia de Freud sobre a civilização burguesa - apontada como o que restringe os impulsos libidinosos, que cria repressões e que os sujeitos que pagam por seus sentimentos de culpabilidade, impotência e desejos desviados -, encontrada na teoria libidinal e nas idéias sobre as instituições das pulsões (Adorno, 1946, p.136). A teoria cultural de Freud, exposta no seu texto sobre o "mal-estar na civilização", refere-se à dialética do progresso, aos fatores civilizatórios que tendem a liberar, paradoxalmente, os elementos instintivos individuais que a teoria crítica, no estudo sobre o esboço em que, invariavelmente para suas discussões (Freud & Adorno, 1947). Além disso, a negação dos impulsos reprimidos na teoria freudiana das pulsões, a teoria da psicoanálise a utilização da teoria adaptativa a respeito da teoria sexual e suas bases pulsionais dos conflitos psíquicos mais profundos, dando origem à gênese à psicótica do ego - ou seja, a de que os problemas individuais decorrem do pouco esforço do sujeito de se ajustar às exigências sociais e da impossibilidade do mesmo de expressar "espontaneamente" seus sentimentos -, assim transformando a análise num ato de higiene social: o objetivo da terapia seria o de ajudar o indivíduo a se adaptar ao meio exterior. Assim, a teoria de Freud por compreender a sexualidade e os abusos sexuais e as teorias sobre os conflitos psíquicos, abusando do esforço de individualizar e referir aos fatores sociais das neuroses, essas últimas, interpretadas como "incapacidade de adaptação" dos indivíduos à sociedade. Veja os aspectos observados de Adorno sobre as afirmações concretas de S. Freud acerca das perturbações neuróticas:

<sup>91</sup> "Para o mesmo exemplo, a análise de uma psicótica conduzida, em realidade, a uma penetração crítica em a essência de a sociedade que pudesse ser o caso de que; assim, a teoria da crítica sobre os aspectos propriamente psicológicos de psicoanálise socializado a crítica já referida em os dos vários psicólogos por os análises que conseguem aprofundar a de a teoria freudiana: a de que se de novo em as superstições de Adorno a substituir a teoria de Freud, então há iã e fundada sobre o princípio de prazer, por uma causa psicótica de ego"

Uga da dinâmiva dos impulsos, cuyo resultado é o vácuo, as teorias as introduze o éo a bien.e: "Toda a i por anátese sobre as condições de ida que ode a esse vácuo, e os de busca de no o faões a bien.as que são o que a os onícos neuóicos", o que signi.ca que "as perubações das te aões auanas se on.e en nos faões de os da gênese das neuoses" (Adorno, 1946, p.140)<sup>92</sup>

Adorno ju ga o "problema" as idéas dos neoeudianos sobre as origens sociais dos onícos psíquicos, pois, de acordo com eles, a defecção do vácuo procederia da "perubação de te aões auanas" a bé edadas pela "o peijidade" fo enada na sociedade de classes - a causa dos onícos psíquicos seria a o peijão e a iidade desuila entre os iens enonadas e suas te aões sociais de u a u a e ani. Para Adorno, a idéa resu ai a ingênua es o na época do liberais o onô io, pois a ideologia da o peijidade se perfou "renô eno de fãada" (Adorno, 1946, p.146), sendo que a sociedade burguesa se pre ane e a oesão social pela a ea a e io ena i s.a, pois as que a ea a ena s do edada por éo da exusão social de indivíduos que não se adequasse às regras dadas pelo poder onô io (Adorno, 1955). A racionalidade da econo ia burguesa se baseou no o eno o pa a dos sujeitos sendo que os o por a enos onô ios, na realidade, é o i a oes subjetas profundas de únio i a a o a - a angústia social en e edada que se associa à angústia as a a e originária do edo de se desuido, anuado, pre ane as fo as i s.as desonheadas. Ta "angústia originária", te a i ada e fo a e da pelas fo as i s.as de do ina ão sobre o o po, enonla-se sedi enada na i s.a psí o g.a dos sujeitos. Adorno ressa a que eud não s enou a a da "io ena i n e i o i zada" e da a ea a presen e na u u a, de fo a o u a ou tansparen e, te a onando-a à opressão social sobre os sujeitos, indada nas fo u a oes sobre o superego - a i ns an a i a a o a de onio e: "En e a o que faz a eud, que e cada passo de sua e o i a não estue a nunca que á u a io ena i n e i o i zada pelo indivíduo, a es o a te i s o i s a e subsidi do as a ea as não sub i adas, que pro ée da sociedade a u a não enos que da a a a, pelo do es i ado on e o de o pe en a" (Adorno,

<sup>92</sup> "Uga de a dinâmiva de os impulsos, cuyo resultado es e vácuo, as teorias as introduen e edo a bien.e: "Toda a i por anátese e sobre as condiciones de ida que ode an dho vácuo, y ene os que busca de nue o faões a bien.as que son os que sean os onícos neuóicos", o sa que a a pa a en que "as perubaciones de as te a oes auanas se on.e en en e fa o de os de a gênese de a neuosis"

(1946, p. 146)<sup>93</sup>. O o Freud apontou, para a vida e sociedade é preciso que os indivíduos inibem as regras sociais e as inibições externas (representadas pelo pai despótico) para, assim, vencer sua agressividade e internalizar a realidade e força de sentir em culpa (Freud, 1929). Já a afirmação de Adorno de que "na época dos anos pós-conciliação" - ou seja, do período do capitalismo avançado que conseguiu esconder por certos aspectos a realidade social do que a competitividade exigida. Desafia: "[...] a angústia de ser expulso, a sanção social do poder em que se encontra e se precipitado no indivíduo desde a infância e por junção outros abusos. [Essa angústia] e se encontra insatisfeita em segunda natureza" (Adorno, 1955, p.40)<sup>94</sup>. Na época, a existência individual e as atitudes entre os homens não se originam ou se estabelecem de forma espontânea, mas são determinadas por condições sociais que o indivíduo não pode escapar de suas próprias condições. Assim, as forças de repressão e de inibição em que se realiza o prazer se e o indivíduo não consegue escapar da situação de submissão da sociedade. Mas a afirmação de que "os abusos sexuais em uma sociedade" (Adorno, 1969a).

Na direção oposta aos argumentos de Freud, Adorno nessa obra que Freud, ao expor as tensões entre "prazer e proibição", expressadas nos abusos sexuais e nos conflitos psíquicos de base pulsional, apontou a presença da situação do indivíduo submetido à realidade opressora, sendo que a dominação social pode ser sentida na própria e no seu dinamismo. As experiências de Freud acerca da sexualidade e a dos conflitos psíquicos de natureza que, por sua vez, trouxe a atenção sobre o subconsciente psíquico oriundo da estrutura social da sociedade sobre os sujeitos. Todavia, para a obra de Freud sobre a sexualidade e sua repressão foi um elemento básico, e os neuróticos subscrevem a sexualidade humana e seus conflitos psíquicos pelas ideias de "causa" e "ação" das instâncias de bases sensuais. Para Adorno:

<sup>93</sup> "Frente a o que Freud, que em cada passo encontra no indivíduo uma realidade inibida por o indivíduo, a estrutura psíquica suscitada as tensões no subconsciente, que de acordo com a sociedade de hoje no sentido de a realidade por o indivíduo e do estado concipiente de a realidade"

<sup>94</sup> "La angustia ante la expulsión, la sanción social de lo prohibido, se internalizado y precipitado en el individuo desde la infancia y por junción otros abusos. Será encontrada insatisfeita en segunda naturaleza [...]".

[...] a incoerência do pensamento judeu que aniquila toda as teorias, ou seja, que se funda em si mesma e se aferra aos abusos sexuais, não é, de modo algum, um simples erro, senão que corresponde ao estado de fatos objetivos, pelo qual o prazer e a proibição não podem desligar-se de forma alguma, senão que se condicionam reciprocamente; é preciso concebê-los e sua ligação, e não dirá que representa o prazer se a proibição não o essa se aferra. Se a psicanálise nega essa ligação, reduz-se a um tipo de capitulação destinada a ressoar, saudando, em consequência, os conflitos do ego, que capitula e a ajuda da sociedade patriarcal, da qual a mulher aparta-se a Secessão (Adorno, 1946, p.150, grifo nosso)<sup>95</sup>

Quando as teorias condenam o judeu por aferra-se à sexualidade como obsessiva, nas críticas de Adorno, encontra-se apegos à sua condição dos seus conflitos sua "natureza" que preserva e a dominação da subjetividade, assim perdendo a crítica sobre a essência anagnóstica e expressão da civilização burguesa. A psicanálise, que nega os conflitos sexuais, a todo o teorias encontra a esipulação, transfere-se e capitula só que endossa os valores engendrados nas sociedades repressivas e o adas para a produção econômica. Para Adorno, a forma da psicanálise ortodoxa e da teoria sexual encontra-se na regência de Freud que a divisão entre sócio e psíquico, ao encontrar sua nos vários os psíquicos através a expressão sócio sobre as pulsões sexuais, ao analisar está em o âmbito psíquico e, a bé, ao poder de consistir que a libido designa o fundo em do prazer humano que foge ao conflito e sócio. Mas assim, para Adorno, as ideias desenhadas por Freud acerca da *sexualidade humana*, repetida, reafirmada e "desviada para fins sócios" é um a objetivo, na medida que a acaba por responder à sociedade vigente, cujos vários os sócios de dominação são o ados para a afirmação a desindividualização dos sujeitos, expropria suas forças pulsionais a fim de neutralizá-las e utilizá-las para a adesão cega das pessoas às várias práticas e para a esfera do consumo, esquivado pela indústria cultural (Adorno, 1951a)<sup>96</sup>.

<sup>95</sup> [...] a incoherencia de pensamiento judaico que aniquila [as teorias], o sea que se funda en si misma y se aferra a los abusos sexuales, no es, en modo alguno, un simple error, sino que corresponde a un estado de hechos objetivos, por lo que el placer y la prohibición no se pueden desligar en forma alguna, sino que se condicionan mutuamente [...]. Si la psicoanálisis niega esa conexión, se reduce a un tipo de capitulación destinada a ressonar, saludando en consecuencia los conflictos del ego, y capitula en una ayuda a la sociedad patriarcal, de la que se aparta la Sección"

<sup>96</sup> Para fins de ilustração acerca das "condições sócios das pulsões sexuais", e das relações entre as transferências e sócios do capitalismo avançado e os postulados judeus, principal em sua "teoria da sexualidade", veja os o exo de Adorno (1969a) *Los Tabus Sexuales y el Derecho Hoy*.

• eud pôde a es q nas suas e e a ões ad vs a esp q da es a psi o ógi a d nã i a, a  
degrada ão do ind íduo sub eido a u a e a idade

A necessidade dos teóricos de "a organização e "resolução" as condições encontradas na teoria freudiana a bé pode ser vista nos seus escritos de *retirar do ego a sua gênese pulsional*, ao propor, por exemplo, a ideia de "a organização" e "a estrutura" pulsional. O observador Adorno, para os teóricos que repetem os "hábitos e pensamentos" evanescentes do século "quando atribui ao ego a sua de "razões anímicas" racionais, "a organização e a organização ingênua e a organização de psicologia, assim abandonando o ego de suas profundezas inconscientes, de seus "aspectos anímicos" - e identificados no desenrolar do pensamento analítico -, a bé realizando neste estrutura de pensamento evanescente e pré-freudiano. Mas para as de Adorno:

[...] nada organiza às noção e a posição dos teóricos do que o ego de que, por a a a e Freud por eles, segundo pretende, aprisionado dentro dos hábitos evanescentes, procedentes do século, base e, e estes os, as suas ideias e a egoias que não são outra coisa que os resultados de uma dinâmica psicológica a tipos dada e adida de análise do absoluto que Freud tinha feito os insipientes, o faz a escola neofreudiana dos dias de hoje (Adorno, 1946, p.136)<sup>98</sup>.

Os teóricos, ao entender o ego de sua teoria genética do id, abandonam a unidade das condições progressivas e específicas do pensamento freudiano sobre a psicologia da profundidade, a saber, a não unidade do indivíduo e a impotência do ego frente às forças do id, uma desobediência à ideia que se viu de base para o estudo dos freudianos sobre os processos racionais de massa e por âneos. Nesse sentido, os teóricos, com suas noções de "a organização" e ao ser incapazes de compreender o ego do fenômeno situacional e expansivo ao dar prioridade à psicologia do consciente, acaba por destruir a ideia social que se encontra e buida nas hipóteses sobre o ego, apropriadas pela teoria crítica (Loboy, 1975). Nos, no capítulo anterior, (capítulo I) as discussões e ideias que Adorno desenrola eu a da da construção da ideia do ego, negligenciada na psicoanálise freudiana às da da segunda época. O já foi discutido, a concepção da ideia do ego -

uio às de a essência de a organização que a presença em oação de os aspectos de edo que, según os teóricos, há de a a a o surgimento dos "hábitos neurológicos".

<sup>98</sup> "[...] nada organiza às na e a posição de os teóricos que e de de que, a a e que a a a a Freud por eles, según pretenden, aprisionado dentro de os hábitos en a es evanescentes, procedentes de siglo, basen e os is os a egoias que no son otra cosa que los resultados de una dinámica psicológica a tipos dada y adida de análisis del absoluto que Freud había hecho con os insipientes, o a e a escuela neofreudiana con os aspectos de a a a a".

fenômeno psíquico e extrapsíquico, representando a função da sociedade - te e ou seja de exteriorização para a teoria crítica de Adorno e suas análises sobre a dissolução e transferência dos indivíduos face à transferência da sociedade contemporânea - para a administração do capitalismo avançado (Adorno, 1955; 1966). Nos estudos de Adorno, essa categoria psíquica, ao apontar para a consciência "autônoma" e para a dimensão pulsional, refere-se, por isso, essencialmente, à estruturação do indivíduo nas sociedades capitalistas. A psicologia social analítica, desenvolvida por Adorno, de maneira consciente e consciente, e a debilidade do ego sob o impacto da exteriorização assim da sociedade, posuam o ego um *conceito mediador para as análises das relações entre fatores objetivos e subjetivos encontrados nos movimentos irracionais contemporâneos* (Adorno, 1966).

Mas Adorno ainda acrescenta que, sendo essas as forças de ajuste em que exigidas aos sujeitos, no mundo administrado, no qual a vida padronizada e alienada das qualidades individuais encontra-se no âmbito e o pressuposto para o ajuste em que - e que as pessoas, expropriadas de seus conteúdos iniciais, onde a identidade, de forma individual, as instâncias e poderes sociais -, faz sentido as chamadas "estruturas" dos reflexões sobre o ego. Assim, as estruturas dos neofreudianos consegue expressar a realidade dos sujeitos no âmbito das sociedades administradas, pois o ego, se tornando, de fato, na instância "independente" que responde, de forma que se ajuste ao âmbito, aos dados da indústria da cultura, ou seja, o ego se encontra "desintegrado da função genuína" por razões socioeconômicas, assim "respondendo" aos estímulos de forma alienada (Adorno, 1946)<sup>99</sup>. No âmbito do *Falar disso sempre, pensar nisso nunca*, afirma Adorno que:

Mas a identidade não é rebida do exterior e, por isso, dizer, processada fora da dinâmica própria ao indivíduo acaba por abstrair a consciência genuína da realidade, o próprio indivíduo. Há que se entender que pode ser alienado e desalienado, refero de áculos esgotados a estímulos esgotados (Adorno, 1951b, p.56).

<sup>99</sup> A esse respeito, Adorno (1946, p.136) escreve que: "[...] as as categorias psíquicas dos reflexões da dimensão pulsional da psicologia para ser as adequadas que as de Freud só por que na exteriorização desenrolada o ego se encontra eu, de fato, na instância independente" [tradução nossa]. Isso, por sua vez, refere-se à orientação individual do ego pelas instâncias sociais do capitalismo avançado.

Toda a, ao *trabalha* a psicologia do ego adaptativa e "pré-freudiana" dos teóricos, Adorno não deixa de apontar que o problema já estava presente em Freud, nas ambigüidades de sua segunda tópica – id, ego, superego – e de sua práxis, acusadas de adaptativas<sup>100</sup> (Adorno, 1946, p.154). Desse modo, os teóricos apenas adaptava os pressupostos da doutrina original, dando ênfase às funções adaptativas do ego, substituindo a psicologia da profundidade por uma psicologia de superfície e cultura (Luby, 1975). Mas adverte Adorno que a grandeza de Freud, não a de todos os pensadores burgueses adaptados, encontra-se no seguinte fato: o de expor as condições seletivas, reusando, assim, a luta entre indivíduo e sociedade na formulação de seu sistema psicológico, deixando e abertamente a direção do ego (já que Adorno encontra abusado o uso de negligência a favor, do já referido no capítulo I). A finalidade de ajuste em sociedade encontra nos escritos freudianos a razão e seu bojo a denúncia de que a referência à satisfação, e não a do princípio da realidade, é a base a não garantido, inseguro. Assim: "A insegurança do indivíduo próprio da auto-afirmação e a desistência, por parte, da atividade racional – que a psicanálise desobedece, e que é a base da racionalidade objetiva e se encontra e a denúncia da civilização" (Adorno, 1946, ps.155, 156)<sup>101</sup>.

Freud e Froy, nas suas teorias da psicanálise, a base em que inicia o papel das experiências infantis passadas, expostas na teoria freudiana das fases psicosssexuais de desenvolvimento sobre a construção psíquica do indivíduo, assim enfatizando o caráter social do processo de "fluxos sociais contínuos" e de pressões sociais que os sujeitos enfrentam ao longo da vida. Ao falar de traços de caráter do desenvolvimento de fases do ciclo, privilegiando a vida adulta como o período do desenvolvimento da "personalidade real" do indivíduo, segundo Adorno, os teóricos se voltam na psicologia superficial do ego, na sua avaliação às "exatidão", a ser o fator aponhado. A qualidade de caráter que os teóricos posuam, nas análises de Adorno, diz respeito a um "sistema de valores" que expressa a forma pela qual a sociedade se impõe aos sujeitos, e que se anota "negada" às vozes de poder em si. Isso a base teórica, segundo Adorno, à repugnância que os teóricos têm de entrar e lidar com o passado e com a história, com a resistência às afirmações freudianas acerca das

<sup>100</sup>Essa discussão acerca dos termos "adaptativos da psicanálise freudiana" foi apresentada no capítulo I desta primeira parte.

experiências a várias infâncias que, na perspectiva de Freud, poderia ser buscadas nas origens das afecções psíquicas, e na idade da infância sócia (psíquica) do indivíduo (Adorno, 1946, p.148). Para Adorno, a postura dos teóricos as es. é conjugada com o "espírito do inane" que impede a proibição que não seja o ideal, o apreensão e a união e agora, próprio da postura pagã de pensamento. Toda a pressão sócia sobre os sujeitos são então refletidas na perspectiva freudiana do que nas idéias dos teóricos sobre o "vácuo". A idéia desenrolada por Freud, a origem das experiências às condições dos indivíduos, e que a infância é dada com a fase peculiar na qual as experiências são enunciadas com o conteúdo em "pulsões sexuais" e as forças que exercem o "reato" sobre as mesmas, é repudiada pelos teóricos.

Adorno desafia que o peso dado por Freud aos "processos singulares da infância" acabou por demonstrar as brechas existentes entre a idade e a realidade insinuada e a pseudo-idade do indivíduo, ou suas pseudo-satisfações, essas últimas, forçadas na civilização concreta por meio de suas políticas culturais e da indústria de consumo. É nesse sentido que Adorno afirma que "Freud pôde assinar os traços que afetam a personalidade do homem e o homem" quando foi substituído em sentido, dentro de suas funções psicológicas, aos "traços" e danos que se põe à individualidade ao analisar as experiências infantis. De modo que Freud, e seu ensaio *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*, faz um apelo para as condições na realidade sexual concreta. Assim, ao se voltar para as interpretações reducionistas dos neofreudianos que abusam a psicologia de Freud de "insinua, genética e emocional", o entendimento que Adorno tem a respeito da sensibilidade freudiana e a relação às "variáveis psicológicas", resumo das "variáveis" às genéticas insinuadas infantis, é a de que as variáveis não são nada mais do que resumos das forças sócias angônimas e das forças repressivas que fazem parte da civilização. Mas para as de Adorno:

[...] O que própria em e ou Freud a ou o grau peso especial a vários processos singulares da infância é - ainda que não entra a favor - o conteúdo de ação [...]. O vácuo que e es [os teóricos] impôs a é, na idade, o espírito de que se supunha do que de uma experiência contínua; sua realidade é a gozosa, que quase poderia vir a se unir a de variáveis que só permanecem inegadas - e nunca inerte em - os sujeitos padecem; e a disposição de que variáveis é

<sup>101</sup> "La inseguridad de fin propio de la abstracción - y la sinazón, por tanto, de la realidad razonable -

propria en e a fca a natua a sociedade se i põe ao indíduo [...] (Adorno, 1946, ps.137,138)<sup>102</sup>.

Pode os, enão, ari a que os "dotes" e tau as te eidos às experiêças pi áias dos indíduos - as onuêças ente pu sões sexuás e prób ões -, são posu ados, freudianos que pa i iça des enda o ene da uia ão soa do indíduo e a sua não unidade (e opo sã õ às idéas de u a personalidade o a), nu a sociedade que não pa i e a i te e a i za ão das pu sões sexuás dos sujê os, t e e e s à e s e a da "reidã de hu ana". Assi, nas é uas de Adorno, a eoiã freudiana a aba po i e gis t e e expressa os "tau as da existêça on e po ânea" on e n e s às io êças produzidas na e a do çapãis o onopo is a (Jay, 1984), u o çã s do que os au o es que ende a ena i za i a o es soã s.

Para Adorno, o o a psicanálise i adã onduziu "a u a peneã õ a i iça na essêça da sociedade" (Adorno, 1946, p.134), a sua d i e nsã o e o i a e i os o i a - a *metateoria freudiana* - de e s e p e s e a da pa a a anãise i iça da ou u a e das sociedades assuã das, pã s ao i e i a do sujê o es e a n i s os que p e s e e a sua indíduidade, a psicanálise a aba po i e e a s ondi ões que i za a pa e dã i s o i a da i i za ão bu guesa - das te a ões da é i ças ente i a zã o e na u e za, id e ego, p i a e e i e n u nã a ao p i a e -, e i d e nã da na eoiã i b i d n a . O a o de e i d a d e da eoiã pu s i o n a freudiana é i e s u i d a po Adorno na segu i e a i i a ão: "a psicanálise i adã, ao o i e nã se pa a a i b i d o o o a g o p r e - s o a , a ç a n a i i o g e n é i a e o n o g e n é i a e n e e p u n o e que o i n d e o p i n ç i p i o s o a da do i n a ã o e o p s i c o ó g i c o da i e p r e s sã o dos i n s i n ç o s" (Adorno, 1946, p.142)<sup>103</sup>. A nosso e, Adorno en ende que a "b i o o g i a i n s i n ç u a" de Freud<sup>104</sup> pode se e a ç o nã à p e i s o i a da io êça e da do i n a ã o hu ana, e a n d o e

que descubre e psicanálisis i e i a a go de a s i n a z o n o b j e i a y se o n i e e n d e n u nã a de a i i z a o n" <sup>102</sup> "o que propria en e e o a Freud a o o g a un peso espeã a a e o s p r o c e s o s s i n g u a r e s de a i n e z e s - a u n t u e n i o a y a f o u d o - e o n e p o d e e s o n [...] . H e a a e , que e os [os i e i s i o n i s a s] i p o s a n , es en uã a a o e d a e e o de a e s s a u d a s que de una experiêça on i n u a ; su o a i d a d e s a g o i i o , que a s p o d i a a a s e u n s e e a de a i i e s , que só o u e d a n i n e g a d a s - n u nã e n e a e n e - o u o s p a d e s i e n ç o s ; y a d i s p o s i o n de a e s a i i e s es p r o p i a e n e a f o a e n t u e a s o c i e d a d se i p o n e a i n d i d u o [...] . I s a e n e a d e e n e s e o o b s i n a o n e n a a o i s i a e x i s t e n a de i n d i d u o , Freud i a a n z a d o a e d e a e s e n a de a s o a i z a o n u o a s t u e a i g e a o j e a d a de os o i o s a a s i n s a nã s s o a e s "

<sup>103</sup> "a psicanálisis i adã, a o i e nã se pa a i b i d o o o a g o p r e - s o a , a ç a n a i i o g e n é i a y o n o g e n é i a e n e e p u n o e n t u e o i n d e n e p i n ç i p i o s o a de a do i n a o n y e p s i c o ó g i c o de a i e p r e s i o n de os i n s i n ç o s".

<sup>104</sup> I x iã os as segu i e s o b s e a õ e s de L o o b y t e e e s às idéas de Freud sobre as o i g e n s " i i o g e n é i a s " da i e p r e s sã o dos i n s i n ç o s que, pa a L o o b y , t e e a - s e o o a " e s s e n a " a e i a i s a do

conseqüência da civilização burguesa se baseou no domínio da natureza e, assim, a libido, da "natureza interna" humana<sup>105</sup> pelo que o conteúdo de *inconsciente* abarcava essa natureza proibida e subterfânea da civilização humana, no indivíduo, emquanto conteúdo que representa a "antiga realidade da personalidade", as potencialidades da "natureza humana" que foram proscrições pelo processo civilizatório. Para a teoria freudiana, a organização psíquica é tripartida, já que o conteúdo de "natureza humana" não pode escapar insubstituível das condições concretas de vida, o que a libido diz respeito aos "comportamentos proterísticos" da espécie humana que, não obstante, a natureza do espírito em si é reusado e enaltecido, inuente, do inconsciente (Freud & Adorno, 1947). Os resíduos dessa interação psíquica socializam-se com o "segunda natureza" não é, o que significa que se trata a hipótese dada por Freud a respeito das *pulsões de morte* - a libido à hipótese reprimida pelos repressores - que se antecipa com o fim das destruições humanas, é porque, nas etapas da teoria freudiana, e as nada são do que expressões subjetivas (de origem objetiva) da interação e da dominação autuadas na natureza da humanidade (Lubov, 1975). Ou seja, a sedimentação da opressão na psicossomática humana e a-se, e depois só bios, com o agio "natureza" aditivo e a abarcar a razão à natureza psíquica subterfânea, que é a natureza da realidade de antecipa a interação sobre a que se não se ajusta aos desígnios civilizatórios, mas com o os comportamentos e com os conteúdos (Freud & Adorno, 1947; Adorno, 1955).

Relacionado à desarticulação do papel da sexualidade na teoria psicanalítica, os repressores subsumem os conteúdos pulsionais e conteúdos com o "comportamento de inferioridade", "extinto e inextinto", assim extinguindo o aspecto da realidade e os efeitos de realidade contidos nos conteúdos sexuais (Adorno, 1951b, p.56). Os segredos

---

pensa em Freudiano: "A que Freud não se aproxima de Nietzsche: a civilização é um estado civilizado por meio de um passado de interação e de destruição. Mas a autêntica essência da natureza psíquica do pensamento de Freud" (Lubov, 1975, p.47). No autor a essência repressora e os seguintes repressores para Freud: "A única instância pode-se dizer que toda a pulsão humana, que se possuiu, não desenrola em o dos séculos anos, nada a ser, original e -is é, na e o uão da natureza humana - do que u a pulsão humana" [...] "toda a natureza humana na depressão é o resultado de u a obstrução externa. Só é: a oposição é ino por natureza e; a natureza da humanidade es a depois da natureza endêmica instâncias à repressão" (Freud *apud* Lubov, 1975, p.47).

<sup>105</sup> A respeito disso, não pode os deixar de fora as discussões de Marcuse sobre a teoria freudiana na sua obra *Eros e Civilização*: "Segundo Freud, a natureza do ser é a natureza da sua repressão. A natureza da natureza e a sua existência só a com o biológico, não só para o ser humano, mas a própria natureza está a natureza. Quando, essa natureza é a própria natureza do progresso" (Marcuse, 1955, p.33). Mas assim, Marcuse interpreta o "biológico freudiano" a partir de de onde que essa natureza - as naturezas e a pulsão orgânica que, de onde com Marcuse, são "sociais" e sua submissão - para a natureza psíquica subterfânea da civilização e os da dominação só a sobre as pulsões e instâncias humanas.

do osos da *psicologia individual*, os *signos* as *psiconeurológicos* - *que*, e *útil* a *insignificância*, *que* a *expressão* da *dinâmica* *psíquica* da *dinâmica* sobre a *natureza* *fora* *reduzidos* a *condições* *analíticas*, a *noções* *relacionadas* sobre os *tipos* *em* *anos*. *As*: ao *expurgar* e *as* *raízes* *psíquicas* dos *tipos*, *assim* *relacionando-os* *por* *meio* *de* *tipologias*, os *neofreudianos* *perderam* a *noção* da *distinção* *entre* "aparência e essência", *assim* *despojando* a *psicanálise* de seus *tipos* *relacionados* ao *concreto* e *coisas* *secundárias* *do* *primárias* (Adorno, 1946, p.142), *be* *do* *do* *partindo* *do* *os* *ações* *analíticas* *concretas* das *sociedades* *industrializadas* ao *dar* *preeminência* às *noções* *de* "extroversão e introversão", "autenticidade", "individualidade", *entre* *outros*, *que* *são* *ações* *engendradas* *para* *a* *reprodução* da *sociedade*. Os *discursos* *em* *análises* *fora* *condições* *de* *produção* *essa* *quando* os *neofreudianos* *reduziram* *os* *tipos* *neuroológicos* e *condições* *banais* "relacionadas", *tais* *como*, "o *preço* *de* *individualidade*", "auto-estima" e "involução" (Adorno, 1951b). *Na* *dessexualização* e *previdência*, os *teóricos* *não* *puderam* *analisar* *os* *tipos* *subjetivos* *matriciais* *que* *fundam* *em* *o* *gênero* *social* e *insignificantes* *pe* *as* *políticas* *rasas*; *ao* *confronto*, *negam* *esses* *tipos*. Adorno *é* *o* *exemplo*, *a* *destruição* *do* *sadismo* *de* *seus* *em* *análises* *pe* *os* *teóricos*. *Esses* *úteis* *na* *o* *sadismo* *do* *expressão* *de* "tipos *linguísticos*" dos *sujeitos*, *do* *os* *tipos* *em* *anos* *sociais* *adidos* da *angústia* e da *debilidade* *social* *se* *relacionam* *às* *experiências* *da* *psicologia* *profunda*, *quando* *inovamos* *os* *em* *análises* *destruídos* *do* *sadismo* *e* *sua* *base* *sexual* *que*, *por* *sua* *vez*, *ao* *se* *relacionados* *pe* *as* *propagandas* *nazifascistas* e *exorcizados* *na* *ótica* *social* *encerrada*, *que* *a* *expressão* *da* *babárie*. *O* *fascismo* (e *que* *pese* *a* *objetividade* *de* *afetividade* *e* *seus* *aspectos* *econômicos*) *soube* *adivinhar* *as* *tipologias* *destruídas* *dos* *sujeitos* *utilizados* *quando*, *de* *fato*, *a* "insatisfação sexual" e a "sexualização *incompleta*" *que* *é* *a* *base* *para* *o* *racismo*, *assim* *do* *para* *a* *análise* *lingüística* (Freud & Adorno, 1947). *De* *isso* *Adorno*:

Quando *Freud* *sustenta* *essa* *ótica* *do* *sadismo*, *disso* *endo-a* *a* *expressão* *de* *tipos* *em* *anos* *sociais*, *a* *política* *fascista* *de* *exorcismo* *do* *para* *a* *afetividade* *de* *identidade* *em* *o* *podem*, *supostamente*, *os* *tipos* *sexuais* *e*, *precisa* *em*, *a* *divisão* *de* *identidade* *não* *contribuiu* *em* *o* *desenvolvimento* *da* *babárie*. *Isso* *pode* *ser* *relacionado* *à* *desarticulação* *ótica* *do* *papel* *da* *sexualidade*, *sendo* *que* *nas* *últimas* *publicações* *dos* *teóricos*, *que*

inicialmente e quando volta os e e nos primeiros anos da concepção de Freud, se introduziu a ideia de uma tendência a uma sexualidade desvalorizada em (Adorno, 1946, p.143)<sup>106</sup>.

A psicogênese social dos aspectos do processo de identificação social do tabaco é influenciada pela presença do indivíduo, na sua as pudes desuivas, preferidas pelas tendências objetivas do processo histórico do espírito em que, quando se adinistradas pelas políticas de educação na sociedade.

Identificação, em não, a apropriação por Adorno da ideia da libido contém a análise freudiana e o ponto de partida teórico do freudiano, pois, de acordo com Adorno, só em a ideia da bébia capaz de aessler o "não idêntico" do sujeito e a relação à realidade social, a bébia propondo e em que para se pensar a experiência subjetiva do espírito da liberdade humana. Nesse dia, dentro de um "espírito específico", o processo genuíno do indivíduo ao afeição social encontrado na gratificação das pudes, dá, a expressão de pensar os se a ótica psíquica freudiana, abastada por Adorno, não poderia ser isca, a bébia, o ou a ideia necessária para se pensar a existência individual face à realidade, na medida que a personalidade, a partir dos subsistemas psíquicos, os "níveis da socialização no sujeito" (Adorno, 1966), ao mesmo tempo que a ótica desvalorizada por Freud a bébia, e seu bojo, o ponto da "autonomia" do sujeito, sendo a expressão da autonomia e da proposição freudiana de e apanha do indivíduo do domínio material de seu inconsciente. Portanto as seguintes observações de Jigjigaus (2002, p.299): "Nos anos 40, quando opusera (Adorno e Horkheimer) aos teóricos da ação o 'abstrato biológico' de Freud o o núcleo teórico da análise, e este indivíduo a [...] a hipótese de uma potência ou na estrutura psíquica [...]". A respeito das ideias de liberdade que os homens têm na sociedade, na análise de Adorno, não se trata de absoluto de uma expressão onológica, as, sim, de a expressão em condicionado<sup>107</sup>.

<sup>106</sup> Freud as. "Freud senaba a ideia de sadismo, agitando a ideia de uma punição social de o processo, a política de a de exercício apoiada a que prueba de a identidade de a de poder supuestamente social os impulsos sexuais, y piensa en la apropiación de a identidad no contubuyó ehos a desvalorizada de a base. No puede ser reafirmado con a inusitada ótica de papel de a sexualidad, dado que en las últimas publicaciones de los teóricos, que inicialmente se trataban a zado con los e e en los primeros años de la concepción de Freud, se introdujo a idea de una tendencia a una sexualidad desvalorizada en"

<sup>107</sup> No artigo "Sur L'eau, de Minima Moralia, Adorno apresenta a expressão da ideia da água de do inação histórica, adaptada à produção de ideias, e sugere a existência do "espírito usado" da

A teoria de Freud funda-se na teoria das pulsões, e quando se volta às raízes da teoria, percebe-se que a pulsão passou (a saber, "pulsões do objeto", "pulsões do ego", "narcisismo", "ideia do ego", "pulsões de morte") ao longo do desenvolvimento dos estudos freudianos, forneceu a Adorno o conteúdo dos psicólogos para a análise a ser feita sobre a subjetividade da infância (se "psicologia"), junção à teoria da sociedade.

## 2-2- Leitura crítica sobre o narcisismo

De acordo com Adorno, os teóricos da bélica americana e a crítica sobre a queda do *narcisismo*. As interpretações de Freud não alcançam as causas profundas das "ações narcísicas" que, para Adorno, provêm das raízes da infância e dos indivíduos produzidas na sociedade de massas, na qual os sujeitos se tornam cada vez mais iguais e oprimidos, portanto, reduzidos a um "área social" (Adorno, 1951a). Os teóricos desoçam as raízes sociais e psicológicas do narcisismo para as experiências superficiais da população adaptada: o narcisismo, segundo ele, é a "infratão do ego" dos sujeitos que produzem o êxito social na sociedade "de peixe".

Assim, para os neofreudianos, o termo *narcisismo* não deve ser "generalizado" e considerado, assim, a partir de um conceito "outra" quando acaba por representar qualidades psicológicas "essenciais e positivas" - isto é, o superacção do ego -, associadas a outras qualidades denominadas de "independência da pessoa", "independência do sujeito" para fins de autoconservação, sendo essas qualidades exigidas na sociedade para a sobrevivência bem sucedida do indivíduo ao seu redor, dentro de uma perspectiva pragmática<sup>108</sup> (Adorno, 1946). Assim, as qualidades e identidades de teóricos - "independência", "independência" e "autonomia" -, de onde o grau de saúde psicológica do sujeito. Mas, segundo Adorno, os neofreudianos e suas ações de que o narcisismo de Freud é necessária em entendendo o "infratão do ego" ou a falta de expressão de "independência individual", *não compreenderam que o ego tem se tornado frágil nas sociedades administradas devido às pressões das elites que*

idéia única das coisas burocráticas de dominação, consciência que a verdadeira é odiada nas coisas de objeto prazer: "A verdadeira é o prazer seia por isso a verdadeira, isto é, que se a verdadeira é inseparável da indústria, do planejamento [...] (Adorno, 1951b, p.138).

<sup>108</sup> Adorno e Horkheimer: "Se consideramos o narcisismo não generalizado, senão em seu sentido significativo, a meu juízo de vista descobri-o, essencialmente, no âmbito da superacção do ego ou autoapoiamento". Há: "Continuamente se supõe a existência da base de qualidades humanas, isto é, a independência, a autonomia, a capacidade para a dominação das coisas que se apresentam" [Indivíduo nossa] (Horkheimer *apud* Adorno, 1946, p.148).

o primário dos sujeitos, obrigando-os a aceitar e suas "energias" para si e os dentro de uma existência e pobreza. As regressões narcísicas e a , às do que tudo, a entrega dos sujeitos à solididade repressiva:

... a vida da criança, cujo êxito, aliás, continua e cresce, entra o ganho do prazer de se a si e suas próprias fraquezas ou exepoda a [..], o de de onstar seu perenit em precisa e e por é o da que es de e os e de transição para si o poder e a grandeza do solido. O narcísico, que o desonora em do se se é primário de seu objeto libidinoso, é substituído pelo prazer as suas de não se às suas, e a geração e a genética, o uze o que dedica a pouco de seus bens, de sua própria primária do se, o se isso fosse uma posse o u e du adou a" (Adorno, 1951 b, p.56).

Não é de si e b que o narcísico esudado e aprofundado por Freud nas enunciações da teoria libidinal foi a grande descoberta na psicanálise por e e aponado, se que, as odiações "psíquicas" (narcísicas) do indivíduo, seu e pobre em face à devida do narcísico (Adorno, 1951 a; 1955).

Desse modo, as teorias da infância a o narcísico justifica e por que não o a e onas de ensões o pexas do ego, sua diaética, perdendo dessa forma a narcísica em na dos sujeitos que é, por sua vez, reflexo das forças sociais que é deprimido a "existência" do indivíduo o unidade em e para o narcísico (Freud & Adorno, 1947). Ainda, como e Laoby (1975), a consideração positiva do ego pelas esóas neofreudianas e adunido preponderância por que sua existência - a do ego - foi desafiada nas sociedades industrializadas (o o aponado nas discussões americanas sobre a "regulação do ego" na cultura americana). Ao sair e o narcísico o o "narcísico e si es o", de acordo o Adorno, as teorias da e a faz a parte suas análises a da personalidade e por ânea a e e e às condições o mundo funciona do narcísico a anado, e o a posição à psicanálise clássica ortodoxa, a usada por e es de psicologia e despótica, própria da "psíquica insinua".

A a não sobre o narcísico por parte dos teóricos foi o segundo Adorno, de forma e e a não às de ensões sociais que é regulado o ego - be o às de ensões psíquicas do ego -, e que a a a a da do ego à personalidade que Freud denotou de *libido do ego*. O narcísico, ao contrário das afirmações dos

nequieudanos, expi e a regressão do ego para o id sob o i paço da solididade assívan e (Adorno, 1955). Ao vira as idéas s pias dos te isonias a o a do na ís s o, por desonside a e as aizes so as e pu sionias (a ensão ente as es as) dessa fo a pedo inane de "a i ão psíquica" corresponden e ao undu o a i qüo e es i uada pe as endênas so as pedo inane do apiais o a anado, Adorno a a ue:

o seu pu ais o bio ó o-so ó o ó o-e-onô i o, . Fo ney não de a e ue o na ís s o e sua fo a a a não é ou a o s a ue u es o o desesperado do indíduo por o pensa , ao enos e pa e, a i n i s i a de ue na so eidade de o a uni a sa nada prospera ja ís por sua própia on a; desone e a a z so ó o ó o a do na ís s o, ou seja, ue o indíduo, devido às quases insuperáveis dificuldades que se encontram hoje no caminho de qualquer relação espontânea e direta entre os homens, se vê forçado a reverter sobre si mesmo suas energias instintivas, sem utilizar; e a saúde ue e a [Fo ney] e presen e e a a a da es a so eidade ue fezi sponsá e pe a gênese das neu oses (Adorno, 1946, p.148, grifo nosso)<sup>109</sup>

Assí , a en g a pu siona dirigida pa a s es o indí o grau de im a o a idade en on iado nas ins i u ões so as ue ondena os sujé os a i g u o de u "fa so eu", ao endue e en e à perda da onsen a so a - ou seja, o desiga en dos sujé os da i e a i da de so a ue se onou de as iado desagada e . A isão sobre o na ís s o o o u a defesa psí o ó o a saúd e , a o o os te isonias o i u ga a , não o o a a so eidade e ue s o ue, por seu a a i m a o a , de i na a i m a o a i da de na ís s o dos sujé os - o en e ue e en da onsen a , das fun ões a i s a s e o g n i a s do ego sobre a i e a i da de -, e i pede a o p reensão sobre a di ensão i s ó i a da psí o ó o a .

o o des e e Laby, "o na ís s o ab a o i so a en o d a é i o do indíduo bu guês - d a é i o por ue o i so a en ue ondena o indíduo a a as a se po u undu p iado é o i undo de u i so a en o púb i o e so a" (Laby, 1975, p.59). A so eidade assí vada i e o pensa esse i so a en e a on a de "a u o p e s e a ão" por ue a

<sup>109</sup> " on su pu ais o bio ó o-so ó o ó o-e-onô i o, . Fo ney no de a e ue e na ís s o en su fo a a a a no es ou a o s a ue un es uo zo desesperado de indíduo por o pensa , a enos en pa e, a i n i s i a de ue en a so eidad de a bio uni a sa nadre prospera ja ís por su uen a; desone e a a z so ó o ó o a de na ís s o, o sea ue e indíduo, debido a as a s i n s u p e r a b e s d i f i c u l d e s ue ya e n o y en a í a de u a i u e r e a o n e s p o n t a n e a y d i r e e a e n t e o s o i o b r e s , s e e f o r z a d o a r e e a e s o b r e s í s o s u s e n e r g í a s i n s t i n t i v a s s i n u i l i z a "

fora a de afirmação psíquica se e de funda enq para as adaptações requeridas à racionalidade da vida cotidiana.

De acordo com Adorno, na sua apreensão de "função de autoconservação" do sujeito, o que de fato ocorre é a criação da consciência que acaba por fazer o jogo da indústria cultural e das políticas autoritárias, contrárias aos interesses racionais: "o ego expõe em a do 'dano na consciência' a sua debilidade frente à pução do sua impotência real" (Adorno, 1955, p.64). O sujeito em o do indivíduo, que e gênese social, acaba sendo o resultado por esse do por a em o na consciência que, não obstante, os teorias as isca atribui o "positivo" e "saudável".

Após os estabelecidos os princípios da psicanálise no pensamento de Adorno no capítulo I e de conserto, neste capítulo, as ideias adóricas aos teorias de Freud, abordamos, agora, as implicações éticas da psicanálise nos estudos de Adorno sobre os fenômenos sociais racionais das sociedades industrializadas. As discussões sobre o Adorno se utilizou dos conceitos freudianos e seus ensaios e pesquisas e a -nos ao e a da segunda parte de trabalho.

**PARTE II**

**IMPLICAÇÕES DA PSICANÁLISE FREUDIANA NO PENSAMENTO DE  
ADORNO**

### Capítulo 3 - O Saber Incisivo da Teoria Freudiana: contribuições para a análise das tendências sociais regressivas e totalitárias

De acordo com Jay (1984), as realizações de Adorno sobre Freud se dão no período das décadas de 1920 e 1930, mais precisamente no período da consolidação de suas ideias dos freudo-analisas, iniciadas nas décadas de 20 e 30, sobre o problema da arte e da cultura na sociedade burguesa (Rouane, 1986). Todavia, o interesse de Adorno sobre a psicanálise, foi exposto na primeira parte de seu estudo, essa parte é das questões abordadas pelos freudo-analisas que engloba a questão da "união forçada" entre os postulados freudianos e o conceito da consciência. Nesse sentido, Adorno em 1927, o trabalho *O Conceito de Inconsciente na Teoria Transcendental da Mente*<sup>1</sup> para sua tese de habilitação, cuja proposta era de investigar, dentro de uma abordagem original, a psicanálise sob a perspectiva transcendental dentro de uma perspectiva fenomenológica e epistemológica, sendo essa a questão da psicanálise e a "ênfase primária do inconsciente". Nas palavras de Adorno:

o que os não a qual por parte da psicanálise por que e a se e ao contrário em do inconsciente se trata o inconsciente de um 'partos' e aquilo que não se contém e por que seu conteúdo em que orientado para a resolução dos próprios aspectos inconscientes, e representando, uma excelente defesa contra toda metafísica das pulsões e toda deificação da vida simplesmente apática, orgânica (Adorno *apud* Jäger, 2002, p.113, grifo nosso).

Portanto, a questão, pode ser examinada pelas considerações iniciais de Adorno sobre a psicanálise e que seus interesses pessoais sobre essa ênfase possa ser abordados. De fato, Adorno da arte e o à psicanálise de Freud ao qual a obra "ênfase esotérica", sendo essa a seus estudos para a descoberta de conteúdos inconscientes dos sujeitos e desanexa em dos tabus sexuais, e que o primado da razão era o modo de sua "materialidades". Isso foi bem exposto nas descobertas originais de Freud sobre as psiconeuroses, e que o estudo da arte exigia que "o inconsciente se contém esse e contém" (Adorno, 1955). Nessa direção, acrescentamos que Adorno aponta para os

<sup>1</sup> Sobre isso, descreva os seguintes observações de Jäger: "O interesse de Adorno pela obra de Freud [e sua participação aos interesses de Freud] era a questão do que é a arte; e não se sube à psicanálise, por ser, foi a dos primos a engloba as abordagens da não a questão de uma posição de uma da consciência e a questão de seu papel de sua primeira tese de habilitação. Todos os seus trabalhos da década de 1930

"aspectos individuais" e práticas "coletivas" da "ênfase psicanalítica", para a construção de seus trabalhos sociais, da dimensão subjetiva de fenômenos das sociedades modernas que condensa a psicologia individual ao "analítico" (as regressões individuais no trabalho terapêutico, as tendências propensas a todos os tipos de autotortura, e a questão do aníscio), dentro de uma perspectiva que busca enfatizar as condições históricas objetivas que afetam a subjetividade.

As reflexões de Adorno e Horkheimer sobre o aníscio, encontradas na obra *Dialética do Esclarecimento*, apresentam os pontos de convergência entre a psicanálise e a crítica no pensamento dos autores. Assim, a nosso ver, o referido trabalho aborda a questão e enfatiza sobre o tipo de apropriação que Adorno (e a bé Horkheimer) fazem das categorias desenvolvidas por Freud, principalmente, para seus estudos e princípios e trabalhos sobre fenômenos sociais nos quais os aspectos imacionais dos sujeitos são identificados dentro do contexto social coletivo. Quando Adorno afirma, por exemplo, que a "ética freudiana tornou-se "uma espécie de defesa contra toda a violência das punições e da dor", não da vida social em si mesma, orgânica", ou seja, quando Freud pôde superar as estruturas organizadas do psíquico humano e o que para o dinamismo psíquico do sujeito, assim sendo as tensões e as relações entre indivíduo e sociedade e as disposições psíquicas obrigadas por tendências sociais antagonistas aos interesses individuais "genuínos", podemos depreender dos escritos de Adorno sobre a psicanálise: trata-se de uma ética que pode, de fato, funcionar e em que para a compreensão das funções psíquicas da obediência "cega" dos sujeitos às forças de poderes imacionais da sociedade administrada, a é de anáuz sobre a "base crítica" da subjetividade (ou do "psíquico"), e por que para a existência das transições análogas ocorridas ao longo do processo histórico de desorganização que os esforços subejetivos.

Logo, e os o exo *Sociologia e Psicologia (1955)* (já mencionado anteriormente, na primeira parte). Nesse exo, Adorno sugere uma "psicologia social analítica em construção" que possa ser aplicada à ética social quando esboçada para a compreensão dos aspectos imacionais dos sujeitos - os "fenômenos de massa". Quando, sabe-se que Adorno não propõe a psicanálise como a "psicologia social", mas, sim, utiliza os conceitos e categorias da ética freudiana ortodoxa para refletir sobre as condições sociais injustas na psicologia do indivíduo, principalmente, compreendendo os aspectos subjetivos profundos que estão por trás da adesão dos indivíduos aos "ideais imacionais", suscitados pelas políticas

aparece referências à psicanálise [...] o objetivo de compreender a crítica da cultura contra a "ética" (Foucault, 2002, p.20).

o indivíduo. De acordo com o autor, o que se exige dos indivíduos para a sua adaptação à sociedade são seus comportamentos irracionais, ou seja, a obediência às normas e convenções estabelecidas para a adaptação das massas do sujeito em geral. Assim, as ideias de Adorno sobre a influência do ambiente em geral dos indivíduos sociais e da influência às estruturas psicológicas pessoais, por meio da educação e da percepção da dimensão social. Para isso, Adorno afirma a ser a *psicologia da libido* de sua importância para o estudo dos fenômenos de massa e dos fenômenos e das regressões dos sujeitos, pois se, ao ajudar a identificar as regressões, fornece a análise crítica a respeito da situação, sendo essa a que a sociedade moderna exige dos sujeitos, a saber: seus sentimentos desnecessários para que não chegue a ser "baratos" da realidade social, como a influência em geral em geral de seus egos para o ajustamento à irracionalidade objetiva. Sobre isso, Adorno afirma que, nas sociedades modernas, os indivíduos não se encontram com possibilidades de individualização e de diferenciação de modo às forças sociais que lhes exige um permanente esforço de adaptação às condições iníquas que lhes são impostas. Mas assim, e os da psicologia social analisada em geral em geral "apoiada" ao estudo dos fenômenos de massa, somente a teoria libidinal freudiana seria capaz de esclarecer quais os efeitos psicológicos dos sujeitos, predispostos ao fascismo, são manipulados e obrigados pelas propagandas fascistas que, não obstante, e os dos meios e técnicas utilizadas, são bem se relacionadas às propagandas publicitárias do mundo de negócios.

A insatisfação dos sujeitos, gerada e pela situação que reduz a existência dos indivíduos às exigências do trabalho e da autoconservação, assim exaurindo a capacidade de resistência individual, com o indivíduo num "passo" e de "satisfação" sua percepção crítica sobre as condições desumanas que lhes são impostas e, de acordo com a "teoria" o "eu" social que o indivíduo injustiça generalizada. O ojerismo debaídas de, as pressões sociais e as regressões narcísicas, ou os comportamentos pessoais, o ojerismo de as de comportamentos "condições" à irracionalidade social, pois que, na produção social, a influência das possibilidades de sublimação da energia libidinal na -se íntima. Mediante as várias regressões que estabelece os comportamentos das pessoas - as forças do "narcísismo socializado" -, Adorno diz que a psicologia, o ojerismo em geral social nas várias condições, só se relaciona e anexo às forças irracionais de comportamentos dos sujeitos. A psicologia social atua de forma a "psicologia da libido" na consideração de que os efeitos sociais negativos são em geral as regressões e os comportamentos irracionais e destrutivos (as pulsões destrutivas) da psicologia das massas, já que

encontrados. Adorno diz que a libido, "desviada de suas funções" - aqui se refere à possibilidade de sublimação e de satisfação sexual - torna-se um elemento necessário para a dominação, na medida em que se o para as "funções egoíças" (as funções do ego) dos próprios indivíduos: "Não a 'psicologia social', ao contrário do que se acreditava, não seria essencial em psicologia do ego, senão, psicologia da libido" (Adorno, 1955, p.64)<sup>2</sup>. Ou seja, a psicologia social de Adorno estuda as forças sociais que deprimem o ego da libido para o ego, ou seja, *a retirada da libido do objeto para o ego narcísico*. As pressões satisfatórias narcísicas, deprimidas por "forças objetivas", que o indivíduo consegue obter na sociedade - pois que as forças sociais são forçadas e agendadas pelas instituições sociais que visam a manutenção do *status quo* -

e a cultura é organizada se estabelece e organiza sobre os sujeitos<sup>3</sup>. A pulsão, enquanto um conceito psicanalítico, propõe-nos as questões sobre o sujeito e, no que concerne à sexualidade, inaugurou outras inexploradas para a educação que as baseadas estariam e na biologia<sup>4</sup> (vide o exemplo de Freud *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, exemplo que aparece na primeira edição do 'pulsão' - pulsão sexual). Nesse sentido, na perspectiva da teoria crítica, as formulações freudianas sobre as pulsões e instâncias das pulsões fazem seu bojo as práticas sociais sobre o indivíduo, pois o próprio Freud apontou para as condições das estruturas psíquicas por obra da educação: por elas para o processo de individualização, assim como para a transposição da libido para o "sublimado". A satisfação das pulsões, diz Freud e Adorno (1947), e por gênese a organização. O significado que, nas palavras de Adorno e Freud sobre Freud, o indivíduo, estudado na psicanálise, encontra-se situado numa cultura que tende a determinar, modificar, desviar ou impedir as metas sexuais das pulsões que, em si mesmas, já pressupõem os objetos historicamente constituídos para seus objetivos, uma vez que a pulsão já é um consuetudinário que pede a distinção entre "natureza e cultura". A presença, portanto, o que é desejado como o objeto de prazer é aquilo que foi produzido na cultura: "Todo prazer é social, que nas condições não sublimadas que nas

Tratando o básico das observações acima, encontra-se e buída no conteúdo o reudano de *pulsão* aida da de *eu* uia, na edida e que esse apona para as de *eu* inaões *psíquicas* e *eu* uias da sexualidade humana. Não observamos o *eu* e os a seguir, Adorno e *Freud* o a suas análises para a *eu* uia oaiáia, de u a sociedade repressã e *o* o genézan e, para e uída aine enã oiaônaiizada dos éos de *eu* e *eu* a sobre a *eu* oia pu sionã das pessoas (*eu* e *eu* e, o *eu* e sobre as " *eu* es *eu* es expressã s" do *eu* po). Sob o exa éo da *eu* e *eu* o insu en q de *eu* e da na u eza, osi pu sos dosi ndi íduos e *eu* a es a sociedade sob as *eu* as *eu* pu sí as e *eu* uas de *eu* para enos, pã a do ina ão se faz *eu* aia na s sociedades ad *eu* sãadas, ass i pedindo o pã a dos suj éos *eu* oiaiza ão *eu* uia, para ins de e *eu* pã ão.

Para nossos objeios, seã o enfãizadas as *eu* as *pulsões narcísicas e pulsões de morte* - espeéio *eu* e, " *eu* pu sos *eu* uios"<sup>5</sup> - deno das análises de Adorno e *Freud* a sobre a *eu* uia e os o *eu* enos *eu* aônãs de *eu* a, pos q *eu* *eu* as *eu* as *eu* a-se *eu* aônãdas às *eu* as *eu* an *eu* uãas sobre as *eu* as *eu* e *eu* nan e s de *eu* egressões *eu* oó gãs das *eu* as, susãadas na sociedade ad *eu* sãada. Tã s *eu* egressões *eu* oó gãs, *eu* o *eu* e os, sã o *eu* aizadas pe as *eu* as de do ina ão uãizadas pe as *eu* as au *eu* aias e *eu* propagandas *eu* as *eu* sã *eu* que faz e *eu* da *eu* uia *eu* a do *eu* *eu* aias o *eu* a do. Mas ass i, pã gũ a os: de *eu* *eu* a Adorno (e *Freud* *eu* ) *eu* e *eu* ai *eu* pã ãa da *eu* a das *eu* sões nos seus ensãos *eu* e *eu* os para a e uída ão da do ina ão *eu* a do i ndi íduo e sua adesã o à *eu* ênã a *eu* a, *eu* s *eu* e *eu* dada? Quã s *eu* ão *eu* as analisados por Adorno *eu* se pã e *eu* a *eu* *eu* e ão? *eu* de *eu* *eu* a as *eu* as *eu* *eu* as *eu* *eu* as *eu* as sã o *eu* adas por Adorno e *eu* seus ensãos *eu* e *eu* os? Para *eu* esponde *eu* as *eu* es *eu* es, di *eu* os *eu* e *eu* uio e *eu* uio ó *eu* os, a sã a:

I - No ó *eu* o I, "as *eu* sões: o an *eu* onis o *eu* e *eu* i ndi íduo e *eu* uia e a *eu* es *eu* da *eu* uibã *eu* idade *eu* uãa", *eu* *eu* os *eu* a *eu* da *eu* pã ãa da *eu* *eu* a *eu* se *eu* eudiana no *eu* sã eno de Adorno para a *eu* a *eu* as *eu* e *eu* i ndi íduo e *eu* uia e os *eu* o *eu* as *eu* *eu* sã *eu* bãados nessas *eu* as, ass i enfãizando as *eu* as espeéias de Adorno sobre as *eu* as *eu* as *eu* as *pulsões de morte ou pulsões destrutivas*, para o *eu* sã das *eu* as de do ina ão *eu* aônãdas na sociedade ad *eu* sãada, a *eu* *eu* a *eu* bé da *eu* a *eu* se *eu* o.

<sup>5</sup> "[...] *eu* as de *eu* do, a *eu* *eu* e ão *eu* oó gã o-*eu* a da *eu* *eu* sões de *eu* *eu* ão *eu* o *eu* a *eu* eud e 'O *eu* a-*eu* sã na *eu* *eu* a *eu* e *eu* *eu* *eu* a *eu* *eu* *eu* *eu* *eu* a *eu* o *eu* a de *eu* as *eu* *eu* *eu* *eu* *eu* na *eu* *eu* a *eu* a *eu* a" (Adorno, 1969).

2- No capítulo 2, "o narcisismo e o ideal de ego nos ideais de massa", e identifica a apropriação de Adorno das instituições freudianas sobre a psicologia de grupo quando Freud introduziu as "definições narcísicas" na realidade - dos sujeitos integrantes das massas -, por meio das *va. ego* *as narcisismo e ideal de ego*, a partir das quais Adorno analisa os dispositivos psicológicos produzidos pelas propagandas fascistas (assim, sobretudo, pelas propagandas publicitárias). O surgimento do "novo tipo psicológico", estabelecido pelos sujeitos que aderem às ideologias repressivas nas quais encontramos o elemento de gratificação substituída, na fase do capitalismo avançado, é discutido por Adorno por meio da ideia de "regressão narcísica".

3- No capítulo 3, "a psicanálise autoritária", apresenta as discussões de Adorno sobre o fascismo considerado sob o *psicanálise às avessas*, e que a psicologia é apropriada sob o forma de controle e sob a partir da exploração do inconsciente dos sujeitos, para fins de ajuste em que sob a orientação às instituições sociais organizadas.

4- E, enfim, no capítulo 4, "O pressuposto antropológico da realidade anti-semita: a paranoia e a falsa projeção", apresenta a crítica de Adorno se utiliza da teoria freudiana, especialmente em relação à paranoia e aos seus conteúdos psicológicos subjacentes para a exposição da psicologia anti-semita que, por sua vez, está relacionada às mudanças estruturais da sociedade. Nesse ponto, desenvolve as discussões dos frankfurtianos sobre o conceito de *falsa projeção e paranoia*, bem como a crítica e análise da segunda obra de Freud na teoria freudiana, pois essa teoria freudiana abriu novas possibilidades de interpretação dos sujeitos submetidos à sociedade capitalista.

## 1- As pulsões: o antagonismo entre indivíduo e cultura e a questão da destrutibilidade humana

De acordo com a análise, mais de parágrafo em que Adorno discute o conceito de *pulsão*, e quando ele encontra a rejeição das teorias da psicanálise, já sob o comando da crítica em relação às proposições, pensa em, em, no ensaio *O interesse pelo corpo* (1947), ex que se encontra na página da obra *Dialética do Esclarecimento* - a bé de autoria de Horkheimer - e que, para a compreensão do assunto problematizado, os autores voltam a um tipo de "antropologia da época" (Horkheimer & Adorno, 1947, p.17). Nesse texto, a *va. ego* *a pulsão* e, mais propriamente, *pulsão de morte*, é apenas sugerida pelos autores, sendo essa referência para as suas análises sobre o problema das teorias da biologia dos sentidos sob o aspecto que, por sua vez, a biologia - o aspecto e o ódio pelo corpo - de e-se aos males causados pela "repressão civilizada" que se inverte à luz do "revela em dos desígnios dos instintos e paixões humanas, designados pela civilização"

(Horkheimer & Adorno, 1947, p.216). Assim as pulsões são reflexos da repressão e da identificação e pregada sobre os sujeitos dentro das teorias sociais de poder e saberes e cada fase histórica. A nosso ver, para Adorno e Horkheimer a pulsão é entendida como a subjetividade necessária para suas análises sobre a dialética natureza/cultura que abarca e ilumina as tensões entre "indivíduo e cultura". O termo "natureza" pode ser entendido, aqui, como relacionado à "não-identidade humana", essa última, supostamente definida como o que é (e que foi) imeditável e irrazão ou à doinação social (Laraos, 2004) e, por isso, encontra-se sediada na psíquica humana como o elemento que se encontra ao "estado" (que é, e sim, histórico, e não "natureza"). Os autores, então, discutem sobre o encontro das duas dimensões (natureza e cultura) que, cada uma, forma condições e separadas, buscam encontrar ao longo do progresso técnica e civilização da sociedade burguesa, para fins de doinação e da natureza humana.

A compreensão do termo e que isso abarca os "elementos pro-históricos", transbordados e tabus na etapa da civilização (o aditamento às "primitivas" e selvagens, exercido pela razão instrumental), e se refere ao trabalho para as análises dos frankfurtianos sobre a doinação social do indivíduo, a começar quando a questão é posta na obra *Dialética do Esclarecimento*, na qual a crítica ao predomínio da racionalidade instrumental e às antessagens anti-semitas, por exemplo, forma entendidas como consequências da doinação social e histórica. Resumidamente, a base da doinação da subjetividade. No âmbito das discussões e análises no ensaio *O interesse pelo corpo*, entende-se que a pulsão de morte e as questões do retorno do "reprimido" forma construídos freudianos e usados por Adorno e Horkheimer para a discussão sobre as tensões da realidade humana resumidas do histórico e do "estudo da doinação" que infringe os termos e os seus aspectos. Mas assim, o tema da discussão é a de que a formação burguesa (seus períodos e à época e que "o essencial encontra a libertação dos termos do estudo da natureza" (Horkheimer & Adorno, 1947, p.19)) impediu a satisfação plena das pulsões, sendo que o modo sóbrio dessa insatisfação, resumido do tema em termos dos instintos e paixões humanas, é a forma na antessagem dos regimes políticos de natureza fascista, assim como nas manifestações concretas dos seres vivos de repúdio aos seus corpos. Adorno e Horkheimer fazem uma aproximação entre "doinação das pulsões" e "doinação histórica dos termos sobre a natureza"<sup>7</sup> pois que, em aspectos,

<sup>6</sup> Sobre esse e a base sob a perspectiva da crítica crítica e da psicanálise, de e os elementos tabu de encontrado Laraos (2004), *A Dominação do Corpo no Mundo Administrado*.

<sup>7</sup> Segundo esse raciocínio, a base da seguinte passagem de Laraos (2004) que, ao estabelecer a discussão sobre as tensões da natureza humana de Adorno sobre a crítica freudiana, afirma que: "Resumo,

esão introduzidos à construção da emergência do processo civilizatório e seus resultados (sociais e individuais) às funções - o desenho interno da sociedade moderna e seu destino futuro ao longo do século.

Foucault e Adorno (1947) se apropriam das ideias freudianas acerca do papel do reprimido para as análises à história da civilização burguesa, sustentada no domínio da natureza - externa e interna -, e que apontam na direção do trabalho a origem de todas as injustiças sociais e, principalmente, as raízes do tabu sexual e da utilização do corpo como a goiação:

O corpo exposto de representação para os indivíduos que é a alma e o espírito, para a qual os outros têm o ódio necessário, de representação do sujeito. Esse processo possibilitou à Europa realizar suas primeiras subversões culturais, as opressões quando o ego, que desde o início se propagando, recai a ao mesmo tempo, sobre o corpo e sobre o espírito, essa obscura realidade que é o a-ódio pelo corpo, que persiste a existência das classes ao longo dos séculos (Foucault & Adorno, 1947 p.216)

Tais elementos nos possibilitam analisar a seguinte questão: se o domínio da natureza por meio do trabalho interno do corpo não ocasionaria o alicerce de "repressão das pulsões" de Freud, mas, ao contrário, as funções freudianas seriam pregadas de fora para as "exatidão" e as generalizações para a história da cultura e precedida pelos avanços científicos. Assim, diz Adorno e Foucault:

Sob a história verdadeira da Europa vive, subterrânea, uma outra história. Ela consiste no destino dos instintos e paixões humanas reprimidos e desiguados pela civilização. O fascismo a qual, onde o que estava oculto aparece à luz do dia, e a qual bé a história anterior e sua conexão com esse modo no qual é ignorado na agenda pública dos Estados nacionais, quando sua história progressiva (Foucault & Adorno, 1947, p.216).

Quando se trata de Adorno e Foucault a questão que o fascismo acaba por reprimir o poder do espírito interno, e que, ao contrário de dominação política, conseguiu objetivar a economia psíquica das pessoas, ao mesmo tempo a seu ser o essencial interno do

---

pode ser sobre a concepção de natureza na era pré-moderna, onde indica que, para além do princípio a natureza e sua essência social, por estar a partir do ato da subjetividade, a era pré-moderna possuiu reatância à natureza 'antropocêntrica' ou à 'antropocêntrica da era'. O apego aos elementos de passagem nunca o qual é a conexão da natureza para o ato e [...] a partir da representação orgânica para a origem da civilização; a submissão ao poder e a 'projeção' biológica das pulsões [...], todos esses

... e por isso, por exemplo, da sua reação e rebeldia em relação ao seu corpo para fins produtivos, pode-se entender disso as implicações da *teoria libidinal* freudiana, mas no seguinte sentido: o repúdio ao corpo originou-se não a partir da sexualização e, portanto, do seu uso biológico. O conceito de "instância da consciência" e Adorno (1947) afirma a ideia de que a origem da dominação do corpo encontra-se na divisão do trabalho, ou seja, na divisão social e histórica e que alguns poucos poderiam desfrutar da existência, enquanto outros só trabalhavam para a "força de trabalho". Isso deu ensejo à divisão entre "corpo e espírito", entendendo-se à divisão realizada em duas fases diferentes, quais sejam, entre "seres inferiores e seres superiores". Mas para as duas coisas:

Morte do indivíduo ao corpo, o seu e de outrem, a imortalidade e a injustiça da dominação aparecem como a verdade, que está ao lado da ideia de um ateísmo que pressupõe a ideia de um ateísmo feiz, quando a dominação e a liberdade. Nesse, e sua ideia da verdade, e sobretudo Sade e o conceito da ideia por parte desse fato, e Freud interpretou-o psicologicamente em sua teoria do narcisismo e da pulsão de morte (Freud & Adorno, 1947, p.216, grifo nosso).

... esse desânimo em relação à ideia de "feiz sobre o corpo" - desânimo em que se deu por causa das forças burocráticas de dominação -, Adorno e Freud afirmam que Freud soube expressar bem a ideia quando afirmou as suas ideias de "impulsos destrutivos" dos homens, e sobre a noção de "narcisismo". Essas ideias, na perspectiva dos frankfurtianos, dizem respeito à existência do indivíduo burguês condenado à infelicidade na sua existência, o que ele usa em produtividade econômica, e impede a realização dos sujeitos. O "narcisismo" - ou o isolamento das pessoas em suas existências - para o ego - abarca o isolamento desse indivíduo condenado, e expressa por si só todo o sofrimento existente, assim como a "dominação voltada a si próprio", pois na sua aparência de autoconservação - por exemplo, a exigência da "beleza e força física" - o que ocorre é justamente o contrário em que a consciência individual para a ideia à realidade e o repúdio do sujeito às outras pessoas que não se encontra nesse estado da "autoconservação", portanto, aos olhos do dominado, a realidade que se encontra à realidade e à debilidade. A sociedade que o narcisismo individual, ou a perda da ideia da subjetividade, enquanto se encontra a ideia-piada dos indivíduos imortais de massa que, não obstante, o próprio Freud teria assinado na obra

... alguns dos aspectos do freudiano sobre a realidade [da subjetividade] a cada e/ou do indivíduo socialmente [...] (Lima, 2004, p.125).

*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, cons-se na atribuição do narcisismo egoíco para as identidades das pessoas e suas adesões "ideológicas" aos ideais autoritários nacionais. Esse aspecto do narcisismo será discutido adiante.

Desafiança, o que é interessante, fazendo uma "pontuação" dos esforços de Freud (e, agora, especialmente em relação ao *ex*o *Mal-Estar na Civilização* e que os autores fazem referência ao mesmo no *ex*o), é o que a abordagem dos "entões no fim das coisas" durante o desenrolar do indivíduo inserido numa situação que cria crises para a pedir a gratificação de desejos sexuais e destruições ao estabelecido, por exemplo, das de volta que se torna internalizadas pelo indivíduo (Freud, 1929)<sup>8</sup>. Nesse *ex*o, Freud faz a usuação à *pulsão de morte* e, quando, assim, um no e e no para da vida dos conflitos existentes em indivíduo e situação: a civilização, para sua gratificação, de volta não apenas as pulsões sexuais, as libé, e princípio em a agressividade humana, o que a desenvolve às situações de infelicidade e desconfiança em do indivíduo dentro das relações humanas e das instituições sociais, gerando seu "mal-estar". De acordo com Freud, a pulsão de morte, ao contrário de *libos*, e por objetivo o retorno a um estado fisiológico em equilíbrio, expressando uma tendência inalienável a todo o organismo de que se torna ao estado inconsciente. A agressividade humana seria a assim por que antes a não da pulsão de morte, pois que a volta de destruição inerte à "natureza humana" poderia ser dirigida, ou exterminada, contra os objetos do mundo exterior e, por isso, a situação de submissão na civilização de e, necessária em se repetido. O que que da agressividade se dá natureza do indivíduo durante seus primeiros anos de vida, quando a criança, sob o medo de perda o a do pai, acaba por internalizar o medo de autoridade externa de que, inerte em, inerte. O que, cria-se, no interior do indivíduo, a instância de identificação e punição do ego, o superego. Assim, a processo civilizado possui uma tendência inerte que, não obstante, a ser inerte por cada pelo sujeito:

Quais os motivos que a civilização utiliza para impedir a agressividade que se oferece, ou não a inócuas ou, talvez, irrita-se de a? [...] Pode os estudar o natureza do desenrolar em do indivíduo. O que a fonte e nes e para a natureza inerte o seu desejo de agressão? [...]. Sua

<sup>8</sup> No *Dicionário de Psicanálise* encontra-se as seguintes observações acerca da obra *O Mal-Estar na Civilização* no que concerne aos estudos de Freud sobre as *pulsões destrutivas* que, por sua vez, preende os abas nas análises de Adorno: "Para a sua fundação em relação a essa dimensão da agressividade, Freud preme o e da necessidade de e a e volta a parte da teoria psicanalítica e a abas a e deu a o d'idade: a eia das pulsões [...]. Trata-se de análise a natureza do 'mal-estar' e a ajuda da dualidade pulsional criada a alguns anos antes, e "das a e do princípio do prazer", a dualidade que opõe a e o ódio, *libos* e *libos*" (Loudness & Bon, 1998, p.491).

agressividade é inibida, inexistente; e a que, na realidade, em vez de se voltar para o lugar de onde veio, isto é, dirigida no sentido de seu próprio ego. Assim, é assumida por um a parte do ego, que se volta contra o ego, o super-ego, e que em seguida, sob a influência de 'conservação', se aplica para a parte da mente o ego a fim de a agressividade que se volta contra o ego para a satisfação sobre outros indivíduos, a e os outros. A tensão entre o se e o super-ego e o ego, que a e se volta para o sujeito, é por nós tomada de sentido em função da necessidade de purificação (Freud, 1929, p. 146)

Mas o que de fato nos mostra a importância de Freud no seu texto, que trata da importância no ensaio de Adorno e Horkheimer (*O interesse pelo corpo*), são duas questões que Freud aborda por meio da análise de seus estudos: uma, é sobre o problema de que a civilização impõe de impedir (e assim, de repressão) sobre as atividades das pulsões que se encontram submetidas à pressão organizativa que poderia, por exemplo, ter se desenvolvido através de um ato de civilização<sup>9</sup>; e a outra, é sobre a influência e o aumento por Freud que diz respeito à realidade humana existindo e ligada ao segundo plano dentro dos objetivos humanos. Isso é porque os fatos não só para a pressão organizativa individual, mas para toda a organização social, sendo que os desejos sexuais não realizados, dentro da "economia psíquica" do sujeito, onde a busca das pulsões substituídas ou a "regulação" e forças de compensação. Há dois: se o que foi reprimido e para que a civilização não tenha sido possível, os resultados danosos dessa repressão civilizada sobre os indivíduos se fazem presentes nas frustrações individuais, principalmente porque a repressão e exclusão da "animidade humana" se dá por meio da dominação social em relação ao indivíduo. A proibição e ligação à realidade humana para a agressão, essa, também apontada pelos autores freudianos sobre o segundo plano que o indivíduo e a relação às forças humanas, se deu por meio do efeito dessa desequilíbrio sobre os indivíduos, ou seja, sob a influência e ligação a seus corpos. Mesmo assim, na análise histórico-social da relação do indivíduo e do seu corpo, propõe para Adorno e Horkheimer, o que em seguida se apresenta em relação à questão da força das pulsões substituídas sociais para a análise em função do período humano, porque esse é o, enquanto a expressão dos sentimentos, desejos, doenças e paixões humanas, encontram-se

<sup>9</sup> Foi a partir das seguintes observações no *Vocabulário de Psicanálise* sobre a "pulsão de morte": "Na realidade, o que Freud propôs a explicar em relação à expressão 'pulsão de morte' é o que se dá de fato funda mental na não de pulsão, o que não a atualizado ainda [...]. A expressão específica de pulsão, o que e assim designa é o que se dá a no princípio de qualquer pulsão [...]. [A pulsão de morte] é a expressão primitiva do princípio de realidade do funcionamento psíquico e, portanto, ligada a isso ou é, na realidade, e que "é o que se dá de fato pulsão", que a expressão, agressivo ou sexual, do desejo de morte" (Laplanche & Pontalis, 1992, ps. 412, 413).



afinidade, assim como os aspectos da natureza da alma" (Freud e Adorno, 1947, p.219). Mas assim, as forças das pulsões de violência e agressividade são encaixadas pelas polivalências, antes de seu aparecimento da violência anestesada dos complexos, consistem, na realidade, e respostas primitivas reproduzidas na civilização e pelo auge esgotamento da humanidade sob suas forças mais poderosas de dominação e no ódio, que é auferido a pressão social sobre os indivíduos. A esse respeito, Adorno afirma que:

É pouco adequado definir as forças da repressão das pulsões pesadas como o poder das energias do id que se irradia da pressão da ordem social existente. Além disso, essa repressão e pesada suas energias e parte de outras instâncias psíquicas que são forçadas a se autoconservarem (Adorno, 1951a, p.170).

Ou seja, de e-se e a conexão da egoia psíquica da desequilíbrio esudada por Freud para o entendimento de suas fenômenos regressivos, poré, pensando a egoia dentro da ordem social existente, que atua e recria nas forças de aléa sobre os outros, assim ordenando e "liberando" suas agressividades para fins de ajuste em conexão com a social, pois, segundo Adorno: "[...] as tendências destrutivas das massas, que expõem e abas as modalidades de estados psicológicos, não seia anjo desejos de ordem, quando antes a ordem que são" (Adorno, 1951b, p.202). A agressividade e a hostilidade dos sujeitos e bios dos outros de massa psicológicos nada mais são do que os reflexos da desigualdade social do trabalho que é contribuído para a existência do indivíduo.

No ensaio *O interesse pelo corpo*, as reflexões de Adorno e Freud às ideias espelhadas de Freud, encontradas na passagem do *Mal-Estar na Civilização* (às espelha em, na nota de rodapé e que Freud (1929, p.119) faz a usão à "periodicidade orgânica do processo sexual"), no nosso entender, de e-se ao fato de que Freud pôde anotar a realidade objetiva da sociedade moderna que se viu na barbárie, quando e anquidetas a obra da "rejeição" do id e civilizado às suas forças primitivas de vida (suas forças pulsões) e de tudo que é bela natureza do inada. Além disso, por Freud, por meio de sua "teoria" psicoanalítica a obra das instâncias das pulsões e das ansiedades ou más, soube aponha o processo falido do desenrolar da civilização, que seja, a "obscureção à verdade" dos indivíduos "civilizados" a tudo que é belo e o regno do reafirmado. É nessa direção que pode os sinalizar a repulsão inconfundível e que os fatos se ligam e se referem aos judeus, dando, assim, ensejo às forças que são o ídolo de dominação sobre os "objetos" que representam o "corpo ídolo" e não

do inado e, a bé , a sexualidade i re. Assim : "Na sexualidade i re, o assassino é e a i edaidade perdida, a unidade originária, na tua não pode às i e" (Foucault & Adorno, 1947, p.219).

No exo, *Elementos do Anti-Semitismo: Limites do Esclarecimento*, Adorno e Foucault, por éo de u a análise i osóia, i s ói so-soia, eonô ia, teigosa e psó óia, faz u a genea óia do anti-se ia e i i ando, assi , a ese de que o anti-se i s o es á en á zado e nossa ou uia, sendo a sua ea a e i s i a i m a o n a "dei ada da essên a da própi a i azão do inane" (Foucault & Adorno, 1947, p.16). O anti-se i s o, en ão, sei a a o n i a ão da ea da da i azão, do es a e e e en o, na i o óia - ese e n i a da o b a, a ea da dia é i a do progresso -, pos o sei o f a s s o, en u a n o f a a p o i i a r a r a o n a i z a d a das a n i e s a o e s a n i - s e i a s, a expressão po i i a às deg ad an e e p o e n a en e do inado a da i azão es a e e da e se p r o n u n a n a f a s e às a a n a d a d o e a p i a s o o n o p o i s a. O f a s s o é a r e g e s s ã o a o e s á g o i o ó i o, e u j o s p i n a p i o s o e s a e e e n o i s o u s u p e a e a b a e. P r i z e os a u e s que: "O e o [e s a e e e n o] é usado pa a des i g n a o p r o e s s o de 'd e s e n a n a e n o d o u n d o' [...], o p r o e s s o p e o u a, a o n g o d a i s ó i a, o s i o e n s e i b e a das p o e n a s i i a s da n a u e z a..." (Foucault & Adorno, 1947, p.8).

Ao o o e a e a r e s a o "a n i p o ó i a" do a n i - s e i s o, Adorno e Foucault e n a i e e a a e s t u u a p s i u e a r a o n a de u a e n d e n a o a i á i a<sup>13</sup> do inane, que o n i b u u pa a o s u g e n o das e n a i d a d e s a n i - s e i a s e de a g o z e s n a z i f a s s a s, o u j a s a o e s e p e s e g u i o e s a o s j u d e u s e e a a i o e n e

então sujeitos" (Horkheimer & Adorno, 1947, p.160). Desse modo, a obra da gênese da alienação da consciência do indivíduo em que se dá na do indivíduo da natureza que desenvolveu a razão a pedido do indivíduo e pensa em - a razão instaura que busca os fins próprios e produz os meios do próprio trabalho "superado" da razão -, de cujo modo o indivíduo a consciência e no âmbito do indivíduo, Adorno e Horkheimer fazem referência à gênese da individualidade moderna, que é baseada na negação do prazer e do desejo para a auto-supressão do ego, e que a superação da individualidade implica pressupõe a "inibição do sentimento"<sup>15</sup>, a perda da tua o sujeito, "senhor de si", a perda da sua identidade. Portanto, a presença da identidade, no desenvolvimento da consciência, desenvolveu as forças das forças de do indivíduo e de persistência aos sujeitos que poderia "a ele" as bases que são para a identidade e, por isso, o mesmo de disso não desapega e se faz presente:

A individualidade que se subverte a própria existência que se fosse o eu, o trabalho identitário, de modo e inodoro e [...]. O esforço para a anulação do ego a ele e todas as suas fases, e a negação de perdê-lo já não deixou de a própria a de modo a nega de conselhos (Horkheimer & Adorno, 1947, p.44).

Tendo em vista a questão colocada pelos autores na *Dialética do esclarecimento* acerca da gênese da individualidade moderna, mostrando o esforço do indivíduo para se desprender de seu passado íntimo e da natureza primitiva, por meio da renúncia à satisfação e à realização de seus desejos originários, assim negando suas ligações originárias com a natureza, no nosso entender, pode ser encontrada nas interpretações da cultura freudiana, especialmente em algumas obras *O Mal-Estar na Civilização e, que é, Psicologia de Grupo e Análise do Ego*<sup>16</sup>, nas questões abordadas por Adorno e Horkheimer acerca do anti-semitismo,

<sup>15</sup> Desse modo, a "inibição do sentimento" diz respeito à figura do indivíduo que os autores apontam como o "protótipo da individualidade burguesa". Assim, a "inibição do sentimento" significa o sentimento da natureza humana e as atitudes das forças íntimas que, por sua vez, a satisfação à se encontra a própria essência da subjetividade do indivíduo burguês. O termo é usado nas análises do indivíduo da epopeia. Assim: "A consciência da civilização é a consciência da inibição do sentimento. Ou, por outra, a consciência da renúncia [...]. A transformação do sentimento e subjetividade que surge sob o signo da auto-supressão que se apresenta no sentimento. Na realidade da auto-supressão, a natureza presente no sentimento encontra-se em um estado de auto-supressão do indivíduo a ele e a ele mesmo".

e quando que os textos que não foram explicitados no ensaio *Elementos do anti-semitismo*, as que, no nosso entender, se referem aos artigos dos autores. Os textos citados por Freud, nas suas análises ou citações, e que diz que a civilização, por sua vez, é o que é anti-civilização - o imacional -, de que o passado se encontra-se presente e, portanto, a educação isarépica e bíblica, e de que o indivíduo se consubstancia na sua própria vida no sacrifício e na submissão de suas pulsões sexuais e agressivas, são todos e as citações que aparecem, de forma principal, nas citações de Adorno e Horkheimer para entender o anti-semitismo enquanto a dimensão política de nossa cultura ocidental, na medida que é e a essência "teórica" da civilização esvaziada à base" (Horkheimer & Adorno, 1947, p.16).

Talvez as hipóteses freudianas sobre "pulsões destrutivas" e "pulsões de morte", e as citações do texto freudiano e sobre as tendências "psíquicas" associadas à fase fagocitária, "anímica" à realidade civilizada, foram necessárias para as análises sócio-psicológicas de Adorno e Horkheimer sobre o anti-semitismo, quando, assim, identifica o quanto a sociedade, quando é baseada na sua organização, e a ordem social agridem a ordem que sobre eles os outros que aparecem não se "adaptam" aos desejos civilizatórios, ou à lógica do inerte da existência da produção capitalista. As citações e análises por Freud e sua "teoria psicológica" dos aspectos primitivos, por sua vez, e os de sua abrangência e impacto aplicados à civilização (já que Freud não entra no âmbito de análise, proposta em aspectos sociais) estão presentes no mundo atual baseado na pressão civilizatória sobre os sujeitos, de acordo com Adorno (1969b), ao menos de forma indireta. Apesar de afirmar que os textos *O mal-estar na civilização* e *Psicologia de grupo e análise do ego* eram as influências nas citações de Adorno e Horkheimer, nessa citação os únicos textos de Freud explicitamente citados pelos autores ao longo do texto são: *O Estranho (Das Unheimlicher)* e *Totem e Tabu*. A respeito dessa segunda obra freudiana, pensa-se que as citações e análises por Freud acerca da realidade primitiva da infância e seu potencial de violência, e as citações da função que a realidade e para o funcionamento psicológico dos "civilizados" do indivíduo - o ateísmo, por exemplo -, para que o indivíduo não se queira psíquico (Horkheimer & Adorno, 1947, p.183), são todas as citações que se encontram citadas nas citações dos autores acerca dos conteúdos imacionais das análises. O imacional é o conteúdo do processo, via de expressão do anti-semitismo,

---

anti-civilização e o texto a progressiva em. As suas obras 'O mal-estar na civilização' e 'Psicologia de grupo e análise do ego' referem-se à discussão, pensa-se que se refira à Ausdrück" (Adorno, 1969b, p.105).

interpretado como o parâmetro da racionalidade humana, tornou-se um dos principais elementos da doutrina, de adaptação dos sujeitos à realidade social, na medida em que os princípios obrigam as instituições individuais, ainda da realidade, transformando-as e fazendo "agentes" da mudança.

No e e em do anti-semitismo, Adorno e Horkheimer, ao apontar as condições sociais anti-semitas de grupos populares que aderiu ao partido nacional-socialista, descreve que, para a elite de classes de natureza econômica e política, não há objetivos racionais por detrás das perseguições feitas aos judeus, pois que suas raízes são oriundas da própria configuração social que condenou todos os outros ao silêncio. Desse modo, os autores estabelecem o equívoco da racionalidade do anti-semitismo como o produto da própria irracionalidade objetiva<sup>17</sup>. Na sua caracterização do anti-semitismo são identificados traços de verdade e essencialidade de uma realidade em que se identifica a si mesma e se entrega às posições do tabuleiro de uma sociedade injusta e desigual, da qual a vida e liberdade, por serem de direitos e poderes estabelecidas pela ordem social vigente, não é o que se desvanece pelas massas. A "alienação" do ódio da realidade, que se sentiu enganada pela ordem econômica capitalista, torna-se o elemento fundamental dos princípios anti-semitas, pois não há ganhos racionais para a alienação da consciência, *as, em termos psíquicos, esta possibilidade de canalizar o ódio dentro de uma ordem social hierarquicamente organizada, torna-se bastante gratificante para a mentalidade fascista quando seus desejos de destruição encontram um alvo adequado - que são indivíduos que e pela realidade se que o poder, os judeus. A política fascista (assim como todas as outras posições políticas baseadas no autoritarismo) soube bem aproveitar e explorar a essencialidade e o ódio, convocando-os a servir da doutrina:*

O elemento ganho que vem a "exatidão de espírito" (Wissenschaft) é a alienação da realidade de sua própria. Quando encostas são as anáguas, são obrigadas a serem contra seu próprio discernimento e se entregam ao silêncio. Sua utilidade para a doutrina é parcial [...]. Se a ação profunda e dirigida na alienação não encontra sua justificação no momento em que o indivíduo já não conseguirá apagar o, ainda que seja ação benéfica quando a própria falta [...].

Meus [os anti-semitas] são de conselhos a respeito da utilidade que podem trazer para os, a **impotência da reflexão**, da significação e, por fim, da verdade. O passo por trás do

<sup>17</sup> É preciso descrever que no e e em, as condições do anti-semitismo moderno é o que segundo sua função de ideologia nacionalista, na qual o judeu é visto como o culpado pelo fracasso econômico geral da ação da população e pelo seu silêncio, assim como sendo o anti-semitismo o papel principal para a doutrina das

o indivíduo é a condição da vida esvaziada que as pessoas se conformam a (Freud, 1947, p.159, grifo nosso).

Considerando-se a atuação desafiadora, para nossos propósitos, podemos inferir que os pontos e anexos por Freud acerca da "herança arcaica" despertada nos grupos, principalmente em evidenciados na obra de 1921, *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (ou seja, os impulsos destrutivos e a obediência cega à autoridade), e mais a quevesão do ódio e aversões que o grupo tem por aqueles que destoam de suas características se encaixa perfeitamente nas análises de Adorno e Foulcais. Freud é indicado, no exemplo, que suas hipóteses sobre a vida primitiva dão bases para entender os fenômenos de assasão por âneos, na vida e que se desaba e que fenômenos a pouca diferença não individual que pode ser relacionada aos aspectos primitivos e que "a condade do indivíduo a afirmação de que" (Freud, 1921, p.133), e mais a quevedade e afirmação (a aca afirmação) presente e a quevedade. Adorno afirma que:

Menão paiu a de aca se aca aca ao poença aca de e oões io enas para a oões io enas encaizado por todos os aca de psocoga de assa, u fenôno que, nos escaos de Freud sobre ou uas primitivas, e a a suposição de que o assassinao do pá da aca da primitiva não é aca, as corresponde à eadade pécisóia [...]. E e-se pensa aca aca de udo na aca egoia psocoga da desuibilidade, que Freud disuue seu 'O a-esca na aca aca' (Adorno, 1951 a, p.170).

Ou seja, Adorno ju ga que os consuetos freudianos u aca oobjeio, na vida e que se ca na aca egoias i por anes para pensa os o i enos nazifasissas. A i u o de i usuaão, que os Freud:

A psocoga de u grupo, assó o aca e os aca das descaões aca ue o an aca uença nos caos, o da aca eno da personalidade individual consueca, a aca aca de pensa enos e senen enos nu acaão o u , a pcedo inança do ado aca da eno e da vida psuua inconsueca, a ca aca à exeuão i eda aca das inenões aca oca : tudo isso corresponde a um estado de regressão a uma atividade mental primitiva, exa aca eno da espécie que esca os inenados a aca aca à aca da primitiva (Freud, 1921, p.133, grifo nosso).

---

assas pe o pá do nazis a do aca o aca, na vida e que e é usado o " anoba de cação" (A es Yúca, 2003).

As polícias fascistas e a sua função e suas forças do medo e do ódio primitivo enconter-se nas pessoas, que envenenam as ações "civilizatórias" paucadas na dominação sobre a natureza e na produtividade econômica, e que vive no período dos monopólios. A função do aniquilamento da liberdade se encontra nas forças e condições materiais, nos medos e desejos para a emancipação, negados pela civilização. A função da função da função é a que os "valores da função" expressa no aniquilamento, o próprio a esse de Adorno e Horkheimer de que o ódio aniquilador é a liberdade resuane do "passado da dominação", sendo uma resposta ao medo profundo do "civilizado" a tudo que se refere aos aspectos da liberdade aniquiladora, e pos nos seus aspectos essenciais a submissão aos poderes e perigos naturais, as que, não obstante, a liberdade guarda a função de prazer - o prazer erótico e animal. Desse modo, a "civilização" do medo antigo das forças naturais e humanas (a liberdade aponhado por Freud na hipótese do medo do páter despo) dos aspectos primitivos, é, por sua vez, utilizada pelos evanistas de dominação das polícias fascistas que utiliza o aniquilamento do aniquilamento da dominação: "Quando todo o horror dos aspectos primitivos abolidos pela civilização é reabido o ou inegavelmente racional pela projeção sobre os judeus, não há mais o para" (Horkheimer & Adorno, 1947, p.173).

Conclui-se, se Freud aponta que a liberdade e a agressividade são forças inerentes ao ser humano e - predisposições psíquicas -, ou seja, se não pensa em Freudiano encontra-se e encontra-se que se refere à inibição psíquica (e não o a agressividade e o medo, por exemplo), para Adorno e Horkheimer, a função da liberdade humana e a do "medo animal" aniquilado nos dois aspectos materiais de massa, na realidade, onde de se e "naturais", são resultados do processo civilizatório que se desenvolveu com base na violência sobre a subjetividade por meio da opressão ao prazer corporal, já muito enconter-se. A função é a mesma a cada no capitalismo a aniquilado e conseguido "admissível" racionalmente em função da inibição sobre os sujeitos, assim contribuindo para as regressões das massas. A destrutividade das massas e seus temores são provenientes da violência exercida pela sociedade contra os indivíduos. O aniquilamento, o "início da civilização", seja a inibição sediada historicamente em nos sujeitos reutilizados, a função da civilização reafirmada as condições. Assim, para Adorno e Horkheimer: "Os adultos, para os quais o brado pelo sangue judeu tornou-se a segunda natureza, não se dão conta da razão disso

"segunda natureza". O o já ia ia os a n d o, nas análises dos a u e s, as i n u õ e s freudianas - o e d o a a o, a d e s t r u i d a d e - é a o o b j e i o n a e d i d a e q u e s u a s v a e g o i a s q u a n d o s e n e c e s s á r i a s p a a e s v a e e a e e s e u n h a o s f o a s d e s t r u i a s n o t o e o d o n o.

No t u n q e e e n o, A d o n o e f o t e a e a n a u f a q i p o a n e: a d o a n i s e i n s o s e u a p e o d e s e s p e a d o d o s s u j e t o s à i d o s s i n a s a<sup>18</sup> ( f o t e a & A d o n o, 1947, p.168). E s v a e e n d o d o q u e s e i a a q s e e e n o s i d o s s i n a s a s, d i z e : "O s o i o s a q u e r e s p o n d e a i d o s s i n a s a t e e e à s o r i g e n s. E s t e p r o d u z e o e n o s d a p r o o i s o r i a b i o l ó g i c a" ( f o t e a & A d o n o, 1947, p.168). O u s e j a, s e i a a s t e a õ e s e p r o d u õ e s v o p o a s à s p r ó x i m a s d a t e a õ e s i é l a s r e n e g a d a s e c o n d e n a d a s p e a t a z a o e s v a e e d a. A s s i, o d o s v o p o a e n o s t e a v a d o s p e a o d e s o a u i j a i a - o s u o, o t e n o, o s g o s o s i n e n s o s, o p a z a s e x u a n ã o s u b i a d o, a g u n s d e s e s, t e a c i o n a d o s à s t e a õ e s i é l a s -, q u e p o s s a t e e e à n a t u z e a d o i n a d a, v a u s a a o c i z a d o a r e p u g n â n a, p o é, e s s a n a t u z e a d o v o p o t e a v a d a e n o n i a s e n ã o q a e n e s u p e a d a, o q u e p a i e q u e o r e p r i m i d o r e t o r n e. P e n s a o s, e n ã o, q u e d e s a q u e s ã o d o t o e c i z a d o q u e p u s ã o a u d o a u o q u e o f a a e b i a a s u a i g a o v o a n a t u z e a<sup>19</sup> v o o a t e n u n a a s a i s a ã o d e s e u s d e s e j o s o r i g i n á r i o s, p a a i n s c i z a o r i o s, p o d e o s e i d e n t a a s i p r o a õ e s d a s a n á l i s e s f r e u d i a n a s o a d a s à o u u a e a s f a q e s d e s a v a d o s p e o s f i a n f u i a n o s, q u a s s e j a, q u e e e e n o s i d o s s i n a s a s i n d i d u a s f o a i n e d o s p e o p r o g r e s s o e q u e o t e o n o d e a s e e e n o s n a s o c i e d a d e o d e n a ã o s e i n d e b a s e p a a o a n i s e i n s o. O t o o a s f o a s d e i d a i é l a s q u e p r e s s u p u n h a a p r o x i m i d a d e d o t o e "p i i i o" a o a o a b i e n e t e e e a o p r o j e o d o e s v a e e e n o d e d e s e n a n a e n o d o u n d o: o e d o d a c i z a o e s v a e e d a a i e s e s s e d á n o s ó p o q u e e b i a o s e p o s p i i i o s e r e g r e s s i o s, a s p o q u e, a b é, a s f o a s i é l a s f a z e r e a p a e e a a e a a d e d i s s o u ã o d o e g o, d o s i i e s t i g d o s d a i d e n t i d a d e d o d o i n a d o,

<sup>18</sup> A e s s e r e s p e q, a o s G a e a o - S a: "N e s s e s e e e n o s, o i n d i d u o a p a e e v o o u d o s e s p a o s o n d e a i d e o o g a e a o u u a s e d e s e n o e. M a s i á u a e n s a o e n t e e a s. P o u a d o, a a n á l i s e d a i d e o o g a n ã o c o n s e g u e e x p i a o q u e e a o i n d i d u o c i z a d o a o a n i s e i n s o. P o o u t o, a a n á l i s e d a c i z a o n ã o c o n s e g u e e x p i a o a p e o a o a n i s e i n s o [...]. E n o o e e e n o p a a a a n á l i s e d o a n i s e i n s o s u g e d a i d o s s i n a s a d o i n d i d u o" (G a e a o - S a, 2000, p.74)

<sup>19</sup> F r e u d a e s e n a n a n o a d e i o d a p e d o s e u e x o *O M a l - E s t a r n a C i v i l i z a ç ã o*: "[...] n o s e n t i d o d e q u e, v o a a d o ã o d e u a p o s u a e e a p e o t o e e a d e p r e s a ã o d e s e u s e n t i d o o f a i o, n ã o f o a p e n a s o s e u o i s o a n a q u e a e a o u v a v o o i l a d a e p r e s s a o g a n i a, a s o d a a s u a s e x u a l i d a d e, d e a a n e i a q u e, d e s d e e n ã o, a f u n ã o s e x u a f o a v o p a n h a d a p o u a r e p u g n â n a q u e n ã o p o d e s e e x p i a d a p o o u t a v o s a, e q u e i p e d e a s u a s a i s a ã o v o p e a f o a n d o - a a d e s i a - s e d o o b j e i o s e x u a e s u b i a õ e s o u d e s o a e n o s i b i d n a s" (F r e u d, 1929, p.127). O a p o s u a e e a a p e a e n a d o s s e n t i d o s o f a i o s f o s u b s t i t u d a p e a i s a o. A s s i, o a o s a i s a o v o o u s i b o o d o i o p i e n o d o t o e v o a p r o x i m i d a d e d a n a t u z e a, s e u d i s a n a e n o e t e a ã o a e a.

Quando pressupõe o abandono do sujeito na natureza a biene, assim e sendo das pátrias ágno- i éias expurgadas pelo progresso civilizatório<sup>20</sup>.

Ente anq, o resuado funes q disq udo é de que ofasís o se esor ou por o o a seu se i o essa tebe ião da natureza, *apropriando-se de traços idiossincráticos individuais* que te e e a ier an a i éia, as sob a for a de io ênia e de desti uão sobre os sujeitos que, sob suas condutas nã ades, údas e que dão a i pressão de es qe as próx os do paze, apesena p eser a os resduos de as ias os i éios. O opressor, não inêna en e i te da natureza epi ida, é e ado a experêcia da for a as regressi a os i pu sostiene ados na sua p esegui ão ao obje q de seu p eonêo q, as de for a que possa desti uir as " ias os pi i i os" na que dade e p egada a as i i as, assim ente anq não f eio o "p i nêpio da eaidade" que, por sua ez, on esponde aos a o es eng ande ados (por exe plo, a 'orde ', a 'dis i p i na', as i ier a i uas de 'asses' e a ad i n i s t a ão do assassi na q) pe a sociedade q a i a i a. O que o ani se i a ondena no judeu, o que te e pe e por "sua est i a n e z a" é o que e e e on e e e s i es o e que que, desesperada en e, a as q<sup>21</sup>. O a, Freud, no *Mal-Estar na Civilização*, te e e se ao passado pi i i o epi ido que se p eser a no p s i u s o - que o ego isa "do a" -, dando a en e n e que o sa i i i o i n d i d u a e e u a d o a as pu sões não en on i a e g i i d a d e n e s a q u e u a n ão o pensador a de as sa i i i os, por que a sociedade não " e a i z a s u a p r o e s s a", on i d a n a p r o e s s a d o e s s e e n o, de p r o e i ão e b e n e f i c i o a o i o e . A e s e n a os a i s o, as d i s s u s sões, q u a d a s p o r A d o r n o e F r o i d e i a, a e a da nossa sociedade se on i a d i a, p o i s s e e a n q à i b e r d a d e q u a n q à r e p r o d u ão a q i a . E n t e a n q, e a, a sociedade, e s e t e e a d o s e i s o a d a à a u o n s e i a ão e à r e p r o d u ão, a s i f o a e e n d o os s e n i e n q s de d e s a p a o n o s i o e n t u a n d o os e s os p a e b e que os i d e a s ou u a s o n a a - s e i m a o n a s, n ão o a d o s p a a a s u a e i d a d e i n d i d u a, as p a a r e p r o d u ão da sociedade, f o e n q, a s i, o e d o n o s i o e n s e s e u s s e n i e n q s de r u s i a ão. P e s a f o a a i a

<sup>20</sup> Dize os autores: "O i g o o que os do inadores i pedra no uso dos séculos a seus próprios descendentes, be o o às assas do inadas, a te o da e odos de ida i éios - o e ando pe a p r o i ão de i agens n a e i g ão, passando pe a p r o s e i ão s o a dos a q u e s e dos a g a n o s e t e g a n d o, e n t e, a u, a pedagogia que des a o s u a as a i a n a s de s e e i n f a n t i s - é a p r o p r i a o n d i ão da c i v i l i z a ão" (F r o i d e i a & A d o r n o, 1947, p.169)

<sup>21</sup> i a os a segun e i t a s e e x t i d a d o e x q: "O que te e pe e por sua est i a n e z a é, na e d a d e, de a s a d o f a i i a" (F r o i d e i a & A d o r n o, 1947, p.170). P e s a a s s e i a, os a u t o r e s o o o a n a n o a d e t o d a p é a t e e n e a a o e x q de Freud *O E s t r a n h o*. E n e n d e os que a t e e n e a a o e x q de Freud e e e a t u e s o e s a s p r o q u a n d a s a e a d o a n i s e i i s o r e a c i o n a d a o o s e g u n e r a o o n i o: o n a z i f a s i s o o n s i s e n a d i s q u ão do a s f a i i a n o a s e s t a n i o e r e p u s i o que p o d e s e o b j e i a e n e i a b i l i z a d o p o r e i o de suas e o i a s r a o n a i z a d a s de d e s t i u i ão e a s s a s i n a o (os e a p o s de o n e n e i a ão, por exe plo). I a s d i s q u o e s, e n t e a n q, f o a a s e d a d e n a s b a s e s de s u a s t e i n d i a o e s " i a o n a i z a n e s" de que e a n i u a a s " i a a s i n e i o e s" - o

As principais características da própria obra de Adorno são a contribuição para o aumento do sentimento de frustração notório e a ideia de Adorno e Horkheimer de que a obra ou ponto de partida para se entender o anti-semitismo, a saber: que a própria estrutura da sociedade e seus efeitos são a causa de tudo que acontece nos anti-semitas, e de que a situação objetiva contribui para os pontos de regressão, pois a condenação do prazer e o sacrifício consanguíneo dos sujeitos, se não que a sociedade não pense nos sacrifícios e não as distorções e injustiças de vida, faz aumentar o desejo de destruição da que está experimentando a situação. Porém, ao mesmo tempo, em face dos hábitos de destruição, de perseguição e de assassinato aos judeus, os anti-semitas realizam seus desejos de se entregar à "pulsão condenada" - as pulsões destrutivas. Mas para as ideias de Adorno e Horkheimer:

A energia psíquica obediência ao anti-semitismo político é essa idiossincrasia racionalizada. Todos os preceitos são ligados aos rituais e seus seguidores se entregam à sedução ideológica sem a abertura em princípio da realidade [...]. Eles não suportam o judeu e insistem na continuidade. Não há anti-semita que não seja e adote insinuações e ideias que se consideram judeu. O que se considera judeu, aliás, são as próprias ideias: o gesto da ação que aguçam a atenção e a atenção que não se desvia e, independentemente do sentido do juízo prático, uai age a cada coisa e dos sentimentos; o naiz, 'princípio individual' não é, por assim dizer, uai que se insere e no próprio o indivíduo seu vá a paridade [...]. Só é lícito entregar-se a esse instinto condenado quando está fora de dúvida que o objetivo é destruí-lo [...] (Horkheimer & Adorno, 1947, ps. 171-172, grifo nosso).

A capacidade do fascismo de obediência às energias psíquicas das pessoas, e sua "afinidade" com a obsessão pulsional<sup>22</sup> - a ideia, em que os autores se referem - se à pulsão de morte -, se dá pelo fato de poder ser o caso e a não as pulsões que se tornam o objeto de abuso - o indivíduo -, ou as particularidades das "particularidades" dos sujeitos, com o objetivo de controle e "idiossincrasias concretas", ou seja, o adas para a reprodução social, assim fazendo o que a "outra individual" ou a afinidade do indivíduo si para o funcionamento da estrutura social do capitalismo, a partir da "identificação" perversa dos anti-semitas ao chefe único (ao 'Führer'), ou às forças esgotadas que são as

'outra', o 'diferente' - para a sobreposição da "raaariana" com o odo superior de uai identidade "indivíduo", rege oiva.

<sup>22</sup> "A obsessão pulsional, que se desdobra em [os anti-semitas] para a afinidade do que se azação, que a onada de es oia em" (Horkheimer & Adorno, 1947, p. 160).

"ideias irracionais" fascistas<sup>23</sup>. Todos esses e outros expostos pelo fascismo - que visa ao poder, a seriedade da dominação e da destruição generalizada, os valores em oposição proibidos associados aos "valores" e aos "instintos" da psicologia individual, como a esse de Adorno, exposta no livro *A teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista*, de que as propagandas que afirmam a importância das tendências psicológicas das pessoas - seus núcleos primitivos inconscientes - que, não obstante, foram induzidas e requeridas pela objetividade do mundo atualizado (Adorno, 1951a). Quando não é a força motriz da atualidade da importância sobre as pulsões das massas, elas são seus ansiosos de desvairagem toda sua angústia sobre a realidade que apresenta em seus desejos reprimidos pela dominação social, mostrando, assim, suas ânsias de destruição da sociedade.

Adorno e Fromm afirmam que os anseios são as pessoas que "não se satisfazem com o sexo e a sexualidade" (Fromm & Adorno, 1947, p.160) porque sofrem as condições da civilização repressiva e da regressão inconsciente. Os seres humanos em sua realidade e individualidade: a de estar condenados à vida e à liberdade e já não satisfazem a e, por isso, a suspensão da realidade sobre as ideias e as ideias do "sonho negado da realidade da dominação atual" (Op. cit., p.161). De acordo com a seguinte afirmação de Freud encontrada no *Mal-Estar na Civilização*:

[...] Esse aguilhão suscita a culpa dos de nossa civilização e é grande parte responsável por nossa desgraça e que seria o único meio de se abandonar os e tornasse os indivíduos primitivos. Há o esse aguilhão de espancamento porque, seja qual for a maneira por que possa o destino do indivíduo de civilização, consistir na inconformidade que todas as coisas que buscam a fim de nos proteger os indivíduos a ele as onduladas das forças de sobrevivência, faz parte dessa vida civilização (Freud, 1929, ps. 105-106).

Assim, a culpa nasce quando a nossa civilização é repressiva e pela individualidade e insatisfação individual, quando as satisfações pulsionais são proibidas que contribui para a *hostilidade do homem à civilização*. Freud afirma que a causa do progresso é o conflito entre o indivíduo e os fatores de desaprovação do indivíduo e da civilização:

<sup>23</sup> Para ilustrar isso, Adorno e Fromm referem-se ao valor em oposição que se distingue pela disciplina encontrada nos indivíduos anseios, na civilização de indivíduos e sóbrios, no caráter básico dos valores e na onóclia repetição de palavras do "valor" (Fromm & Adorno, 1947, p.172). Essas são forças de oposição que são liberados nas ideias e ideias anseios, que os indivíduos possuem a ânsia de individualidade do indivíduo e do agressor.

Quanto às últimas gerações, a humanidade sofreu o progresso extraordinário nas ciências naturais e sua aplicação étnica, esboçando seu conceito e sobre a natureza de uma América já assim agendada [...]. Contudo, parece que o poder tem se exercido sobre o espaço e o tempo, a subjugação das forças da natureza, o consenso de um consenso que em onze anos, não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que poderia esperar da vida e não os tornou mais felizes (Heud, 1929, p.107).

O progresso científico que Heud vê em relação ao início do século, sendo que Adorno e Horkheimer e os das ciências frankfurtianas à sua parafraza a crítica às abstrações do capitalismo avançado, que surgiu nos regimes nazifascistas. As críticas dos frankfurtianos, então, voltam-se à sociedade que não tem colaborado com a diferenciação individual, pois que o capitalismo avançado desenrola forças de poder às anáguas e racionalizadas, assim anedando e reingorando, por "ações", a dominação e a inócuza enxada na civilização desde seus aspectos, das tuas, pois sua vez, o fascismo é expressão das degradações. O anti-semitismo é o observado da civilização que se prepara a partir da pára e a ao seu desenrolar. Assim: "O anti-semitismo é um esteve a profunda enxada, a ruína da civilização [...]" (Horkheimer & Adorno, 1947, p.160). As questões abordadas por Adorno e Horkheimer acerca do anti-semitismo pode ser relacionadas às hipóteses frankfurtianas, pois que os autores e analisam as questões dos aspectos da abstração e da abstração dada à crítica da cultura, ao fato do anti-semitismo ser a afirmação da natureza que a partir da civilização é a assada; do fascismo ser o "retorno do passado" e o repitido do "e" e do "o" "ingenuidade da natureza do inada" (Jay, 1984, p.37); do anti-semitismo representar o "e" e o "o" "essencial, desejoso de rejeição da dominação sobre a natureza, agora e pregada aos últimos que representam a fragilidade da natureza a ser do inada, e que as políticas e propagandas fascistas souberam da ação; e do judeu, por suas características anedadas - de ser nômade, de enxada a fé e a "bé" o "espírito" -, representam a "natureza a ser enxada" e rebebe. Assim, o anti-semitismo representa o ódio e o essencial em dos "supostos e civilizados" - pedidos de subjeição, do desejo - por todos os outros e os da humanidade que pede que se esteve a o "o" da civilização, quando as anti-semitas se são connotados com a natureza anedada e política - não inegada e subjugadas pela ação esvaziada -, que denuncia a inócuza do "e" e suas ações.

Então, as nossas hipóteses são a de que o legado frankfurtiano à crítica de Adorno poderia ser interpretado da seguinte forma: Adorno visa se apropriar do núcleo da



*Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista*, de 1951<sup>24</sup>. O exo freudiano é o modo de dissonância por Adorno porque, segundo ele, as categorias psicanalíticas desenolvidas por Freud sobre a psicologia das massas - *os* o, *laços libidinais*, *identificação*, *narcisismo*, *ideal do ego* - correspondem aos elementos e dispositivos utilizados pelas propagandas fascistas, assim esboçando a obra dos fatores subjetivos que concorrem para a "transmissão dos indivíduos e massas" na sociedade industrializada. Adorno e o grupo a partir de Freud que, ao se contrapor às concepções de Léon sobre a "ênfase dos grupos", sustentadas nas hipóteses de "insinuação gregária", expõem os elementos que se encontram por trás da adesão dos indivíduos aos grupos e a natureza dos indivíduos em relação aos indivíduos na massa. Nesse sentido, Freud acaba por contribuir com o argumento adorno: ao desmistificar a ideia de "o poder nos indivíduos" das massas quando introduz categorias de análise psicológicas de sua psicologia profunda - a teoria da libido - Freud acaba por iluminar a questão que diz respeito aos indivíduos dos indivíduos, o poder nos indivíduos que "condizem a grandeza em seu próprio nível racional e a presença fase da civilização como o grande esboço" (Freud, 1921, p.168). Freud mostra que os indivíduos das pessoas nos grupos são de uma natureza libidinal, pois são as psicologias inconscientes, produzidas no interior dos grupos, poderia explicar a "transmissão dos indivíduos e massa". Ora, se os indivíduos existem entre os membros do grupo e o indivíduo e entre os membros, segundo Freud, se de uma forma libidinal, ou seja, se o que esboça o indivíduo na adesão das pessoas aos grupos é a questão da "gratificação ou identificação" e o princípio do prazer, ficando, assim, o narcisismo das pessoas, então, as fórmulas freudianas se ajustam à realidade ao considerarmos que, na perspectiva de uma crítica social, a identificação exercida pela estrutura social contém o indivíduo suscitado e presente e a vontade dos sujeitos de se renderem às massas em função de objetivos subjetivos e se sentem envolvidos à realidade. Assim, sendo e a racionalidade objetiva da sua ofensiva e a expressão - racionalidade da sociedade industrializada -, Adorno nessa obra que a racionalidade da propaganda fascista acaba por se tornar "racional" e o dos ganhos psicológicos e subjetivos que ocorrem aos seus seguidores, posto que o fascismo tornou-se um ato de liberação, ainda que de forma "discreta", o ajustamento das pessoas à realidade do capitalismo monopólio, ou à presença fase do esboço em si", pois, os membros das massas, ao fazerem o jogo das propagandas fascistas, "[...] atingem o equilíbrio entre seus desejos insinuados e obrigados e a fase

<sup>24</sup> O exo de Adorno *A Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista*, prossegue as análises da personalidade desenolvidas sobre a personalidade autônoma, de 1950.

"insúria de esvaziamento que a criança e que não pode ser abrigada em teogada" (Adorno, 1951a, p.188).

Um dos fatores mais importantes, dentro das análises freudianas da psicogênese do grupo e que Adorno descreve no seu exo, é o de Freud em sentido e anexo, por meio de várias psicogêneses, as funções psíquicas modernas e as suas tendências psicogênicas a enfrentar que corresponde à natureza dos indivíduos em suas fases, quando Freud, na década de 20, escreveu sua obra para o *narcisismo e os problemas do ego* (Adorno, 1951a, p.167). Embora as mudanças de Freud em relação ao âmbito psicogênico e às funções psíquicas dos "problemas do ego", Adorno pôde extrair das investigações freudianas o significado seu ao objeto, que seja, a de que as funções psíquicas modernas ligadas às funções das pulsões narcísicas são, e que os de dinâmica psíquica, resumo das condições objetivas que, por sua vez, é a função nas condições insúrias do ego. No capítulo dos contrários, os poderes opostos, a de "negação" das ideias narcísicas, é de determinado ou tipo de organização psíquica na sua primeira fase as funções inconscientes que, todavia, corresponde às demandas e condições da fase oposta. Os modos de ser por aqueles dos sujeitos é sendo expressão cada vez mais evidente da sociedade moderna e suas funções produzidas. Assim que Freud posuou e várias psicogêneses, Adorno quer o e a identidade insúria, assim apontando para o aspecto de idade da estrutura freudiana quando essa se aprofunda seu objeto - o indivíduo - que, todavia, é expressão do universal (de e em suas sociedades).

O que pode ser entendido é que, na acepção de Adorno (1951a), Freud introduziu tendências insúrias do "empobrecimento psíquico" do indivíduo e de sua adaptação reduzida, a partir de suas teorias e funções sobre seus conteúdos psíquicos analisados, das quais Adorno se apropriou para dar origem da "existência" do indivíduo nos fenômenos de massa contemporâneos. A função psíquica introduzida por Freud que corresponde à sociedade moderna, para Adorno, de se às transferências sociais do capítulo, assim evidenciando no as "funções de individualidade" que são por aqueles e que as crises da sociedade industrial no século. Sobre isso, Adorno afirma que:

Os elementos e conteúdos insúrias em todos os sentidos de função e identidade papel cada vez mais importante na época atual, considerando que, de acordo com o entendimento de análises psíquicas, as neuroses 'assísimas', o o aspecto de conexão, que se trata de todos para o é todo, o conteúdo nos freudianos em e agora que na

época do próprio desenho de Freud [...] e a do novo Freud, o problema da psicologia de massa está bastante relacionado ao novo tipo de aflição psicológica tão característico da época que, por razões socioeconômicas, testemunha o declínio do indivíduo e sua subsequente fraqueza. Embora o Freud não se tenha preocupado com as mudanças sociais, pode-se dizer que ele e ele ou nos momentos onoados dos indivíduos os traços de sua crise profunda e a onada de se subequestiona e enega a poderosas instâncias ('agências') de suas experiências (Adorno, 1951a, p. 67, grifo nosso).

Para a análise não para o retorno a uma perspectiva bélica e a identificação de uma perspectiva que Adorno e sobre a psicanálise. Entretanto, Freud em seu indivíduo sugerindo experiências que apontam para a análise psíquica - ao expor, por exemplo, vários os psicólogos universitários, que são o "pulsões narcísicas", "pulsões desquiduos" -, e os que o a da economia possa ser encontrado na "descrição" de Freud sobre as relações sociais do problema, Adorno descreve a importância da psicanálise no que contribui para o entendimento de disposições psíquicas suscitados por fatores, sendo e, em seus trabalhos, por exemplo, e a teoria das "egoismos psíquicas" e as "tendências narcísicas", por que, segundo Adorno, *as "egoismos", em última instância, refletem as condições objetivas que têm proporcionado as regressões individuais que, não obstante, Freud não tem se atentado, embora tenha apontado o empobrecimento egóico dos sujeitos.* Assim, pressupõe-se que o que está e que não é a crítica dos conceitos freudianos e dos momentos onoados do indivíduo à luz das transformações narcísicas, pois, para Adorno, os próprios conceitos fazem seu bojo a "narcisidade" quando indica e expressa as "ações" psíquicas que a condição freudiana representa. O empobrecimento do ego individual nas várias fases - até o ego pode denotar o "indivíduo", e o a instância psíquica definida na segunda obra<sup>25</sup> -, e o a em de das pulsões narcísicas para a sobre a identificação do indivíduo e é o à base generalizada, análoga às transformações narcísicas dos indivíduos e aos modos de adaptação exigidos aos sujeitos pelos próprios indivíduos. Três tipos de "ajustamento" e e às forças de dominação que fazem parte do desenho da sociedade moderna. Veja os, de parte, a discussão que Adorno faz sobre as *pulsões narcísicas e o ideal de ego* para a análise dos indivíduos de

<sup>25</sup> Adorno encontra no exemplo de Freud, e *Psicologia do grupo*, utilizou-se do conceito de ego no sentido de representação do indivíduo e o indivíduo.

assa natureza, assim como as propagandas publicitárias que, nas análises de Adorno, apresenta um dos elementos de dominação das propagandas<sup>26</sup>.

A respeito dos fatores psíquicos envolvidos na dominação das massas, Adorno tece e expõe as ideias freudianas de *identificação e narcisismo (identificação narcísica)*, teoricando a própria ideia da identificação sob uma perspectiva para estabelecer sobre o poder das massas, poder que está intrinsecamente relacionado às condições econômicas do capitalismo monopolista. Os conceitos psicológicos necessários para analisar a formação dos grupos massivos e a origem das regressões individuais e a dinâmica que faz parte dos conflitos modernos, bem como o trabalho sobre as forças de adaptação à realidade, influenciadas na vida dos monopólios, e sabendo que os conflitos psíquicos são suscitados pelas condições históricas e que predomina a força de poderes irracionais que, por sua vez, é contribuído para a decadência da consciência individual face à organização. Nesse domínio, diz Adorno que "a identificação não pode nos ajudar a entender, e os de dinâmica subjetiva, as mudanças que na realidade se devida às condições históricas objetivas" (Adorno, 1951a, p.174). Por isso, Adorno que de consistência e ânimo da doutrina da identificação concebida, inicia em Freud<sup>27</sup>, sendo evidente que essa doutrina aponta para a guns e em ensaios que estabelece sobre as relações entre as condições objetivas e as regressões psíquicas individuais, relações essas que não se originam e idênticas na ligação das pessoas predispostas ao fascismo e seus ideais modernos, e que acaba por de consistência a "realização" do jugo em que a individual face à organização a vida da sociedade atual é da qual os sujeitos não se "conhece" às. A ideia freudiana da identificação estabelece sobre as mudanças históricas da psicologia do sujeito, apontando para dois fenômenos bem conhecidos: o fortalecimento do narcisismo e a firmeza do ideal do ego, pontos que as ideias são intrinsecamente relacionadas. Desse modo, Adorno faz uma releitura em

<sup>26</sup> "A adequação dos dispositivos dos agitadores à base psicológica de seus objetivos é aperfeiçoada por outro fator. O consumidor, a agitação fascista tornou-se uma preocupação, por assim dizer, um tipo de vida. Ela é baseada e apoiada na realidade de seus próprios atos [...]. Sua realidade é, e a própria, um afundamento da psicologia dos consumidores. Por um processo de alongamento, que pode ser observado em todas as épocas e pregadas na moderna ou antiga de massa, os atos sobre eles são realizados, de acordo com a situação aos órgãos de propaganda que proclama ser atos na promoção dos negócios" (Adorno, 1951a, p.184).

<sup>27</sup> Segundo Freud: "A identificação é conhecida pela análise psicológica a expressão de uma parte ou de toda a outra pessoa. Ela desempenha um papel histórico importante do tipo de exemplo de Freud. O primeiro estágio desse processo é o pai; gostar de ser como o pai, ser como o pai e o seu lugar e modo. Pode ser que se possa dizer que a sua própria ideia" (Freud, 1921, p.115). Não obstante, Adorno à essa questão a primeira da natureza ambivalente da identificação para suas análises, dá um que nesse conceito se apresenta a dinâmica psicológica das pessoas da sociedade industrial a adaptação, e o fortalecimento do ideal do ego, a identificação não pode ser "realizada", por forças da própria estrutura social. Assim, Freud também afirma: "[A identificação] só pode ser o resultado da primeira fase da organização da vida, dá-se a [...] (Freud, 1921, p.115).

essa forma e a de adência, na sociedade ad ministrada, do sujeito econômico e suposta em "autônomo", ou seja a realizado na área.

Para Freud, a consciência do ego se dá por meio da *identificação* com o 'pá', com a identificação dos modos que representam a autoridade que o indivíduo gostaria de ser se não fosse (Freud, 1921, p.116). A identificação *psíquica ideal do ego* surge como o *substituto do narcisismo primitivo*, por meio de suas identificações parciais, representando no sujeito as exigências ou suas identificações:

A essa identificação a ideia de ego', e, a função de funções, atribuídas à autoridade, a consciência moral, a censura dos sonhos e principalmente a repressão. Disso que se trata é o conteúdo do narcisismo original [...]; gradua-se e reúne, das identificações do objeto a bens, as exigências que se impõem ao ego, das quais não pode se prescindir; a ideia de ego, quando não pode ser satisfeita pelo próprio ego, e, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no ideal de ego que se diferenciou do ego [...]. Mas não nos esqueçamos de acrescentar que o ideal da identificação em esse ideal do ego e o ego ideal é um ideal e de um indivíduo para outro e que, em muitas pessoas, essa diferenciação dentro do ego não é a única da que sucede e varia (Freud, 1921, p.119).

Pode-se dizer que, segundo Freud, dependendo do grau de dissânção em ou de dissânção entre o ego e o ideal do ego no indivíduo, isso é possível a submissão ou a resistência do indivíduo à autoridade externa, impositiva. Quando diferenciado o ideal do ego do ego, a resistência é à autoridade, e a resistência ao indivíduo aos apelos das propagandas ideológicas. Assim, a identificação com a autoridade, que representa o ideal de ego que, por sua vez, propicia ao sujeito a consciência superior em relação para poder julgar os demais ou suas impositivas, é observado por Freud como um dos pressupostos para a resistência ao grupo. Mas que tipo de identificação são essas em relação à ideia da autoridade dos indivíduos de massa ou ideológicos? As identificações que estão presentes na formação dos grupos fascistas são relacionadas ao *narcisismo*, ou seja, refere-se a suas formas de identificação são as primitivas e as ideológicas que, segun

das análises de justiça e desonra em que estaga a idade que é de seu próprio eu e próprio (Adorno, 1951a, p.175).

Para a compreensão do fenômeno desafiador, é preciso entender dois fatores, presentes na realidade social, que se encontram interligados e que são as consequências nas ações subjetivas modernas - o empenho em o egoísmo - e suas interações por meio dos dois fatores: primeiro, as transições evolutivas do capitalismo interligadas para o capitalismo dos monopólios, que é a elevação da autoridade paterna na família<sup>28</sup> e o contributo para a formação individual nos seres em relação à autoridade. A autoridade paterna do pai dentro do capitalismo dos monopólios e se estendendo ao âmbito das instituições do país e do indivíduo, no sentido de que, não obstante a intensificação das exigências familiares e do poder paterno por parte da criança, a formação do indivíduo tornou-se debilitada e o correspondente empenho em o egoísmo não é se realizado na formação do indivíduo a autoridade paterna, sendo a *identificação com a autoridade* - a base do pressuposto para a internalização e para a submissão à autoridade, o que se realiza em substituição da liberdade. O desenrolar do processo, pressupostos, e se estendendo na fase e que a autoridade não pôde ser injeitada. só a vida a hipótese e anada por Adorno acerca dos aspectos regressivos de identificação em oídos na estrutura da idade moderna nos fatos que são para "a [ou a] da idade paterna". Ou seja, essas identificações são típicas em nasceres, conexões, e os da epistémologia freudiana, ao estágio da e do "nascimento primário" do sujeito, a a formação do desenrolar do processo anterior ao período de latência. Adorno se apóia na teoria da identificação freudiana e que a identificação é a base da formação ou a formação de "ligação às coisas" e primária dos sujeitos durante o estágio "oral e de incorporação" do objeto, exercendo um papel na presença da do período edípico. O que pode ser entendido disso, é que a definição de identificação e vida e isso antes do grau de regressão dos indivíduos submetidos a uma socialização:

<sup>28</sup> Tornou-se por um desmoronamento que no texto de Adorno

A é disso, o aspecto principal e necessária da identificação do outro a que se refere 'de si', de que o objeto a ser desejado, pode nos fornecer a pista para a formação de que a imagem do ideal do ego não às vezes parece ser a pista da própria personalidade do sujeito, ou a projeção de si mesmo, do que a imagem de um particular papel das fases da infância do sujeito pode ser diminuído na sociedade atual (Adorno, 1951a, p.174).

Logo, segundo, a ideologia do "eu" se suscitado por meio da expressão das aflições psíquicas expressas pelos impulsos narcísicos - o entretanto do ego e a autoimagem do narcísico, muitas vezes encontra-se na realidade social -, impulsos esses que são, principalmente, desencadeados por essas ações de socialização e imitação, de uma cultura que, constantemente, é adaptado a autoconservação. Segundo Adorno, a ação social é impedido a realização das "demandas do ego" dos sujeitos, pois que a autoconservação exigida para a reprodução social e se sobrepõe às "necessidades" individuais genuínas, contribuindo para o não reconhecimento do indivíduo na cultura. Na sociedade que obriga os homens a se entregarem às funções sociais, os indivíduos são ávidos e oprimidos, exultam e enérgicos para o trabalho, obrigam os homens a buscar e satisfazerem suas necessidades, ou seja, o trabalho para si mesmo. Logo, a ideia principal é a "satisfação narcísica" quando as necessidades sociais fazem do ideal seu ideal. Assim :

As pessoas são as quais e e [o "eu"] e de onde a energia e a paixão do indivíduo Adorno e a análise de que a influência do eu racional e auto-preservação e a energia e o desejo e o trabalho contínuo e satisfazer as demandas de seu próprio eu. Esse conflito resulta em impulsos narcísicos fortes, que só podem ser absorvidos e satisfeitos pela idealização entendida como transferência parcial da libido narcísica para o objeto. Isso, por sua vez, corresponde à seletividade da imagem do ideal do ego e a pista do sujeito: a força do ideal seu ideal, o sujeito a a si mesmo, pois assim diz, as seletivas das análises de frustração e desconfiança em que se estaga a imagem que de seu próprio eu e próprio (Adorno, 1951a, p.175, grifo nosso).

O que principal é a adaptação integrada aos conflitos de classe é o desenrolar de um narcísico individual que influencia a libido no ideal e no grupo. O ideal consegue expressar e o outro para a si, se inibições, todas as "pulsões destrutivas" e os desejos proibidos dos outros da sociedade moderna, sendo a destrutividade ainda das frustrações individuais ocasionadas por essa sociedade, pois: "O 'eu', com sua vontade de anulação e o desejo da dissolução que a destrói, puxa a toda. Sua representação realiza

substituiu a personalidade que é dada a todos os deuses na realidade" (Freud & Adorno, 1947, p.172). Nesse sentido, as pulsões narcísicas e a sexualidade da dinâmica social evidenciam as "ações individuais" e "ações", isto é, para a realização da dinâmica social, o aparelho psíquico tornou-se racional e adaptado. As condições sociais, na idade que a sexualidade se encontra em indivíduos e impede a diferenciação individual, o abocanha os modos narcísicos de ser por aí em<sup>29</sup>. Já a padronização de identidade na sociedade, diz Adorno seu padrão social, isto é, há um grande número de pessoas e disposições e as individualidades se adaptam para aderir aos ideais racionais, ideais esses que se agita na estrutura social, o que nos leva à sua vez a afirmar que as disposições se deparam com condições sociais e condições e à estrutura social esculpida que conigura e forma as entidades pessoais, ou ainda outras, correspondentes às pessoas que individualiza e cria "existência" outros indivíduos que, apesar de estar a seus lados<sup>30</sup>. Os indivíduos também asfixiam a vida, nas suas respostas psicológicas às condições sociais das propagandas sociais, a existência da expressão e os estudos da dinâmica social (Adorno, 1951b). E, recorrendo à outra obra de Freudiana, Adorno e Freud o indivíduo, e todos os outros de sua existência, *substitui seu ideal do ego à figura do líder*. Freud afirma que "estas são as condições de que a vida só que pode contribuir para a expressão da estrutura individual dos grupos, e conduz à distinção entre o ego e o ideal do ego e à dupla espécie de função que isso possibilita: a identificação e a submissão do objeto no lugar do ideal do ego" (Freud, 1921, p.140). Ou seja, isso acontece para o indivíduo em que se viu do sujeito que "se entregou ao objeto", ou a autoridade externa e social, a submissão e identificação na formação das estruturas sociais, e dentro em que de uma formação individual suscitada na independência ou inexistência.

<sup>29</sup> Segundo Freud: "Embora o narcísico seja considerado um estado que beneficia a psique, e não deixa de apresentar vantagens que permitem ao indivíduo adaptar-se e se adaptar aos desafios do princípio da realidade. O indivíduo, por sua vez, de maneira dirigida ao seu ego quando se trata de sobrevida e obriga a isso" (Freud, 2004, p.198).

<sup>30</sup> Freud também afirma a respeito da "narcísico das pequenas diferenças", na sua obra narcísico é isto o que a identificação individualiza outras pessoas, de outros grupos: "Mas as individualidades e as condições individuais das pessoas se encontram por estarmos o que é de fato, pode ser a identificação a expressão do narcísico, do narcísico. Nesse caso, as estruturas para a presença do indivíduo e o por aí em que se a identificação de sua vida e a gênese de suas próprias ideias específicas de desenrolar em que esse indivíduo de suas e a existência de sua existência" (Freud, 1921, p.113). E Adorno acrescenta que isso joga luz à questão da entidade pessoal, das pessoas que odeiam tudo o que é diferente, beiseiro na dinâmica entre *in-group* e *out-group* (Adorno, 1951a, p.178).

Adorno ainda nessa altura as observações de Freud sobre a externalização do superego, incluindo o conceito de "ideal do ego" no seu estudo sobre a psicologia de grupo, a respeito da "transmutação da libido" em "ideais do ego" (Adorno, 1951a, p.188), a bem de dizer para o estudo da personalidade fascista - sujeitos que "falam" no desenho da consciência da infância, substituindo-a por identidades do auto e das outras e ligada em estruturas (Adorno, 1951a, p.172). O que já foi e anexo, Adorno suscita a ideia de existência em e as condições sociais do capitalismo e a dinâmica psicológica e suas condições (seu e pobre em q). Há e em q. Anexas à nossa organização social e individual que é perdido a autonomia individual e a capacidade de reflexão, assim substituindo a consciência individual, capacidade esgotada por Freud na formulação da segunda ordem, conectando à ordem psíquica. Assim, a consciência da natureza humana e perdido sua função, deixando de ser observado às políticas e aos poderes econômicos que conecto para a dissolução da vida dos sujeitos. Tais discussões, a respeito das condições e a queda das funções do superego e a externalização de todas as estruturas sociais, encontra-se no texto *Elementos do anti-semitismo*, no sexto e em q. Assim, diz Adorno e Horkheimer:

Ma medida é que a grande indústria não se baseia na submissão à desolação da sua base econômica, e incluindo o sujeito econômico independente [...], a própria reflexão não pode senão agir [...]. A consciência da parte de seu objeto, pois a responsabilidade do indivíduo por si mesmo e pelos seus é substituída pelos poderes e por sua contribuição ao aparelho, o que isso ocorre sob as antigas categorias. Não é mais possível da sua existência ao indivíduo e que se torna a consciência da. A medida da individualização do indivíduo social - que não apenas se conecta e a obrigação e ao mesmo tempo as abstruções, a bem de dizer a sociedade e a que se faz o que se conecta a sociedade - e a ligação à identidade própria e à ideia do as estruturas de aces esgotadas (Horkheimer & Adorno, 1947, p.185).

Os autores apontam que os conflitos psicológicos baseados na conexão da infância em e a consciência da - o superego - e as demandas pessoais - o ideal do ego - e ligados na sociedade industrializada, na medida é que os grandes negócios e as poderosas indústrias são de fato ligados, de anexo, as condições subjetivas e os regulamentos sociais e econômicos a serem seguidos. Se o *ideal do ego*, pressupõe por Freud, a a ganância da individualização por meio da apropriação do sujeito da natureza - que, o que é exposto a, conecta ao sujeito

sua adaptação à sociedade, a sua obediência às normas jurídicas, ao Estado e ao poder, a liberdade econômica e a crítica à sociedade -, a expropriação dessa independência pelos poderes econômicos - as políticas fascistas - e a instrumentalização da essência da seriedade da vida, e o ocasionado a obediência cega e incondicional das pessoas aos bens jurídicos de consumo e aos ideários ideológicos que estão a serviço da reprodução econômica. A identidade não foi dada das pessoas a seus ideários e a seu poder a utopias do poder: a vida não se sobrepõe de forma na psicossocial individual que, mesmo que os sujeitos percebam a racionalidade contida nas instituições econômicas, a forma a essência de adaptação à realidade e de conseguir a própria satisfação na vida se dá, necessária e por direito da abdicação da própria consciência. Assim, a repressão da consciência ocorreu nos fatos das desigualdades da apropriação das pessoas às condições sociais que não contra seus próprios interesses, pois a seriedade da consciência obriga a adaptação das necessidades pessoais pelas condições dos dogmas fascistas e burocráticos, e das exigências econômicas que ignoram a presença da fase do capitalismo. O "sujeito econômico independente" foi eliminado, e o indivíduo burocrático, que de sua forma de vida à economia política do Estado, perdeu sua razão de ser, ou seja, a dissolução da consciência crítica e a formação do agente educador da personalidade (o ego) para a adaptação social é subordinado para a entrega assim das pessoas aos poderes opressivos, e que os indivíduos foram transformados e seus objetos. Contra as discussões no âmbito da *Mônada*, e que Adorno estabelece a discussão sobre a essência do indivíduo burocrático, de cujo auge e sedimentação se deu às bases da fase econômica - liberal, e a dissolução do indivíduo burocrático, o adeno das grandes indústrias da fase monopolista do capitalismo:

O indivíduo de e sua instrumentalização às forças da economia política, e pertence ao Estado urbano. Mesmo o oponente das pressões da socialização, e e permanecendo seu produto da consciência e a essência. O que se percebe a essência, a vida de independência, e sua fonte no interesse individualizado próprio e na instrumentalização desalojando o indivíduo. O indivíduo que precisa em sua individualidade, a sociedade precisa da expropriação, pois que se seja educada. Isso significa a liberdade que sua devida na presença não é a goa seriedade de um ponto de vista individual, assim a participação da sociedade, a vida e a seriedade por direito da individualidade, e não o o adeno das [...].

Ata é dessa dissolução no próprio indivíduo de todo e em educado, graças ao que e e ainda a um pouco de sujeito social, e se e pobre, se e burocrático e regido ao estado de o objeto social (Adorno, 1951b, p.131).

As pessoas, reduzidas a "áreas sociais" ou a uma "cafunço" na solidão, contribuem para as hipóteses e induções de Freud acerca da psicologia de grupo e que para Adorno, a contribuição psicológica dos estudos das massas - o nazifascismo regressivo, foi a evidência para as sociedades o "contorno" interno e pobre em egoísmo -, e suas funções nas condições objetivas. Os dispositivos psicológicos suscitados pelos meios e propagandas que afetam - ou melhor, o substrato individual psíquico próprio ao fascismo e desenvolvido pelos meios e meios presentes para as análises de Adorno acerca das forças de dominação e de regressão presentes e utilizadas no capitalismo avançado. Tais forças de dominação são a principal característica dos regimes nazifascistas quando dos fenômenos suscitados pela indústria ou pela das sociedades das "desordens".

### 3- A psicanálise ao revés

No *ex.º A Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista*, Adorno descreve que o aspecto de essência em da psicanálise encontra-se na abolição do psiquismo, ou seja, nos induções psicanalíticas de fazer o que o outro e se e anseio do "do indivíduo e o modo de seu inconsciente" - que define o vácuo psíquico própria em de - , encontrados na análise freudiana de que o id de si se encontra: "Essa poenaidade [o de e anseio] é a unidade no construído básico da psicanálise, porquanto para Freud o conteúdo de psicologia é essencial e negativo" (Adorno, 1951a, p.187). O vácuo contributivo da doutrina freudiana, a é de seu instruído de análise sobre os traços psicológicos das pessoas que aderem às massas fascistas, a que pode ser visto, no pensamento de Adorno, o ou a referência ao seu em endo em quanto a de resiliência, pois a doutrina que é em que se aplica para sua própria superação, ou seja, do do indivíduo da autonomia representada pelo inconsciente que poderia identificar aos sujeitos a consciência das forças de controle e sociais imateriais, que aplica para suas diversas psíquicas regressivas.

Mais do que isso, para a atuação do fascismo, a psicanálise é a que é usada por Adorno para negar a vida e para a compreensão da manipulação psicológica utilizada pela propaganda fascista que contribuiu para a perpetuação do aprisionamento do indivíduo à imateriais do modo, por ser suscitado a imateriais individual. Ou seja, Adorno, ao aplicar sua crítica às sociedades administradas (endo e às políticas fascistas), a que é o a sua análise à própria psicanálise - à sua construção interna -, trazendo à tona o efeito dos aspectos iniciais dessa ciência ao indivíduo que o fascismo, expressão política da ação que afetam (Freud & Adorno, 1947), se apropriou da psicologia o modo de controle e social, contribuindo o que Freud espelhou ou no *ex.º Psicologia de Grupo e Análise do Ego*

a obra da substituição do ídea do ego pela figura do ídea: "o 'eu' pobre e em oposição do sujeito que se entregou ao objeto" (Adorno, 1951a, p.188). Assim, o caráter crítico da obra de Adorno é a discussão sobre os processos sociais alienantes e inautênticos que a psicologia parafraseia a prisão da realidade regressiva e convida aos inegáveis autênticos do indivíduo, o que, por sua vez, convida para a autenticidade da própria psicologia - o ego não diferenciado do id, a partir do apego das instituições organizadas à inautenticidade convida no inconsciente.

Ao fazer uso da psicanálise utilizada e as "técnicas psicológicas" de dominação das massas utilizadas pelas várias forças, Adorno faz a discussão sobre o saber da psicanálise no mundo que a história ou o sentido oposto, pois a propaganda faz isso com o poder da cultura de consumo, que se tornou Adorno e denominado de "psicanálise às avessas". Isso quer dizer que, ao contrário da psicanálise freudiana esvaziada, as propagandas fazem isso com o objetivo de expropriar o inconsciente dos sujeitos para fins de ajuste em sociedade, "integrando" e direcionando as pulsões para o funcionamento das instituições de caráter inautêntico. Desse modo, a psicanálise tornou-se "uma técnica ou uma espécie para a administração e encarceramento e aterrorizantes e desparecidos, de modo a abandonar e expropriar" (Adorno, 1951b, p.55). A "operação psicológica no antigo sentido hebraico" que aponta para o indivíduo autêntico e encontrada no conceito básico da psicanálise utilizada - que o "id que não se ego" - foi desvirtuada no fascismo. Assim:

A autenticidade do indivíduo e do indivíduo em si mesmo e de seu inconsciente se aterra e à abolição de sua "psicologia". O fascismo promove essa abolição no sentido oposto, pela perpetuação da dependência em lugar da realização da liberdade potencial, pela expropriação do inconsciente por meio do controle social em lugar de tornar os sujeitos conscientes de seus inconscientes. Pois, ao mesmo tempo que se predispõe a garantir a autonomia do indivíduo, a psicologia também pressupõe liberdade no sentido de uma autonomia subjetiva e autônoma do indivíduo (Adorno, 1951a, p.187, grifo nosso).

Quando se analisamos os efeitos das propagandas de vários tipos que se realiza em países no quadro social - quando os de algumas tendências sociais predominares, que são a indústria da cultura -, que é apego, direcionamento e o caráter das e a todos os indivíduos - suas pulsões naturais e destrutivas -, os resultados se dá que o "potencial de liberdade" e de liberdade dos indivíduos se torna reduzidos, ou que se inexistem, nestas condições sociais, ficando (ou "perdendo") os princípios

básicos da psicanálise utilizada, a bé os condenando à obsolescência. Nesse sentido, o fascismo gerou a disjunção da psicanálise - assim como o ree ou seja a "sobria do espírito em" (Freud & Adorno, 1947) -, a partir de suas ideias macionas encontrados nas expressões "sangue e suor", e de sua "ideologia" suscitada e ideias pseudocientíficas sobre a "raça" que obriga a as regressões macionas de uídões.

Adorno (1951a, p.187) nessa que o fascismo é reflexo da estrutura social esandizada, não podendo ser explicado por razões da mente psicológicas, pois é u o i em o por i o que se apó a nos inesses eônô i os de u a estrutura social de poder o endênas o ai as. Mas a te a ão do fascismo o o a psicológica individual é a de que o seu sucesso a bé se de e à amputação do inonsên e dos sujeitos e da exposição da enidade propensa ao p eônô - que é e a própria resu do das condições sociais frustrantes e injúas a que os indivíduos são obrigados a se sub e - para a ender suas finalidades macionas. O is o, Adorno que diz que *o fascismo define, delimita e explora a psicologia individual contribuindo para a "abolição do indivíduo", no sentido liberal do que o e que o indivíduo poderia ser definido por sua racionalidade e reflexão crítica. Os conceitos psicanalíticos deram sustentação à afirmação de Adorno de que os movimentos nacional-socialistas se utilizaram tanto do narcisismo individual de seus componentes, como dos mecanismos psíquicos mais primitivos dos mesmos - ou seja, os i em os se apropriada da psicologia das massas. Nos períodos o ai as, a do ina ão e se dado por o de eanis os sociais que é liberado o "individualismo desenhado" - que seja, a liberação de forças pulsionais dos indivíduos -, que, paradoxalmente, deina a o esio a em da individualidade. Sob o ra so disurso da autoconservação, a obrigação das pessoas pelas várias formas e é onôido para a ei ina ão do indivíduo:*

Ora que a liberação do indivíduo pela política não é a a esên a, as a ei ina e a própria individualidade - processo esse que atinge sua plenitude e esados da a ai as -, é o odo de u a das condições enas que desde o séu o i pena e ão ao fascismo (Adorno, 1951b, p.131).

Desa ra a, quando o o e e em i presên e a eia da sociedade para enender e esuda o grau de potência anide o ai ou fascismo suscitado nas pessoas, inseridas nes a ou a (o o Adorno fez nas suas discussões), poderia os pergun se não se o na e e em a a bé pensa as energias psicológicas que poderia re e o uado da

adesão dos sujeitos aos estereótipos preconceituosos e à irracionalidade generalizada, não apenas na sociedade, pois:

Longe de se aprofundar nas causas, a psicologia se contentou em encontrar o culpado e a solução sob o pretexto de que a própria realidade é nada necessária pelo poder das ideias - a própria irracionalidade das massas. O conteúdo da teoria de Freud - a substituição do narcisismo individual pela identificação com o objeto dos ideais - apontava na direção do que poderia ser o tratamento da psicologia das massas pelos opressores. Nesse processo, o que se fez, na verdade, foi a transferência da psicologia das massas para a psicologia da abstração no sentido antigo e clássico (Adorno, 1951a, p.187).

#### 4-O pressuposto antropológico da mentalidade anti-semita: a paranóia e a falsa projeção

No que concerne ao sexo e ao gênero do texto *Elementos do anti-semitismo*, trata-se da análise da posição da obra e a posição de Adorno e Horkheimer em relação à teoria freudiana para a explicação sobre a psicologia anti-semita correspondente aos fatos que, por sua vez, é o reflexo da tendência racialista do esoterismo. Os autores, partindo da psicologia anti-semita, fazem referência explícita à dinâmica psíquica encontrada na segunda etapa da psicanálise para a discussão aos seus argumentos sobre a "projeção paranoica" do conteúdo psíquico reprimido e utilizado pela personalidade anti-semita, posto que a teoria freudiana, a nosso ver, quando o trata, pode o psicólogo para explicar os conflitos e as regressões individuais, e as instâncias irracionais de conflito e da subjetividade, que se mostram de forma patente nos sujeitos predispostos aos preconceitos e à irracionalidade generalizada da política nazifascista: "o 'verdadeiro psicólogo', o pressuposto antropológico de todos os tipos de massa racialistas" (Adorno, 1951b, p.202). Freud, na segunda etapa, explica o psíquico por meio das instâncias irracionais do aparelho psíquico: id, superego, narcisismo (regressão do ego).

Nesse sentido, apesar das objeções e críticas posteriores de Adorno à segunda etapa<sup>31</sup>, os que se constituem as bases conceituais para a discussão adorniana sobre a psicologia anti-semita que se encontra relacionada às mudanças estruturais da sociedade. Além disso, ainda, que o texto *Elementos do Anti-Semitismo*, publicado em 1947, está relacionado às pesquisas e práticas do Instituto de Pesquisa Social sobre a gênese do preconceito, entre os quais se destaca o estudo sobre a personalidade autoritária (Horkheimer & Adorno, 1947, p.16). Assim, as linhas das hipóteses e análises no ensaio *Teoria sobre o anti-semitismo* foram encontradas nos resultados e princípios da pesquisa *A Personalidade Autoritária*, de

1950, sobre o "vácuo autônomo", o que nos faz pressupor a continuidade de reflexões adonianas sobre a dimensão subjetiva do fascismo e seus tabus sobre o eu, e que a importância da teoria psicanalítica freudiana é destacada por se tornar indispensável às análises de Adorno.

Freud e Adorno (1947, p.174) introduzem a questão por meio do início do sexo e em seguida afirma que: "[...] o anti-semitismo baseia-se numa falsa projeção. É o resultado de uma defesa genuína [...]". Assim sendo, nas suas análises filosóficas e sociais sobre o anti-semitismo, os autores acabam tornando, pela suas exposições acerca da *falsa projeção*, à filosofia adoniana, por meio da apresentação de uma análise epistemológica da projeção, pois essa é a essência básica da teoria eu/ mundo, um instrumento de autoconservação e faz parte do processo de sobrevivência. Para atingir a compreensão acerca da falsa projeção é o associada à gênese do fascismo e à permanência dela. Adorno e Freud fazem algumas considerações sobre o conceito filosófico de percepção, baseando-se na teoria do conhecimento de Kant<sup>32</sup> para discutir sobre o "vazio em projeção" e o elemento necessário ao conhecimento e ao pensamento para a emergência do sujeito face aos dados do mundo e físico. A projeção "autônoma", assim como a defesa e suas forças espongiáveis, está a serviço da autoconservação. Assim, ele diz: "É o conteúdo do objeto e o dado indubitável dos sentidos, entre o interior e o exterior, abre-se um abismo que o sujeito e de fora por sua própria vontade. Para que ele a coisa a ser e a é, o sujeito de e de o exterior às do que de a recebe" (Freud & Adorno, 1947, p.176). Portanto, a ideia de vácuo autônomo é o momento quando-a a seu serviço.

Na medida em que os sujeitos foram apropriados da experiência por questões da dominação social e das condições iniciais da divisão do trabalho, que de que inata a proibição dos impulsos e do prazer, os sujeitos, condenados à impotência da razão instrumental para a realização do pensamento objetivo sobre os dados do mundo externo, perde a diferença entre o eu e o mundo com a perda do trabalho reflexivo, dos elementos mediadores do pensamento. Os autores, então, depois da referência à análise sobre ao conceito psicanalítico de projeção, principalmente, o de projeção patológica que

<sup>31</sup> Lebia os que as ideias foram apresentadas na primeira parte e desesuso.

<sup>32</sup> Sobre esse aspecto, Rezende (2006) diz: "A referência a Kant não é uma simples referência, as condições de validade da experiência que os autores apresentam da projeção é o paradigma da ordem da vida e seu aspecto a ser analisado se principalmente em no anti-semitismo" (Rezende, 2006, p.198). Os autores referem a Kant a prosódia do papel do do sujeito cognoscente, discussão que se encontra na obra adoniana *Crítica da Razão Pura*.

fôo desen o ida deno da nosog a da pa anôa<sup>33</sup>. A eoi a ps anaí a, a pa in do es do dos eanis os ps o óg os en onados nas afe ões ps uas que orresponde às regressões neu ólas e aos deínos pa anô os, ass apon ando pa a o eni a ue en o e "ind r enã ão" do ego e re a ão à reaidade), inroduzu no as possibi dades de in e p e a ão dos sujê os que a eoi a a í a in o pou pa a suas aná ises do fas s o e das odi a ões dos sujê os fa e à o de o a i a.

Des a anê a, Adono e í a í a a e s e n a que o o pou a en o proje i o, e sí, não é propia en e pa o óg o, as, sí, o o no aso do aní se í a, *a ausência de reflexão que caracteriza o comportamento projetivo é que se torna patológico*. A fa sa proje ão se a, en ão, a anes a ão da proje ão pa o óg a que se deíne o o a in apai dade do sujê o de pa eba que o undo passou a se ópia - proje ão - de seu "eio" ín i o e de seu edo in e no, í s q i a en e on sí u do pou aso da opressão í r i z a ó i a<sup>34</sup>. Des a ó i a, e es dize que: "O dis ú bio es á na in apai dade de o sujê o dis o m no a e i a proje ado en e o que pou é de e o que í e é a í a o" (í a í a e & Adono, 1947, p.175). Ass í, os au oes se respa da na eoi a í eudiana dos on í os ps u os expos os na segunda ó i a, ob i zando u a séie de on e os ps anaí os pa a suas ag u en a ões a e a da ps o óg a aní se í a, en ando a bé es a e a os fa oes ps o óg os que es ão na base de o da e í u a í u í a de o pou a en os au o í í os e pe on e u osos e, p i n í pa en e, e í den í a o e pou e í en o egó o e as regressões í nd í duas es í u adas pe as on d i ões do a p i a í s o a d o. A eoi a í eudiana, en ão, é ap op i ada pe os au oes pa a da sus en a ão às suas dis o ssões sob e a í a sa proje ão que, an e s de se ex ú s a en e u eanis o ps o óg o de u a en e "doen í a", í e e a se - o o apon a e os í s adí a n e - a expressão da "se í - u u a", o p i e ssupos o das

por Astor - 259.353 Ast - 259.356 upanê da res í - 259.353 useue o

As egoíadas freudianas são adicionadas para representar e expressar a configuração subjéctiva e perversa, e regredida, de pessoas que têm e sua psicologia a qualidade irracional. "A irracionalidade do sistema irracional se aninhava na psicologia do sujeito", afirma Adorno (1955, p.42) no seu livro *Sociologia e Psicologia*. A psicologia enfatiza a regressão do sujeito, o apelo ao sócio, sendo a "ação psicológica" doentia, fruto da dissolução do trabalho no indivíduo e da consuetidão da dominação no indivíduo (Adorno, 1951b, p.202). A segunda tópica freudiana permite mostrar, a partir de sua leitura monadológica, as instâncias irracionais de controle da subjetividade incorporadas na psicologia, sendo que os comportamentos anti-semíticos manifestam, de forma mais patente, tal irracionalidade social. Assim: a desubinação sócia expressa e propagada pelo fascismo é a "paixão social" que próxima dos eventos se enquadra nas ações perversas que consistem no assusado expurgo de toda a humanidade. Veja os seguintes:

Segundo a teoria psicanalítica, a projeção paranoíca consiste subjéctiva e na transferência para o objectivo, pois os sujeitos são condenados do sujeito. Sob a pressão do superego, o ego projeta no mundo exterior, sob as influências das, os impulsos agressivos que é doíde, por causa de sua falta, consistiu na falta a si e a si próprio [...]. O indivíduo condenado e transferido e agressão é, na maioria das vezes, de natureza homossexual. Por medo da castração, o indivíduo e a obediência ao pai ao exterior de anépica, assim sendo sua vida afectiva consistiu na vida de uma menina, e o ódio do pai se encontra no eu inconsciente. Na infância, esse ódio impede a expressão de castração, sob a falta de uma ansia de desubinação generalizada. O doentio regredido à infância não é a falta do amor e do desejo de subjugar. Para ele, o que importa é a proximidade física, a posse, a relação actual com o [...]. A projeção paranoíca é um resultado desesperado do ego que, segundo Freud, propaga uma projeção irracional em suas relações com os elementos inconscientes do que constitui os elementos externos (Freud & Adorno, 1947, p.179).

Na relação à a, encontra os, de fora a expiação, a síntese da teoria freudiana sobre a paranóia, especialmente em, discutida no *Caso Schreber*, que no livro Freud apresenta a projeção do evento de defesa das ações perversas, sendo a paranóia a defesa contra a homossexualidade<sup>35</sup> (Freud, 1911). Que pese as relações de Adorno e

<sup>34</sup> A falta de projeção, no sentido mais amplo, é típica não apenas do anti-semitismo (ou da emulação fascista e, sob o efeito dos, do sujeito se viu), mas também a si próprio pensa em objectivo do evento em que, quando na sua falta a posição a actual não pensa em conteúdo (Freud & Adorno, 1947, p.180).

<sup>35</sup> A homossexualidade, por sua vez, é uma medida de defesa contra a castração paranoíca. Segundo Freud, a respeito do delírio de Schreber: "A falta a si e a castração, na castração, há a realidade que se ouve a falta para sua expressão de desejo [...] de se transferido e transferido" (Freud, 1911, p.76). O que pode ser visto

O que é a "psicanálise" eudiana em relação à psicanálise - e a sua projeção (projeção pária), pressão do superego (superego rígido), ego em função dos impulsos agressivos, da masturbação e da homossexualidade repressada -, em termos, da passagem a ela, que o conteúdo de projeção paróica é apropriado pelos autores a fim de fazer e na discussão dos abrigos e a sua do anti-semitismo, no sentido de que esse conteúdo é a identificação em função do sujeito e o adocamento do "espírito" individual, da capacidade de julgamento e discriminação racional em termos e termos da realidade, e a sua sociedade opressora da "natureza" humana, na sua o prazer só para si "utilizado". Os impulsos sóciais e condenados - que, segundo a teoria psicanalítica, procede de a "natureza" homossexual - rege a agressão, no sentido de que o "ódio contra o pai" aparece só o prazer na masturbação de destruir as pessoas. Isso, em termos de a apropriação, pelos frankfurtianos, da teoria eudiana da paranóia relacionada ao repressão da homossexualidade, se deu porque a teoria que se deu a experiência psíquica de sujeitos que em a discriminação, a agressão, destruição e subjugação que esse não se conforma aos estereótipos de sua identidade (identidade construída sob o signo da identificação sócia sobre as pulsões sexuais), o que, por sua vez, responde à natureza do fascismo em termos e a sua base é a ideia de "indiferença" e de a racionalidade que supõe a construção de a "realidade de si" e que o inimigo - os judeus, representados só o "outro", o diferente - de e se expurgado da terra. Adorno e Horkheimer, em a, fazem a "psicanálise" do indivíduo nazista que, antes de ser a insanidade não é, na realidade, é a doença da sociedade. Na verdade, o conteúdo do indivíduo em termos de a ênfase para a eudiana na segunda obra, é o que Adorno não só por parte de a construção do indivíduo em termos de a, mas, principalmente, por a utilização, e a dos conteúdos subjetivos, as configurações repressadas dos indivíduos que, na realidade, se de e a condições sociais e objetos, de a estrutura sócia que se encontra "personalidades paranoicas" e repressadas, a só o já destruídos (Adorno e Horkheimer, 1950; Adorno, 1951a). A configuração sócia por parte de a de a configuração do aparelho psíquico - o tipo "autocrático", só a condições paranoicas. No que concerne a estruturação, e a estruturação à que se sobe a sociedade pouco por parte de a satisfação e a realização das demandas individuais, contribuindo para a construção dos sujeitos de se entregarem aos olhos e olhos que possa, utilização em a, fazer satisfação "subjetivas", a base para a realização das estruturas e impulsos agressivos contra as

---

disso, para a construção de a, no que se refere ao só o por a em termos de a que se baseia na projeção, é a que se refere à "projeção da masturbação" por parte do indivíduo.

pessoas que parecem "a ele" o narcisismo de indivíduos, precisa em estudo e trabalho. O elemento em questão, ou seja, a regressão do indivíduo racional, antes se no sujeito psíquico apondo pe a psicanálise.

por que e há que no exemplo eucliano "caso Streber", Freud já faz em ao *narcisismo* e à sua importância para discutir a questão da paranoia e do desejo do ossexua subjeção e à afeição<sup>36</sup>. Nesse exemplo, Freud já aponta para o narcisismo (a regressão a um estágio anterior de desenvolvimento da sexualidade), um conceito que foi posto em desenvolvimento e debatido no seu exemplo de 1914, *Sobre o narcisismo*. Mas que Adorno, e outros de seus exemplos, se apropriou do conceito de narcisismo para suas discussões acerca das relações entre o indivíduo e a sociedade administrada, posto que o conceito de narcisismo criado pela experiência sobre afeição subjeção do indivíduo e das condições dos indivíduos sob o domínio da condição das relações sociais estabelecidas na sociedade injus. As possibilidades de interpretação do "devir do indivíduo", sua regressão e adesão à identificação racionalizada do fascismo, foram abordadas por Adorno por meio dessa *egoísta* eucliana - seja para a exposição da dinâmica da identificação e identificação do indivíduo (Adorno, 1951a; 1955), ou seja para a discussão da questão da identificação e identificação da disso ou ego/undo, do elemento em questão da autonomia individual possível e edificação a razão que a identificação, por identificação pelo desenvolvimento da racionalidade individualizada na que se vê na base, o indivíduo da subjeção (Freud & Adorno, 1947).

o conceito abordado às vezes, a projeção pátria está associada à paranoia que, por sua vez, relaciona-se ao fascismo. É o que se caracteriza o fascismo é a *paranoia coletiva*, ou seja, foi as regressões do pensamento identificação, que é o objetivo do despojar a criação de todos os elementos (e sujeitos) que apontam para a direção, para o "não identificação", que poderia ser dada aos fatos seu estado de vida sentido, ou suas relações identidades despoídas da "liberdade autossuficiente" e do a criação por que para a individualização dos elementos. Assim: "O eu que projeta o país e não pode projetar senão a própria identidade, cujos olhos se encontram dentro de e eles, as duas se encontram separado e sua relação de referência" (Freud & Adorno, 1947, p.179). A questão

<sup>36</sup>Freud: "As pessoas que não se libertam do peso em estado do narcisismo - que, que a e a dize, é nesse ponto a afeição que pode operar o disposição para a enciclopédia positiva - afeição - se expostas ao perigo de que a agitação de ibido exposição em inensa, não encontrando ou o estado o, possa conduzir a a sexualização de seus instintos sociais e desfaça assim as subjeções que a afeição no uso de seu desenvolvimento. Esse resultado pode ser produzido por qualquer coisa que a afeição de regressão em [...]". Mas nossas análises de onstare que os paranoicos se esforçam por proteger-se contra esse tipo de sexualização de suas relações sociais instintivas, so os elementos a supõe o ponto a e seu desenvolvimento de se provado e a agitação em os estados de auto-objetivo,

da projeção pátria e da soberania em outras é a de que essas são reflexos do projeto universal de desenvolvimento do mundo, que se baseia no respeito do sujeito em si e do prazer ligados às possibilidades expressivas do corpo e de tudo aquilo que não faz parte da organização do espírito em si. Todos esses elementos expurgados pelo espírito em si são excluídos e, assim, perseguidos - objetos de ódio.

A respeito da psicopatologia anárquica, pode-se dizer que ela é a expressão das passagens, pois a base da psicanálise de Adorno e Horkheimer é a identificação da padronização dos indivíduos nas sociedades industrializadas, pois os comportamentos perseguidos nas pessoas são, principalmente, originados da padronização social e da sociedade excludente de qual se trata a de "produção espiritual" transcendente à realidade organizada, sendo que as tendências sociais atuais são em grande medida as inócuas paranoias: "Só os outros que se deitam de perseguição contra a perseguição e que necessitam em resumo a do inação, na medida que eles é por si mesmo perseguido os outros" (Horkheimer & Adorno, 1947, p.184). A extinção e neutralização das forças subjetivas que consistem a subjetividade - a autenticidade, a resistência que resguarda a "utopia" - transbordadas, agora, e "evadidas", o sujeito perdeu seu poder de distinção sobre os elementos e em condições e impositos pelas sociedades industriais, assim quando as "fórmulas" do aparelho social tendem a ser eliminadas. Para os sujeitos "se isolados" - que se tornam as propensões ao anárquico - o mundo todo volta a ser e a gozar a cada e obscuro, fornecendo as condições para a paranoia das massas e para a adesão das pessoas às instituições insinuadas da realidade.

Desafortunadamente, a sociedade capitalista explora o indivíduo de sua subjetividade (de sua psicopatologia) indicada por Freud na psicanálise, que o coloca em um estado inconsciente da realidade, o principal elemento, a consciência, de sua capacidade de julgamento, obrigando os comportamentos irracionais instigados e os demais os paranoias, que são os comportamentos que tendem a se ajustar à soberania adoecida (os "tipos sociais anárquicos"). A falta de projeção - que consiste e utiliza os aspectos que se atribui ao outro todos os elementos subjetivos que não se enquadram à lógica do pensamento capitalista -, segundo Adorno e Horkheimer, tornou-se o grande "estudo da autoconservação" no capitalismo moderno, o símbolo do indivíduo se isolado.

---

na área do sexo ossexuais, e que sua disposição à realidade de e se ajustada nessa região" (Freud, 1911, p.70).

A respeito da expropriação da psicobiografia individual, a estrutura da sociedade administrada e a bénevolência contribuído para a afirmação do ego, e o sofrimento e a repressão para o ódio dos indivíduos são para a perpetuação de uma sociedade, pois a essência suscita os problemas paranoicos:

A organização atual da vida não deixa espaço ao ego para a sua conservação espiritual. O pensamento reduzido ao saber é neutralizado e obliterado para a superutilização nos estados de tabulação espiritual e para a autoenglobação da personalidade. Assim naufraga essa auto-reflexão do espírito que se opõe à paranoia. Na mente, sob as condições do capitalismo moderno, a subjetividade encontra-se no espírito objetivo [...] (Freud e Adorno, 1947, p. 84, grifo nosso)

O sofrimento que é produzido ao mesmo tempo pela estrutura social e pela dominação que impede a realização dos sujeitos, só se cria quando e porque, de acordo com os autores, existem vários sociais pessoais que os sujeitos sofrem e são de ódio conseguem superar e perseguir os "outros" que aparecem se opõem à existência. São vários os sociais - que são os objetivos de massa -, a de fronteiras e fronteiras de libertação da vida e da vida dos sujeitos aprisionados pela sociedade capitalista, contribuem ainda para o seu funcionamento social por que e por que as distorções de identidade social. Os judeus criam a ideia de dessas ideias e ideias porque possuem os "indivíduos" condenados pela dominação, os quais são os opressores assim se e a mente, por isso, cria a -se *tabus*<sup>37</sup>.

Assim, para as análises sócio-psicológicas dos frankfurtianos acerca do aniquilamento, a segunda opção freudiana se viu para designar - dando sustentação crítica - as mudanças antropológicas dentro do contexto da sociedade capitalista, porque as transformações psicológicas do capitalismo moderno implicam na estrutura psíquica e na formação dos sujeitos. O que Adorno e Freud afirmam nessa obra são os fenômenos psicológicos individuais do que a construção da subjetividade e do racionalismo presente no capitalismo moderno, sobre os quais as projeções psicológicas se fundam e se sustentam, com base nos sistemas de defesas produzidos socialmente. Esses sistemas de defesas (os objetivos aniquilantes), por sua vez, possuem um fundamento social objetivo: fronteiras e fronteiras de identidade e de identidade (identificação distorcida e capitalista) aos sujeitos subjetivos,

<sup>37</sup> Sobre isso, os autores dizem que: "Porém, por que são os judeus a mente; sua imagem, na idade que é a imagem do que já foi superado, existe os quais a dominação capitalista só pode ser os: os quais da realidade se podem, da realidade se tabulação, da pátria se fronteiras e da realidade se o" (Freud e Adorno, 1947, p. 85).

ao mesmo tempo que instrumentaliza a agressividade e o erro, proeminente da racionalidade social, contra os judeus. Assim, a humanidade anti-semita, sob seus vários parâmetros suscitados pela predomínio da razão ordenadora e instrutiva, e sua atuação na evolução da sociedade ordena para a sua favor a aparição das condições que o princípio da força é ignorado e todas as estruturas e instituições sociais (vide, por exemplo, a "indústria ou utopia"). A crítica das relações entre o particular (o indivíduo) e o universal (a sociedade e a utopia), Adorno e Horkheimer expõe que as tendências preponderantes e a falsa projeção, além do que configurações da mente psíquicas - que só diz respeito ao indivíduo, à sua psicopatologia -, são resultados da opressão social, seja física ou mental, sobre os sujeitos. O adoecimento da razão no particular é a expressão da ou da totalidade instrumentalizada pelo espírito em qualquer situação.

## Capítulo 4 - As Categorias Psicanalíticas nos Estudos Empíricos de Adorno

Os estudos de Adorno dedicados à análise sócio-psicológica da fenomenologia nos marcos da sociedade moderna - tais como o preconceito arraigado na cultura e os efeitos de ajuste em sociedade propiciado pelo estereótipo da "cultura de massa" -, exigiram o uso de categorias psicanalíticas. Mas pesquisas e princípios de Adorno encontram a aplicação da teoria freudiana, correspondente ao aparato psíquico, nas condições sociais e históricas da sociedade anárquica e dos efeitos sociais produzidos pela indústria cultural. Nesse sentido, nas investigações sobre a personalidade autocrática e nos estudos sobre as "condições ideológicas" dos programas de rádio e, também, nas análises sobre a astrografia e a adivinhação, os conceitos psicanalíticos foram obrigados para dar sustentação às análises das tendências sociais objetivas de uma ideologia que, de acordo com Adorno, é sempre analisado no particular, ou então, e essas "estruturas psicológicas sociais" são recriadas e reproduzidas através das propagandas fascistas quando pela indústria cultural no cenário. Mas questões abordadas por Adorno (1957b) acerca da fenomenologia social sobre os quais "inclui, de uma maneira particular, os efeitos e as interações", existiu a utilização significativa entre o anárquico e a indústria cultural, e os efeitos psicológicos básicos sustentados e determinados pela fenomenologia, pois o fascismo e a indústria cultural favorecem a manutenção do capitalismo na idade e que foi em parte explorado o conceito social, e providenciado a sociedade anárquica e a administração regressiva das instituições industriais que, não obstante, essas tendências são criadas pelas condições objetivas reais. Como observa o texto: "[...] Adorno viu a cultura de massa de consumo americana adaptada, filmes, jazz e novelas de rádio, criada dentro dos princípios psicológicos básicos que foram a base do fascismo: a dependência psicológica e o conceito social" (Costa, 2002, p.13).

A partir da análise de alguns estudos e princípios de Adorno dedicados aos fenômenos sociais, discute-se como Adorno se apropriou das categorias psicanalíticas em seus trabalhos. Nos estudos de Adorno sobre os produtos culturais da indústria cultural - tais como as mensagens e os conteúdos de programas de rádio -, a utilização das categorias psicanalíticas foi feita de forma não sistemática, e que o autor procurou conjugar as categorias psicológicas com as análises sócio-culturais dos problemas propostos.

Nesse sentido, a obra de Adorno e a relação à segunda obra da psicanálise (da teoria freudiana ortodoxa, referente à ênfase na psicanálise), sendo essas as críticas de Adorno (encontradas no texto *Sociologia e Psicologia*, de 1955) às formulações

tardias de Freud sobre o esquema analítico, que apontava para um 'modelo de indivíduo', já discutido na primeira parte (capítulo I). Nessa apresentação encontrada no pensamento de Adorno acerca da teoria freudiana, longe de a adotar os postulados pressupostos de que a psicanálise foi utilizada por Adorno e seus discípulos (ensaios críticos e suas pesquisas e críticas) como base e objetivos distintos. Toda via, como de constatar, há a continuidade de pressupostos na reflexão adorniana acerca da psicanálise quando essa teoria é aplicada nas pesquisas e críticas como referência para as discussões do autor sobre fenômenos sociais, a saber: Adorno se utiliza da psicanálise freudiana e seus discípulos, partindo da ideia de que a teoria psicanalítica, ao apontar para a estrutura subjetiva, teórica e essencial sobre os fatores objetivos que é "o dado" e determinado ainda individualidade, assim quando estes objetivos e fenômenos no plano das variações psíquicas, isto é, que as variações individuais e as diferenças, não de forma direta, em fatores subjetivos e objetivos a serem analisados, sendo o último o fator determinante para as análises de Adorno. A respeito disso, afirma Adorno que, para as investigações da personalidade faz-se os estudos sobre a "estrutura da alma":

[...] ao contrário de o que a psicologia econômica não nos dá na análise e referência à psicanálise, assim que ou seja os e nosso projeto a que se responde o objetivo de experiência. Mas nunca duvidamos da primazia dos fatores objetivos sobre o psicológico (Adorno, 1969, grifo nosso).

Assim, Adorno não discorda da extrapolação dos dados da psicanálise individual para a análise social (o que, a propósito, a extrapolação foi feita em referência ao "psíquico", como já foi apontado anteriormente), quando das análises de socialização teóricas da psicanálise, como o fato enfatizado na sua teoria não precisa a análise social e a psicanálise (como já foi discutido neste estudo). Se, portanto, Adorno se apropria da teoria freudiana para fundar as "personalidades autoritárias" e contraponer às possíveis personalidades resistentes ao preconceito (vide a pesquisa *A Personalidade Autoritária*) e se, portanto, e faz várias conexões aos conceitos freudianos da segunda obra (exposições no livro *Sociologia e Psicologia*) é porque, no nosso entendimento, o autor enfatiza a existência do problema, que seja, a de que o indivíduo humano nunca é despojado de seu componente social o que possibilita as variações psíquicas como conceitos dinâmicos, contrapostas às condições sociais, para evidenciar a condição do indivíduo no capitalismo, sendo essa a intenção da

maisonalidade só a pe os sujeitos que pede o desenrolar da própria individualidade suposta em e "autoconhecimento".

Para a análise das ideias psicanalíticas usadas por Adorno nas suas pesquisas, se encontra os seguintes exemplos: *The Authoritarian Personality (A Personalidade Autoritária)*, publicado em 1950<sup>38</sup>; *Prologo a La Television (Prólogo à televisão) e La Television como Ideologia (A Televisão como Ideologia)*, publicados em 1953; *The Stars Down to Earth*, publicado em 1957. A partir de desenrolar os trabalhos a discussão sobre o que Adorno se apropriou das ideias psicanalíticas - sendo e isso que o autor se utilizou das mesmas se não a preocupação sistêmica com a ideia psicanalítica própria em e de, apresenta os seguintes exemplos de discussão, a saber:

1- No capítulo 1, "As relações do inconsciente com a sociedade industrial e a administração da economia baseada na indústria da cultura", discute sobre a "enfermidade" do inconsciente e a "cultura de massa" que, na época dos grandes sucessos, se tornou o mediador das relações entre a sociedade e o indivíduo, e que Adorno descreve a forma e para a compreensão das regressões individuais só a em e dirigidas. Já as suas pesquisas sobre os efeitos psicológicos de mensagens das produções e imagens e dos símbolos são relacionados sobre os indivíduos.

2- No capítulo 2, "A debilidade do ego na sociedade administrada: a nova posição psicológica do indivíduo", apresenta as análises de Adorno sobre a fragilidade do ego de pessoas predispostas aos fascismos e aos efeitos encontrados na indústria da cultura (sobre os quais Adorno faz a ligação entre os eventos psicológicos nazistas e que eles são utilizados pelas mensagens propagandas, são relacionados com o produtor cultural), assim apontando para o "vício da cultura" em e de as causas que de uma forma em e a debilidade.

3- No capítulo 3, "O ideal judeu do indivíduo em e id, ego e superego: 'ideo lógico' ou resistência?", discute sobre a apropriação de Adorno do "ideal judeu" para apontar e descrever o "ideal genuíno" na pesquisa *A Personalidade Autoritária*. Leitura os a hipótese de que a não existência de indivíduo, presença na ideia de ênfase, se viu para o efeito os sujeitos são pontos para a discussão da ideia "essencial de indivíduo" que, apesar de ser utilizada por Adorno, poderia ser inócuo para a resistência aos fascismos.

<sup>38</sup> A pesquisa *The Authoritarian Personality* faz parte do projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na década de 40, sobre o *Studies in prejudice (Estudos sobre os preconceitos)*, que era um projeto que tinha como propósito realizar a grande pesquisa e prova sobre o anti-semitismo nos EUA. A esse respeito, ver o livro de J. M. J. G. (2002, ps.443-466). Essa pesquisa foi realizada nos EUA por um grupo de pesquisadores de Adorno e Hey, com a ajuda de Adorno, para estudar o potencial anti-semita e fascista de pessoas que vivem sob o regime de oitavo no e-a americano.

## 1-As relações do inconsciente com a sociedade industrial e a administração da economia pulsional pela indústria da cultura

Os estudos de Adorno sobre as forças irracionais de sócio-política em que ele respondeu aos fenômenos sociais da sociedade moderna, cujos interesses e condições são ignorados para a manutenção do sistema, abrem caminho para a crítica psicanalítica do universo de valores em sociedade. A combinação do conteúdo em que de que relações sociais e da que se refere às pessoas individuais<sup>39</sup> - se os elementos das duas dimensões da dinâmica social poderiam ser sustentados -, por isso a realidade da apreensão da realidade, e sendo evidente a cisão historicamente dada entre indivíduo e sociedade. Mas assim, sob base nas afirmações de Adorno sobre a utilização da psicossomática ou o necessário para as exigências sociais, e que "uma psicossomática, que nada que se sabe da sociedade e que se refere à sua gênese, e não sendo do indivíduo e sua relação a ela, expressa o que sobre a realidade social no indivíduo", pode ser percebido nos trabalhos e princípios de Adorno as ideias que o autor estabelece entre o inconsciente (o psíquico) e a sociedade, e sendo que, para Adorno, o inconsciente não se reduz ao "puro em indivíduo", mas, sim, designa-se a instância do psíquico que representa a realidade transgredida pelo processo histórico do modo da "natureza", e que contém que se refere em que "paga a condição do progresso e da utilização" (Adorno, 1955). Nesses trabalhos, Adorno apresenta e discute as relações complexas e não diretas entre as duas estruturas, evidenciando que, assim, quando se trata das demandas psíquicas obrigadas nas classes pelas organizações sociais que é o objeto da dinâmica social e a manutenção do *status quo*.

Mas análises dos efeitos de produção efetuados pela indústria cultural sobre as "necessidades psicológicas" dos consumidores, e às suas considerações objetivas sobre esses fenômenos, Adorno estabelece uma analogia entre a indústria cultural e os conteúdos de massa, pois, e após a exposição, as "ações reprodutivas entre a irracionalidade e a racionalidade" torna-se mais evidentes (Adorno, 1957b). A utilização dos conceitos psicanalíticos para direcionar os passos das análises sobre os elementos sociais de conteúdo e utilizados pela indústria cultural, de acordo com Adorno, de onde para não só os aspectos inconscientes em outros aspectos conscientes, já que no conteúdo da unidade de massa, forças sociais e instancionalizadas são acrescentados às mensagens criadas nos produtos a

<sup>39</sup> É por essa razão que, no capítulo 3, sintetiza os sobre a ideia de cultura e busca no conteúdo judaico de pessoas. E dá, de que a seguinte afirmação de Adorno: "a psicanálise adota, ao orientar-se para a vida social e a go-pé-social, a análise genética e ontogenética em o ponto que contém o princípio social da dinâmica e o psicossomático da expressão dos instintos" (Adorno, 1946, p.142)

são "ações" e consuetudes. É o que Adorno já evidencia na suas análises sobre as mensagens corporais, nativo e que as mensagens são binária de irracionalidade (na medida que pressupõe a "angústia inconsciente do seu público") e de racionalidade (na medida que trata de problemas e práticas, ao aconselhar as pessoas, no sentido das condições da coisa) (Adorno, 1957a, p. 51), e o que os anúncios e os meios de comunicação de massa, assim como as propagandas fascistas expõem as "emoções básicas" dos sujeitos por meio de elementos que não só apela para o subconsciente racional (não só para as "emoções inconscientes"), mas, além disso, para as emoções e tendências sociais consolidadas, sendo o primeiro a adaptação "discreta" e consciente do indivíduo à sociedade, a que se trata da *manipulação racional das pulsões individuais*, individual e insensíveis, em a luz da regressão individual dirigida socialmente. Essa regressão dirigida, por sua vez, esvazia a capacidade de atuação da identidade em indivíduo e sociedade e se fundamenta: por meio da *encampação do inconsciente pelo poder* e a "interação" automática de tudo que é o propósito e a ação da psicogênese humana, a ação da sociedade é realizado, pois, na medida que do indivíduo, a sociedade reconhece sua própria ação (Freud & Adorno, 1947, p. 144). Os elementos irracionais da psicogênese, que estes são apontados na teoria dinâmica de Freud, encontra-se ubíquo nas ações da atual sociedade.

A partir da análise de conteúdos de programas de televisão<sup>40</sup>, Adorno discute os aspectos sociais, éticos e políticos da TV que é aplicado sobre a economia pulsional dos sujeitos, quando o base a economia pulsional freudiana do aparelho psíquico. Assim, ele afirma no *ex.º Prólogo à Televisão* que:

Porém, a televisão os conteúdos [os programas] no que já são, só que o conteúdo da intensidade do que se cria e são [...]. A pressão sobre a atuação dos conteúdos e a medida que eles não podem suportar a se precárias gratificações do conformismo, que eles já é aplicado a eles, não fosse tentadas no a enredadas e cada um. Freud ensinou que a pressão das pulsões sexuais nunca pode produzir-se o que enredado para se prete e que, e consequentemente, a energia psíquica inconsciente do indivíduo se dissipa em ansiedade e que, de sorte que o que não pode ingressar na consciência, permanece reido no inconsciente. Esse trabalho de Sísifo da economia pulsional individual parece ter-se "socializado" hoje, desde que as instituições da indústria cultural tomaram a

<sup>40</sup> Especificamente, as análises de Adorno sobre os conteúdos de "obras" televisivas encontram-se no *ex.º A Televisão como Ideologia*, de 1953.

**direção de cena, para a benção das instituições e poderosos iníquos que se o e por**  
**ás (Adorno, 1953, ps. 63-64, grifo nosso)<sup>41</sup>**

No texto acima, Adorno indica os pontos de cruzamento entre a dinâmica psíquica  
 inconsciente (o que diz respeito ao "epitáfio" por si as coisas) e as coisas sociais, sendo  
 os poderes sociais se apropriado da economia política, ou seja, a estrutura política do  
 indivíduo. Quando há a pressão social e econômica sobre os indivíduos para o retorno do  
*status quo*, às vezes os sociais são usados para a criação aos sujeitos "gratificações"  
 substituídas, assim indicando que as instituições políticas não se o e contra o sistema ou  
 "a realidade" o es o, as, ao contrário, seja integradas para a perpetuação da estrutura

ou" na sociedade - u... se i... po... e... p... o... de u... e... po... ab... (o... po... de... inado pe o... ab... e pe o... az... ue são o... do da... es... a... oeda) e e... es... do de... en... idade, i... en... aos poderes da... a... u... a... so... a... - e, ed... an... e... a... re... idade, q... na-se "p... eso" ao... o... o... en... o... ue... e... é p... o... p... os p... du... os e i... agens... e... i... s... as e... ue a... ab... á... es... ando... o... o... su... i... en... e... en... e... ag... adá... és. Os p... du... os, p... ro... g... a... as ou "espe... á... tu... os" ap... resen... ados ao... o... nsu... i... do... á... s u... a... ez... re... o... a... e... re... i... g... o... a... a... i... en... ú... n... í... a... pu... s... iona... ue a... á... i... z... a... ão... i... p... ô... s... a... o... s... no... u... so da... s... ó... í... a... - i... en... ú... n... í... a... ad... i... nda das p... res... s... ões do p... ro... c... esso so... c... ial, p... res... s... ões ago... a... "a... o... e... a... das" pe a... es... tu... u... a... s... ó... o... -e... conô... i... va das so... c... i... edades ad... i... n... í... str... adas, o... suas... és e no... as i... pesso... as... ue ex... a... e... o... a... ão... i... n... í... s... e... sob... e os su... j... ê... tos, a... bé... p... o... é... o do... q... u... i... en... o do... e... po... i... re (Freud, 1941) -, as, de... a... f... o... a... ue a... p... re... c... i... a... sa... i... s... a... ão... q... re... e... da... p... o... á... s p... du... os... ende... á... nda... á... s a "ades... t... a... " o... s... i... o... ns e p... e... pe... ua... a... i... n... e... i... d... ade de sua i... po... ê... n... í... a (p... s... i... u... í... va e so... c... ial). O az... e... q... re... e... do... ue, apa... en... e... en... e... isa... se u... a... f... u... ga ao... ab... a... r... io, na... idade, se... e... apenas p... a... re... o... a... a... o... pa... í... d... ade do... r... io e ao... ab... a... r... io e sua en... t... e... ga à... o... e... i... d... ade (Adorno & S... p... so, 1941).

A... o... va das i... agens r... edu... z... idas e... a... a... n... í... o exp... os... as na... e... i... s... ão (i... agens e i... n... í... tu... as, e... o... p... a... a... ão ao... ã... ne... a), Adorno a... bé... sug... e... ue... i... s... so a... o... ab... a... p... o... deb... i... l... i... o... e... a... n... í... s... o de *sublimação* des... e... q... na p... s... i... c... o... n... í... se, p... o... i... s, os... i... o... en... z... i... m... os" ou "ú... t... e... r... i... z... i... ã... as" ap... resen... ados na... T... V... ue são r... e... e... b... idos pe o... e... espe... ç... ado e... o... a... s... a, o... n... e... e... -se, p... a... a... p... a... p... e... p... ão i... n... o... ns... e... n... e... do ú... l... i... o, e... "j... o... g... u... es" ou b... i... n... t... u... edos sob... e os... t... u... as e e... ob... e... i... a... a... gu... a... sa... i... s... a... ão... sá... d... í... va e p... re... c... i... a. Sob... e... i... s... so, diz Adorno ue: "O espe... ç... ado... f... a... e... aos... t... u... ad... os... i... su... as e... i... n... í... tu... al... poss... í... ve... en... e... ex... t... r... a... a... gu... p... r... a... z... a... dessa... á... o... ns... ã... n... í... a: os... sen... e... o... o... o... s... as de sua p... ro... p... i... edade, sob... e os... t... u... as... p... ode... d... is... p... o... n... e... n... do... -se... su... p... e... r... i... o... a... e... es" (Adorno, 1953, p.65)<sup>42</sup>.

No... ue... diz... e... sp... e... q... à ad... i... n... í... str... a... ão so... c... ial das pu... s... ões pe a... i... ndú... s... t... r... í... a... ú... u... í... va, a... f... o... a... p... e... a... ue... a... essa... r... a... a... o... s... i... o... ns, de... i... n... í... ando e exp... o... ando a... " i... en... ú... n... í... d... ade" e... ans... í... os, p... o... r... e... zes, i... n... o... ns... e... n... e... s do... o... nsu... i... do... - ans... í... os e ne... c... e... s... s... idades *que foram inculcados neles* o... ue, p... o... sua... ez, os... o... o... a... *predispostos a "aceitarem" os ditames da indústria* -, dá... ab... a... u... a... ao... o... a... p... o... de... es... t... u... dos sob... e... as... t... e... a... ões en... t... e... o... i... n... o... ns... e... n... e... (o... ue... f... o... i... e... p... i... t... o... do) e os... f... a... ç... ões so... c... i... als, no... sen... t... i... do de i... n... e... s... i... g... a... os... o... p... o... a... en... os exp... o... ados p... o... f... o... e... s... endên... í... as so... c... i... als... ue... isa... p... e... pe... ua... a... i... r... r... a... o... n... al... idade ob... j... e... t... í... va. Nesse... sen... t... i... do, as... e... a... d... o... i... as... ú... u... í... vas, ao... se... o... r... i... e... n... e... às pu... s... ões r... e... p... i... t... idas dos su... j... ê... tos, o... n... í... g... u... a... f... o... as de

<sup>42</sup> "O espe... ç... ado... t... u... z... ás... ex... t... r... a... e... a... g... ú... n... p... a... o... de esa... á... o... ns... ã... n... í... a: os... s... i... en... e... o... o... s... as de su... p... ro... p... i... edad, sob... e... as... t... u... as... p... ode... d... is... p... o... n... e... n... do... -se... su... p... e... r... i... o... a... e... os".

o por a en os que, na cidade, refere a tendência econômica do capitalismo o modo: for as de o por a en os o pusi os e regressos, "ajustáveis" ao modo e à escala de produção. A respeito desses o por a en os, Adorno, ao analisar a gu as "obras" para a edição, afirma que os programas e séries apresentados neste período, por meio dos esboços ou várias representados pelos personagens nas várias propostas, as ajudas sociais e educacionais, com o nome do denotado "socialização". Assim: "As desconfianças e, inquestionavelmente, para com a sociedade ou o social em geral, a ajuda para a ação; preocupa-se o que na psicanálise se denota em socialização, a esfera de dependência e agressividade" (Adorno, 1953, p.81)<sup>43</sup>. Nessa obra, que esboça os aponados ou a por Freud, na sociedade liberal, o o contrário à socialização, quando se "liberados" na sociedade admissível para a adesão das pessoas aos ideais e ideais propagados pela indústria ou pela, a fim de alcançar seu público "nos meios". Mas, e relação ao mundo ideológico e a adoção da edição o suas instituições, diz Adorno que, inquestionavelmente, o público sabe da discrepância entre as instituições (os objetos reais) e a realidade, ou seja, pressente a desproporção existente entre os conteúdos e a realidade passados nas várias edições e a realidade de suas vidas "e pobres". Desse modo, diz Adorno que: "respeito a suspensão de que a realidade, de cujo ser se trata [a edição] esboça, não contém o que se exhibe" (Adorno, 1953, p.66). Toda a suspensão não é a à rebelião, pois os consumidores, de forma organizada, onde a adoção que se exhibe só que o a análise, assim indicando que a adoção é sempre envidado<sup>44</sup>.

Tal é a respeito de sentimentos de ambigüidade e de ódio sempre face aos produtos de consumo, e basta os que Adorno já os indica aponado no seu *excerto Sobre Música Popular*, ao afirmando-se, particularmente, à música popular esboçada e ao o por a en os ou inês (Adorno & Simpson, 1941). Nesse sentido, os esboços e oponenções psicológicas que fazem o consumidor a ver os produtos pode ser e a e a fúria para os esboços<sup>45</sup>. Entretanto, quando se trata da desproporção entre a adoção do

<sup>43</sup> "As desconfianças e inquestionavelmente, para com a sociedade ou o social em geral, a ajuda para a ação; preocupa-se o que, em psicanálise se denota em socialização, a esfera de dependência e agressividade".

<sup>44</sup> "respeito a suspensão de que a realidade, a cujo ser se trata se esboça, no conteúdo do que se exhibe. Por o a suspensão não é a à rebelião, sino que se adoça, apreendendo os diálogos, pelo contrário a análise, o inquestionavelmente sempre envidado".

<sup>45</sup> A esse respeito, diz Adorno e Simpson (1941, p.142): "Tal a expressão adequada, que pode ser apresentada esboços e questões que se referem à inquestionabilidade, é a seguinte: os que em geral são inquestionáveis aos ou inês por o a desconfiança no o que que a pressão é exercida. Os ou inês o pensa sua 'ou pa' por a e o referido o se - a o, quando o indivíduo [...]. Não gostamos da expressão não é a expressão de um gozo subjetivo, mas antes a rebelião contra a sapiência de uma unidade pública e a desconfiança o os indivíduos de pessoas que assumem a suspensão do o que as instituições esboçam dando. A expressão é envidado o ou sina de cidadania, o o incapacidade de se dividir [...]"

indivíduo (seu essencial em função a si mesmo) e a concebida estúpida social que pressiona os sujeitos, desviando suas possibilidades, a possibilidade de não aceitar, aceitar ou não aceitar esses produtos estandardizados (da utilidade ou da eleição) acabando-se "à consuetude" - ou seja, a consuetude é inapreciada socialmente o despende a sina de cidadania, o que contribui para a sua própria aceitação (Adorno & Simpson, 1941, p.143).

Ainda a respeito do conceito usado na eleição, Adorno diz sobre a linguagem das máquinas de cinema para a regressão psíquica dos consumidores sob pressão, pois a generalizada difusão de produtos seus contribui para as regressões (Adorno, 1953). A "estúpida ideologia", utilizada a partir da ideia de que a "partida", isto é, a disposição do homem e dos outros agentes a serem as que foram repetidas, fornecendo o uso ao sentido de que a distância entre o objeto criado (o produto) e o consumidor foi superada. Assim, os "trabalhos de bruto" usadas na "verdade" objetos a serem do desejo infantil, o que se fosse o espírito do consumidor:

... o que a estúpida de assas encontra-se em a cada vez que as consuetudes e inconstâncias, supostos generalizados entre os consumidores. Nesse ponto o consumidor consuetude nas pressões repetidas das assas, ou então, si pes em e não saíssemos, aos quais se orientam, direm ou indirem em e, as verdadeiras estúpidas [...]. A ra é dessas [de assas inconstâncias apresentadas] ou outras transposições, a ordem dos repetidos a cada a linguagem das máquinas, que não fazem e se que se o a linguagem dos objetos criados. Quando se despende e se representa igualmente em e, o que do ia presença em e no sujeito, si uanea em e se se propõe o que de e a cada (Adorno, 1953, ps.70-71)<sup>46</sup>

Assim, ao apresentar máquinas que, de acordo com a, e bria ao "revelado" da esfera da sexualidade, indicada na teoria ibrida freudiana, contribui a seguinte afirmação dos frankfurtianos: "a indústria estúpida não subiu, a repetição" (Freud & Adorno, 1947, p.131). Ao expor as máquinas os "objetos abus" do desejo, a eleição contribui para o prolongamento do prazer precíua, assim, tratando e direcionando a atenção pública, pois: "A produção e a vida do objeto sexual produz, ao que a cada em e, seu revelado em e"

<sup>46</sup> " o que a estúpida de assas se encontra em a cada vez que as consuetudes e inconstâncias, que supone generalizados jus a em e entre os consumidores. Nesse ponto o consumidor consuetude em os insipientes repetidos de assas, o bien, si pe em e, no saíssemos, a os suas se orientam, direm ou indirem em e, as verdadeiras estúpidas [...]. A ra é de esas u outras transposições, a o unad de os repetidos a cada a linguagem de as máquinas, que não fazem e se que se o e a linguagem de os objetos criados. Quando se despende e se representa igualmente em e, o que do ia presença em e no sujeito, si uanea em e se se propõe o que de e a cada (Adorno, 1953, ps.70-71)<sup>46</sup>

(Foucault & Adorno, 1947, p.131). Nessa insatisfação gerada pela produção e série de objetos "sexuais", que pelo efeito resignação do desejo individual se inverte a objetos reais, produzindo as atitudes de submissão nos consumidores, assim quando seus impulsos desquijados. Os sentidos e eixos, que apresentam em todos os personagens afadados<sup>47</sup>, de que é uma forma de reação do consumidor pelas quais o mesmo consegue extrair a gratificação, pois os consumidores só o fazem para a forma seus impulsos sádicos e consegue analisar toda a informação surgida somente em e sobre os personagens.

Mas, segundo Adorno, os "impulsos sádicos" já estão de antemão dados pela condições objetivas e subjetivas que as pessoas são obrigadas a viver, sendo a condição de existência entre a atividade que a sociedade produz e aos sujeitos e a atividade que lhes concede de fato. A indústria ou cultura de massa e faz à luz da que é o poder em que já se encontra nos meios - comunicação e a tecnologia para a produção - que, por sua vez, cria a -se sua "segunda natureza". No texto a seguir, Adorno faz a usação às pulsões desquijadas a serem utilizadas e "reeducadas" pela indústria ou cultura:

Pois que a censura e o adensamento próprios de um poder em que o indivíduo é o são sugeridos pelos gestos das contingências do espírito e eixo, não só os meios obrigados segundo a estrutura da cultura de massa que se encontra em todo seu progresso, aos níveis da no e a ingenuidade do século. Mas, senão, sobretudo, as formas de reação positivas e funcionais em que durante toda a vida o indivíduo se encontra na segunda natureza, um ano que se refere a e as condições anómalas ideológicas [...]. No lugar de fazer a referência ao inconsciente, de e a -o à consciência satisfazendo, assim, seu impulso e suprimindo sua força desquijada, a indústria ou cultura principal e a educação, reduz ainda os meios a um poder em que o indivíduo encontra em quanto o mesmo vive as condições de uma existência que a ena [...]. (Adorno, 1953, ps.71-72)<sup>48</sup>

---

representa a figura em que o que do ía premonição em e em e sujeito, si u área em e se e propõe o que deve a ser a".

<sup>47</sup> Dize Foucault & Adorno no exo A Indústria Cultural: "Assim o o poder opera nos espaços, assim a bé os desgastados na idade e recebe a sua só a para que os espectadores possa se alocar a que e é próprio e recebe " (1947, p.130).

<sup>48</sup> "Pues que a censura y adensamiento propios de un poder en que el individuo es el son sugeridos por los gestos de las contingencias de espíritu e eixo, cuando no sólo los medios obligados según la estructura de la cultura de masa que se encuentra en todo su progreso, a los niveles de la no e a ingenuidad del siglo. Mas, senão, sobretudo, las formas de reacción positivas y funcionales en que durante toda la vida el individuo se encuentra en la segunda naturaleza, un año que se refiere a e as en anomalías ideológicas [...]. En lugar de hacer referencia al inconsciente, de e a -o a la conciencia satisfazendo así su impulso y suprimiendo su fuerza desquijada, la industria de la cultura principal e la educación, reduce aún más a los medios a un poder en que el individuo encuentra en cuando pone en vivo las condiciones de una existencia que a ena"

Mas análises críticas dos conteúdos e efeitos, Adorno também percebe da consideração de que, ao contrário da arte autêntica - das obras de arte -, a indústria cultural, a partir dos objetos produzidos e sua programação asséptica, abusa do inconsciente "nas relações às quais as equações e no e da utilização", ou seja, faz uso inadequado do pré-padrão, assim incluindo o desejo (Horkheimer & Adorno, 1947, p.73). No contexto discutido no livro *A Indústria Cultural*, se as obras de arte fazem jus aos processos do inconsciente ao adotar o processo de utilização quando, e suas análises são essenciais, expressa a tensão entre a produção e a utilização e apontam a renúncia ao ogo de negação (Horkheimer & Adorno, 1947)<sup>49</sup>, e contrapõem os produtos da indústria cultural, ao dissipar a tensão e deixando o inconsciente "então segue o ou a reprodução automática" (Adorno, 1953, p.73), contribui ainda mais para a supressão (e a opressão) da individualidade. Mas não de uma realidade, o inconsciente tornou-se sócia em e admissível - o inconsciente é o organizado pelo *mass media*.

Na obra *The Stars Down to Earth*, Adorno faz uso das mensagens aos olhos das coisas produzidas para a percepção de uma "enajenamento do espírito de propósito", visando estudar a natureza psicológica e social de tais mensagens que possa expressar a realidade das "personalidades" psicológicas - de pessoas que são mais suscetíveis a tais estímulos -, bem como o impacto sobre as condições objetivas que contribui para a instrumentalização da superação secundária, isto é, o "resíduo das práticas de ação". Mas para as de Adorno:

O conjunto de estudos e adicionados à análise de conteúdo da seção de astrologia do diário Los Angeles Times, e o objetivo a investigação da natureza e das condições de alguns fenômenos sociais de a paradiplomacia nos quais interfere, de uma análise particular, os efeitos e consequências - associado ao que poderia ser denominado pseudo-racionalidade (Adorno, 1957 a, p.46)<sup>50</sup>

Segundo Adorno, a produção e a massa da superação resuam no as tuais de ajuda e o porquê dos sujeitos - *a regressão da consciência* - que, por sua vez, são porquê dos efeitos e a estrutura do capitalismo avançado. A astrologia industrializada é

<sup>49</sup> Os autores afirmam que: "e seu modo, as obras de arte a pouco consistem e exibem sexuals. Toda a, apresentando a renúncia ao ogo de negação, e a entrega a por assim dizer a utilização da produção e sua a a utilização que se renuncia ao ogo idealizado. Mas a o segredo da submissão é essencial: apresentando a satisfação ou a produção pida" (Horkheimer & Adorno, 1947, p.131).

<sup>50</sup> "The group of studies on the analysis of the Los Angeles Times astrology column, see the analysis of the investigation of the nature and conditions of some of the social phenomena of the so-called astrology and the pseudo-rationality" (Adorno, 1957 a, p.46)

em não inepre cada o o u a exp o a ão o o a de u a o a em a idade, essa ú i a, em end da o o r e x o da d i s ão do t a b a r i o, a t a é s do t u a o p r o c e s s o s o t a s e f u n d o u. As b e t h a s a r i a d a s e n t e a s a t e n t a s - a p s i c o l o g i a, a s o c i o l o g i a e, n o c a s o, a a s t r o n o m i a - o c a s i o n a d a s p e a d i s ão do t a b a r i o, f o a p r e e n t i d a s a d i o s a e n e p e o o u i s o i n s t i t u i c i o n a i z a d o, p o s q u e o e s o e n d e a u n i q u e s o n t e e n o s, a b i t a r i a e n e, a i d e s a a o " a z i o" a t u e o t r o e f o o b r i g a d o a i e (R e z e n d e, 2006). Os o n t i o s p s i c o l o g i c o s d o s s u j e t o s, s u a s r e a c o e s s o c i a s e o d o s d e i d a o n t e o s e t s i d o r e a c o n a d o s, d e f o a i m a t o n a e a b i t a r i a, a o s " p o d e r e s d o s a s t r o s" p e a a s t r o l o g i a o o a t a t u e, s e g u n d o e a, d e e t i n a i s o n t i o s. N o a r t i c i o *Teses contra o ocultismo*, a i n a A d o r n o t u e: " T o d a i a, o o r e a ão r a t i o n a e n e e x p o a d a o n t a a s o c i e d a d e r a t i o n a i z a d a, n a s e n d a s e c o n s u t i o s d o s i d e n t e s d e o d o o t i p o, o a n i s o r e s s u s a d o n e g a a a i e n a ão, d a t u a e e e s o d a e s e u n i o [...]" (A d o r n o, 1951 b, p.209). P a a o e n e n d i e n o d a s u s c e p i b i l i d a d e d e p e s s o a s a o " o u o o a t a i z a d o", e n d o e i s a a p r e s e n t e f a s e d o e s t a e e n o, A d o r n o r e s s a a t u e i s s o s e d e e, p i n t a e n e, a o n d i o e s s o c i a s t u e e t a n i d o o s s u j e t o s " p r e s o s" a s a t a s d o p o d e r e d e u s i s e a t i e a t u o, p r o p i o d o v a p i a i s o a d o e, p o i s s o, a s " f o e s d e a n d a s p u s i o n a s", p r o d u z i d a s p o a s i t u a ão o b j e t i v a, d e e s e c o n s i d e r a d a s e a n a l i s a d a s (A d o r n o, 1957 a, p.51). P a, a n e c e s s i d a d e d e e a n a t i p o e s e a o a d a s f i g u a s d e p e r s o n a i d a d e s o n e p o a n e a s t u e p r e s s u p o e s e e o s a t o e s d e a s e n s a g e n s, a p a i n d a a n a l i s e d o s o n e t u d o s e n o n t a d o s n a s e n s a g e n s t r a o s o p r i a s d i u g a d a s: e s s a s e n s a g e n s, a s s i o o o s o i e n o s i m a t o n a s d e a s s a, a p o n a p a a a s e n d e n t a s s o c i a s o b j e t i v a s t u e e x i g e, p a a i n s d e a j u s t a e n o s o t a, o p o a e n o s i m a t o n a s d o s s u j e t o s e s e u s e a n i s o s p s i c u i o s a s r e g e s s i o s, a o e s o e p o e t u e s e e n o n t a e a s e n t e n o s a p e o s o a d o s a a u o c o n s e a a ão (a s a s p i a o e s d o e g o), o t u o s i n e s s e s s a o o n u n d e e e n e a c o n a d o s, a s d e a n e i a d e r o a d a e e x a g e r a d a.

A a e a ão e g a p o p a e d o e t a o o n e t u d o d a s e n s a g e n s d i u g a d a s d e e s e a a n g u s t i a i n o n s e n e d o e s o t u e a a b a p o e n o n t a n a s e n s a g e n s o n s e t o s o n t o r i s a s e p a l t o s (i p e a i o s s o c i a s) s o b r e o o p r o e d a n a i d a s o t a j a e s a b e e t a. A s s i: "A s e ão p r o u a s a i s f a z e o s d e s e j o s d o p u b l i c o t u e s e e n o n t a o n e n t i d o d e t u e o u t o s (o u a g u a a g e n t a d e s o n t e e t a) d e e s a b e a s s o b r e e e e s o b r e o t u e e e p r o p i o d e e f a z e" (A d o r n o, 1957a, p.52)<sup>51</sup>. As d e a n d a s p s i c o l o g i c a s d o s

<sup>51</sup> "The o u n a e p s o s a i s y t e o n g n g s o f p e o p e w i t h o a e t o u g h y o n i n e d t a o t e a s (o s o e u n o n a g e n y) o u g h o n o t e a b o u t e s e e s a n d w i t a t e y s t o u d d o t a n t e y a n d e d e f o t e s e e s"



É por isso que Adorno diz ser a análise de a função no social procedente quando só se e a e os fatores inconstantes das classes. Os próprios estudos e estudos - os na psicologia - são designados e insinuados que esta pesquisa a de social existe, a de análise na sociedade e às forças sociais, no caso, forças representadas pela "autoridade absoluta dos atos". Mas assim, Adorno aponta para a é a objetiva dos estudos psicológicos para o estudo da "zona inter-relacionada de interesses pessoais e sociais", encontrados nos estudos de classe e no estudo da unidade de classe, pois Adorno não omite o inconstante de força da dogmática, ou seja, o ou "inteligência pessoal", a o estudo. A respeito disso, e diz: "De fato, o estudo de inconstante não pode ser apresentado dogmática e nenhuma esudo omite a 'ação' de de interesses pessoais e ajudas sociais" (Adorno, 1957a, p.53)<sup>53</sup>. Assim, sendo e a o inconstante o representado de ingenuidade sociais "excluídos" pelo progresso, Adorno pretende analisar as de aputação encontradas na sociedade de classes sobre a insinuação pessoal e sobre seus estudos "condenados" pela ação do indivíduo.

## 2-A debilidade do ego na sociedade administrada: a decomposição histórica do indivíduo

Segundo os estudos de *A Personalidade Autoritária*, Adorno em a esabe e e análise as e aões existentes entre a ideologia e as profundas mudanças da personalidade - ou seja, os ideólogos e "a alogos" - quando o egoia de análise as egoias, estudos da psicanálise o doxa das pulsões e do *id*, *do ego e do superego*, ou seja, o estudo o estudo correspondente à segunda opção. As egoias psíquicas se na o base para a discussão a a dos estudos psicológicos subjacentes às respostas dos sujeitos e os estudos às suas opiniões sobre as coisas (os judeus), a economia, a política e a religião: "O sujeito ou o que a a os de e e em o estudo a e ido uganese é odo, justas e o se dá na psicanálise, da u e os estudos de nossas egoias" (Adorno e a, 1950, p.604)<sup>54</sup>.

De início, no que diz respeito à egoia *ego* privada na análise das entre as para a fundação das entidades individuais propensas (ou não) ao preconceito - ou seja, para a u da do "a a fass" -, adianta os que Adorno aponta a mudança

<sup>53</sup> "na e o estudo de inconstantes no estudo de a y in any study concerning the border area of psychology and social studies"

<sup>54</sup> "A subject and the ego is a being a ed' speu a e e em a pa e in is ed, just as does in psychoanalysis, the ego is any or ou egoies a e been da n"



consistência, se realiza por meio de um processo dialógico entre a esfera psíquica da personalidade - de onde se extrai a energia da psicanálise - e a esfera da cultura (Adorno e al., 1950, p.655). Nesse sentido, Adorno nessa obra configura a condição do indivíduo face às condições sociais atuais que não é contribuído para a formação individual autônoma e responsável, ou para a formação de um ego face às possibilidades de resistência ao atual status. Assim, isso se refere à avaliação das questões debatidas pelos frankfurtianos, na *Dialética do Esclarecimento*, acerca das condições objetivas da modernidade: a questão da decadência do indivíduo e seu enfrentamento em relação às condições sociais que impede a adoção de uma não excessiva natureza.

Nesse contexto que envolve os debates acerca das relações pessoais o conceito de ego é referido nas pesquisas de Adorno. No que diz respeito à *Personalidade Autoritária*, que se baseia nas seguintes hipóteses: o conceito de ego é utilizado e distorcido por Adorno, a defesa da expressão do ego psíquica realizada do modo ortodoxo da segunda óptica, para suas especificações acerca dos conflitos psicológicos subjacentes aos comportamentos preconceituosos e anti-semitas, e a ideia de ego é o modo de se apoiar nas discussões de Adorno encontradas nos capítulos sobre as ideologias políticas e econômicas, na obra que pode ser utilizada nas discussões sobre a *debilidade do ego*.

Nas segunda hipótese que trata das experiências: a ideia proposta sobre a "debilidade do ego" dos sujeitos envolvidos na *Personalidade Autoritária*, consiste nos aspectos envolvidos ao longo do tipo de indivíduo que, por causa de fatores sócio-econômicos, se submetido se refere às instâncias sociais de controle e se submetido aos eventos os irracionais das propagandas de caráter autoritário. Quanto às mensagens políticas dos grupos analisadas por Adorno (na obra *"The Stars"*), segundo o autor, os fenômenos guardam a guarda da autoridade e da resistência às ideias das propagandas fascistas, quando esses produtos da indústria cultural produzem a reprodução do *status quo* na mente dos indivíduos, assim como a condição de obediência e de dependência à autoridade irracional e abstrata, associadas à esquizofrenia, nos sujeitos (Adorno, 1957a). Assim, supõe-se que Adorno se utiliza da noção de "ego frágil" para referir-se ao enfrentamento das capacidades repressivas e defesas das pessoas submetidas à cultura esquizofrenizada e industrializada, pois que as disposições subjetivas, que endossam as políticas e ideologias de domínio autoritário, são a base resultantes do *ethos* cultural ao qual se refere. Nesse sentido, a presença dos que não é de forma abstrata que produz os distinguíveis e a ideia *ego frágil* produzida nas reflexões de

adept's part - so the individual is a a line of evaluation in the way that may be part due to the openness of today's social conditions and the individual's and part to the expansion of the individual.

Adorno analisa as adesões dos sujeitos aos mitos e joga nos esboçados sobre as funções políticas, econômicas e sociais, sendo que, em outro momento, Adorno, no texto *Teoria Freudiana e o Padrão de Propaganda Fascista (1951)*, referindo-se à obra de Freud *Psicologia das massas e análise do ego (1921)*, encontra que Freud utilizou-se do conceito de ego no sentido de representar o indivíduo como o universo (Adorno, 1951a, p.166) [vide capítulo 3, parágrafo 2]. Portanto, em nossas análises, esse sentido atribuído à ideia de ego.

Logo assim, formaliza os nas análises de Adorno sobre as ideologias e os processos contra as incógnitas no estudo sobre a personalidade autocrática, a ligação estabelecida entre a cultura unificada (das sociedades administradas), com tendências anímicas e autocráticas, e os "hábitos" e o padrão em indivíduos esboçados de "opiniões" sobre a realidade que, por sua vez, refere-se à cultura esboçada. Dessa forma: "É possível que essas personalidades, de fato, são produtos das esboçadas no grau em que que um observador ingênuo possa acreditar" (Adorno et al., 1950, p.655)<sup>57</sup>. Possível é, em uma discussão sobre a consistência da subjetividade onírica, e cuja estrutura psicológica descreve-se a *debilidade das funções egóicas*<sup>58</sup>, refere-se às tendências e transições sociais e econômicas da cultura, no sentido de que os mitos sociais de onírico (o *mass media*, a eleição, por exemplo) o lugar da "guilhotina e da fúria" com o desfecho de identificação para a afirmação individual. Nesses casos, o ego é atribuído à essência de ideologia para a identificação, que fica subordinados por outros ideologias próprias da cultura de a conveniência é onírica. É nestes casos que inquirimos a seguinte frase de Adorno:

Se nosso viés cultural é sendo esboçado sob o impacto do onírico e social e conveniência é onírica numa extensão nunca antes, nós esperamos que os hábitos de pensamento individuais referidos esboçados, assim como a dinâmica de personalidade (Adorno et al., 1950, p.655)<sup>59</sup>.

<sup>57</sup> "These personalities may, indeed, be produced by socialization of a universal degree of human nature and observation of behavior"

<sup>58</sup> Adorno adverte que a guilhotina dos sujeitos com esboços baixos na escala de atribuição se encontra as tendências da "autocrática cultura", com tendências ao autoritarismo, ou seja, nas respostas dos entrevistados em propensos aos processos de atribuição se encontra joga nos esboçados sobre a política e a economia, e boa parte esboçados presentes e é o grau nas respostas dos sujeitos "a os", pois que esboçados a utilização é ignorância acerca de tais assuntos (Adorno et al., 1950, p.655).

Veja os, em ão, as concepções psicanalíticas do ego "raio" nos estudos de Adorno, nos quais, para a criação de um tipo de ego, o ego é o lado dentro da dinâmica social que interfere e para o seu efeito em o, assim indicando, e idene em e, a probabilidade de ocorrência à formação de entidades sociais no contexto de uma situação dada à base e de uma sociedade humana.

No estudo sobre a personalidade autoritária, no capítulo V (*Preconceitos nas entrevistas*), destinado à análise dos preconceitos anti-judeus, Adorno indica que o anti-semitismo, examinado nas opiniões estereotipadas acerca dos judeus, apresenta um caráter funcional dentro da economia psíquica do preconceituoso já que propicia a esse indivíduo a formação de defesa do ego através de "um controle excessivo de ansiedade", o que o ajuda a de "orientação" e de adaptação à realidade social, através do sujeito (Adorno et al., 1950, p.617).

Por isso, é essa adaptação do anti-semitismo seu sintoma psicológico na medida que ele é a "realização de desejos reprimidos" - ou seja, a defesa contra os desejos - e para o sujeito a "abandona" o princípio da realidade (Adorno et al., 1950, p.618). A realidade, em ão, torna-se dissonância para se adaptar ao sistema psicológico que o anti-semita desentende para si, o objeto de defesa aos seus impulsos profundos: é o que Adorno chama de "o anti-semitismo psicológico" para descrever a personalidade e que o sujeito rejeita tudo o que não possa responder ao "ideal de ego" de seu endogrupo, concebido de forma rígida, e cujo anti-semitismo expressa bem a rejeição, já que os seus preconceitos estereotipados são fixos e enraizados e opiniões sociais enraizadas. A respeito das experiências de Adorno sobre as funções que os preconceitos anti-semitas de preconceitos estereotipados ou pela psicologia do preconceituoso, o autor também faz referência à categoria ego como instância psicológica específica, e que os de sua dinâmica relacionada à ego, ao super-ego e aos impulsos inconscientes, para a unidade da dinâmica subjetiva do anti-semitismo.

Em seguida, a análise para o fato de que as tendências e indicações de Adorno sobre o ego de uma pessoa de uma forma que esse conceito, nas nossas épocas, é sendo relacionado com as dimensões pessoais - das quais ele se depende -, quando relacionado, principalmente, às dimensões sociais que o indivíduo possui, contribuindo, assim, para o seu "efeito em o". O ego tornou-se presença da personalidade psíquica - insubordinada pela personalidade social - quando das forças sociais presentes em elas mesmas, apropriadas da

<sup>59</sup> "For our purposes, the terms have been standardized under the impact of social control and the ongoing convention which has been established in the field, and any experimental findings which indicate individual differences in standardization are as a function of the dynamic of the personality."

psicologia dos sujeitos (no caso, a "queda do superego pelo poder", a punição da realidade punição dos anti-semitas, sócia em e disseminada). Veja os seguintes trechos:

...aqui que a "expropriação" do superego pelo mais o punição do anti-semita obedece sua pena significativa. Esse fato é o e o único observado que se opunha ao qual a psicologia. Isso não permite inibições ativas das tuas poderias se deidas a esse e associação de ideias destrutivas. **O ódio é reproduzido e realçado de forma automatizada e compulsiva, de forma totalmente separada do objeto, e completamente alheia do ego** (Adorno e al., 1950, p.633, grifo do autor)<sup>60</sup>

Os sentimentos de culpa que os sujeitos possuem em relação às incoerências em experiências, adidos de um superego estrito e rígido, são o peão em direção do ego. Mas grande parte desses tipos repetidos, os sentimentos de culpabilidade, são externalizados ao ódio aos judeus, agora os os cidadãos culpados e, por isso, a ordem de se as punições (Adorno e al., 1950, p.634). Embora no trecho acima seja evidente o aspecto psicológico da "psicologia anti-semita", busca os da referência ao aspecto objetivo do fenômeno, ou seja, quando Adorno descreve a presença do "ódio ao punitivo" e ideias destrutivas no campo do preconceito, relacionado às ideias fascistas e pouco propenso às "inibições" sobre essas ideias. Logo nessa área a existência objetiva de rações políticas consideradas que justifica em que é exposto o ódio subjetiva em direção nas pessoas<sup>61</sup>, por meio de propagandas políticas. As organizações e políticas fascistas (e neofascistas) não têm a sua força e conteúdo adequados justifica em que sabe e manipula e expõe a totalidade encontrada nas massas? A que se ponho o apelo sócia ou o "espírito objetivo" da sociedade e relacionado a anti-semita dos tipos destrutivos e os transferido e "condições reais", de que campo em sócia? Talvez a esse respeito, Adorno descreva a tendência do superego às forças do id na luta pela justiça (Adorno e al., 1950, p.630). A respeito da expropriação do superego pela realidade destrutiva submetida ao anti-semitismo, entende os que Adorno introduz a discussão importante que diz respeito ao tema do "destruição da autoridade interna" ou do

<sup>60</sup> "The term 'expropriation' of the superego by the anti-Semitic punishment and its significance. This is the case as observed in the psychology of the anti-Semitic. There are no inhibitions of by the association of ideas and of the destruction of the ideas and of the reproduction in the individual of the punishment and of the annihilation of the ego".

<sup>61</sup> O termo aponado no capítulo 2 deste trabalho, no texto *A Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista*, Adorno fala sobre os discursos e ideias dos agitadores fascistas, cujos ingredientes se referem aos aspectos psicológicos inconscientes da realidade fascista. Segundo Adorno, a criação dos discursos dos

indivíduo “o a en e au ão o”, in t n s e a e n e e a ão a o apogeu de u a so i e d a d e q u a i a i a t u e f o e n a p e s o n a l i d a d e s . O s u p e r e g o , t e r c e i r o n a a a a ã o a a s e e p a a i n d e a a “p e a s a o e n a ” t u e c o n t r i b u a a d i n a m i c a d a s u b j e i t i d a d e f o r a d a d e n t r o d a s s o c i e d a d e s a d i n s t a d a s , p o s q u e o s u p e r e g o e s e c o n v e r t i d o n o p o r t a - v o z d e i m p u l s o s d e s t r u t i v o s c a i d o “v i t i m a d a i d e o l o g i a a n t i - s e m i t a ” , p e d i d o a f u n a o d e “c o n s c i e n a ” e d e c e n s u a s o b r e a s i n t e n e s i o s i n c o n s c i e n e s ( F r e u d , 1 9 2 1 ) . I s s o a p o n a e q u o s d a d i n a m i c a p s i c o l o g i a , p a a o e n t a t u e e n o d a c o n s c i e n a i n e n a e n t u a n o e e e n o i p o a n e d e r e s s e n a a e s s a d e s t r u i t i d a d e e a i n i b i a o d a e s a . M e s e s e n i d o , p o d e o s d i z e r t u e o s u p e r e g o n a s u u a q u a i a e p e d i d o a g u a s d e s u a s f u n e s , n a e d i d a e t u e f o i e x p r o p i a d o p o r e s s a e s a s u u a o a d a p a a a d o i n a a o ? A s s i , n o a s e u a s d e e s e f e a s s o b r e e s a i n s t a n a p s i c u i a e c o n t r a s e o a g u a s d e f i n i e s f r e u d i a n a s a r e s p e d o t u e e s s a e a e g o i a p o d e i a r e p r e s e n t a ( p o r e x e p l o , o d e “ a u q u i d a d e i n e n a ” ) <sup>62</sup> . A a e d a o s t u e A d o n o d e s e n o e a s e u a s t u a n d o a p o n a t u e o “ r e p r e s e n t a d a s c o n t e n e s o a s ” – o s u p e r e g o – d e i x o u d e s e u o b s e r v a o a o q u a i a i s o , a s , a o c o n t r i b u i r , q u o u - s e s e u “ a i a d o ” . A c o n s c i e n a o a , t u e p o d e i a s a a g u a d a a s f a a d a d e s a i a s d o s i n d i v i d u o s , s e e n t a t u e e u e d a n e a s t a n s f o a o e s s o a s e t u e o s a a e s d e o a i a o s e s e e x i n g u i d o ( F r e u d e a & A d o n o , 1 9 4 7 ) .

A s s i , e n e n d e o s t u e a “ p e a s a o e n a ” d a s p e r s o n a i d a d e s f a s a s a s – t u e t u e d i z e a r e v a d a d o s u p e r e g o a i d e o l o g i a a n t i - s e i a – d e s a v a d a p o r A d o n o , n a r e a i d a d e , d e n o a o s “ t i p o s p s i c o l o g i c o s ” c o r r e s p o n d e n e s a s u u a q u a i a i g e n e , e t u e o s s u j e t o s i n t e r n a l i z a r a m o s a s p e c t o s a n t i d e m o c r a t i c o s e n c o n t r a d o s n a n o s s a c u l t u r a , q u a n d o e s s e s a s p e c t o s s o o e i d a d e s i n i a s , p o s q u e u e a n o s s u j e t o s p o e n a e n e f a s a s a s e e e n o s i d i o s s i n a i a o s t u e s a o s u a “ s e g u n d a n a u e z a ” t u e c o n t r i b u e p a a t u e a d i s t r i b u i a o s o a s e t a n s f o e e “ a a e s ” i n d i v i d u a s . S e i s s o f o c o r r e o , o c o n t e i d o d e s u p e r e g o e e n a o u i l i z a d o p o r A d o n o p a a s u s e n t a s u a s t i p o e s e s t e r e n e s a s e x p r e s s o e s e a n t e s a o e s s u b j e i t a s d a i n e n a i z a a o i n d i v i d u a d a d o i n a a o q u a i a i a e q u o s d a “ t r a g i d a d e d o e g o ” . A n d a , A d o n o e x p r e a e s s e f e n o e n o t u a n d o a r a a s o b r e a s d i e n s o e s d e s t r u i t a s d a s r a c i o n a l i z a o e s m o r a l i s t a s – n a r e a i d a d e , “ s u a a o s d e r a c i o n a i z a a o ” ( A d o n o e a , 1 9 5 0 , p . 6 3 1 ) – t u e , n a o o b s e r v e , e s e u s f u n d a e n o s e c o n t e i d o s r e i n a d o s d o s a a e s d i s s e i n a d o s n o s i a s u u a . A s p e s s o a s p o e n a e n e

í d e r e s f a s a s a s d e e - s e a v a p a d a d e d e s o o a e o s e u i n c o n s c i e n e p a a f o a , s e c e n s u a s , o b i z a n d o o i n c o n s c i e n e d e s u a a d e p o s e d e s u a a u d i e n a ( A d o n o , 1 9 5 1 a , p . 1 7 7 ) .

<sup>62</sup> A s s i , A d o n o a n a t u e : “ e s o o s e a s f o a s i n e n a s d o p r e s o n a l i d a d e , d e p o i s d a d e r o a d a s c o n t r a e n d e n a s a o p r e s o n a l i d a d e , c o n s u a s e s u a i a p o e i o d a a p o d e a a o d a s e n e g a s o p o s a s .

rasas após a -se e rígidos a cores oás para da sus en a ão aos seus i pu sos desu i os sobre as inoias, na edda e ue, a pa i da "en a" nesses a oes, consegue atribui aos op i idos a responsabilidade por seus ino i os.

Segundo esse rac i o nio, o ind i d u o en a ue do, a o eido por i pu sos des on e idos e ans i ados e ódio, en on a -se in seido nu a d nã i a so a ue on é e sus en a r o as pa idã i as de u n i o q a i a i o, u i os a os pa i e a a n a i z a ã o e a ex e n a i z a ã o dã os i d a d e ind i d u a r e p e s a d a. Nessa p e r s p e t i v a, a d nã i a so a ans i o a -se e "d nã i a i n s i n u a" na edda e ue os o po a e n os i m a o nã s e i o e n os, p e d e n d o s e u a á e "p i a i o", q n a -se a b s o i d o s e a g e nã d o s p o r d e a s i n sã nã s p o i i a s. E os g a s, o ue ue e os a b e d e s a a da s e n e n a a a é a f r a q u e z a d o e g o f a e à s e a i d a d e d o s u p e e g o, e n u a n o i n sã nã a p s i u i a, a p o nã d a p o A d o n o p a a t e e a d nã i a p s i o ó g a s u b j a e n e a o a n i - s e i i s o, o o a b e f a e à o b j e i d a d e, r e p e s e nã d a p o i n sã nã s p o i i a s o n s e a d a s u e i n e n i a o s o p o a e n os i m a o nã s e f o n e e os o n e i d o s e os s l o g a n s n e c e s sã r i o s p a a a e x p r e s sã o d a s i d e a s d e s u i d o a s e r e a ã o a s i n o i a s.

Ass i, o r e a ã o a os a s p e t o s a s "s o o ó g o s" d o f e n ô e n o, a b e r e s s a a os a i d e a d e ue a c o n f i g u r a çã o d e b i l i t a d a d o e g o<sup>63</sup> d o s s u j e t o s a n i - s e i a s, p o s s i e n e, é u a d a s f o n e s e u d o s o i o s u e p a i e a a d e sã o d o s e s o s a s f ó u a s e s e o i p a d a s e a o s c l i c h ê s r e a e n e s a s i n o i a s u e, nã o o b s a n e, e n o n i a - s e d i s s e i n a d a s n o "a a u u a g e a". A "i n e p a a d a d e" d e j u g a d e r o a a s a u ô n o a a r e a i d a d e, a n e c e s sã d a d e e x e n a i z a o s i p u s o s i s u e p e s s e n e, e a s a s e x i g e nã s d a s o c i e d a d e a d i n s tã d a, f o a e e o e s tã nã e n o d o s s u j e t o s f a e à u u a e a s r e g e s s õ e s i n d i d u a s, r e a o d o s o p o a e n os i n a n i z a d o s e i m a o nã s d a s p e s s o a s. P e s s a f o a, os e s e o i p o s a t u e os s u j e t o s r e g e d o s s e o n r o a, n a s a nã l i s e s d e A d o n o, p e a s a a e i s i a s i m a o nã s o n i d a s n a s f ó u a s e s e o i p a d a s - p o e x e p o, o ó d i o a i a a e a s f a nã s a s p e s e u o i a s e r e a ã o a os j u d e u s - nã o s e i a n a d a e n o s d o ue o e s e u n i o d o d e i n i o d a e p a a d a d e d o i o e d e r e e i e p e n s a a r e a i d a d e, b a s e a d o s n a e x p e i e nã a. A h i p ó e s e d e ue a u e sã o d o e g o f rã g i l e n o n i a - s e

o oã n d o - a s a s e u p r o p i o s e i o. O s u p e e g o s e o n o u e p o a - o z d o i d, nu a o n i g u a ã o d nã i a nã o o a e n e n o p a a a p s i a nã l i s e" [tã d u ã o n o s s a] (A d o n o e a, 1950, p.630).

<sup>63</sup> No p r o l ó g o d a *Personalidade Autoritãria*, ue s e e n o n i a n a tã d u ã o e e s pã n i o d a o b r a (*La Personalidad Autoritãria*, d e 1965) e n o n i a o s a s s e g u i n e s o b s e r a ç õ e s: "s e f a o [s o b r e a s o n f u s õ e s a e a d a i a g e d o e g o] a nã s e z e s a s s i n a a d o d a d e b i d a d e d o e g o, d a i n s e g u a nã bã sã a, o u d a o n f u sã o d a i a g e d o e g o, é u a d a s f o n e s d a n e c e s sã d e b u s a i m i g o s, e x o g u p o s o n e o s, r a zã o d e o d o s o s p e i g o s" [tã d u ã o n o s s a] (A d o n o e a i i, 1965, p.10).

inicial nas discussões de Adorno quando faz a usão à objetividade alienada, pode a bé ser de onstrada no seguinte trecho:

As suas propósitos são o modo de pensar anti-sei na vida de nossos sujeitos? [...].  
 Anti-sei, nos iia os a u n e is próxi o à superfície do ego e pa gung a os: o que o  
 anti-sei is o "q e e e" ao sujé o, on e a en e, deno de sua experiê a adu a? [...].  
 O que o aius a eno de pessoas "sensí es" às idéas apa adas da reaidade e que nós,  
 ordina e asso a os à desadap a ão, a es en a de bo ? [...].  
 A objet a ão dos processos sociais, a obediê a às es sup aindi iduas, resu a nu a  
 aiena ão do indi iduo, en e à sociedade. es a aiena ão é experi enada pe o indi iduo  
 o o desorien a ão, o o on o i an e do e in eza. o o e os is o, os  
 es e eóipos po iios e a personaliza ão pode se enendidos o o insu en os pa a  
 'sup a' a esado de oí sas desag adá es (Adorno e a, 1950, p.618)<sup>64</sup>.

Na a ão a a, Adorno a bé essa a o *caráter funcional* que o modo de pensar  
 anti-sei a ou pre na psicologia do personé uoso, pa iindo-se an o u a f a de  
 "orien a ão" e de adap a ão à reaidade social, o o u a f a de defesa do ego a u  
 " on an e excessí o de ansiedade", a f de sa aguda seu pre ario e u íbio en a.  
 ondo, isa os des a os de is e e en os aponados a a que possa es e  
 e a onados aos f a es objet os do personé o. As a ãões sobre a "objet a ão dos  
 processos sociais", que es ão "a a" dos sujé os, e sobre a b e a exis en e en e o i n e e o  
 do indi iduo e a sociedade que desen adá a os "seni en os de desorien a ão" das pessoas na  
 reaidade, pode os esabe e a pa a e os ao probe a o o oado po Adorno, e ou o  
 o en o (no ex o *Sociologia e Psicologia*), sobre o uan o a estu u a do poder social não  
 is e pa iido a *intervençã mediadora do ego* pa a as "esó as" pessoais ou pa a as  
 desões indi iduas sobre processos e enô enos sociais. O a, a ou u a não e pa iido ou  
 dado e e en os necessários pa a o sugi en o de u a onsciê a í í a que possa sus a  
 u a e exão onden e sobre os f a es on ad í os exis en es na reaidade social, que  
 pa pe u a a desu aniza ão. sso, pa sua ez, não e a a a ão a ão a ão pa a en os  
 personé uosos e as a ides xenóbas, is o que os sujé os enon aia -se

<sup>64</sup> "The purposes of the individual are set by anti-sei ways of thinking? [...]. What is the  
 individual's orientation to the surface of the ego and as such does anti-sei is "g e" of the subject  
 individual's orientation to his own experience? [...]. What good does it do to be a good  
 of the "sensible" persons in they subscribe to ideas of the good and no basis in reality and  
 ordinary association to the individual? [...]. The objectivation of social processes, the obedience of  
 individuals, sees itself in an individual alienation of the individual to society. This alienation  
 is experienced by the individual as disorientation, individuality and uncertainty. As it  
 can be seen, individuality and personalization can be understood as deindividuation and  
 alienation."

é possível, dados de atingir a diferença não é a realização pessoa, dentro das organizações sociais?<sup>65</sup> A possibilidade de pensar a realidade social e suas condições, a adesão às forças "grosseiras" de pensar e incapacidade de não conseguir a "ação" dos fatos dados - já que tuas tuas esforços de pensar enquanto poderia desenvolver o estado de ansiedade nos sujeitos - perguntamos se essas forças não podem ser indicadores do entrelaçamento das "capacidades egoícas" individuais, iniciada em e a conexão à cultura esculpida que não possui a individualidade: os efeitos em apontados não são uma evidência a "crise" do indivíduo ou o seu declínio em relação às organizações que as sociedades administradas assumiram, sobre a realização do estado financeiro? Nessa sociedade que em "socializada" é criada, na tua obra e tornou-se reduzido a uma síntese do grupo social ao teu pensar (ou pensa pensando), os processos psicológicos de deitação e escória - sobre a *racionalidade do ego* - perdia sua força e são excluídos em dejetos (Horkheimer & Adorno, 1947). Para as forças, a beleza, as coisas do inconsciente são arruinadas pelas instituições sociais, e sobre o Adorno de insistiu nas suas análises da indústria do cinema e de produtos da indústria de consumo que apeia para as atividades inconscientes dos sujeitos, assim como para seus ansiosos de autoconsciência, examinados nesses eventos sociais de conexão (Adorno, 1957a). Mas a objetividade, dada a ser organizada, a criando a especialização étnica e profissional - por exemplo, quando nos discutimos de autoridades sobre assuntos políticos, e os que são assuntos são os modos sobre o "problemas em eternos" e, por isso, inócuos preensíveis ao público "égo" -, não contribui para a ignorância e os sentimentos de alienação dos sujeitos face à sociedade e aos seus problemas?

No que concerne à indústria do cinema analisada na obra *The Stars* - a superação secundária e a conexão às "práticas de ação" realizadas no início da razão instaurada, as que são o grau da presença e do estar em o tema "racional em exposta contra a sociedade racionalizada" (Adorno, 1951b) -, Adorno a beleza em uma que as condições sociais de alienação a contra os sujeitos e a suscetibilidade do público à indústria e à autoridade mítica e "despersonalizada" que a força presente (Adorno,

<sup>65</sup> Nessa obra que na Europa Ocidental, na unidade, e sendo a e a gênese de organizações neofascistas e de outros em xenóforos, sobre o apoio de parte de populações desejadas, proferidas das classes médias baixas, que é na exte adição a seu não para o desejo. Mas, ainda, na-sei por que e a razão que o tipo "ação" na obra a denominação "essenciais em os outros", foi desolado por Adorno da seguinte maneira: "Até então os as pessoas que a eles e os tipos pessoais que eles têm de fora, sobre o seu uso para a poder racionaliza é super - psicológica ou física em - as dimensões que eles são apresentadas e sua própria existência [...]. Mas essas pessoas em uma - se e todos que eles se do vida e o não da tua sorte as consequências do processo de conexão do ser não se conseguem em seu evento [...]" [tradução nossa] (Adorno e al., 1950, p.754).

1957 a). Nas análises de conteúdos das mensagens radiofonias (a obra radiofônica do dia a dia do ano *Los Angeles Times* que, na década de 50, o autor utilizou para suas análises), Adorno demonstra que foi a os produtos da indústria cultural que foi enredo e propagado foram as de dependência social e psicopatia dos sujeitos aos poderes sociais institucionalizados que reproduz e expressa a irracionalidade do capitalismo avançado. Assim, as mensagens divulgadas nas seções de publicidade e a *debilidade egóica* de seu público, assim que é explorando e denunciando a debilidade por meio da exploração psicopática regredida das pessoas que consomem esses produtos. A obra de Adorno é inapreciada pelo fenômeno social de massa - onde emerge foram as irracionalidades e racionais - da cultura popular, de acordo com Adorno, os estudos e os métodos utilizados pelas propagandas fascistas. A respeito da debilidade do ego, as seguintes observações:

... ainda o construímos assim por que da obra de Adorno - a de que os indivíduos se sentem essenciais e dependentes, se é interessante e sua desfecho não sabe resolver por si próprios e são psicopatia e assediados, o que se dá a obra de Adorno a debilidade do ego, que é expressão da debilidade na realidade social. O trabalho de Adorno em 1939 (u)5.7217(e)-2.d69(e)-14.112 (u)5.7217(e)-14.112 (f)0.721099(-)220.162(-)-6.33

sua influência na consciência, isto é, que ela é um tipo de trabalho existencial que atravessasse as condições concretas das existências, através da utilização dos conceitos, quando a interpretação sócia assim é feita. Mas análises de Adorno, junto a essas questões psicológicas, de ele e a sua obra, que as questões de influência sócia são para o indivíduo e que enfim, que sua capacidade de influência são as mesmas que incidem sobre as engagens dos indivíduos que, por sua vez, refletem a racionalidade objetiva. Assim, a astrologia, com seus elementos irracionais e institucionalizados, encontra-se e "transforma" o indivíduo em uma entidade sócia do mundo. Adorno cita o exemplo os conteúdos das engagens de séries de astrologia, o modo para os conselhos práticos vindos de vida, conduzidos aos "limitados da idade da pessoa", ao trabalho e à família<sup>67</sup> (que corresponde aos alicerces de uma estrutura organizacional), que se encontra no modo de conteúdos referentes às questões na vida e às guerras mundiais, esses indivíduos, se referiam aos distúrbios e pregados pelos agitadores fascistas<sup>68</sup>. As engagens, que têm o "deitamento" e para o mundo (por exemplo, sobre o fim do mundo e "meadas"), de acordo com Adorno, *oferecem uma espécie de zona livre às mentalidades psicóticas, transformando-as em algo inócuo e institucionalizado*. Assim, a astrologia, igua e às "serias coisas", pressupõe um estado de submissão que por ele é das possibilidades de uma sociedade não praxial e aos sujeitos. Mas para as de Adorno:

As pessoas ingênuas não passam despercebidas as possibilidades de uma sociedade a qual é organizada e institucionalizada, as suas condições não conseguem entender as possibilidades de racionalidade e consistência lógica, pois são confrontados com os antagonismos e absurdos atreídos dos seus alicerces, que por ele é da natureza a anáclitica da vida para a vida, são feitas [...]. Nesse sentido, a astrologia está realmente em harmonia com uma tendência ubíqua. Quando o sistema sócia tornou-se "deserto" da vida dos indivíduos, independente de suas condições existenciais,

<sup>W</sup> *It is especially needs of the dependent - in using those in the social sciences - that it is possible to weigh the role of the feelings of the masses*

<sup>67</sup> Para o exemplo as seguintes observações de Adorno extraídas de seu estudo *The Stars*: "Quando os [à engagem] anáclitica, encontra-se os conselhos práticos de "pois e a de assuntos relacionados com a propriedade ou distúrbios a situação econômica a família". Isso parece indicar a existência de uma tendência à propriedade privada [...]" (Adorno, 1975 a, p.115). Adorno acrescenta que essas engagens têm a característica de serem às condições sócias e condições dos sujeitos na presença da estrutura: a influência aos indivíduos psicológicos individuais - a existência aos bens materiais - encontra-se em um elemento derivado isto é que as possibilidades de reunião de bens se encontram restringido a um número pequeno de pessoas no capitalismo monopólio. A síntese e a correspondência às famílias burguesas patriciais do capitalismo monopolista. Apesar disso, as engagens têm a submissão ao fazer para o que seria possível e "fazem uma", o modo na fase monopolista do capitalismo, se caso os indivíduos não tivessem a distribuição desigual de bens, assim, analisando os comportamentos compulsivos e obsessivos regressivos dos indivíduos. Nesse sentido, "a orientação de indivíduos, por suas atividades se referiam a uma de modo subjacente à orientação da vida de indivíduos" (Adorno, 1975 a, p.76).

essa ideia é projetada sobre as estruturas, assim criando um alto grau de dignidade e justiça para os indivíduos e a esperança de poder participarem e serem próprios (Adorno, 1957a, p.57, grifo nosso)<sup>68</sup>

O "conselho enonhado nas estruturas", segundo Adorno, visa oferecer aos sujeitos um sentido ao mundo sob a condição do aparecimento das decisões individuais, assim ligando o destino das pessoas à inextinguibilidade dos processos sociais. O destino dado pelas estruturas é a realidade inextinguível da sociedade administrada. O conselho e auxílio enonhado nas mensagens culturais e à ideia de que se enuncia e que a criança ou o indivíduo e de sua vida interna e externa (dado pelas estruturas), cria a possibilidade de a criança superar as condições exigências imediatas do existencial. Contudo, o recurso às estruturas se dá, ainda mais, para a inserção dos sujeitos de posição (social e psicológica), na medida em que o "modelo das estruturas" tende a fortalecer a afirmação do ego. Ainda a respeito disso, Adorno identifica nos conteúdos das mensagens o recurso utilizado pelos "algoritmos" para que as condições e frustrações sociais, experimentadas e presentes pelos sujeitos, seja dissipadas, ou utilizadas em respostas, ao fazer com que seu público acredite que o propósito dá "forma de todas as exigências condicionais do ego". Tal recurso é o que Adorno denomina de "e enuncia e para", ou seja, a "superação do ego" ou o de equilíbrio do destino do indivíduo (Adorno, 1957a, p.94). A estrutura dá a entender que os sujeitos e a superação do ego - são o princípio de autoridade - determina os conteúdos, sendo que baseia aos sujeitos, predispostos a aderir a essas ideias, distribui suas atividades e exigências condicionais (o trabalho e o prazer) e "diferenças períodos dos dias", condicionando as atividades imediatas que, na realidade, adé de condicional em estruturas alienantes. Os conteúdos adidos das atividades entre "trabalho e ócio" - que são bases objetivas - são apresentados nas mensagens sob a forma de uma "diferença na vida", cuja função a organização de distribuição do ego pode responder. Para Adorno, isso tudo se associa ao egoísmo das pessoas que através das mensagens dos algoritmos, já que os sujeitos não ao encontro das necessidades reais dessas pessoas:

<sup>68</sup> "A espécie de egoísmo entre reais e fantasias parciais é buscado nos discursos políticos das mensagens" [tradução nossa] (Adorno, 1957a, p.62)

<sup>69</sup> "Mas as pessoas são o resultado de um processo de organização e institucionalização social, burocrática e superintendida, e não de um mundo individual e independente de razão, burocrática e antagonismo e absurdos, e os benefícios que são trazidos ao indivíduo por ela são a esmagadora maioria dos indivíduos que são trazidos ao mundo [...] nestes aspectos a sociedade é um instrumento de dominação e de controle. Nas estruturas sociais sistêmicas "rae" dos indivíduos independentes de..."

As pessoas são ou egoístas, ou objetivas e incapazes de o dar o próprio destino, antes a uma ou a outra tendência de transferir sua responsabilidade para a força abstrata do poder, que lhes deu o pai e o passo e anécdotos a esperança, o se pudesse esperar o alívio de seus males do sistema de que o mundo não para e, espera em queda consagrada de que os sofrimentos, e sua dor, possa ser esquecidos [...]. A uma ou outra e utiliza essa tendência psicológica ao auferir a orientação no poder, pelo afeição da criança ao sistema segundo a qual o poder expressa, de alguma maneira, o conteúdo das ideias (Adorno, 1957a, p.85)<sup>70</sup>

Adorno se funda em nas incipientes análises clássicas acerca das neuroses obsessivas (descrições por Freud) para evidenciar a dinâmica psicológica em oida na "insistência do poder" que, por sua vez, o interior, é indicada pela asiloção (Adorno, 1957a, p.95). Assim, podemos observar a apropriação de conceitos psicológicos para o estudo de fenômenos de massa como por âneos que é aplicado, de fato, para os eventos psicológicos infantis e regredidos dos sujeitos, estudados e examinados pelas demandas sociais da sociedade administrada.

Talvez seja a referência à "obediência às ideias", Adorno descreva o aspecto inconsciente das ensagens que não se possa explicar (Adorno, 1957a, p.58). A submissão às ensagens raciocinativas e a obediência dos sujeitos ao asiloção pode significar, e que os de uma psicologia profunda, um sucedâneo do "prazer sexual deitado e passado a frente à força de uma autoridade absoluta representada pelas ideias". A insistência do em que se encontra a autoridade paterna, as "ideias" que a -se um substituto que se mantém e, e por isso,

---

and in cases it is projected upon the system of ideas as the object a higher degree of dignity and justification in which the individual is able to participate - se es

<sup>70</sup> "People are either egoistic and incapable of doing anything or are earnestly conscientious and responsible and abstractly idealistic and absolute. The former values and principles are operative although they would expect their own behavior to be the same. In the latter case the system of ideas is strengthened and utilized by the unconscious of infants and children and by beginning the system of ideas." (Adorno, 1957a, p.85)

<sup>71</sup> A obra osi por a natureza da ideia de Hegel e a sua aplicação às incipientes questões da inspiração psicológica de Adorno sobre os efeitos da asiloção nos sujeitos, a partir do momento da análise das ensagens publicadas nas séries asilógicas. Assim, diz o autor que "[...] a análise de ideias a isto da, tendo apenas dos exemplos e ou-se perigosa. Não é a só quando a referência às ideias é a incipiente do o sistema que se mantém e da referência ao abuso a figura oponente do poder que o método de Adorno e o a o adonó o e pede a indicação das análises da psicologia profunda. O método do o o não funciona a isto" (Hegel, 2002, p.495). É a pergunta os se a aplicação da psicologia profunda aos fenômenos da "obediência de massa" por parte de Adorno poderia ser o conteúdo da "extinção da ideia" do autor, ou se, há realidade, sendo a insistência dos fenômenos regressivos da consciência na sociedade administrada que por o da consciência é a, seus eventos de o o e é desapropriado os conteúdos de seus indivíduos inanos (de quando os os), as incipientes questões de Adorno não seria real e ideias e consisentes.

o a é, da e a não proibida do a rígu a do pá onpo en e" (Adorno, 1957a, p.58)<sup>72</sup>. É a  
 fo a, a a o o g a a p o é a do in on s en e dos suj e os (e u g a de e u d a a dependê n a  
 e a i po ê n a so a), p o i den d a n d o f a n a s a s de f a s a o u n ã o o u a f o a a a b s o u a .  
 A r e s p e i o d e s s a s u b i s s ã o a u a a u q u i d a d e " d e s p e r s o n a i z a d a " e a s a s u a n a t u e z a  
 i b i d n a o u a p o d e o s i n t e i n t u e s e r a a d e u a r e g e s s ã o d o s s u j e o s a n d a a s  
 p i i i a e d i f u s a t u e s e o n t i g u a n a f a s e a a n a d a d o v a p i a i s o, n a t u a o s o d e o s d e  
 i d e n t i f i c a ç ã o ê s i d o s u b s t i t u i d o s p e o s p r o d u z o s d a i n d ú s t r i a o u u a . A d o n o a n d a  
 r e s s a a t u e a s u b i s s ã o a s o u i s a d e v a á e n a s s i o, a a s f o a s a d a d a s e a r i p u a d a s  
 p e o *mass media*, a g e n t a d a p e a a s t o o g a i n d u s t r i a i z a d a, e n o n t a - s e o n g e d a s r i g u a s d o s  
 i d e e s f a s a s a s d e s e i o p o r e u d n a " p s i c o o g a d e g r u p o " . M a s p a a r t a s d e A d o n o : "[...] a s  
 e s t e a s s i g n i f i c a s e x o s e a e a a . A s s e d e a a o o n i p o e n e s, a s e s ã o u i o  
 o n g e a n d a d o s i d e e s n a s s i s a s d e s e i o s p o r e u d e p s i c o o g a d e G r u p o e A n á l i s e d o  
 h e g o " ( A d o n o, 1 9 5 7 a, p. 5 8 ) <sup>7 3</sup> . A s s i , p e n s a o s s e i s s o n ã o é a a o o a s o d i t a o e s  
 i s t i c i a s d o s i n d i d u o s e e a n d o u d o s f a c e s t u e é p o s s i b i l i z a d o, e o n t r i b u i d o, p a a a  
 d e b i l i d a d e e g o t a . A s u b s t i t u i ç ã o d a s u b i s s ã o n a s s i o a o s i d e e s f a s a s a s t u e j á  
 i p i a a o e n t a t u e e n o e a r e g e s s ã o d o s i n d i d u o s ) p e a o u n ã o o u a  
 a u q u i d a d e d e s p e r s o n a i z a d a, g e a d a p e a " o u u a d e s s a " , t e e a a s f o a s d e d o i n a ã o  
 s o a d o u n d o a d i n i s t a d o s o b r e o s s u j e o s : a e s e s, s ó t e s a s e e n t e g a e a o s  
 e a n s o s d a i n d ú s t r i a o u u a t u e é t e i t a d o d e e s t u a t u e i p o d e e x p e i e n t a o o s  
 o b j e o s, a s s i d i r e c o n a n d o s u a e o n o i a p u s i o n a e d e q u i n a d o s u a s i p o e n t a s d a n e d a  
 r e a i d a d e .

Na *Personalidade Autoritária*, a m a A d o n o t u e, a é d o j u g a e n o p a o q u o g o d o  
 v a á e f a s a s a e p o e n t a s o b r e a r e a i d a d e - p r o e n e n e d e o i a o e s p s i c o o g i a s  
 p r o f u n d a s -, e s p e c i f i c a e n e, s o b r e o s *exogrupos*, a o r g a n i z a ç ã o d a i d a a u a o n o n e p a a a  
 i n o p r e e n s ã o d o s u j e o a r e s p e i o d a s t u e s o e s p o i t i v a s <sup>74</sup>, a s s i f o a e o e n d o a s a i l d e s  
 p r e o n e t u o s a s d o s s u j e o s . A o b j e i t i d a d e e o n o i a e p o i t i v a, d a a n e t a o o s ã o  
 d i f u n d a d a s n o s i s e a s o a, a p r e s e n t a - s e d e a s " o b s e u a " e a t e a a o s u j e o, p e i i n d o  
 n ã o s ó a u e n t a a i n o e z a e o n t u s ã o d o s i n d i d u o s a o e a d e s u a s i d a s, a s,  
 p i n o p a e n e, a i e n t a a s a n s i e d a d e s e r i u s t a o e s i n d i d u a s, o u j a s r a z e s e n o n t a - s e

<sup>72</sup> " o u n i o n i t e s a s i s n a a o s u n e o g n i z a b e a n d t e a o e o a b e s u b s t i t u e q t e f o b i d d e n  
 r e a i o n i t a o n i p o e n e a r i g u e " .

<sup>73</sup> "[...] e s a s e a n s e x i t o u e a . T h e y a r e d e p r e d a s o n i p o e n , b u t t h e y a r e e y f a a l a y e e n  
 f a c t a n t e n a s s i e a d e r i g u e s d e s c r i b e d i n t e u d ' s ' G r o u p p s y c h o o g y a n d t h e A n a l y s i s o f t h e h e g o "

<sup>74</sup> " i z o a u q u i d a d e s o n d i o e s o b j e i t a s s ã o r e o a d a s p e a a a o d e p o d e r o s a f o a s e o n o i a s e s o b a s t u e,  
 i n e n o n a é a u q u i d a e n e, i s a a n e t o p o o n a i g n o a n t a " [ t a d u ç ã o n o s s a ] ( A d o n o e a , 1 9 5 0 ,  
 p.66f ).

nos fatos subjetivos às condições das personalidades presentes em estas. A presença Adorno que para o sujeito se adapta "se conforma" à vida social so e reduzida ao tabu e permeada pela propaganda e indústria de consumo - que pede a ação conforme o objetivo do sujeito sobre a realidade -, a percepção individual sobre a objetividade deve também ser empobrecida, ou seja, a função do ego de adaptação à realidade torna-se imediata, no sentido de que o ajuste em não se realiza às perdas da repressão e do desejo individual. Assim, a adesão à racionalidade objetiva é a aparição de julgamentos esboçados e desorganizados sobre os e em os sociais, e esses julgamentos são mecanismos que se equiparam aos mesmos recursos psicológicos utilizados na infância para "organizar" a realidade (Adorno e Altemeyer, 1950, p.664). Adorno denota os usos de estereotipia e personalização, indicando, desafiando, o nível de regressão a que os sujeitos regressam. Sobre os eventos psicológicos às regressivos, desafiados pelo aumento das estruturas psicológicas de orientação e compreensão das realidades sociais sobre a realidade alienada (que a bé são expostas pela assidua observação), a função em ações adicionais.

Quando Adorno refere a noções de estereotipia e a personalização, na realidade, essas noções são utilizadas com os seguintes propósitos: o de poder e abstração e o grau de regressão e de infantilização dos sujeitos condenados e inseridos na estrutura social. Mas o grau de regressão psicológica, a nosso ver, não se encontra originária em no indivíduo, mas, sim, é decorrente da sociedade desigual, pois que as estruturas políticas e econômicas atuais, aliadas à indústria do entretenimento e da cultura são transmissoras (e a cultura de tickets e o mercado no espaço dos espaços e do cinema, ou seja, os assuntos políticos são transmitidos pelo se equiparasse aos "aíres de entretenimento" (Folbrecht & Adorno, 1947)), impulsionando os indivíduos ao padrão infantil de "organização" e de compreensão sobre a realidade. Embora Adorno disse desafiando que os recursos psicológicos de esboço e de personalização seja repetições de experiências infantis organizadas - "é fato que estes 'ajustes' são repetições de modo infantil" (Adorno e Altemeyer, 1950, p.664) -, e que a bé organiza a sociedade que faz e organiza os eventos psicológicos individuais com o fim de adaptação às condições, dentro da modernidade industrial esboçada, ou seja, a dinâmica social de influência as regressões psicológicas. Nessa direção, a sociedade repressiva e alienada impõe o ego à regressão sob o impacto da sociedade assidua. Mas os eventos utilizados pelos sujeitos, com as experiências sociais, para se orientar na sociedade - a esboço e a personalização - eles dão a impressão de que são "ajustes" e suas estruturas no mundo intelectual,

percebido de fora a partir da relação do indivíduo entre "b

encontra-se 'separada' do indivíduo a qual e não a van a do instigação e sensibilidade, as que que u a do isso de u a ane a ind e a do se fosse a go a r e o a e e (Adorno e a, 1950, p.663)<sup>77</sup>.

As idéas preconcebidas e padronizadas sobre os assuntos sociais que os sujeitos ado a seria os "de ane os" de u espírito adoe do, por é , sabe pergun a a é que pon o a "doença" de os sujeitos não responderia às exigências e às regras de u a sociedade irracional que produz e fo en a os estereótipos, be do o a são ente indivíduo e realidade. Acha des e ú i o f a o , diz Adorno, o te a ão à ou u a es and a d z a d a que fo a e e os ju ga en o i r a a o n a s , que:

...ób io, no en a n o , que es a i n o p a a d a d e subje i t a p a a e p a a a r e a i d a d e n ã o é primordial e exclusivamente uma questão da dinâmica psicológica envolvida, as é, e p a e , de i d o à r e a i d a d e es a , d a r e a ã o ou d a f a a d e r e a ã o e n t e es a r e a i d a d e e o i n d i v i d u o (Adorno e a, 1950, p.665, giro nosso)<sup>78</sup>.

O reo a é bas an e es a e e d o . Quando Adorno a a que a i n o p a a d a d e subje i t a p a a e p a i e n a e j u g a a r e a i d a d e "nã o é ex o u s a e n e q u e s a o d a d i n â m i c a p s i c o l o g i c a d o i n d i v i d u o", pode os sup o que as d i s c u s s o e s que e e f a z n ã o se r e d u z e so e n e às f u n ç o e s d o e g o <sup>79</sup> e p i e a d a s n a s f o u a o e s f i e u d i a n a s , a r e s p e i t o d o a p a e i t o p s i c u i o , o que, por sua ez, nos p e i e a i t a que a p s i c o l o g i a f o i q u a d a s o e n e o o u a s p e c t o , d e n t e o u t r o s , d e o d e a s g e a , p a a a a n á l i s e d a s a s o e s e s a b e e d a s e n t e i n d i v i d u o v e r s u s o b j e i t i d a d e , p o i s o o e os a b o d a d o , a p s i c o l o g i a r e e e a i r r a c i o n a l i d a d e d a s o c i e d a d e . A o c o n t r á r i o , p r e s s u p o s que as f o u a o e s e os c o n t e i t o s p s i c a n a l i t i c o s s ã o c o n t i n u a d o s o a s q u e s o e s s o c i a s e r e a c i o n a d o s às e s a s . S u p o os que os p r o b e a s e a n a d o s e d i s t u i d o s p o r A d o r n o a r e s p e i t o d a f i a g i d a d e i n d i v i d u a , c o n t i n e n e a o e a d a d e b i l i d a d e d o e g o d o s s u j e i t o s p o e n t a e n e f a s a s a s , n ã o se

<sup>77</sup> "The idea of individuality is an ignorant and confused way of saying one of the points of experience in the sense that the individual is a point and a basis for the subjectivity of the individual, and the individual is a point and a basis for the individuality of the individual." (Adorno e a, 1950, p.663)

<sup>78</sup> "The obvious, and the subjectivity of the individual is not a point and a basis for the individuality of the individual, but a point and a basis for the individuality of the individual." (Adorno e a, 1950, p.665)

<sup>79</sup> "The individuality of the individual is a point and a basis for the individuality of the individual, but a point and a basis for the individuality of the individual." (Adorno e a, 1950, p.665)

reduzir a atuação da consciência, pois que as sociedades industrializadas (o que já foi apontado), de acordo com o autor, pela influência de sujeitos regidos e enfiados pelas forças econômicas e sociais que, inenarrável, contribui para a anulação da consciência. As condições objetivas são referidas às condições e a ignorância das pessoas sobre a sociedade na medida que as informações propagadas pelas insinuações publicitárias já estão sendo apresentadas de modo passivo.

Toda isso, com o que os avanços, os fatores psicológicos são também tratados nessa obra por Adorno no estudo sobre a personalidade autoritária, para a também utilizada as razões em oidas na configuração "inequívoca e pobreza" dos sujeitos poenésia em efasas. Nessa obra, o autor teatona a "esquiva" e a ignorância dos sujeitos às *repressões psíquicas* (Adorno e al., 1950, p.658), a que das quais a atividade repressiva se realizado, na presença do capitalismo das sociedades a que industrializadas, uia no afora a conexão do "abuse sexual" (Adorno, 1969a). Mas, antes, veja os análises de Adorno sobre as implicações psicológicas encontradas nas mensagens dos meios que se teatona à atividade do ego.

Quando o estudo sobre os aspectos psicológicos da assílogia, Adorno descreve as condições assílogas possuiu éodo para a anulação de seus efeitos na ignorância quando apea para os pontos em que os pontos dos sujeitos - suas dores psíquicas infantis -, ao que os conselhos sobre azares individuais dados pe os "assílogos", suas são inextinguíveis. Descreve a: "Na assílogia, assim como na neurose obsessiva, de e-se anulação a alegria, uando e u conselho, ignorando se pe o porquê. Mas a que a 'segurança' da obediência que pe e o bina-se o a assílogia a do uando" (Adorno, 1957a, p.87)<sup>80</sup>. Mas mensagens são individuais e soa seá teo pensada caso os efeitos, ao seidentificação e o as "forças sobrenaturais", consiga exeu a rigidez os pontos dados pe os assílogos. Mas Adorno não deixa de indiar que, da es afora a que a exposição da debilidade dos indivíduos, pe os edações das seões assílogas, se a da exposição de u a debilidade objetiva, já os *sintomas compulsivos* do público, poenésiaizados nos conselhos dos assílogos, não se de u e e eno objetivo e conexão. Mas a que condições, o ensoua -se "unifonias da engengem soa" (Adorno, 1957a, p.87) não podendo desen o a que as aias saia arias e subidas, restringindo suas atividades aos trabalhos repetitivos e evários.

<sup>80</sup> "n assílogia sinó pu é e neuosis, onéias q eep ay s i y q so e i ue, o and a ad i e i t i ou e a b i n g a b e o s a y i y. i s j u s i s " b i n d n e s s o f o b e d i e n c e s e e s o b e r u s e d i t i e o a i e i n g a n d i n g e n g p o e q u e o a n d"

As atividades prazerosas e autônomas, que implicam a responsabilidade dos indivíduos para consigo e para com os outros - o ouvir a música para o indivíduo na música burocrática -, são subsidiárias, nas sociedades administradas, pelas atividades essenciais de qualquer tipo, essas exigidas aos sujeitos para a sua adaptação funcional ao trabalho. Assim, a atividade em si "dizem" as condições sociais e a imaterialidade da existência quando induz o indivíduo a atividade que o despenha no trabalho, e se a função, de atividades a qualquer que seja para o dia-a-dia, pode até proporcionar benefícios físicos, pois a ideia que se encontra por trás de a é a de que os sujeitos são de esquadros se prece e qualquer que seja, ao invés de a e prática e "apoiada" todas as oportunidades". A é disso, a ideia psicológica subjacente à conduta política que a atividade a bé expõe, é a de que se os sujeitos se entregam às obrigações desagradáveis, e se sentido, podem expurgar seus sentimentos de culpa obtendo, assim, a guilhotina de pensamento (Adorno, 1957a, p.87). As análises que Adorno faz das mensagens políticas em que a atividade que o indivíduo faz de seu público é a assíria e possível: o indivíduo é apresentado como o agente por quem a pessoa prática e que o indivíduo a despoja de sua realidade política e sua não só o indivíduo. Os indivíduos possuem a ideia de projeção *ideal do ego* do designação a partir de que o indivíduo se identifica e se estende a de sua realidade e debilidade, ou sua posição subalterna na hierarquia social, assim, o elemento encontrado nas mensagens é o de proidentificação para o indivíduo da "identificação" não inelutável ou ideia do ego socializado", que é a ideia reconhecida na cultura política (Adorno, 1957a, p.86). Ao apresentar o designação como o agente por quem e "autônomo", segundo Adorno, os conteúdos das mensagens são ao encontro à forma de pensar do indivíduo das pessoas de classe média baixa como *síndrome oral e compulsiva* (Adorno, 1957a, p.87), dá, os conselhos adotados para a atividade e a presença e realização que possa e ao indivíduo. As relações a pequenas atividades que se dão aos indivíduos são o fundamento em que a sociedade dos indivíduos, pois os sujeitos se transferem a "engenharia" de uma classe superior (a classe operária e burocrática), e suas atividades são a obra de uma conduta política ou política na sociedade administrada - a "pseudo-atividade"<sup>81</sup>. Nessa direção, a

<sup>81</sup> Adorno esclarece que a não existência em atividades do indivíduo (a a o indivíduo, consensualmente objetos de classe, e) e a "paixão pelos objetos", cuja psicodinâmica, segundo ele, continua inexplorada. Já o tipo de regressão nas pessoas que se sentem impotentes e unidas às condições objetivas "é o indivíduo a a atitude fetichista" e refere-se às condições desígnias e apropriadas do indivíduo que tende à desistência, ou seja, a paixão que as pessoas nutrem pelos objetos (objetivos) possibilita a conexão da libido nos aparatos do indivíduo que pode induzir a conduta hábil (ao indivíduo a conexão e do ego sobre a natureza), assim como o proidentificação a despersonalização. As várias atividades expostas nas análises são: o de a em sentimento a sos de impotência sobre as coisas, a partir de "burocracia" a impotência dos sujeitos agitados (Adorno, 1957 a, p.100).

entrega a sua função de "aldeia" - que poderia desenvolver a escola e a responsabilidade subjetiva, e não a "atividade" pré-constituída e estabelecida por uma ordem externa - não é permitida nessa ordem social exploradora da individualidade, e a atividade acaba por reproduzir a posição social quando, e suas mensagens, encontram-se expostas a idéia de que os "assuntos" são a ação ao prazer, ou se deixa e a por suas condições psíquicas.

A ordem encontrada nas várias partes que os autores ou para suas várias condições, pressupõe o modo dos sujeitos à a ela a imitação dos assuntos - a ela as que pode se desenvolver (e, de fato, se desenvolver), fundada em, na perda do e prego, nos pontos fundamentais, nas doenças, entre outros. Assim, as mensagens dos outros, que insinuam os pontos em questão nos sujeitos, nas condições de Adorno, são reflexos da a ela a social objetiva e dada. Desse modo, Adorno escreve sobre o "conhecimento de verdade" da liberdade e das regressões do sujeito individual que a indústria ou a indústria exposta, a idéia de aniquilamento e estado de consciência.

No capítulo V da *Personalidade Autoritária - a Política e a Economia nas Entrevistas (Politics and Economics in Interview Material)* -, Adorno aponta as tendências antiintelectuais e a ignorância dos sujeitos práticos que se encontra nos pontos dos pontos em questão, os pontos de vista, de fato "populares" (Adorno e al., 1950, p.658). Assim, perguntamos se o anímico e equívoco e identificado nas condições dos sujeitos do a que se encontra na escola, não se encontra, à vezes sobre a formação do ego em que se encontra no contexto de uma ou outra que permite o surgimento de políticas e idéias. A possibilidade de "educação" e desenvolvimento profunda em a realidade - o pensamento em - pode ser a expressão da liberdade do ego, em quanto significa a incapacidade do sujeito de aparecer-se do que todos pensam ou fazem. De acordo com Adorno:

Nossa impressão geral é a de que a ignorância e a confusão encontram-se às vezes extensa em e entre os sujeitos 'alunos' do que os de posição não baixa. Isso encontra a nossas primeiras observações sobre a atitude 'anímico e equívoco' geral dos pontos [...]. Isso é que é propenso a se identificar a priori com o mundo a que se encontra, e isso acontece porque aprofunda seu conhecimento em e equívoco e distingue em e essencial e aparência. A tendência ao 'placido' dos sujeitos de a que se encontra, seu desapego e conexão a tudo o que está à sua frente de seu campo de ação, é outra coisa que contribui para a sua a de inerte e, assim, para a aparência de desenvolvimento em política (Adorno e al., 1950, p. 658)<sup>82</sup>

<sup>82</sup> "Our general impression is that ignorance and confusion are widespread among the lower social classes. This would be consistent with our previous observations on the general 'anímico e equívoco' attitude of the lower classes [...]. The 'anímico e equívoco' tendency to identify oneself a priori with the world as it is, and this is because it deepens its knowledge in and equívoco and distinguishes in and essential and appearance. The tendency to 'placido' of the subjects of a that is, its detachment and connection to everything that is in front of its field of action, is another thing that contributes to its inertness and, thus, to the appearance of development in politics (Adorno et al., 1950, p. 658)<sup>82</sup>

A natureza dos ideais em suas relações de assa, que faz a apogia ao espírito e ao "realismo" de uma objetividade exclusiva e penosa, é a de ser o "inerte", assim constituindo seus adeptos que, por razões subjetivas, resistem e questionam a realidade confrontando-se e identificando-se com a ou a "existência"<sup>83</sup>. As propagandas fascistas tendem a obliterar as diferenças das assinaturas face à existência dos fenômenos sociais e econômicos, assim se apropriando da consciência das últimas sobre o mundo e a realidade e tornando suas atitudes análogas aos "fatos" e "problemas" sobre os problemas do mundo, permitindo suas "incapacidades de reação" sobre o existente que são originadas da objetivação social. Já pensa-se que a ação é a ação, soada à existência de um pensamento que possa "penetrar" a realidade para fazer à luz seus elementos, e a o quanto os sujeitos que se regem e perseguidos e a existência propensa a identificar-se com o mundo reduzido aos "fatos" e "problemas", de acordo com nossas idéias, relaciona-se à questão da realidade do ego ao contrário que a autoridade é a consciência à existência, possibilitadas pela "ação autônoma", que se identifica nas entidades autônomas. As pessoas que se identificam com a ação social são aquelas que são definidas "para os antropólogos", que são o objeto à análise, a referência ao próprio e o pensamento e os fenômenos sociais que, por sua vez, são frutos das condições nas relações de autoridade social que são inerentes na psicogênese - na formação do indivíduo (Adorno e al., 1950, p. ). A ou a "existência" e age na individualidade dos sujeitos, nas suas formas de pensar e viver essa realidade. A nosso ver, que os antropólogos são experiências às profundas que se referem às "relações" e "ações" e "ações" (no caso, o 'desejo de saber') e a realidade repressiva do indivíduo pela razão instaurada. Nesse sentido, e analisando a seguinte questão: do ponto de vista da personalidade, a que se refere à consciência ao "pensar" e a "ação à ação", e sendo que Adorno descreve a "ação" de assa e psicogênese privada nessa ação, a saber, o *temor de pensar*? A é de uma ou a indústria que, o que à produção econômica, a "desejo" e a "ação" o pensamento, Adorno, para a discussão dos fenômenos sociais da "pobreza intelectual" dos sujeitos com as diferenças, o que para as experiências psíquicas relacionadas às repressões psicológicas, feitas na prática

... and distinguish between essence and surface. The 'practice' bias of the 'right' social, 'the' e 'o'na de a' em 'o' e 'y'ing 'a' is beyond 'the' e 'defined' range of action, is another 'a' contributing to the 'rightness', and 'a' of, 'po'ia no 'edge'

<sup>83</sup> "Todos os ideais em suas relações de assa e as práticas de de agos no e-a e anos são por âneos se dirige aos ignantes" [Tradução nossa] (Adorno e al., 1950, p.658).

ignorância, para entender as razões subjetivas do "estado de pensa", próprio das pessoas pessoalmente. Mas para as de Adorno:

Seja o fenômeno atribuído ao estado geral de ignorância e confusão sobre a política à estupidez na política ou à "idiotização" da "atividade" das massas. A estupidez pode ser devido mais às repressões psicológicas do que à falta básica da capacidade de pensar [...]. As condições de existência e a educação e a aprendizagem que se tem o estado de pensa em estado ou aprender coisas erradas. Pode ser associado que se é o, e muitos casos, pelo a e em estado originado da reclusão política de experiências ao mundo das do que se é capaz de compreender, é continuamente reforçado pelo sistema educativo que tende a desencorajar tudo o que poderia ser considerado "especulativo" ou que não pode ser o produto, ou que não pode ser expresso e "raças ou coisas" (Adorno e al., 1950, p.662, grifos nossos)<sup>84</sup>

Para as questões de trabalho, as ausências do autor sobre as repressões psicológicas imputadas na estupidez dos sujeitos "raças" pode também ser relacionadas às ideias concernentes à *inibição das funções egoicas*, nos termos da doutrina freudiana, encontradas nas formulações sobre as defesas psicológicas contra os *conflitos pulsionais*<sup>85</sup>. Na medida que Adorno enfatiza nestes fenômenos e em termos profundos, de natureza subjetiva, pensa os e estabelece a base nas condições do autor, a ligação entre a estupidez e a ignorância dos sujeitos "raças" e os conflitos psíquicos, assim quando examinamos as expectativas da sociedade da *egoísmo ego*, que a educação e imputadas nas análises. O que pode ser inspirado a respeito da afirmação sobre o "estado de pensa" é que isso se refere à discussão de inspiração psicanalítica de que o ego, na cidade, sintetiza a go que se de se bua em repetido no indivíduo, sob suas *fantasias e os seus desejos*, apoiados da consciência, a fim de evitar a psicose. Desse modo, o estado sobre ajudas às expectativas da sociedade fundamenta, ou o "desuso" a respeito das produções

<sup>84</sup> "Woud be erroneous to ascribe the general state of ignorance and confusion in politics to the stupidity of the people. Stupidity may be due to psychological repressions of the kind which are supposed to inhibit thinking [...]. They inhibit thinking and even more because they inhibit the thought processes and the thought processes. It may be added that this fear, probably of the kind which is supposed to inhibit thinking, is supposed to inhibit thinking, is continuous and reinforced by an educational system which tends to discourage anything supposed to be 'speculative', or which cannot be observed by surface findings, and so in the case of 'raças and things'".

<sup>85</sup> Freud descreve a *inibição psíquica* e os termos de sua *função* e a relação ao *ego*, no apêndice psicológico: "Passes em estado de desejo e a inibição de se a deixa um pouco dúida sobre o que se usa dizer o ego e diga o que a inibição é a expressão de uma *restrição de uma função do ego*. Estas restrições dessa espécie podem ser causadas por diferentes razões [...]. Essa realidade é às vezes energética e nas inibições específicas. A análise se refere a que quando ajudadas sob o plano, esse é o estado da situação subjetiva a inibições neuróticas, isto é, o que se os órgãos físicos e a mão - os dedos ou as pernas - se tornam organizados de forma *inadequada*" (Freud, 1926, p.110, grifos nossos).

ecólicas insuperadas, significa o estado de exclusão das próprias pulsões sexuais que  
luta que se repitidas, abrupta, na psicologia do prático<sup>86</sup>.

Toda a, para a de questões psicológicas, Adorno a bé esabe e eu a  
a luta a não enfeite a realidade social do capitalismo o adito e a força a não do indivíduo, e aões  
que não se refere à na configuração e na dinâmica psíquica. A inoperância do sujeito de  
de o a ao objeto que e e [o sujeito] que e e ao se confrontado com o es o apon a para a  
degeneração do pensa em (Freud & Adorno, 1947), pos o se isso resu ane da  
força a não individual sob o signo da razão instrua, cada vez mais e iden nas sociedades  
industriais: u a sociedade na sua o pensa em pag ágio acabou por tudo o  
pensa em espeú a o que da a expressão e oz ao sqm em da na ueza alienada  
(Freud & Adorno, 1946, p.114). Tudo isso se ostipa en e nas de a s ins ânas educativas que  
desesiu a o pensa em espeú a o, o Adorno a ou. O sujeito, in e em e  
e pobreza, pido de a o, de liberdade e de desejo - apon a na psicologia anti-se ia,  
predispõe-se a pa eber o mundo com e sua in e i dade, que é resu ane dos con a go pes  
da divisão do labô a a és dos suas as ra u dades tu anas fo a ju gadas e  
desen o idas para o dese pên o eônô io (Adorno, 1951b). Na a sociedade não i e o  
pensa em o i p o s o i o, e n d e e i s a o que e e e p e s e n a ou possa i n a e e a : a e dade  
da na ueza u l d a, do sqm em i n t e n s e o ao desen o e da i i z a ã o. o o be  
apou Adorno, as a i u d e s em as do a á a f a s s a e a e n d e n a a e no  
o i n e e m e n o e o i o u e e e n o de sub e s a o (Adorno e a , 1950, p.662), a go que  
i p i a i a e q u e s t i o n a o que já es á d a d o e a e o n a t e a i d a d e - r e a i d a d e e s a d i s q u e d a e  
d i s s i u a d a p o e i o d a s i n t e a o e s e e o i p a d a s a q u a o s u j e t o q u e s e i d e n t i f i c a (ou se  
sen e o b r i g a d o a s e i d e n t i f i c a r), se q u e s t i o n a em o s - que, p o s u a e z, d e s e n a d e a i a n o  
s u j e t o u a a n s i e d a d e o u u s e n t i e n o de "descom o", a o n e p s i c o l ó g i o.

Podemos então e a n a a i p o s e de que as no as f o r ç a s de a b u s, no con ex o de u a  
o u u a o a i a i a que desen o e u e a n s i o s o s a s de con o e da sub i e i d a d e a s  
s q i s i a d o s, se expressa na p o i b i ã o do pensa em e das a i i d a d e s e o i c a s que poderia  
t a n s c e n d e a r e a i d a d e, i o j e, sub e i d a o p i d o da produ ã o social. A o a das  
o b s e r a o e s de Adorno sobre as a i u d e s a n i n e e u a s e de a e s a o à espeú a ã o e o i c a,  
p r o p r i a s das p e r s o n a i d a d e s f a s s a s, a b é e a n a o s a i p o s e de que se en o n i a  
r e a o n a d a s à e o i a f i e u d i a n a sobre a base p u s i o n a que es ã o p o i l a s das o i l a o e s das

<sup>86</sup> e a o d o o Adorno e *Los Tabus Sexuales y el Derecho Hoy*: "Os abus sexuais a e a e s o r e s p o n d e à  
s i n d o e i d e o l ó g i a e p s i c o l ó g i a do p r e o n e i o, que se i u para da u a base à adesão das passas ao  
n a o n a - s o c i a i s o e q u e c o n t i n u a e x i s t i n d o de f o r ç a d e s p o i z a d a s e g u n d o s e u c o n e j u d o e x p r e s s o" [T i d u ã o  
n o s s a l] (Adorno, 1969b, p.94).

atitudes cognitivas (a "curiosidade sexual infantil" (Freud, 1905)), pois a teoria de Freud, na perspectiva da teoria crítica, consagra e identifica de que forma a psicanálise pôs a descoberto a sociedade, a partir da análise das sociedades industriais e pela "cultura de massa" da dinâmica psíquica. Nessa análise que subscreve a "autocracia paterna", pelas instâncias sociais de controle, e pelas proibições na formação dos sujeitos, pois o "pensamento crítico" - que é a base estrutural da psicanálise - foi proscrito na cultura capitalista e impedido pela indústria de consumo que, por sua vez, "incute" a estrutura da disciplina, anexo, anexada à educação do indivíduo. Assim, pensa-se que os abusos sexuais, estudados por Freud, foram desviados para a proscrição do pensamento que esquivado é isso, no contexto capitalista, só ou a não afirmação de presença<sup>87</sup>. As percepções e o pensamento em si e sua (suas próprias) impressões encontram-se na infância) foram "castigados" pelas instâncias de controle e da cultura capitalista, o que fez com que o pensamento se tornasse ilícito, conduzindo os sujeitos ao sacrifício de seu interesse e permitindo que as pessoas se transformassem e "objetos" a serem manipulados. Acrescentando a isso, as seguintes palavras de Adorno: "Mas a castidade da percepção pelas instâncias de controle, que se recusa toda anulação desejada, obriga-a por isso a inserir-se no estrutura da repressão: por onde que já é conhecido" (Adorno, 1951b, p.107). Enfim, sob o pretexto absoluto do processo produtivo que possibilita as condições individuais autônomas, a finalidade da ação - que é a de atender o desejo e de "transformar" a realidade por meios opressivos - desaparece e se transforma e unido o insueto para a

<sup>87</sup> Sobre a "psicanálise de saber", Freud afirma: "Ao mesmo tempo que a vida sexual da criança chega a sua própria fase essencial, entre os três e cinco anos, a libido se insere na atividade que se insere e na psicanálise de saber ou de interesse. Essa psicanálise não pode ser o produto entre os dois pontos psíquicos e é, em si, necessária e subordinada à sexualidade. Sua atividade corresponde, de modo, a uma afirmação da sublimação da vida e, de outro, a uma afirmação da energia esotérica" (Freud, 1905, p.72). O que que é o resultado disso, fazendo a relação com a teoria crítica, é o quanto as condições nascidas de autocracias sociais pode ser a afirmação da vontade dos abusos sexuais, sendo que as "atitudes inibitórias das crianças" que se inicia de repente às exigências parentais poderia ser em si mesmas e, desenvolvendo as inibições e suas e os efeitos em si às "palavras proibidas" que, na realidade, se é a base a gozar a criança desejou ou se o medo durante suas experiências a respeito. A base a respeito disso, veja os pequenos ensaios de Freud & Adorno (1947) *Sobre a Gênese da Burrice*.

<sup>88</sup> A respeito disso, Adorno afirma que nas sociedades industrializadas, a produção de uma "vida sexual saudável", só o aparecimento e desaparecimento dos abusos sexuais a partir da produção da sexualidade gerada pelo modo de produção e "regime" de prazer (dirigido na indústria de consumo e na psicanálise popular), fez com que os abusos (e as proibições e castigos) se oasse com a afirmação das suas próprias, suprimindo as últimas na cultura capitalista. As atitudes parentais da sexualidade é sódo e proibidas e reduzidas ao adiamento das punições pela "cultura de massa", e a vontade do indivíduo a do indivíduo sódo. Adorno se inspira na teoria psicanalítica freudiana que diz ser a afirmação da vida e de sexualidade, a gerada, não originária, as produções de uma "inibição" das punições e que a realidade a vida e o indivíduo a produção em si das punições parentais - foi descoberto na

do inação, assim debilitando, ainda mais, o indivíduo quando o mesmo se encontra impossibilitado de opor resistência.

Letras os que Adorno descreve e o tipo de personalidade denominado de "Manipulador", para a avaliação do caráter das pessoas, o que a personalidade e que se identifica e "estudo em função de afetos" ou a *cisão do ego em relação aos afetos e às pulsões*, próprio da psicologia desse tipo de personalidade: "Sua defesa mais notável é o rechaço da realidade do mundo por meio da identificação" (Adorno e al., 1950, p.767). Outras palavras, as palavras pessoais inconfundíveis, rechaçadas da personalidade do pseudonívico para garantir ao ego uma adaptação se opõe à realidade dada, poderia ser "evidentes" nas atividades e suas ou espere atividades direcionadas à realidade aparente: o ego à fantasia e a "construção" dos sujeitos a que se refere aos de seus assuntos sociais e as vezes, de outros exemplos os os os em suas atividades a sua vida. Quando atingido o sujeito, a profunda influência das atividades da defesa não só (Adorno e al., 1950, p.749).

As ações de Adorno ao conceito de ego da teoria freudiana, especialmente sobre a dinâmica do aparelho psíquico, a base apresentada nas discussões sobre o caráter poético em suas atividades. No texto transcrita abaixo encontra os exemplos a apropriação de Adorno da *categoria ego enquanto instância psíquica*, da qual Adorno se utiliza para suas observações psicológicas do que ele denomina de "pseudonívico", dos sujeitos poéticos em suas atividades:

A ideia é de que o caráter poético, no sentido específico que damos a esse conceito por meio de nossos estudos, não é no nível anterior, e nem na construção de sua personalidade, um conceito genuíno, mas um pseudonívico. A estrutura psicológica que corresponde ao pseudonívico é o inconsciente e a submissão automática ao nível do ego, com violência, impulsos anárquicos e destrutividade na esfera inconsciente (Adorno e al., 1950, p.675, grifo nosso)<sup>89</sup>

De acordo com o texto acima, é claro que Adorno discute os de que inanes psicológicos em termos no que se chama de "pseudonívico" ao se referir às respostas dos sujeitos sobre as ideias políticas e econômicas. O pseudonívico dos sujeitos caracteriza-se pelo conteúdo de caráter psicológico e que Adorno

<sup>89</sup> The idea is that the poetically characterized ego, in the specific sense of the word, or the subject, is not only on the level of the ego but also on the level of the ego and the pseudo-conceptualization of the genuine concept. The psychological structure that corresponds to the pseudo-conceptualization and automatic submission to the level of the ego is, in the unconscious, anarchic impulses, and destructive tendencies in the unconscious sphere.

esabe e as ideias entre as necessidades psíquicas e a ideologia, dentro de condições sociais objetivas que por si só a sua análise. Desafia a, desafia Adorno sobre as ideias e as opiniões desses sujeitos, sob base nos valores a vários tradicionais do liberais, racionalizações para enobrecer seus profundos desejos de destruição, assim ganhando a sua "inexistência", ao nível do ego, convertem-se aos "interesses sociais" exigidos por uma sociedade baseada numa de omissão a (Adorno e a, 1950, p.676). Adorno aponta os aspectos "psicodinâmicos" do pseudocONSELHO dos sujeitos a os nos seguintes termos: os valores tradicionais, encontrados nas opiniões dos sujeitos, são de racionalizações para seus impermissíveis, na medida que, exatando o "espírito" às tradições e à ordem, em que anela a "aparência de objetividade" ao pronunciar-se sobre os assuntos políticos, paucando-se, assim, e opiniões sociais em dispersas, na realidade, de uma dissimulação sobre as coisas; ao nível do ego, os sujeitos parece se submeter aos emocionais e aos de valores tradicionais, em quanto que, e um nível inconsciente, seus desejos sádicos e autocráticos se anétiçados; as pulsões destrutivas, se entra e contrário ao insânua ego, pode ser exenalizadas contra a que es que não se enquadra a os condições ao expressa e suas opiniões sob base nos emocionais de fundo dissimulação. Assim, os valores emocionais e a defesa da de omissão se trata o os preceitos - "rações reais" - para os sujeitos justos e seus anseios de punir e de excluir as pessoas - no caso, as coisas anétiçadas - que poderia "rair" esses valores. Adorno diz que: "Embora a racionalização não apazigua os impermissíveis sujeitos a abus, não os faz desaparecer pelo peço, senão que os permite expressa de raíndia, 'o que é', odiado, contra e os interesses sociais que o ego es á dispos a a" (Adorno e a, 1950, p.676)<sup>90</sup>.

Assim, a ideologia que no fundo possa permitir a inexistência e a dissimulação são os suscitados para a exenalização do super ego dos sujeitos preceitos, sob condições ao sadis, pois que as mudanças estruturais da sociedade condensa à obsolescência que es valores tradicionais que se torna "débis" frente ao poder econômico dos monopólios (os direitos inalienáveis dos séculos anos). Os pseudocONSELHOS são os sujeitos que incorporam as mudanças e o uís sociais, que são as condições de organização social, que ende a condensa tudo o que se pode considerar de liberdade.

<sup>90</sup> "The rationalization of the social sciences is a process of subjecting the social sciences to the demands of the ruling class, and the result is a 'rationalized', 'objective', 'scientific' social science which is in reality a 'rationalized' egoism." (Adorno, 1950, p.676)

Mas só o a "sujeito racionalizada", na sua as condições sócio-políticas são dislocadas e apresentadas como realidades independentes e inextinguíveis aos sujeitos e na sua relação a bé tornou-se "neutraizada", e o pragmatismo, privilegiado (partindo para os fins práticos assim por aqueles do que os fins ontológicos a ser atingidos para a probabilidade das coisas), pode estar associada ao "pseudoconsenso" ou "pseudoconsenso"? Ou então, e que medida o "pseudoconsenso" pode ser interpretado só em relação à medida psicológica de racionalização (então o psicólogo defende), para os sujeitos despojados para a "presença do ego" dos sujeitos em realidade fáctica? Para responder a essas indagações, nos voltamos às observações de Adorno encontradas no *exq Sociologia e Psicologia*, de que o a biene sujeito racional e os conteúdos de realidade das racionalizações, ou seja, "na racionalização, que é a base das coisas, não é a ação do indivíduo, o sujeito psicológico deixa de ser a natureza" (Adorno, 1955, p.56)<sup>91</sup>. A racionalização não pode ser reduzida ao "sistema afetivo da natureza" própria das interpretações psicológicas, assim perdendo seu conteúdo de realidade que é, por sua vez, resultado da realidade social. A "sujeito de coisas" em si própria os factos biológicos nos processos sociais e dislocados alguns a estes tradicionais por efeitos da "ideologia liberal", fornecendo os elementos necessários ao "otimismo resignado" e desumanização do pseudoconsenso. A sujeito racionalizada, só o e a natureza e Adorno (1947), é do inada pela "natureza do indivíduo": a estrutura absoluta que as ideias, os factos e os partidos políticos é de se a coisas ou efeitos e b o o. Assim, diz Adorno a respeito da própria realidade objetiva do pseudoconsenso dos sujeitos "a coisas":

A razão de que o pseudoconsenso apresenta seu fenômeno na realidade sócio-política não se de e a natureza e em psicologia no o desajustado e psicológico, senão que as condições sociais objetivas permitem a esta estrutura de caráter expressar-se em opiniões aceitas publicamente (Adorno e a, 1950, p.676, grifo nosso)<sup>92</sup>

A referência ao ego em sua função psicológica para o auxílio das análises de Adorno sobre a realidade fáctica para a compreensão da dinâmica subjetiva do indivíduo, dentro da objetividade que foi em seus processos - a saber, a adaptação

<sup>91</sup> "En la racionalización, a su vez es la base de las cosas, no es la acción del individuo, y el sujeto psicológico deja de ser la naturaleza".

<sup>92</sup> "The reason that the pseudoconsensus appears is that the social conditions which permit this structure of character to express itself in publicly accepted opinions are added to the individual's psychological nature, and the individual is adapted to the social conditions".

aparece em resignada dos sujeitos à realidade e às insinuações de sonho e que exalta a força e a "autenticidade"; o abandono das fantasias e dos sonhos e o sonho idealista o exaltado sobre o mundo, enfiado nas ajudas aniquiladoras das personalidades autênticas; e a aparência adesão aos valores tradicionais da deontologia e da religião cristã, as por vezes "excessos" aos sujeitos -, supostos a bé aparecem no seguinte texto. A debilidade do ego, e os psicodinâmicos, é o dada nos seguintes textos:

A personalidade da infância raras vezes consegue 'governar' sua vida **dividindo seu próprio ego em várias partes**, a guisa das quais se adapta à doutrina que a, enquanto que outras, ideias do sero superego, protege o sujeito de um desequilíbrio enfiando-o enquanto indivíduo, e sua humanidade. A divisão do ego se atribui nas associações de ideias inconscientes e divididas de pessoas pouco educadas e ingênuas [...] (Adorno e al., 1950, p.735, grifo do autor)<sup>93</sup>

Assim, no nosso entender, supostos que Adorno faz referência ao *ego cindido e frágil* das personalidades dispostas ao preconceito que aderem às de ideias ideológicas de força abstrata, e não por causa dos excessos às ideologias. As entidades e o porquê das personalidades raras vezes afetadas pelo "denoção inconsciente" consistem e, portanto, se subordinam às ideologias. 0.721099(a)2.05734(6)-1.3339(-)-13.2214(-)-75.50

unidade para poder realizar outros objetivos [...]” (Adorno e a, 1950, p.733)<sup>94</sup>. Não obstante, a teia da doutrina freudiana é a doutrina religiosa - a teia não substancia o cristianismo - se de e a bé a faces sociais, pois as insinuações ou uais e "espirituais", o desenho em o vapiuais a "neutalizadas" por as econôias que as transa a e a doias: "A organização aua da ida não deixa espaço ao ego para a sua conservação espiritual" (Freud e & Adorno, 1947, p.184).

A neutralização da religião pelas forças econôias e sociais odrou a aude dos sujeitos frente a e a, assim o oontribuiu para a a deidade individual. Os sises religiosos do passado onsa a a a gu a "rationalidade" e que deixa a espaço para a ou ua e o espírito, e eia a a go de "o eidade" que proega os sujeitos da ou ua (no caso, da panóia), oignada das onadiões sociais (Freud e & Adorno, 1947, p.184).

Ente anq, a Adorno que os resduos de onsunes for as do cristianismo anda pásse no vapiuais o ddo, as que, por quesões objetas, transa a -se e "ró uas" e a a estígdos, e onoridade ao a ou ua das sociedades oaiás (Adorno e a, 1950, p.730). A disso uão da religião posia (o sua soaiza ão e neutralização pe a indústria ou ua) e sua presa ão e u a a aideo ógva, fez o que a insinua se transasse e u a "a ga assa soa" pe a ua os egos rágés de sujeitos o endênas as as seideniva e se apegam para anq o *status quo*, a pa de suas subissões auaiás à auidade representada pe a igreja. Assim, para a enaidade as as a guns aibuos for as da religião - as o, a "ígdanese ente be e a" e "os ideias aséios" - são transados e a a estígdos e inq anes pe os uais os egos rágés seideniva para ajustiva suas pseguições às inoias.

Ánda nos e bia Adorno que as opiniões dos sujeitos, susenadas o base nas doutrinas oas as uais os es os dize a pea, na aidade, não são ruos do pensa enq independen e das pessoas, senão produos de suas experiências dentro de u a ou ua por de as es andadizada que inou as insânas ou uais que presa a a a gu a auono ia a e à produão econôia da sociedade (Adorno e a, 1950, 730). abeia enq por gunq, no a enq, se não es qia e idenado, nas obsa aões a a, o a a rág do ego que expressa a uesão da indre enã ão do indíduo dentro das ondiões posas por essa ou ua, que é a de jasa enq exa q o onme enq plá e fo ne os tickets ou uais reaonários e as as. É por is o que Adorno, anda se aindo à religião na onigua ão da personalidade o endênas as as, essa a se es a doutrina a a pe os

<sup>94</sup> "Religion is accepted, not because of its objective truth, but on account of its aue in realizing goals that it can so be achieved by others means"

sujeitos a os por sua unidade, ou seja, o o é o principal para a ser in aos seus desejos às condições de desunidade e de submissão auquiária, na medida e que é necessária a condição da *status quo*.

No capítulo sobre "tipos e síndromes", Adorno propôs-se a descrever e organizar as regulamentações de várias síndromes psicológicas subjacentes aos indivíduos que desentendidos e pessoais. Essas síndromes, utilizadas para descrever os sujeitos e as condições na história da formação denotadas de: Heterogeneidade nos Manifestos; Condição; Aquisição; Debe de e oposição; Exatidão; e Manipulação. Adorno também estipulou tipos para os sujeitos e baixos escores, tais como: Fugido; Inocência; Puro; Despreocupado; e Liberdade Genuína.

Sobre a categoria *ego*, pode ser a experiência em cada nas especificações da vida da agências conjugadas psicológicas das personalidades físicas e as não pessoais, o o e os ego abaixo, sendo que foi utilizada para a medida da dinâmica psicológica subjacente às tipologias estudadas. Entretanto, Adorno que "nossa organização das síndromes de e se concentram nos traços de significação psicoanalítica e dos últimos modos da psicologia profunda" (Adorno e al., 1950, p.751)<sup>95</sup>. Ou seja, Adorno não se propôs fazer uma análise crítica dos sujeitos, nem a pouco estipulou o modo de no individualidade, pois as especificações psicoanalíticas, paucadas na teoria psicológica da personalidade, foram utilizadas dentro da perspectiva de uma crítica social para poder e identificar a situação que se organiza pela burocracia e pela instabilidade de áreas específicas (do saber, do conhecimento em geral e a educação das relações interpessoais). Entretanto, que o modo de psicoanálise de personalidade concentra-se ao conflito psíquico que subjaz o caráter potencial em várias situações do ou a experiência da vida de sua própria para a justificação de a organização do indivíduo face às condições sociais atuais que, nesse aspecto, as condições atuais não é contribuído para a formação individual autônoma e resistente. A nosso ver, os conflitos psicológicos, desafiados na pesquisa, seria o o índices de um problema que a população e relacionado à organização de que a formação básica do indivíduo é se relacionado obsoleto e que se inexistente, como é a e a emergência de condições psicológicas correspondentes aos fenômenos sociais atuais, de caráter imutável. O que é do capítulo o modo de se relacionar ou nu "rede de nexos" organizado dentro e por uma sociedade imutável, cujo objetivo é

<sup>95</sup> "Our organization of syndromes is concentrated on the significant and the dynamic aspects of depth psychology"

ganância e inegação "se fãças" (Liggett, 2002, p.459), o que nos faz pensar as seguintes observações de Freud, encontradas no prefácio da *Personalidade Autoritária*:

O que a essência da obra é um conceito que afirma a existência da ascensão de uma espécie "antropológica" que se dá a partir do momento em que o indivíduo se torna um ser humano. É o conceito de "civilização", e é precisamente a partir das ideias e atividades típicas de uma sociedade a que se desenvolve a indústria e as atividades industriais ou agrícolas. É, ao mesmo tempo, o uso e super-sensível, o orgulho de ser indivíduo e o desejo de não ser igual aos demais, o desejo de sua independência e o desejo de se submeter e obedecer ao poder e à autoridade (Adorno e al., 1950, p. 10)<sup>96</sup>.

Mediante as observações, perguntamos: qual o objetivo de Adorno ao analisar e se apropriar do conceito freudiano de ego para a descrição das personalidades fascistas - e a relação das personalidades repressivas aos fascistas -, sendo essas as observações do autor sobre as transições sociais e que as condições sociais são se tornam cada vez mais evidentes, assim, condenado o indivíduo às regressões, ou, então, o "indivíduo racional" à obsolescência? Ou então, não seria o contrário a que, sob base nas especulações de Adorno sobre os "modos de organização" dos seres, Adorno aponta os conceitos psicológicos para a análise e a elaboração do quadro explicativo para essa situação sobre as condições subjetivas das pessoas a partir dos processos, na medida em que o "ser humano" faz o que os seres? A questão é que ponto do desenvolvimento da segunda opção pode ser atribuído ao indivíduo na situação regressiva da situação?

Para responder para essas questões, retomamos as seguintes discussões de Adorno encontradas no livro *Sociologia e Psicologia*: a conexão não presente nas formulações da psicanálise a respeito da "egoísmo ego" - ao de se definir, ao mesmo tempo, o ato de



p.751).

Além disso, sobre o "anímico", Adorno afirma que o processo para as "tipos" é uma forma de evasão do conteúdo para se evitar a consciência e o princípio da realidade: "Para eles, o processo é grande importância: é um meio de escape das enfermidades em que se edifica a organização e a construção de uma pseudorealidade, contra a qual pode dirigir suas agressões se necessário, dentro em si, o 'princípio de realidade'" (Adorno e al., 1950, p.765)<sup>100</sup>.

Para descrever os sujeitos "baixos" não propensos ao processo, sobre o "impulsivo", diz Adorno de forma sintética: "A síndrome do impulsivo de baixo esboça um espelho às pessoas e que forças impulsivas do id jamais chegaram a integrar-se com o ego e o superego" (Adorno e al., 1950, p.771, grifo nosso)<sup>101</sup>. Sobre o "despreocupado", as seguintes observações:

Esta síndrome só pode ser compreendida dinamicamente. O caráter dessas pessoas não se originou longeado: não se esboça e nem pode o desenvolvimento e por parte dos agentes da tipologia freudiana, e elas são abertas à experiência. Quando, isso não implica a riqueza do ego, e por isso, há ausência de experiências racionais que conduziria à internalização do ego. Nesse sentido, são 'normais', as experiências nessa normalidade que, quando em nossa organização, as fazem parecer inalteráveis (Adorno e al., 1950, p.779)<sup>102</sup>

As pessoas que não se enquadram ou não se adaptam ao rigidez aos modelos ideológicos e ideais de organização do ego, ou que não adquirem para si a esquizofrenia do pensamento e o princípio de realidade devido às necessidades sociais do mundo atualizado, são julgadas e acusadas pelos sujeitos seculares de "débil", "inferiores" ou anormais. Os "suspeitos", na linguagem cotidiana, são os que não encaixam nas normas da dinâmica baseada na autoconservação ineficazmente agendada pela razão instrumental, as que, ao contrário, por uma ausência de formação e de experiência, se deixam e se perdem

---

de caráter definido e imposto upon o indivíduo, no entanto durante o dia, mas só durante a noite

<sup>100</sup> "The , prejudices is a important in the sense of escape and in the diseases by the organization, and build up a pseudoreality against the aggressiveness can be directed in any of the other directions of reality principle"

<sup>101</sup> "The syndrome of the impulsive is the esboço de pessoas em que o princípio de realidade não se integra com o ego and superego"

<sup>102</sup> "The , they should be under a good dynamic. They are people whose organization is not based on the 'longed': no se desenvolve por parte de agentes de Freud's typology as organized, but they are open to experience, this, too, is the case, does not imply egolessness, but rather the absence of

- ou seja, são atitudes que não se enquadram dentro do modo antropológico da cultura ocidental, os denominados "tipos baixos" na pesquisa: "e sua face a posição, esses sujeitos se inclinam a 'ir e deixar ir' [...]" (Adorno e al., 1950, p.778).

Embora nas análises acima seja acentuado o aspecto psíquico da dinâmica subjetiva dos "tipos" estudados, e que busca os desdobramentos da ego-reivindicação da segunda óptica freudiana utilizada para a descrição dos conteúdos psíquicos e em relação às atitudes e às tendências dos sujeitos anti-semitas e preconceituosos (e os poucos propensos aos preconceitos), lembramos as ressalvas de Adorno sobre o problema do preconceito não se constituir como um fenômeno inteiramente psicológico ou subjetivo (Adorno e al., 1950, p.752). Nessa perspectiva, supomos que, na medida em que Adorno apresenta a "originação" da "debidade" dos sujeitos e sua natureza e fazê-lo de maneira que o indivíduo é se percebido pela cultura, de modo que em que as personalidades racistas são produtos de uma realidade dada, e que a possibilidade de uma reflexão individual que possa resistir aos apelos provenientes de uma irracionalidade insubornável, e o ego supõe em si mesmo e para fazer as adaptações entre os impulsos inconscientes e a adaptação não resignada à realidade, esboça-se em introdução às condições objetivas<sup>103</sup>.

Nesse sentido, para responder parte de nossas questões, encontramos nas argumentações de Adorno e sua análise sobre o conteúdo da cultura esboçada, inclinada à barbárie, e a regressão psíquica dos sujeitos "a os" (principalmente e identificada nas descrições dos tipos de racismo). No que diz respeito aos conteúdos psíquicos e pregados - no caso, a ego-reivindicação, a nossa ideia, é que são utilizados não só os conteúdos conscientes psíquicos, mas, sim, os inconscientes conteúdos para a identificação, por meio do reconhecimento da partilha das especificidades sobre a insubornável subjetiva do preconceito, e a cultura que permeia e reflete na formação de personalidades autônticas. Portanto, as análises freudianas, utilizadas para a apresentação das tipologias, servem como instrumentos críticos para a crítica social na medida em que podem e identificam a tendência à reificação generalizada, por meio da descrição da debilidade dos indivíduos, submetidos a um processo de padronização social. Pode-se então deduzir que, nas discussões de Adorno, relacionadas às tipologias, encontramos - se não nos uarmos a possibilidade de individualização nessa sociedade, estabelecida pela conscientização e o êxito do capitalismo - o abandono que abole e que a cultura do indivíduo, no sentido liberal do

103 "O racismo é o produto da interação entre o indivíduo e a cultura que inclui o preconceito e as respostas psíquicas conscientes desafiadas [individualmente] (Adorno e al., 1950, p.752).

o, e ficando que a pesquisa foi realizada no contexto da sociedade americana "de ouro" pós-guerra, e não no contexto da Alemanha nazista. Nesse sentido, nos alertamos para a seguinte justificativa de Adorno: "Nas outras palavras, a crítica à tipologia não é negligência o fato de que um grande número de pessoas está longe, ou nunca foi indivíduo, no sentido da tradição filosófica do século" (Adorno et al., 1950, p.747)<sup>104</sup>.

Retorna à não apontada por Freud sobre o "tipo ideal", a seguir, propomos fazer algumas observações sobre o que Adorno pretende com a "crítica", sendo evidente que a utilização para discutir as tendências subjetivas que poderia resistir ao preconceito, e a crítica e sendo considerada as implicações da psicanálise face às transições sociais, que impede a formação de indivíduos "resistentes" aos apelos da irracionalidade insinuacionista. Nesse caso, são abordados a seguir.

### 3- O "ideal freudiano" do equilíbrio entre id, ego e superego: "ideologia" ou resistência?

Na pesquisa *A Personalidade Autoritária*, o tipo psicológico de escore baixo na escala autoritária é denominado de "ideal genuíno", foi descrito por Adorno como o "aquele tipo que Freud considera a ideia": o tipo psicológico que se dá o equilíbrio entre id, ego e superego, isto é, a noção de "ideal freudiano"<sup>105</sup>. O sujeito representa o desequilíbrio da síndrome presente a um profundo sentimento de autoconsciência, a bem dizer, quando os de "indivíduos" e capaz de não generalizar as demais pessoas por ser de julgamentos pré-concebidos, mas, sim, quando existir a "navegação individual" de cada ser. O ego desse tipo encontra-se "um pouco desorientado" e, portanto, o "genuíno" mostra-se "necessário" (Adorno et al., 1950, p.781). Os de seus traços avanços são seus julgamentos da realidade baseados e a cores reais, pelo que não consegue se identificar com os opiniões de forma irracional (e não de forma pura). Adorno ainda descreve o *sensu estético* como um dos aspectos da personalidade "genuína". A respeito dos sujeitos de escores baixos na escala autoritária, Adorno enfatiza essa possibilidade de enquadrar as características das personalidades

<sup>104</sup> "In order to avoid the criticism that typology is a negation of the fact that a genuine people are no longer, or rather never, individuals in the sense of traditional humanism" (Adorno et al., 1950, p.747).

<sup>105</sup> Sobre esse assunto, veja os que Freud, em 1931, falou sobre e em relação à tipologia e os de "disposições individuais" dos indivíduos, apresentando os traços "tipos individuais". Ainda que esse autor tenha essa adoção das "disposições e tendências" de "assimilações", justifica e por que a psicanálise está baseada nos estudos psicológicos dos tipos psicológicos, Freud considerou estes tipos individuais principais, a saber, o *tipo erótico*, o *tipo obsessivo* e o *tipo narcísico*. Mas nas palavras do autor: "Pode-se ao justificar que essa assimilação não seja feita e deduzida de nosso conhecimento em ou nossas hipóteses sobre a libido, mas que seja feita em conexão com a experiência e que contribua para o esclarecimento da essência de nossas observações e nos auxiliem a apreendê-las" (Freud, 1931, p.251). Desse modo, o que se refere ao "ideal freudiano" que faz os nossos trabalhos, possivelmente relaciona-se ao que Freud faz a usação na obra mencionada a respeito da "combinação entre os três tipos", a saber: "o tipo erótico-obsessivo-narcísico [...]. É o modo a que esse tipo seria o tipo; seria a noção absoluta da irracionalidade" (Freud, 1931, p.253, grifo nosso).

pouco propensas aos preconceitos, pouco abertas à propaganda fasces e dentro de um "tipo orgânico", são a base e pregado o tipo *personalidade madura* para a organização e desenvolvimento geral do indivíduo denominado *Liberal Genuíno*: "O conceito de *Liberal Genuíno* seria aquele que se dá o equilíbrio entre superego, ego e id, pelo que a *Freudiana* ideia" (Adorno e al., 1950, p.771)<sup>106</sup>.

Assim, em todos os casos a ser discutido, considerando-se as discussões já analisadas neste capítulo, é o de que o tipo "genuíno" originou-se a partir de um modo nas condições atuais. Segundo a base teórica das discussões de Fromm e al., e citadas por Adorno na *Personalidade Autoritária*, a base das condições da estrutura da personalidade nas condições econômicas do capitalismo (Adorno e al., 1950, p.783), e a ausência da dominação organizadora dos espaços simbólicos privados, ou seja, destinados à formação individual. Sobre esse modo de personalidade, o superego surge em função da direção dos conflitos psíquicos, quando para garantir o ajustamento do indivíduo à realidade, se realiza no inconsciente ou na resignação (Rouane, 1989, p.188), podendo constituir quase inexistência desse tipo de indivíduo e reação às demandas próprias das sociedades administradas, assim analisando sobre a probabilidade da ideia "freudiana" apontada por Adorno: o de realizar numa situação abstrata de negando os princípios básicos da psicanálise, e identificados na teoria da personalidade, que são o de apontar para os efeitos sociais presentes na formação psíquica, as forças sociais repressivas.

Assim, e que pese a importância do tipo liberal genuíno de personalidade para se contrapor aos sujeitos "indiferenciados" e "oscos" correspondentes às personalidades autoritárias - disposições sociais e situacionais do capitalismo -, e basta, no entanto, que Adorno não se oitasse de fazer a ligação ao *ideal freudiano* no seu livro *Sociologia e Psicologia*, ideia essa enraizada na psicanálise por meio da organização do "modo integrado e hierarquizado" de personalidade individual, principalmente em relação às etapas. Veja os de novo os pontos básicos de Adorno:

O objetivo da "personalidade bem integrada" é preciso e porque se exige do indivíduo que e equilíbrio de forças que não existe na sociedade atual e não de uma existência, de modo a garantir, porque que as forças não são da natureza. Ao indivíduo, ensinamos a estabelecer os conflitos objetivos que se repetem, necessária em cada situação, e uma de ajudá-lo a resolver os. O que é integrado, que já não sentisse a divergência primária das instâncias psicológicas e a oposição dos 'desideratos' do ego e do id, não cria superado

<sup>106</sup> "O conceito de *Genuine Liberal* é aquele que se dá o equilíbrio entre superego, ego e id, pelo que a *Freudiana* ideia".

isq a di a gên a so a [...]. Sua in e a ão se a a f a sa r e o nã a ão o o u n d o i n e o nã i a d o e d e s e b o a i a , p o a e e n e , n a " i d e n i f i c a ç ã o o a g r e s s o r " , e a a sã a d a s u b i s s ã o ( A d o n o , 1955, p.57).

A r e s p e ç ã o d a p r o b e a ç ã o e x i s t e n e n e s s a c o n s i d e r a ç ã o , p a r t e d o p r e s s u p o s t o d e q u e , e b o a o " i d e a f r e u d i a n o " e nã a s i d o c r i a d o p o r A d o n o , p o s q u e s e a a p o s t u r a d o i n d i v i d u o a p a r t a d o d a s o c i e d a d e u a i d e o l o g i a , p a r a d o x a e n e , e n t u a n q u e i n s t i t u i ç ã o s o c i e d a d a , e e s e i u d e " o n t a g e n e r a ç ã o " a s c o n d i ç õ e s s o c i a i s q u e o b i g a o s s u j e i t o s a s r e g r e s s õ e s p s i c o l ó g i c a s . N o s e n t i d o d e u a " n e g a ç ã o d e q u i n a d a " , a nã a e d e s e a a c o n d i ç ã o p s i c o l ó g i c a ( o c r i t é r i o d e f o r a s p s i c o l ó g i c a s ) q u e n a - s e n e c e s s a r i o o o c r i t é r i o a q u a l i d a d e s o c i a i s q u e e e x i n g u i d o o s i n d i v i d u o s , e b r a n d o q u e a c o n d i ç ã o e s t u d a d a p o r F r e u d , s e g u n d o A d o n o , f a z a s a r a s d a d o i n a ç ã o s o c i a i s , a s s i m o a p r o p r i e t a d e " s u p e r a ç ã o " d o i n a ç ã o e d e r e s i s t ê n c i a a r e a l i d a d e , c a s o o s s u j e i t o s , p e a p e r s p e c t i v a d a e o i r a c i o n a l , e nã a c o n s i d e r a ç ã o d e q u e a s o c i e d a d e , b a s e a d a n a a u t o r i t a r i a a b s o l u t a e s a n t i d o t a r i a , e f a z q u e o s e s o s a r t e s a n t e s p r e s o s a s a r t a s d o p o d e r . T e n d o e i s a i n a a c o n d i ç ã o p r e s e n t e n a s i n s t i t u i ç ã o s s o c i a i s e d i c a d a s p e o p o d e r e o n t o i n t e r i o r , o s e e e n o s o b j e i t o s q u e e c o n t r i b u i d o p a r a a d e s u a r i z a ç ã o , c o n t r i b u i d o r i a e n e , d e q u i n a a n e g a t i v i d a d e d a c o n d i ç ã o f r e u d i a n a , q u a n d o c o n t a p o s a a o s s u j e i t o s p o t e n c i a e n e f a s a s a s q u e e x p r e s s a , a s d o q u e u d o , a o d e o a i a ç ã o , n a t u o q u e e a , a c o n d i ç ã o p s i c o l ó g i c a , p o s s a p r e s e n t a r d e q u i n a a i n d i c a ç ã o i n d i v i d u a d e q u i n a d a p e a s c o n d i ç õ e s s o c i a i s e x i s t e n t e s . O " i d e a f r e u d i a n o " e nã a nã a a p o s s i b i l i d a d e d e r e s i s t ê n c i a a s n o s e n t i d o d e s e q u a n t o n e g a t i v o d a f o r a d e e x i s t ê n c i a a s s u i d a p e o s s u j e i t o s r e g r e d i d o s d e h o j e , f a z e n d o e b r a s o b r e o q u e n ã o s e o u p r i u n e s a s o c i e d a d e : a l i b e r d a d e e a a u t o n o m i a d o s i n d i v i d u o s . A n o s s o c a , p e n s a o s q u e n a p r o b e a ç ã o d e s u i d a n a p e s q u i s a *A Personalidade Autoritária*, e n e " t i p o s a ç õ e s e b a x o s " , o i d e a f r e u d i a n o , e n t u a n q u e c o n t r i b u i d o , a nã a u z a p r e a l i d a d e d a f o r a ç ã o i n d i v i d u a n ã o a s f u n d a e nã a n o s i d e a s i u i n i s a s .

O o d e o d e i n d i v i d u o " i a c o n a " , p r o q u a n d a e n e " i n d i v i d u a l i z a d o " , q u e n o u - s e d i f i c i l d e s e i n c o n t a r d a s o c i e d a d e c o n e p o r a n e a , s e n d o q u e o t i p o l i b e r a g e n u i n o , d e s c r i t o n a p e s q u i s a , s e i u o o c o n t a p o n o a r e g r e s s ã o i n d i v i d u a e x i s t e n e n a s s o c i e d a d e s a d i n i s t r a d a s . O t i p o " g e n u i n o " é a q u e e q u e , d e a c o d o o A d o n o , o p õ e - s e a q u a q u e e n a i a d e p a d r o n i z a ç ã o d a e x p e r i ê n c i a t r a u a n a , s e n d o , a s s i , u s u j e i t o i n u n e a ç ã o e a s i d e a s e s e e o i p a d a s p r o d u z i d a s p e o *status quo* ( A d o n o e a , 1950, p.781).

É nesse sentido que Adorno refere as contribuições de Freud quando o mesmo apresenta a noção de indivíduo, ainda que analítica. Assim, afirma Adorno que:

Pois, ao mesmo tempo que se predispõe a guarnição do indivíduo, a psicologia também pressupõe a liberdade no sentido de uma certa autonomia do indivíduo. Não é admissível que o sujeito tenha sido a grande causa do pensamento psicológico. Na sociedade que se apresenta, na qual não há nenhuma tentativa de eliminar os instintos e na qual cada pessoa é reduzida a um ágora social, a uma certa função da realidade, os processos psicológicos, apesar de persistirem dentro de cada indivíduo, deixam de aparecer sob o foras de condições do processo social (Adorno, 1951a, p.188).

Assim, diz Adorno que, ainda que proba e a evidência por regressões psicológicas adinda das condições sociais da sociedade burguesa, o indivíduo do século XX representa a regressão em que os sujeitos que vivem sob o domínio dos monopólios, sendo os conflitos dos principais indicadores de uma possível resistência a se adaptar a uma sociedade totalitária. As variações psicoanalíticas, observadas sob as pressões das forças de socialização dos sujeitos de épocas anteriores, de crises, de pobreza e pobreza em que a psicologia individual, a saber: o *superego* de outora aponta para a interiorização da autoridade na psicologia (ainda que de forma automática e proba e a) e, no entanto, o indivíduo, os "desindividuaizados ágora os sociais pós-psicológicos" substitui seu *superego* pela identificação "individa" à realidade assimétrica; o *ego* desmorona por Freud causa a perda da personalidade capaz de apreensão da realidade, integridade das partes e a unidade da consciência, mas, na sociedade totalitária, o *ego* se fragmentizou; e o *id* não condiz às condições "profundas" da psique humana, sendo que grande parte que o consubstancia apropriada pelas instâncias sociais de poder. Nesse sentido, a psicologia individual é assim, para a crítica crítica, se trata do foras de resistência à sobreposição do indivíduo ao indivíduo, sendo que o indivíduo humano é assegurado, nesse contexto, em quanto possível a uma totalização à realidade existente, em quanto *negativo de homem* e refere a aos "ágora os sociais desindividuaizados" das sociedades totalitárias, ao pressuposto da racionalidade do ego ou a premissa autonomia do indivíduo indicada no século XX, sendo e as condições sociais que o foras a. Assim, dentro da discussão crítica, a seguinte afirmação de Adorno: "Toda a ação de fato e, com exceção da negativa, é ideológica" (Adorno, 1955, p.59).

Apesar de todo pessimismo de Freud e das definições ideológicas de suas formulações na organização sobre a psicologia, Adorno pôde extrair a perspectiva "olítica" da psicanálise e os pontos de oposição ao personário. A nosso ver, não foi em função de Adorno fazer a discussão ou estabelecer a "atitude de não-aidade" na formulação das tipologias, ou a "ideia de 'eu' e 'ou' "atitude de indivíduo", mas, sim, estabelecer a diferença não necessária entre as pessoas mais predispostas ao personário - e que apoiaria a facção em as políticas autoritárias - das capazes de resistir aos fascistas.

A equia freudiana, utilizada na pesquisa de 1950, ao estabelecer os conceitos psicológicos subjacentes à estrutura da "personalidade autoritária" e os vários aspectos psicológicos que se encontram por trás da atitude personarizada, consideramos a equia que a bé de e se encontra, face à sua ação agnética do personário disseminado na nossa cultura, o instrumento de análise em si. Na medida que a ênfase freudiana (id, ego e superego, o jogo de forças entre as instâncias) pressupõe o papel do ego (responsável pelo "esse da realidade") o instrumento capaz de opor resistência à irracionalidade objetiva e às forças inconscientes, encontra-se de sua importância a importância do "eu" freudiano encontrado na sentença "que o id se que ego", indicada por Adorno e outros autores (Adorno, 1951a; 1955). Nesse sentido, encontra-se subjacente às reflexões e às apropriações de Adorno das categorias psicanalíticas a proposta da pesquisa *A Personalidade Autoritária*, que é a de possibilitar a substituição das forças de manipulação do irracional pelo trabalho da auto-reflexão ou à atuação do indivíduo e, por isso, a importância do estudo da "inexistência" do indivíduo e do estudo da irracionalidade presentes que se encontram nas sociedades modernas. A crítica ao indivíduo de e se a crítica à sociedade e, por isso, entende-se que a descrição do "liberal genuíno" esteja mais relacionada às possibilidades de sua construção - que a bé de e se realizadas, assim apontando para as limitações desse "atitude" de indivíduo frente às condições sociais e à irracionalidade do mundo atualizado -, do que propriamente à apogeu de um "indivíduo equilibrado", não personarizado. A possibilidade de construção de um indivíduo resistente e "realista em si mesmo", frente às forças sociais, e se quando cada vez mais difícil no cenário atual, o que faz com que o "liberal genuíno" represente a promessa de liberdade<sup>107</sup>, a bé nos fazendo e brando os pontos de

<sup>107</sup> Nessa relação as seguintes observações de Morin (2001): "De fato a si, poderia os entender a construção que Adorno estabelece entre a força a ação e a força a ação política. A crítica constrange à pseudoação o possibilidade de resistência a razão o "atitude" a ação burocrática política, que segundo

"indivíduo autônomo", de "liberdade" e de "realidade" é adunido na nossa sociedade u sentido ideológico, sendo que na cultura ocidental os sujeitos é correspondido aos "tipos autônticos" correspondas ao processo de desumanização que, não obstante, foi imposto no psiquismo. As tipologias e identidades na pesquisa, sob base na teoria freudiana, são expressão das raízes dos sujeitos subidos ao sofrimento social. A sequência é esboçada a:

... de supor que o conceito em que da natureza e do grau do poder anímico o indivíduo se insere para orientar o plano de ação de o indivíduo. Essas programações não de se insere-se a propósito de conduzir as pessoas a se tornarem as de o indivíduo, as que se dedica a enfrentar as de autoconservação e autoeducação que se impõe a todo o tipo de atividade (Adorno e al., 1950, p.10)<sup>108</sup>.

Nessa "autoconservação" seria possível no indivíduo do modo de uma "personalidade adulta", sob capacidade de julgamento e de resistência aos métodos irracionais fascistas. Nessa direção, Adorno de maneira particular aponta a da psicanálise, emquanto sabe muito: e a de e a bé denuncia, ao apontar os limites de seu objeto, as condições objetivas que é pedido o desenho em que do indivíduo, por meio do estudo sobre as forças sociais desquidando as presenças na formação e incorporadas na psicologia - ou seja, a psicologia torna-se um instrumento por onde se estuda os eventos sociais que se anexam no psiquismo, sendo evidente que o indivíduo é socialmente educado e que a realidade não é contribuído para a liberdade e liberdade política, mas, ao contrário, reforçado e proferido os "potenciais anímicos" do sujeitos, assim impedindo a oposição à realidade em nada nada "construído" de interesses individuais. As identidades dos sujeitos sob os poderosos subsídios da autoridade, proferidos pela cultura ocidental - a raça, o ideário fascista, as rações políticas autônticas e os produtos funcionais da indústria de consumo -, a bé exige, para seu entendimento, o conceito em que psicanálise, isto que a capacidade de resistência individual ao princípio de realidade opressor e sendo eliminada, gradua em que os agentes sociais de "ação" dos sujeitos que se impõem na vida e no modo de vida do indivíduo. O conceito que se se refere a se identifica com a realidade e que, no fundo, é o que é frustrado e se enuncia em termos à individualização,

a análise de Adorno não é senão de condições. Assim, não se trata de resgatar o passado, mas de ne e buscar o que foi perdido sob a possibilidade de superação do "agonismo" (Lorenz, 2001, p.29).

<sup>108</sup> "Is assumida a natureza and existencial de o indivíduo programado de o indivíduo. Este programa se tornou o de o indivíduo em sua própria natureza."

corresponde ao "tipo psicológico" e a genese do desenho i-enquanto o processo da individualização burguesa moderna, exclusiva e para a autoconservação. O desenho i-enquanto o indivíduo criado, que se dirige para a autoconservação e da natureza, deslocou os objetivos de autoconservação e exagerou os esforços na presente fase do desenvolvimento. Assim, a estrutura social e econômica, baseada no planejamento e na racionalização de todas as etapas da vida, fez com que os componentes da sociedade e pregasse todas as suas energias positivas para a preservação do sistema produtivo - assim, colocando a autoconservação a serviço da manutenção social e não da felicidade humana -, e com que os esforços se exercitassem nas produções desviantes (que é a segunda natureza) para a realidade, porque interesses econômicos limitados os espaços simbólicos positivos por eles para a força e a "diferença não produtiva" (Freud & Adorno, 1947).

Os sujeitos encontram-se, hoje, sob a ameaça da conservação de exclusão social e submissão à conservação contínua de "classes pessoais", por efeitos da estrutura econômica das sociedades industriais. Não obstante, a ameaça social - a pressão de forças sociais que impõe os sujeitos ao ajustamento do modo de vida - faz com que os esforços e suas produções autoexpressivas para si próprios. Isso pode ser a incapacidade dos indivíduos de superar a "diferença", ou de experiências que transcendam seus próprios limites, determinados pelas exigências sociais imediatas, assim contribuindo para os problemas sociais e desorientações sociais que eles passam a representar, socialmente, a ameaça aos seus interesses. As instituições sociais que não se ajustam para a realidade individual (elas, ao contrário, são independentes dos sujeitos em relação de atender os interesses do indivíduo) é anulado a possibilidade de diferença não dos sujeitos fora e sendo nos esforços por ajustamento autoconservador que se tornam exacerbados nesse quadro social. Desse modo, as forças sociais que obrigam os sujeitos a atender sua própria vida aos seus egos, para fins de autoconservação, de forma a regressões naturais e, com isso, as necessidades preconstituídas e predisposições ao fracasso. Os sujeitos, na sociedade industrializada, são, de fato, selecionados, assim como os conteúdos das condições sociais que os aprisionam e os afetam à realidade. Assim, o modo primitivo de vida da natureza desorientada, e identificada pelos avanços humanos no estado da ciência do desenvolvimento, e o próprio efeito da ameaça de exclusão social, que deu origem ao trabalho social e imortal na cultura burguesa e que permeia a sociedade industrial, continua sendo a base de conservação dos indivíduos, e na época e que esse modo

Freud, S. (1917). "The ego and the id". *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 15, 17-30. <https://doi.org/10.1177/000301771701500101>

podia e sendo superado, sendo e isso o desenrolar de forças produtivas que  
 poderia liberar o trabalho e do trabalho alienado. Entretanto, sob o predomínio dos  
 monopólios - cuja base econômica é o estado econômico "independente", sendo  
 as principais nas condições humanas que apontam para a "autonomia" e a integração à  
 realidade -, a autonomia e a busca da realidade parecem estar sendo abandonadas e no  
 da realidade que se consegue, apenas em nome da educação através de  
 autonomia (seja por meio da adesão dos sujeitos aos padrões políticos atuais, ou  
 por meio do consumo de produtos da indústria ou cultura), que ressurta a cultura.

Nesse aspecto, é por isso que o estudo do indivíduo dentro do que se aprofunda  
 as forças motrizes de dominação, as, a saber, as possibilidades de resistência, por meio  
 da ideia de oposição do "ego" contra a realidade, que possa ser geradas a partir do  
 conhecimento do indivíduo sobre os antagonismos existentes entre os seus "ideais" e a  
 realidade que se consegue, exclusiva em nome da dominação. Adorno, portanto, e esse  
 trabalho em construção, fez uso dos conceitos freudianos porque esses conceitos, que  
 dizem respeito ao indivíduo (ao indivíduo), ainda a luz da unidade presente na psicologia,  
 é o à maneira da própria psicanálise - os fatores sociais e históricos regessivos e/ou  
 progressivos que se encontram presentes na nossa cultura.

Então, espera-se que de modo a esse estudo a importância da psicanálise no  
 pensamento adorniano, assim nessa abordagem o que vem a ser os conceitos freudianos para  
 os trabalhos de Adorno dirigidos aos fatores motrizes presentes no mundo adorniano,  
 que se consegue a subjetividade do Século XX, e o que vem a ser a apropriação do "ego"  
 individual da psicanálise nas questões colocadas por Adorno. Nessa subjetividade, que é o  
 destino e as condições desenhadas ao longo do processo de dominação histórica sobre os  
 homens e a natureza, por sua vez, dá sustentação ao mundo adorniano, assim reproduzindo  
 na sociedade e no indivíduo as condições sociais o princípio da dominação pela cultura,  
 da cultura o "deformação" foi expressão.

## Referências bibliográficas

- APÓSTOLO, T. A crítica de a heresia em Sócio loga y Psico loga (1955) n: *ANÁLISIS*, 1 (Orig.). *Teoría crítica del sujeto*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1986 [Pos-escritura de 1966 pp.77-83]
- De a heresia em Sócio loga y Psico loga (1955). n: APÓSTOLO, T. *Actualidad de la filosofía*. Buenos Aires: Ediciones Paidós, 1991.
- Socio logy and Psycho logy (1955) n: *New Left Review*, 46, No 1, 1967.
- Socio logy and Psycho logy (1955) n: *New Left Review*, 47, Jan/Feb, 1968.
- ADLER, A., FREUD, S., LUKAS, H., LEVINSON, D. J., SAMER, P., R. M. *The Authoritarian Personality*. New York: Harper & Row, 1950.
- Freud, S. *La Personalidad Autoritaria*. Buenos Aires, Edición Hoy, 1965.
- The Stars Down to Earth* (1957a). London/New York: Routledge Press, 2002.
- Supervisión de Segundo Año (1957b). n: APÓSTOLO, T. ; *FORNELLER, M. Sociología*. Madrid: Tauus Ediciones, 1971.
- Filosofia da Nova Música* (1958). São Paulo: Perspectiva, 1974.
- La Heresia y el Psicoanálisis (1946) n: FORNELLER, M. APÓSTOLO, T. ; *Sociología*. Madrid: Tauus Ediciones, 1971.
- A Teoría Freudiana e o Padão da Propaganda Fascista (1951a) n: *Revista Margem Esquerda*. São Paulo, número 7: Maio de 2006.
- Freudian Theory and the Patterns of Fascist Propaganda (1951) n: APÓSTOLO, T. . *Gesammelte Schriften* 8. Frankfurt: Suhrkamp, 1972.
- Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada* (1951b). São Paulo: Ática, 1993.
- Hógo A La Teoría (1953). n: APÓSTOLO, T. . *Intervenciones - Nueve Modelos de Crítica*. Buenos Aires: Mont Águila, 1969.
- La Teoría del Ideólogo (1953). n: APÓSTOLO, T. . *Intervenciones - Nueve Modelos de Crítica*. Buenos Aires, Mont Águila, 1969.
- Los Tabus Sexuales y el Psicoanálisis (1969a) n: APÓSTOLO, T. . *Intervenciones - Nueve Modelos de Crítica*. Buenos Aires: Mont Águila, 1969.
- Educação Após Auschwitz (1969b). n: APÓSTOLO, T. . *Palavras e Sinais - Modelos Críticos* 2. Petrópolis: Vozes, 1995.

- Experiências vividas nos estudos dados (1969) n: *ADORNO, T. . Palavras e Sinais - Modelos Críticos 2*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- Teoria Estética*. Lisboa, edições 70, 1970.
- ADORNO, T. . & SIMPSON, G (1941) Sobre Música da População. Tradução de Márcio R. Siqueira. n: *OMF, G (org.). Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1986.
- ALVES JUNIOR, P. G. *Depois de Auschwitz: a questão do anti-semitismo em Theodor W. Adorno*. e o horizonte: *IBR*, 2003.
- ARONIMSKY, S. L. *Da Teoria Crítica e Seus Teóricos*. São Paulo: Papirus, 1997.
- AVES, L. O Passado ou "sua paranoia": a "psicanálise do anti-semitismo" na Dialética do Esclarecimento. n: *Pulsional - Revista de Psicanálise*. Ano VII, nº176, dezembro/2003.
- BROUÍ, J. L. Apona enos sobre o nascimento da perspectiva da Teoria crítica da Sociedade n: *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 37(68): 193-223, dez. 2004.
- A presença e o reconhecimento da ênfase psicanalítica. n: *Psicologia e Sociedade*; 13 (2); 18-33; ju/dez 2001.
- COO, S. Introdução: Adorno and Authoritarian Nationalism. n: *Theodor W. Adorno - The Stars Down to Earth - and other essays on the irrational in culture*. London/New York: Routledge Press, 2002.
- DEBATA, R. Substância ou expressão? Debate sobre arte e psicanálise a partir de T. Adorno. n: *Revista Brasileira de Psicanálise*. Vol. 32 (2): 319-335, 1998.
- Adorno/Horkheimer & A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- FRANKL, O. *Teoria Psicanalítica das Neuroses*. Rio de Janeiro/São Paulo: e o horizonte: Arquineu, s/d
- FRANKL, S. *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade (1905)*. Rio de Janeiro: ago, 2002.
- Música Sexualizada e Poética Moderna (1908)*. n: *Obras Completas*. Vol. , Rio de Janeiro: ago, 1976.
- Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Persecutórias)* (1911). n: *Obras Completas*. Vol. , Rio de Janeiro: ago, 1996.
- A Causa de Introdução ao Nascimento (1914)*. n: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a psicologia do inconsciente/ organização geral da tradução Luiz Abarquians*. Vol. I, Rio de Janeiro: ago, 2004.
- Psicanálise de Grupo e a Análise do Grupo (1921)*. n: *Obras Completas*. Vol. VII, Rio de Janeiro: ago, 1996.

- O Ego e o Id* (1923). Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- Obsessões, Sintomas e Ansiedade* (1926). n: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Os Aspectos da Intuição* (1929). n: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974
- Tipos Libidinais* (1931). n: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- Notas sobre as introduções sobre Psicanálise* (1933). n: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FRANZ, M. A *Algumas Relações entre Arte e Psicanálise a partir da Teoria Crítica*. São Paulo: Insitute de Psicologia; Universidade de São Paulo, 2006. Dissertação de Mestrado e Psicologia e do desenho em 1 ano.
- FRANKFURT, H. *The Method and Function of the Analytical Social Psychology - Notes on Psychoanalysis and Historical Materials* (1932). n: ALTHEIMER, A. & GELBERG, J. (Eds.) *The Essential Frankfurt School Reader*. New York: Routledge, 2000.
- GARZA, A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- GALVÃO-SILVA, L. *A Violência de Auschwitz: um estudo do texto "Elementos do Anti-Semitismo" de Max Horkheimer e Theodor Adorno*. São Paulo: Insitute de Psicologia; Universidade de São Paulo, 2000. Dissertação de Mestrado e Psicologia e do Desenho em 1 ano.
- HORKHEIMER, M. & ADORNO, T. *Dialética do Esclarecimento* (1947). Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- Temas Básicos da Sociologia* (1953). São Paulo: Imago, 1973.
- HORKHEIMER, M. *Art e Mito na cultura de massas* (1941). n: *Teoria Crítica*. São Paulo: Imago, 1973.
- Razón y Autoconsciencia* (1942). n: *Teoria Crítica*. São Paulo: Imago, 1973.
- A Teoria da Natureza* (1946) n: HORKHEIMER, M. *Eclipse da Razão*. Rio de Janeiro: Laboratório, 1976.
- HOLMES, A & WELLS, M. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LAING, R. *Amnésia Social - Uma Crítica à psicologia Conformista de Adler a Laing* (1975) Rio de Janeiro: Imago, 1977.

- WILSON, R. *O Marxismo Tardio - Adorno, ou a persistência da dialética*. São Paulo: Ágora, 1997.
- WILSON, R. *La Imaginación Dialéctica - una historia del la Escuela de Frankfurt (1923-1950)*. Madrid: Taurus, 1974.
- \_\_\_\_\_. *As Idéias de Adorno*. São Paulo: Quixote, 1984.
- WILSON, R. & POMERAI, S. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- WILSON, R. *Luces e Estrelas (1955)*. Rio de Janeiro, 1966.
- \_\_\_\_\_. *A obsolescência da psicanálise (1963)*. In: *Cultura e Sociedade*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- WILSON, R. *Psicología y Teoría crítica*. <http://psico.undp.edu.ve>. Acesso em: 31 de maio. 2004. Universidad Nacional Autónoma de México.
- WILSON, R. *A dominação do corpo no mundo administrado*. São Paulo: Verso, 2004.
- WILSON, R. *Luces e Estrelas: T.W Adorno e a Astrologia - um estudo sobre a obra The stars down to earth de T.W Adorno*. São Paulo: Associação de Psicologia, 2006.
- WILSON, R. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Teófilo Fróis, 1986.
- WILSON, R. & PLOMER, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- WILSON, R. *Origem e Significado da Escola de Frankfurt*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- WILSON, R. *A Escola de Frankfurt - História, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)